

**JUAN ANDRÉS CAMOU VIACAVA**

***SE ARMARON CON ELLOS LAS IDEAS PARA RESISTIR A LA FUERZA:  
POR UMA REAVALIAÇÃO DA OPOSIÇÃO ENTRE CAUDILHO E ESTADO  
NO URUGUAI A PARTIR DE HERRERA Y OBES, BERRO, ANTUÑA E ZÁS  
(1ª METADE DO SÉCULO XIX).***

**Dissertação apresentada como requisito  
parcial à obtenção do grau de mestre pelo  
curso da Pós-Graduação do Departamento  
de História, Setor de Ciências Humanas,  
Letras e Artes, Universidade Federal do  
Paraná.**

**Orientador: Prof. Dr. Carlos A. M. Lima**

**CURITIBA  
2005**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos professores doutores do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, especialmente ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Alberto Medeiros Lima. Outro grande agradecimento é dedicado à minha família, tanto em sua parte uruguaia quanto brasileira. Gracias a mi abuela Edith Camou (Mamina), a Blanca dos Santos y a Beatriz Torrendel Larravide. Mais especial ainda é meu agradecimento à Rachel Lora Lambrecht que, além de companheira, é minha revisora de texto. Este trabalho foi feito com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a quem também agradeço.

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo estudar algumas relações entre caudilhismo e Estado para o contexto da ‘Guerra Grande’ uruguaia. Para a historiografia platina, o caudilho e seu fenômeno condensam uma série de relações sociais e políticas, resultando em modelos específicos de Estado e sociedade. Abordando sentidos construídos para as palavras ‘revolução’ e ‘civilização’ na interpretação de movimentos que se consideravam revolucionários no contexto platino da primeira metade do século XIX, examinam-se os textos de Manuel Herrera y Obes e Bernardo Prudencio Berro, publicados entre 1847 e 1848 como exemplos de dois indivíduos que puderam entender e reconstruir sua recente história sob a influência do contexto bélico da ‘Guerra Grande’ e de um campo de discussão que abrangia ambas as margens do rio da Prata. Na sequência, com a ajuda das memórias de José Encarnación de Zás e Francisco Solano Antuña, procurar-se-á analisar possíveis combinações ou antagonismos entre instituições estatais e determinados elementos do caudilhismo. Estas duas últimas fontes não tinham as mesmas finalidades da escrita de Herrera y Obes e Bernardo Berro, uma vez que os textos de Zás e Antuña estavam baseados em suas experiências cotidianas e não tinham como objetivo a publicação; entretanto, as informações ali contidas oferecem boas oportunidades de verificação da utilização das categorias ‘civilização e barbárie’ e ‘caudilhismo’ em práticas políticas e estratégias de alguns atores sociais daquele período. Desta forma, serão encontrados elementos “modernos” e de Antigo Regime combinados na organização de instâncias estatais, discursos e práticas políticas.

Palavras-chave: Caudilhismo, Estado, América Ibérica.

## ABSTRACT

This dissertation aims the study of some relations between caudillism and the State in the Uruguayan Guerra Grande's context. To the River Plate historiography, the caudillo phenomenon sets a series of social and political relations. Revising some meanings of the words 'revolution' and 'civilization' in the interpretation of movements that considered themselves as revolutionaries engagements during the first half of the 19<sup>th</sup> century, the texts of Manuel Herrera y Obes and Bernardo Prudencio Berro are taken as examples of two individuals who were thinking their recent history under the influence of the Guerra Grande's war years, a discussion field that covered both shores of the River Plate. As a sequence, José Encarnación de Zás and Francisco Solano Antuña are helping this work with their written memories, which will lead to the analyses of possible combinations or antagonisms between state institutions and certain elements of caudillism. These two last texts weren't thought with the same intentions of Herrera y Obes and Berro, but their matter might offer an opportunity of verification of the concepts of 'caudillism', 'civilization' and 'barbarism' in political practices and strategies of some social actors of that period. Therefore, "modern" and Ancient Regime elements will be found mixed in the organization of state institutions, speeches and political practices.

Key words: Caudillism, State, Latin America.

## SUMÁRIO

RESUMO .....	iv
ABSTRACT .....	v
INTRODUÇÃO .....	1
<b>1 DEBATES ARGENTINOS E URUGUAIOS ACERCA DO CAUDILHISMO</b> .....	20
1.1 HISTORIOGRAFIA URUGUAIA EM SEUS ASPECTOS GERAIS .....	20
1.2 DUALISMOS: CAUDILHOS E <i>DOCTORES</i> ; CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE. CONSTRUÇÃO E USO PARA O CASO PLATINO.....	31
1.3 ESTADO, CIVILIZAÇÃO E CAUDILHISMO EM ALGUNS AUTORES URUGUAIOS. ....	39
1.4 QUESTÕES ATUAIS ACERCA DO “CAUDILHISMO CLÁSSICO” .....	62
1.4.1 Dualismos: poder institucional e personalizado; civilização e barbárie; rural e urbano. ....	62
1.4.2 Um tipo social e seu fenômeno: o gaúcho e as <i>montoneras</i> .....	70
1.4.3 Clientelismo .....	74
1.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	77
<b>2 AS CATEGORIAS “CIVILIZAÇÃO”, “CAUDILHISMO” E “REVOLUÇÃO” EM ALGUNS AUTORES PLATINOS DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX</b> .....	81
2.1 A GERAÇÃO DE 1837 E SUA PRESENÇA EM MONTEVIDÉU .....	81
2.1.1 A categoria “civilização” em Alberdi .....	91
2.2 UM SARMIENTIANO: MANUEL HERRERA Y OBES. REVOLUÇÃO E CIVILIZAÇÃO ...	98
2.4 A RESPOSTA <i>BLANCA</i> DE BERNARDO PRUDENCIO BERRO.....	118
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	129
<b>3 ENCONTROS DE (E COM) JOSÉ ENCARNACIÓN DE ZÁS E FRANCISCO SOLANO ANTUÑA</b> .....	132
3.1 A TRAJETÓRIA DE JOSÉ ENCARNACIÓN DE ZÁS.....	133
3.1.1 Encontro com um <i>empleado</i> .....	137
3.1.2 Instâncias estatais em um de seus <i>empleado</i> .....	155
3.2 FRANCISCO SOLANO ANTUÑA, <i>BLANCO Y DOCTOR</i> .....	167
3.2.1 Encontro com um <i>doctor</i> e a necessidade de abandonar Montevidéu.....	172
3.2.2 A permeabilidade relativa do cerco / Crimes e punições .....	179
3.2.3 Pátria, nação e apropriação da história / Civilização e barbárie.....	187
3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	203
<b>4 CONCLUSÃO</b> .....	207
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	212
<b>ANEXOS</b> .....	217

## INTRODUÇÃO

Em 1847, Manuel Herrera y Obes publicou no periódico *El Conservador* de Montevideu uma das primeiras versões uruguaias dedicadas à análise da recente história daquele jovem Estado. Não se limitando a uma mera descrição cronológica dos fatos, construiu uma interpretação que pretendia unificar toda sua história em um sentido caracterizado por um progresso civilizador universal. De modo algum um texto imparcial, sua intenção era atacar o partido rival *blanco*, posicionando-o negativamente no interior desta mesma história, identificando-o como inimigo contra-revolucionário e conservador frente aos avanços da civilização européia. Bernardo Prudencio Berro tomara para si a tarefa de refutar a versão *colorada* de Herrera y Obes. Publicando no *El Defensor de la Independencia Americana*, ironizou a arrogância dos seus opositores, querendo demonstrar a legitimidade do seu partido na guerra civil que enfrentava.

O período que se seguiu à independência foi rico em projetos de organização social e estatal. Especificamente para década de 1840, as guerras entre *unitários* e *federais*, *colorados* e *blancos*, desencadeadas na Argentina e no Uruguai, deram um tom particular às interpretações e projetos de cada um. Na mesma medida em que se militarizavam pelo poder estatal, lutavam pelo privilégio de estabelecer uma versão hegemônica que não apenas explicasse a situação social do Prata, mas que também apresentasse as soluções que os livrariam daquela conjuntura bélica e “anárquica”.<sup>1</sup>

Nos dois autores acima citados, encontra-se a continuação de uma discussão que colocava o caudilhismo no centro da problemática platina. O caudilhismo seria, e ainda é, um tema central para o século XIX. Por este motivo, é possível encontrar diversos vestígios deste tema “fundador” desencadeado no Prata por personalidades como a de Sarmiento e Alberdi, retomado no Uruguai por Herrera y Obes e Bernardo

---

<sup>1</sup> Esta “anarquia” era atribuída à ausência de um Estado estável e legítimo, ou aos que desobedeciam a um poder constituído.

Berro, em trabalhos historiográficos recentes. A importância do debate entre Berro e Herrera y Obes simboliza uma disputa secular entre os tradicionais partidos uruguaios, a ponto de ser reeditada em uma compilação em formato de livro na década de 1960 em uma coleção patrocinada pelo governo uruaio.

José Encarnación de Zás e Francisco Solano Antuña oferecem uma oportunidade bastante diferente da anterior. O primeiro, escrevendo em 1851, desenvolveu uma autobiografia, narrando sua participação em eventos históricos que acreditava importantes. O segundo escreveu um diário durante o cerco a Montevideu da ‘Guerra Grande’ para o intervalo de 1843 a 1848, atendo-se principalmente ao teatro de guerra com que se forçava a conviver. Menos preocupados em dar um sentido histórico, os eventos narrados permitem a análise de algumas práticas destes dois indivíduos e dos demais com quem interagiram. Principalmente para o caso de Zás, seu trabalho de *empleado* em instâncias estatais artiguistas e *coloradas* garantem boas oportunidades de comparação entre suas descrições e as propostas de Herrera y Obes formuladas alguns poucos anos antes. Veremos como compartilharam de uma série de valores comuns, mas a forma como estes foram aplicados em suas ações e tomadas de posição diferem consideravelmente em vista de suas trajetórias particulares. Por outro lado, Antuña abre espaço para uma versão *blanca* do cotidiano da guerra, mas também oferece uma versão diferente de um caudilhismo que, se não teorizado, é aplicado como categoria na avaliação de outros indivíduos. Doutor em direito pela Universidade de Buenos Aires, Antuña se afasta da tradicional imagem do caudilho *blanco* que fora construída ao longo da segunda metade do século XIX, e, assim como seu colega de partido Bernardo Berro, questionará a auto-atribuição civilizadora *colorada* enunciando suas contradições quando comparadas às práticas do governo instalado e sitiado de Montevideu.

Incluindo esta introdução, a dissertação está dividida em quatro partes. Nas próximas páginas, encontra-se primeiramente um breve contexto que apresenta alguns dos principais eventos levados em conta por Herrera y Obes e Berro para fundamentar

suas posições. Neste mesmo sentido, o entendimento da ‘Guerra Grande’, ainda que superficial, atende à necessidade de demonstrar como este conflito, estendido ao território argentino, gerou um campo de discussão política em que se buscava a legitimidade por intermédio da construção de concepções acerca da História da Banda Oriental, principalmente para o período desencadeado pela Revolução de Maio de 1810. Apesar do seu inicial enfoque legitimista de 1808, data da abdicação forçada de Fernando VII, o movimento de independência se radicalizou a partir de 1810, partindo para um esforço de guerra cuja dinâmica marcou profundamente a formação da sociedade platina para as décadas que se seguiram. Halperín Donghi já escrevia como a guerra alterou profundamente a própria constituição das elites platinas, mas o conflito armado não terminou com a independência proclamada pelo Congresso de Tucumán de 1816, nem mesmo com a definitiva derrota espanhola no continente.<sup>2</sup> A questão a ser resolvida estava na legitimação de um governo que substituísse a monarquia espanhola. As dificuldades em conciliar as lideranças provinciais, ou mesmo em alcançar um consenso a respeito da forma de governo a ser adotado, instituiu um clima de instabilidade que, aos olhos dos contemporâneos, parecia não ter fim. Golpes de Estado e guerras civis se seguiram por todo o Rio da Prata do século XIX. Ainda na década de 1840, com o conflito entre *unitários* e *federais* na Argentina, e com a ‘Guerra Grande’ no Uruguai, as primeiras versões de explicação social e histórica escritas no e para o Prata estão profundamente marcadas pela guerra que insistia em se prolongar.

O primeiro capítulo conta com uma revisão de algumas das principais obras historiográficas argentinas e uruguaias. Os temas abordados foram escolhidos pela relevância que têm tanto para o período estudado, como para entender aquele passado já analisado e julgado por Herrera y Obes e Bernardo Berro. Além do corte cronológico, privilegiou-se compreender o uso consagrado de certas categorias, como a de civilização e barbárie, e, principalmente, a do caudilhismo. Este foi considerado

---

<sup>2</sup> HALPERÍN DONGHI, Tulio. **Revolución y guerra**. Buenos Aires : Siglo XXI, 1994.

um fenômeno chave para o entendimento do século XIX. Explicaria tanto a política e a guerra como as relações sociais e hierárquicas entre os platinos. Utilizado de formas diferentes de acordo com a época da obra, o caudilhismo é um dos temas fundadores para a historiografia daquela região.

Para o segundo capítulo, este trabalho dirige sua atenção para o debate publicado por periódicos locais entre o final de 1847 e o início de 1848 entre Manuel Herrera y Obes e Bernardo Prudencio Berro. Escrevendo sob a égide da ‘Guerra Grande’, Herrera y Obes expôs uma versão *colorada* para o caudilhismo e para o sentido da guerra, incluindo nesta a independência e a guerra civil que a seguiu. Buscando apontar os erros desta versão *colorada*, o *blanco* Bernardo Berro respondeu indicando contradições e reinterpretando o significado da guerra e da organização social uruguaia. Enquanto o primeiro, profundamente influenciado por Sarmiento, procurou construir uma versão acabada de ‘civilização e barbárie’ para o Uruguai, o segundo, menos ambicioso, dedicou-se mais a atacar o texto adversário do que propriamente elaborar uma interpretação própria. Porém, com a ajuda de outros textos auxiliares de Berro, é possível entender um pouco do que seria uma versão *blanca* da guerra e da independência. Assim, podemos traçar alguns elementos do campo político de discussão gerado por facções inimigas em conflito.

No terceiro e último capítulo, partimos para a análise de práticas políticas. Em José Encarnación de Zás, encontramos os *Apuntes curiosos para mis hijos*, memórias que, escritas em 1851, narravam algumas “aventuras” vividas por este indivíduo, interessado em contar um pouco da sua atuação de *empleado*, ou “pequeno burocrata”, no interior de algumas versões ou tentativas de Estado no território do atual Uruguai. Trata-se de uma obra dedicada à família, sem intenção de publicação. Contudo, escrita ainda durante a ‘Guerra Grande’, e, mais do que isso, em boa parte interessando-se por um corte cronológico bastante próximo ao de Herrera y Obes (da independência até esta mesma ‘Guerra Grande’), cria a oportunidade de ultrapassar a propaganda política do primeiro e entender como suas idéias aparecem ou não no interior da vida “prática”

de um servidor do Estado. Questões como a do caudilhismo reaparecem em Zás não como teorias sociais, mas como situações de enfrentamento pessoal. Enquanto Herrera y Obes interpreta o artiguismo, Zás narra sua participação no interior deste movimento, lembrando suas funções e os demais indivíduos que o acompanhavam. Na sequência, seu padrinho de casamento Francisco Solano Antuña oferece mais algumas oportunidades para o estudo de um indivíduo e suas relações pessoais, mas desta vez concentradas em um diário que descreve alguns acontecimentos da ‘Guerra Grande’, escritos tanto dentro quanto fora da cidade sitiada de Montevideú.

Por fim, ao término da leitura desta dissertação, será possível compreender alguns aspectos da história da primeira metade do século XIX uruguaio, com ênfase para a ‘Guerra Grande’, privilegiando a análise de um campo de disputa pela legitimidade de uma versão histórica e social para um Uruguai recém independente. Além disso, Zás e Antuña se colocam como dois indivíduos que participaram ativamente de todo este período, possibilitando o aprofundamento das questões levantadas pelo campo das idéias no estudo de práticas políticas. Nestas práticas, tanto um como o outro apresentarão algumas possibilidades estratégicas de indivíduos e “Estados” (projetos ou instâncias burocráticas e estatais). Seguindo caminhos “modernizadores” ou típicos de Antigo Regime, o repertório de opções para a construção de alianças, legitimidades e administração estatal estaria formado por uma base muito mais ampla e híbrida do que a oposição maniqueísta de ‘civilização e barbárie’, ou de *doctores y caudillos*, poderia supor. O fenômeno do caudilhismo e da organização estatal uruguaia estarão passando por uma revisão que não os coloca como necessariamente antagônicos, mas como integrantes de um momento específico da história uruguaia, convivendo em co-participação ou não de acordo com a percepção de cada indivíduo e de cada idéia de Estado elaborada por aquele contexto.

## **Contexto histórico.<sup>3</sup>**

### **1 – A ‘Guerra Grande’**

Para entender o campo de discussão em que se inserem Manuel Herrera y Obes, Bernardo Prudencio Berro, José Encarnación de Zás e Francisco Solano Antuña, é vital avaliar alguns dos principais aspectos da chamada ‘Guerra Grande’. Neste sentido, o espaço deste primeiro subtítulo tem como objetivo identificar algumas das questões políticas e sociais que envolveram tanto as idéias contidas na discussão entre os dois primeiros como o ambiente no qual se desenvolveu a trajetória de Zás e o diário de Antuña. Por um lado, este breve contexto procura enunciar acontecimentos, situações ou mesmo organizações daquela sociedade platina que receberam destes indivíduos uma atenção diferenciada. Da mesma forma, serve como respaldo para o entendimento da revisão historiográfica uruguaia e argentina que, na seqüência, pretende apontar algumas interpretações relevantes para o tema desta dissertação.

Ao discutir em um tom de polêmica questões da controvérsia política do período, Berro e Herrera y Obes são capazes de indicar alguns elementos de uma polêmica que se ampliava para além do Uruguai do intervalo temporal indicado. Este ambiente de reflexão política não pode ser encarado como marcado pela preponderância de uma idéia, mas deve ser compreendido como um jogo legitimado de tomadas de posição em confronto e, portanto, em relação. É na interação e no choque político que surgiram, através destas controvérsias, as primeiras interpretações sociais e históricas para o Rio da Prata recém independente.

Por outro lado, a finalidade de usar Zás e Antuña no último capítulo é a de rastrear a inserção das questões fundantes da controvérsia política captadas na dupla Berro e Herrera na trajetória de quem se vinculava à construção do estado. É isto o que

---

<sup>3</sup> Este contexto não tem a intenção de retomar algum debate, mas apenas apresentar alguns acontecimentos que serão relevantes para o melhor entendimento dos próximos capítulos.

justifica o aprofundamento nas fontes de Zás e Antuña. Um caminho possível é aquele que atenta para os aspectos institucionais daquele contexto. Desta forma, mais do que olhar para indivíduos que refletiam sobre o Estado e a política no Uruguai do período, é importante observar as instituições que davam margem àquelas reflexões. A fim de não produzir uma versão homogênea desse processo (a disputa, a controvérsia, o relacional, enfim, são decisivos), parte-se para a leitura de fontes que apontem para práticas como as de Zás e Antuña, encontrados em lados opostos do conflito durante a ‘Guerra Grande’.

A ‘Guerra Grande’, travada entre 1839 e 1851, inicialmente uma guerra civil entre duas facções uruguaias que se organizaram logo após a independência de 1828, teve grande impacto na interpretação que aquele mesmo período desenvolveu sobre si mesmo, sua própria história e sociedade. Ela pode ser vista como o ápice de um longo enfrentamento social que deixou profundas marcas na organização e na divisão do poder estatal no Uruguai. O bipartidarismo que predominou até as últimas décadas do século XX, e que somente encontrou seu declínio após o golpe militar de 1974, tem suas raízes no acirramento das lutas entre *colorados* e *blancos* no século XIX e a subsequente necessidade de coexistência e co-participação que se seguiu. Segundo aponta Pivel Devoto<sup>4</sup> (cuja obra pertinente será analisada mais adiante), recém promulgada a constituição de 1830, esta divisão partidária se deu entre aqueles que foram perseguidos e combateram o governo luso-brasileiro que ali esteve entre 1817 e 1828 e aqueles que aderiram, mesmo que momentaneamente, à sua presença. Os denominados “abrasilerados”, unidos em torno a Rivera, formariam o futuro partido *colorado*, em cujos quadros encontraremos Herrera y Obes e Zás. Os “Defensores de las Leyes”, batizados e liderados por Manuel Oribe<sup>5</sup> a partir de 1836, estavam

---

<sup>4</sup> PIVEL DEVOTO, J. E. **Historia de los partidos políticos, la formación de los bandos (1829-1838)**. Montevidéo : Editorial Medina, 1956.

<sup>5</sup> Manuel Oribe (1792-1857)

formados por *lavallejistas*<sup>6</sup>, *aporteados*<sup>7</sup> e demais inimigos políticos de Fructuoso Rivera, incluindo Berro e Antuña.

Tanto Rivera como Juan Antonio Lavalleja estiveram ao lado de Artigas na formação da “Liga Federal” que, unindo a Banda Oriental<sup>8</sup> a outras províncias argentinas, opunha-se ao centralismo *porteño*. Também participaram da resistência à invasão portuguesa iniciada em 1816. Contudo, enquanto o grupo mais próximo a Lavalleja foi perseguido e se exilou na Argentina, Rivera logo se acertou com o governo português. O mesmo ocorreu com a administração brasileira que se instalou a partir de 1822, pois o grupo *riverista* se manteve ao lado dos *imperiais*. Três anos mais tarde, com a já presente força *lavallejista* vinda e financiada desde Buenos Aires, Rivera romperia com os representantes do Império para unir-se novamente aos antigos colegas artiguistas.

As lutas entre as Províncias Unidas e o Império se estenderam por mais três anos a partir de 1825. Após o tratado de paz de 1828 e acordada a criação de um novo Estado, que logo receberia o nome de *República Oriental del Uruguay*, iniciaram-se os trabalhos para a redação de uma Constituição que somente estaria pronta em 1830. Assim que aprovada, foram promovidas as primeiras eleições departamentais de representantes legislativos. Em 24 de outubro de 1830, tendo os *riveristas* obtido a maioria das cadeiras da câmara, Rivera foi eleito, indiretamente, presidente da república com 27 votos contra cinco de Lavalleja. Neste mandato, Rivera enfrentou as primeiras revoltas dos seus opositores, lideradas pelo contrariado Lavalleja e seu bloco

---

<sup>6</sup> Seguidores de Juan Antonio Lavalleja, líder da “Cruzada Libertadora” de 1825 que promoveu a luta contra o Império do Brasil para a “libertação” da antiga Banda Oriental, procurando, de início, reincorpora-la às Províncias Unidas do Rio da Prata (atual Argentina), mas resultando, posteriormente, na independência em 1828.

<sup>7</sup> Ligados à elite de Buenos Aires e, em geral, adeptos da reincorporação ao Estado vizinho.

<sup>8</sup> Este era o nome dado à região que aproximadamente ocupa o território do Uruguai atualmente. A Banda Oriental em si não estava de forma alguma unificada, e nem sequer constituía o território de uma instituição em particular, uma vez que se encontrava dividida por jurisdições diversas. Seu nome apenas significava “o lado de lá”, ou seja, as terras ao leste do rio Uruguai para o ponto de vista de Buenos Aires. A idéia de “povo oriental” começa a surgir durante as primeiras décadas do XIX, porém, como veremos adiante, tem inicialmente pouco a ver com um nacionalismo para a região.

derrotado nas eleições anteriores. Apesar dos transtornos, seu mandato foi mantido por todo o período regulamentar.

Em 1835, como resultado de uma nova distribuição de poder na Câmara de Representantes, assumiu a presidência o também militar Manuel Oribe.<sup>9</sup> Para manter o equilíbrio do poder, é criado especialmente para Rivera o cargo de *Comandancia General de la Campaña*, o que é visto por muitos como uma divisão de poder entre “dois presidentes”, o da cidade e o do campo. Todavia, Oribe extingue este posto em 19 de fevereiro de 1836, desencadeando uma revolta liderada por Rivera que terminará com a renúncia do primeiro em 1838. É justamente nesta revolta desencadeada em 1836 que se dão nome aos partidos que estão presentes na política uruguaia até hoje.

A tradição conta que os nomes dos partidos têm origem nas cores das divisas que utilizaram em batalha para diferenciar-se uns dos outros. Aqueles que pretendiam manter a presidência e a ordem constitucional, os *Defensores de las leyes*, escolheram a cor branca. Seus opositores inicialmente tomaram o celeste, e posteriormente adotaram o vermelho, sendo conhecidos, a partir de então, como *colorados*.

A renúncia forçada do presidente *blanco* em 1838 não pôs fim ao conflito. Oribe emigrou para Buenos Aires, onde lutou sob a bandeira federalista de Rosas contra os *unitários*. Comandou os exércitos *federais* contra a Liga do Norte (união de províncias do noroeste argentino), e igualmente venceu as tropas do General Lavalle na região do Litoral<sup>10</sup>. Ainda em 1839, e desencadeando a ‘Guerra Grande’, Fructuoso Rivera declarava-se hostil ao governador Juan Manuel de Rosas. Contudo, Oribe obteve a importante vitória de *Arroyo Grande* em Entre Rios, desarticulando as forças da aliança de *correntinos* e *colorados*. Com o apoio do governador da Província de Buenos Aires, e momentaneamente pacificada a Confederação Argentina, Oribe

---

<sup>9</sup> Para este indivíduo, existe uma interessante disputa de palavras entre os historiadores que ou o consideram caudilho ou apenas o classificam de militar. Mais adiante, veremos a importância que esta escolha tem para a interpretação histórica.

<sup>10</sup> Para aquele contexto, incluem-se no ‘Litoral’ as províncias de Buenos Aires, Santa Fé, Entre Rios, Corrientes.

retornou à Banda Oriental para retomar sua luta contra Rivera e os *colorados*. Em 16 de fevereiro de 1843, os habitantes de Montevideú já podiam avistar a chegada dos *blancos* ao *Cerrito*, dando início ao mais longo sítio que conheceu a cidade de Montevideú (nove anos).

A ‘Guerra Grande’ foi a expansão de um conflito inicialmente interno, atraindo *unitários* e *federais* argentinos ao território do Uruguai. Não deixaram de intervir também as potências européias – França e Inglaterra participaram ativamente. Indo além da condição de mediadores, estes serão os responsáveis por um bloqueio aos portos controlados por *federais* e *blancos*, e proporcionarão apoio naval na movimentação de tropas *coloradas* pelo litoral.<sup>11</sup> Além disso, a formação das chamadas Legiões Estrangeiras que contavam com uma importante população imigrante de franceses, italianos e espanhóis, deu aos *colorados* um contingente extra à organização da defesa da capital. O Império do Brasil entrará no conflito já nos últimos anos desta guerra, aliando-se a uma força conjunta de *colorados* e *unitários* liderada por Justo Urquiza que conduzia uma facção *federal* que já retirara seu apoio ao governador de Buenos Aires, Juan Manuel de Rosas.

Dentre as histórias que podem ser escritas sobre a Bacia do Prata, seguramente está entre as menos adequadas a mera adição de histórias nacionais ou regionais. Se ao Brasil e à historiografia brasileira esta integração é na maioria das vezes apresentada como um problema de política externa (com a exceção do que corresponde ao Rio Grande do Sul), para a Banda Oriental colonial e da primeira metade do século XIX não existe separação nítida entre assunto interno e externo sob múltiplos aspectos, principalmente quando relacionados às outras partes do antigo vice-reinado. A própria historiografia carrega em seus títulos uma união histórica para o Prata. “História do cone sul” ou “As Repúblicas do Prata” são freqüentes exemplos desta interpretação.

Os acontecimentos econômicos, sociais e políticos são constantemente sentidos em ambas margens deste estuário, mesmo que com desdobramentos

---

<sup>11</sup> Solitariamente, a França realizaria um bloqueio anterior em 1838.

particulares. Tanto para Buenos Aires como para Montevideu, existe uma constante troca de posições e alianças que variam de acordo com a conjuntura. Especificamente para a ‘Guerra Grande’, Oribe e os *blancos* receberão franco apoio *rosista* e *federal*, deixando aos *colorados* a opção por uma aliança com os *unitários*, muitos já exilados no Uruguai.<sup>12</sup>

A ‘Guerra Grande’ não termina com um nítido vencedor, mas com um acordo de paz. Ao longo de todo o conflito, os *blancos* não conseguiram tomar Montevideu, porém detinham o poder em praticamente todo o interior. Da mesma forma, aos *colorados* faltavam recursos para derrotar seus adversários. A paz foi somente conquistada em 1851, mas este foi um tratado bilateral entre os partidos uruguaios, mantendo-se o conflito em relação a Rosas, que seria derrubado no ano seguinte.

As divisões partidárias serão apaziguadas durante a década de 1850 com a ‘Política da Fusão’. Ambicionando a dissolução dos partidos, essa foi uma primeira tentativa de união entre as facções inimigas que se consolidaram em 1836. Porém, os rancores renascem e são novamente alimentados por conflitos que somente terminariam às vésperas da Guerra da Tríplice Aliança, contando, novamente, com a intervenção externa vinda do Império do Brasil. A partir de então, o partido *colorado* solidifica sua liderança, deixando aos *blancos* uma participação coadjuvante. Será apenas em 1958, após 93 anos de “ostracismo”, que o cargo de presidente da república encontrar-se-á mais uma vez ocupado por um membro do Partido Nacional (atual nome do Partido Blanco).

Uma outra questão deve ser abordada. Não se deve esperar destes partidos uma composição homogênea. Os indivíduos que neles se associavam também construíram suas facções internas. No que diz respeito aos *colorados* durante a ‘Guerra Grande’, seus próprios integrantes reconheciam a existência de três ou mais grupos que disputavam internamente o poder do partido. O próprio texto de Manuel Herrera y

---

<sup>12</sup> Alguns *federais* também foram exilados, os ‘*lomos negros*’ defendiam a existência de uma Constituição para a Confederação, ao que se opunha a política de Rosas.

Obes, ao mesmo tempo em que se dedica a legitimar uma certa superioridade histórica e intelectual *colorada* frente aos *blancos*, justifica a expulsão de um grupo *colorado* rival, representado pela figura de Frutuoso Rivera. Por vezes, os defensores de Montevideu temeram mais uma sublevação interna do que a capacidade *blanca* de triunfar sobre a Capital.

## **2 – Das independências à ‘Guerra Grande’**

O que marca a produção intelectual “historiográfica” platina entre as décadas de 1830 e 1850 é uma revisão profundamente politizada do processo de independência local. Como veremos na disputa entre Manuel Herrera y Obes e Bernardo Prudencio Berro, o caminho que se inicia com as lutas contra a metrópole espanhola é aquele que culminaria com a formação de “partidos de princípios” (o *blanco* e o *colorado*). Principalmente em Herrera y Obes, a independência é entendida como uma Revolução, e esta Revolução não termina com a libertação das colônias, mas com uma total reformulação social civilizadora que se caracteriza por um forte preconceito em relação à herança ibérica.

Neste subtítulo, escreve-se “das independências”, no plural, pois a região do atual Uruguai enfrentou três movimentos que se enquadram neste termo. O primeiro é a independência da Argentina, cujo marco fundamental, a Revolução de 25 de Maio de 1810, não só foi comemorada por algum tempo no Uruguai, mas também foi interpretada como precursora de um “princípio revolucionário civilizador” platino e mesmo americano por Herrera y Obes. Na década seguinte, em 1822, a Província Cisplatina viu sua jurisdição se transformar de colônia portuguesa para território integrante do novo Império do Brasil. Três anos depois, a tradicionalmente chamada “*Cruzada libertadora de los treinta y tres orientales*”, que inicialmente nada mais era do que uma tentativa de retorno da Banda Oriental à Argentina, acabou gerando mais um Estado independente para a região.

Progressivamente, a historiografia uruguaia abandonará os movimentos resultantes de maio de 1810 e sua influência para os “primeiros uruguaio”, identificando-os como pertencentes apenas ao Estado vizinho. Isto ocorre principalmente na medida em que se deposita em Artigas um certo nacionalismo oriental. Atualmente, pesquisas como a da historiadora Ana Frega vêm aprofundando o conhecimento acerca da personagem Artigas, entendendo sua atuação e seu movimento como menos autonomista e mais interessado em manter os laços com as províncias vizinhas, ressaltando, assim, a idéia de “*patria grande*”.<sup>13</sup>

Para melhor entender estas questões, e para compreender com maior exatidão as palavras de Herrera y Obes e Berro, torna-se necessário repassar rapidamente o caminho entre as independências e a ‘Guerra Grande’. Como veremos ao longo do segundo capítulo deste trabalho, a interpretação dada ao processo de independência e à formação do Estado uruguaio foi transformada em argumento explicativo para as causas da guerra civil que enfrentavam. Neste sentido, revestem seus partidos de um sentido histórico e, para a versão de Herrera y Obes, herdeiros ou inimigos de uma “Revolução Americana”.

Inicialmente aliada à França, a Espanha se posicionou contra os britânicos nas guerras napoleônicas. Com sua superioridade naval, os ingleses pretendiam comprometer as comunicações entre a América e as metrópoles inimigas, impedindo, assim, a chegada de novos recursos à Europa em guerra. Mais do que isso, os ingleses empreenderam duas invasões ao rio da Prata, ocupando Buenos Aires e Montevideú em 1806 e 1807. Em ambas ocasiões, o governo espanhol foi incapaz de organizar uma força contra esta ocupação, cabendo aos próprios *criollos*<sup>14</sup> a tarefa de combater a expedição inglesa. Neste esforço de reconquista, os hispano-americanos estavam pela primeira vez compondo instituições de administração sem responder diretamente ao trono espanhol. Com este acontecimento, reconhece-se um importante impulso

---

<sup>13</sup> FREGA, A. e ISLAS, A. **Nuevas miradas en torno al artiguismo**. Montevideú : Universidad de la República., 2001.

<sup>14</sup> *Criollos* são os espanhóis já nascidos em território americano.

institucional que rendeu aos locais uma primeira experiência de auto-gestão, além da possibilidade de comerciar diretamente com um Estado estrangeiro e não apenas com a monopolista Espanha.<sup>15</sup>

Com a intervenção de Napoleão no trono espanhol que culminou com a coroação do seu irmão José Bonaparte, forçando a abdicação de Fernando VII em 1808, ocorreu uma disputa pela legitimidade do poder. Tanto na Espanha como nas Américas, o novo rei francês foi considerado um usurpador. Os poderes locais americanos se organizaram e muitas vezes se negaram a aceitar os novos vice-reis enviados da Europa pelos representantes de Napoleão. Desta forma, inspirados em movimentos análogos que já estavam se desdobrando na própria Espanha, constituíram-se as *juntas* nas capitais coloniais, que inicialmente se declaravam de administração provisória até o retorno do legítimo monarca ao trono. Estas *juntas* pretendiam representar o poder de fato, pois o rei considerado legítimo fora deposto pelo imperador francês. Ainda em 1808, formou-se em Montevideú a primeira *junta* autônoma na América espanhola, o que a conduziu a um rompimento com o vice-rei de Buenos Aires. Em 1809, os portenhos tentaram o mesmo, mas ali o vice-rei Santiago Liniers, de origem francesa, derrotou os revoltosos. Foi somente um ano depois, a 25 de maio, que Buenos Aires conseguiu expulsar o vice-rei definitivamente.

Fernando VII recuperou o trono em 1814, e a nova constituição espanhola de 1812 já havia sido rejeitada na América por negar a autonomia até então adquirida pelas *juntas*, pois objetivava retornar a região à antiga condição do vice-reinado. Em tais circunstâncias, sob a hegemonia de Buenos Aires, reuniu-se um congresso que declarava formalmente a independência em 1816, porém, sem representantes de Santa Fé, Corrientes, Entre Ríos, Banda Oriental e Paraguai, todos rivalizando com o

---

<sup>15</sup> HALPERÍN DONGUI, T. op. cit. Ao final do século XVIII, a Espanha já não conseguia acompanhar as necessidades comerciais do Prata. Por este motivo, eram concedidas permissões provisórias a navios de nações aliadas ou neutras para o transporte atlântico de mercadorias. Um exemplo estaria na concessão cedida a portugueses para o comércio entre a África e o Brasil, principalmente dedicado ao tráfico de escravos.

centralismo de Buenos Aires. Das idéias deste congresso, redigiu-se uma Constituição, aprovada em 1819. Assim, compreendendo parcialmente a atual Argentina, as Províncias Unidas do Rio da Prata se organizam com os poderes legislativo, judiciário e executivo na pretensão de unir todo o antigo vice-reinado.

Com a exceção do Paraguai, as demais províncias platinas que faltaram ao Congresso de Tucumán estavam unidas pela ‘Liga Federal’. Tendo como chefe supremo o oriental José Artigas, esta união, que no seu auge chegou a contar ainda com Córdoba, representava uma forte oposição às ambições da cidade de Buenos Aires. Aproveitando-se da instabilidade regional, tropas portuguesas invadiram a Banda Oriental em 1816, ocupando Montevideu em 1817 (com certa simpatia de Buenos Aires por derrotar as pretensões de Artigas, o que esfriava as aspirações das demais províncias). Contrário ao centralismo, Artigas concorreu contra Buenos Aires por apoiar uma maior autonomia para o interior. Seu apoio pôde ser sentido com maior intensidade no ambiente rural da Banda Oriental e nas províncias do Nordeste argentino. Artigas perdeu suas últimas batalhas em 1820, exilando-se no Paraguai, onde viveu até a morte.

As lutas contra a presença portuguesa persistiram, mas algumas das administrações regionais já a haviam reconhecido em condição de autonomia administrativa nos moldes das negociações acordadas entre Lecor<sup>16</sup> e o cabildo de Montevideu. Solicitou-se a manutenção dos *fueros*, privilégios, leis, usos e costumes, foi mantido o padrão de administração espanhola, os cabildos não tomaram a forma municipal portuguesa, nem dos tribunais ou demais instituições foi exigido fato semelhante. Entretanto, substituíram-se os ocupantes dos cargos por simpatizantes do regime. Estes não foram poucos, mesmo que num primeiro momento, pois Lecor contou com uma adesão significativa da oligarquia montevideana, contrariada pelos levantes artiguistas vindos do interior.

---

<sup>16</sup> Carlos Federico Lecor, nomeado Governador e Capitão Geral da província sob mando português.

O comércio foi severamente prejudicado pelos diversos conflitos envolvendo Artigas, centralistas de Buenos Aires e portugueses que desconectaram Montevideú do interior. A extração dos artigos de couro e carne não ressurgiu significativamente até a consolidação temporária que possibilitou a reabertura das casas de comércio e a reorganização dos portos em 1818. Gradativamente, o apoio obtido por Lecor retraiu pela dificuldade de se restaurar a situação econômica e política após os quase dez anos de conflito (1810-1820). Some-se a isso o favorecimento aos portugueses e brasileiros que provocou descontentamento aos que possuíam iguais favores anteriores a este regime.<sup>17</sup>

A independência do Brasil gerou mais uma divisão nas forças políticas. A maioria das tropas, de origem brasileira, estava com Lecor, que se declarou favorável à independência. Nesse momento, surgiu uma oportunidade de reatar os laços políticos com Buenos Aires. Contudo, Lecor obteve confirmações públicas de juramentos ao Brasil, como a de Rivera, enquanto que outros, a exemplo de Lavalleja, foram presos. O cabildo eleito em 1823 declarou nula a união com Portugal e Brasil, alegando que a única legítima seria com as Províncias Unidas. Esta decisão fracassou por falta total de apoio. Lecor sitiou Montevideú até que os últimos resistentes contrários à incorporação ao Império do Brasil cederam. Esta nova entrada militar foi causa da emigração de muitos orientais para Buenos Aires e para outras províncias do litoral argentino.

Lecor passou a reorganizar suas influências, reconstruindo a ordem anterior aos conflitos da independência brasileira e atendendo às novas normas institucionais vindas do Império. A constituição brasileira previa um presidente para a província, um conselho assessor de dez membros e câmaras municipais. Destes, somente o presidente apareceu nomeado por D. Pedro I. Além disso, a Banda Oriental teve direito a um senador e dois deputados no Rio de Janeiro.

---

<sup>17</sup> CASTELLANOS, A. **História uruguaya, la cisplatina, la independencia y la república caudillesca – 1820-1838**. Montevideú : Banda Oriental, 1980.

Em 1825, vindos e financiados por Buenos Aires, penetraram no território da então província Cisplatina os chamados *Treinta y Tres Orientales*<sup>18</sup> na tentativa armada de recuperar a Banda Oriental. Um governo provisório foi instalado na cidade de Florida por Lavalleja, e apoiado por Rivera, seus seguidores votaram pela incorporação às Províncias Unidas em 25 de agosto do mesmo ano. Aceita esta votação por Buenos Aires, desencadeou-se uma guerra destes contra o Brasil, mantendo uma rivalidade que as metrópoles européias construíram sobre a região.

Uma reviravolta na idéia de unir-se novamente aos antigos colegas de vice-reinado aconteceu quando foi eleito presidente dos argentinos Bernardino Rivadavia<sup>19</sup>, conhecido como *unitário* e centralista, justamente o que os artiguistas e autonomistas provinciais, representados pelos *Treinta y Tres Orientales* que agora governavam a Banda Oriental, recusavam-se a aceitar. A isto se sucede a substituição da sala de representantes de *unitários* por *federais*, assim como a posterior dissolução desta sala por Lavalleja. Além disso, ocorre uma ampla troca de funcionários da administração provincial. Já em 1827, os contrários ao centralismo portenho conseguiram ir ainda mais além, uma vez que se abandonou a idéia de união às demais províncias, e, no ano seguinte, um acordo entre os países beligerantes e a Inglaterra criou a República Oriental do Uruguai.

O resultado da guerra contra o Brasil fora entendido em Buenos Aires como um fracasso *unitário*. Somando-se a isto a resistência das elites às reformas “modernizantes” promovidas por aquele governo, Rivadavia foi deposto em 1827. A derrota *unitária* não cessou com esta destituição, já que o próprio cargo de presidente fora suprimido, e todas as tentativas de aprovação de uma Constituição foram fracassadas, sendo que outra somente seria aprovada em 1853. Entre essas datas,

---

<sup>18</sup> Este título foi concedido na construção de heróis nacionais. Os *Treinta y Tres Orientales* desembarcaram na Banda Oriental e, em peregrinação, foram progressivamente encontrando seguidores até que conseguiram formar um exército para lutar contra o Império do Brasil.

<sup>19</sup> Bernardino Rivadavia (1780-1845), *unitário* e primeiro presidente das Províncias Unidas do Rio da Prata (1826-1827). Entre 1827 e 1853, não existirá o cargo de presidente da república. Durante este período, um pacto inter-provincial manterá uma frágil união entre as províncias argentinas.

prevalecerá uma aliança entre as províncias, em geral sob a hegemonia da capital portenha, mas a tentativa de erguer um Estado central para todo o território será abandonada sob o ensejo de defesa das autonomias locais. Em boa parte deste período, Juan Manuel de Rosas será seguidamente reeleito governador da Província de Buenos Aires, apoiado nas “faculdades extraordinárias”, e atuando como representante da Confederação Argentina para assuntos de política internacional. Rosas apenas se afastará deste cargo por um breve intervalo, do qual retornará em 1835 até sua caída em 1852. Uma das suas principais preocupações será a sempre inacabada guerra contra os *unitários*, iniciada por estes pela deposição e fuzilamento do governador *federal* Manuel Dorrego em 1829.

Com o enfraquecimento da causa *unitária* no Uruguai, os partidários dessa política foram tomando parte dos grupos que se estabeleciam no Estado agora criado. Apesar do prestígio de Rivera no interior, os Montevideanos que tanto temiam a anarquia do campo passaram a preferencialmente apoiá-lo. Reunindo, assim, a adesão de grupos da campanha e do meio urbano, Rivera se elege presidente da república pelo voto de uma Sala de Representantes recém eleita.

Os primeiros anos de independência se caracterizam por uma frágil configuração externa que sustentava a existência desse novo Estado. O rio Uruguai e seu estuário são as fronteiras naturais com Buenos Aires e as demais províncias, suas margens ao sul do entroncamento com o rio Negro estão povoadas e vinculadas à capital. Por outro lado, os limites ao norte com o Brasil não foram demarcados, e a própria volatilidade da fronteira no pampa dificulta um acerto definitivo. Com a difícil fiscalização dos seus limites, o livre trânsito de pessoas e gado, mesmo que pouco desejado aos olhos de Montevideú, é repetidamente executado, escapando do regime fiscal que poderia ser imposto pela alfândega portuária da capital. Além disso, o tratado assinado para a criação da nova República deu pouca voz às elites da Banda Oriental, e estava condicionado a uma nova reunião e ratificação brasileira e argentina.

A interferência destas duas partes não terminaria nesta confirmação, continuando ativa e decisiva na política oriental.

Outro quadro que passa a se formar politicamente é o que corresponde aos partidos uruguaios. Anteriormente, a ambição de Artigas não se restringia à Banda Oriental, conseguindo apoio expressivo das províncias mais próximas, porém, agora limitados ao território oriental, os *Treinta y Tres Orientales* resultaram em uma união provisória de diferentes grupos de poder por um mesmo objetivo. Estes logo romperam e externaram suas diferenças na disputa pelos recursos do Estado.

O primeiro mandato, que foi exercido por Rivera, terminou no prazo determinado, o que não significa que não tenha conhecido uma oposição. Lavalleja empreendeu uma série de levantes que pretendiam derrubar o governo. Posteriormente, com a ascensão de Oribe como segundo presidente, são os *colorados* que levantam as armas até a renúncia e exílio deste presidente em Buenos Aires a partir de 1838. Mas a luta entre estes dois grupos não está ainda terminada, uma vez que a “Guerra Grande” assola o Uruguai entre 1839 e 1852, precisamente um ano depois de findarem os escritos de José Encarnación Zás, personagem que será estudado no terceiro capítulo.

## 1 DEBATES ARGENTINOS E URUGUAIOS ACERCA DO CAUDILHISMO

### 1.1 HISTORIOGRAFIA URUGUAIA EM SEUS ASPECTOS GERAIS

A historiografia uruguaia, ao contrário da *porteña* ou da brasileira, tem tido grande dificuldade em colocar-se como “história nacional”. Enquanto a *porteña* reclamou para si a escrita de uma “história da Argentina”, deixando para as províncias um árduo e ainda incompleto caminho de reivindicação perante sua capital, alguns historiadores uruguaiois dirigiram seus esforços para uma tentativa de autonomizar sua versão, cujo maior trabalho de construção da nacionalidade esteve permanentemente ligado a um inacabado e pouco fundamentado empenho de distanciamento da história vivida e escrita pela margem oeste do rio Uruguai. O próprio nome deste Estado, República Oriental del Uruguay, aparenta manifestar o desejo de construção de uma identidade diferenciada de uma imaginada “República Occidental del Uruguay”, mais conhecida por Argentina. Essencial será a “no segregación de la historia del naciente Uruguay de la de sus vecinos, a un nivel tal, que de hecho se trata de una historia común de la región platense”.<sup>1</sup>

A respeito da construção de uma nova nação, ainda que a viabilidade deste projeto tenha sido amplamente discutida (inclusive pelo próprio Presidente da República Bernardo Prudencio Berro – 1860-1864), esta se converteu em meta para boa parte dos políticos e intelectuais desde o acordo de paz entre o Império de Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata de 1828, momento em que a até então defendida re-incorporação aos vizinhos ocidentais é descartada por um acordo que, intermediado pela Inglaterra, defendeu os interesses geopolíticos brasileiros na região. A idéia de nação que se queria construir deve ser matizada, pois esta própria palavra depende do momento em que é enunciada. Como veremos mais adiante, mas já adiantando um

---

<sup>1</sup> SALA DE TOURON, Lucia; ALONSO ELOY, Rosa. **El Uruguay comercial, pastoril y caudillesco. Tomo II: Sociedad, política e ideología**. Montevideu : Banda Oriental, 1991. p. 7.

pouco da contribuição de Chiaramonte a este respeito, a nação, na sua acepção atual identificada com o nacionalismo e com o Estado-Nação somente será pensada a partir da segunda metade do século XIX<sup>2</sup>. Até então, prevalecem dois sentidos: o primeiro, que Chiaramonte denomina de “antigo”, seria uma forma de identificação étnica, mas totalmente desvinculado da idéia de pacto social ou constituição de um corpo político chamado Estado; a segunda, que predominou no pensamento político de então, refere-se especificamente a um Estado formado pelo pacto social, constituído por indivíduos que não necessariamente compartilham de uma vinculação étnica.

Nem toda a historiografia uruguaia esteve cega a estas questões, não aceitando sem discussão a construção de uma nacionalidade. Por vezes, historiadores e demais intelectuais consideraram esta construção mais como um dever necessário ao Estado do que necessariamente algo baseado em árduos estudos de uma “realidade”. Este foi o caso do pintor Zorrilla de San Martín, que demonstrava consciência do papel que Artigas e outros heróis tinham enquanto mitos, considerados mais importantes como lendas do que como atores históricos.<sup>3</sup> Assim, ao fim do século XIX, lentamente se cria a necessidade de legitimar uma nação. Constroem-se mitos fundacionais dos mais variados tipos. Mitos nacionais como o dos Charruas, desenvolvido a partir da década de 1880, que entende a nação como preexistente nesta etnia indígena;<sup>4</sup> o da Rivalidade Portuária como origem para a divisão entre Montevideu e Buenos Aires; e, principalmente, o mito de Artigas como herói nacional, discutindo-se se ele seria um fundador ou precursor da “Nação uruguaia”. Nestes mitos, o território do atual Uruguai é visto por alguns como geograficamente predestinado desde a colônia a formar um corpo político unificado e autônomo.

---

<sup>2</sup> CHIARAMONTE, José Carlos. **Nación y estado en iberoamérica: el lenguaje político en tiempos de las independencias**. Buenos Aires : Sudamericana, 2004.

<sup>3</sup> TRIGO, A. **Caudillo, Estado, Nación. Literatura, historia e ideología en el Uruguay**. Gaithersburg : Ediciones Hispanoamérica, 1990. pp. 31-71

<sup>4</sup> RIBEIRO, A. **Historia e historiadores nacionales (1940-1990), del ensayo sociológico a la historia de las mentalidades**. Montevideu : de la Plaza, 1991. pp. 27-28. Ver también VIDART, D. **El Uruguay visto por los viajeros**. v. 3. Montevideu, Banda Oriental, 2000.

A nacionalidade, no entanto, como já exposto, não é aceita por todos. Existiram também os chamados “unionistas”, aqueles que classificam como débil um suposto desejo independentista para os eventos de 1811 (revolução artiguista) e 1825 (*treinta y tres orientales*). Acreditam que estes dois movimentos não pretendiam a independência, mas mantinham a união com as demais províncias do antigo vice-reinado<sup>5</sup>. Segundo esta corrente interpretativa, o que determinou a independência não foram os movimentos internos por autonomia, mas a intervenção externa de luso-brasileiros e a seguinte influência britânica nas negociações de paz entre as Províncias Unidas e o Império do Brasil.<sup>6</sup>

Se a História como disciplina é algo que se estabelece neste mesmo período de afirmação de identidades nacionais, alguns temas que percorreram e ainda percorrem a historiografia uruguaia têm sua origem em discussões mais antigas. Surgem, então, as “Polêmicas fundadoras”, ou marcos de uma série de problemas teóricos que também delimitaram campos e objetivos de investigação. A primeira, tema central do segundo capítulo deste trabalho, seria aquela entre Manuel Herrera y Obes e Bernardo Prudencio Berro: um enfrentamento político, mas também de interpretação social e histórica.<sup>7</sup> Porém, esta controvérsia se insere num contexto de guerra e discussão mais amplo, alcançando também a Argentina. Herrera y Obes constrói para o Uruguai uma interpretação dedicada à Revolução de Maio (desencadeada por Buenos Aires, mas contando com adesões decisivas na Banda Oriental) que mantém as linhas gerais já escritas pela chamada Geração de '37 (alguns destes exilados em Montevideu ou em Colônia do Sacramento) e por Faustino Sarmiento.

---

<sup>5</sup> Ibid., p. 39.

<sup>6</sup> Ibid., p. 40.

<sup>7</sup> TORRES WILSON, J. de. **Quiénes escribieron nuestra historia? (1940/1990)**. Montevideu : de la Planta, 1992. p. 11-13. Este autor coloca ainda duas outras polêmicas “fundadoras”. O segundo grande enfrentamento constitutivo da história uruguaia é o encontrado em 1882 entre Carlos Maria Ramírez e Francisco Antonio Berra a respeito da reivindicação da figura de Artigas. A terceira grande polêmica corresponde à publicação de Pablo Blanco Acevedo, legislador colorado riverista, a respeito da necessidade de datar o dia em que deveria ser celebrado o centenário da independência.

Principalmente na primeira metade do XIX, os orientais seguem o mesmo padrão interpretativo dos vizinhos. Por toda sua recente história, os uruguaios estarão integrados a discussões platinas. Mesmo mais adiante, na medida em que o nacionalismo e a nação vão se afirmando, o campo intelectual e acadêmico em que se pensa o caudilhismo, por exemplo, ultrapassa as fronteiras dos Estados. Enquanto que para os argentinos o regime de Rosas é o que melhor se enquadraria em estudos de caudilhosismos, Artigas e *blancos*, estão entre os preferidos entre os uruguaios.

Fazendo uma breve retrospectiva da tradição uruguaia de escrever e interpretar a história, é difícil encontrar um ponto em comum para iniciar sua trajetória. Letícia Soler encontra a origem dos estudos de história apenas com Francisco Bauzá no fim do século XIX.<sup>8</sup> Isto porque ela pretende estudar a história a partir do momento em que esta começa a se instaurar em solo uruguaio como uma disciplina específica e delimitada. Já Abril Trigo, que classifica o intervalo imediatamente anterior à sua organização disciplinar como proto-história, resolve iniciar seu trabalho com um período anterior, pois acertadamente percebe como muitos dos temas e categorias usadas pelos historiadores dessa disciplina ainda dialogam com algumas abordagens fundadas por homens da primeira metade do século XIX.<sup>9</sup>

A história “tradicional” uruguaia, formulada a partir de 1880 e conhecida como “*vieja historia*”, tem uma concepção nacionalista que costuma reduzir sua cronologia ao período colonial e às lutas de independência. Em geral, seria uma história

política, administrativa, constitucionalista y personalista, sin espacio para lo social, lo económico y lo cultural en un nivel que fuese más profundo que en el de la mera crónica. Las masas se excluyen como posibles protagonistas y solo hay lugar para los grandes personajes, ya sean ‘próceres impecables’ o sus necesarios contendientes: ‘los antihéroes aborrecibles’.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> SOLER, L. **La historiografía uruguaya contemporánea, aproximación a su estudio**. Montevideu : Banda Oriental, 1993. pp. 7-10.

<sup>9</sup> TRIGO, op. cit., pp. 9-29.

<sup>10</sup> RIBEIRO, op. cit., pp. 31-32.

Do ponto de vista disciplinar, Francisco Bauzá (1849-1899), forjador de um “fatalismo de nuestra autonomía de raíz romântica”,<sup>11</sup> aparece como o ponto de partida, pois Soler está convencida de que antes deste autor

no había historia uruguaya propiamente dicha, en el sentido que la producción existente no reunía las condiciones de lo que hemos definido como Historia. Existían sí, intentos de valor desigual que tienen por tema central el surgimiento de la vida independiente y en particular de la gesta revolucionaria (...). En general es una producción literaria, a veces filosofante, casi siempre erudita, pero poco rigurosa en sus enfoques que podríamos definir como una ‘protohistoriografía’. Su valor estriba fundamentalmente en la frecuentación de una temática, el abordaje de ciertos tópicos e incluso de definición de una terminología de presencia permanente en la historiografía posterior.<sup>12</sup>

Bauzá seria o primeiro a combinar “investigação” a um “manejo de fontes”.<sup>13</sup> Em sua obra, surgem claramente as idéias de província-nação autônoma, de Artigas caudilho, e de uma nacionalidade romântica “fatalista”, como se as principais características da nação uruguaia se encontrassem predestinadas desde o período colonial.<sup>14</sup> Seus escritos são considerados *colorados* e católicos, revestidos de otimismo militante, pois contêm um projeto social explícito, entendendo a história como instrumento de consolidação desta nacionalidade.<sup>15</sup>

A historiografia que se estende desde Bauzá até meados do século XX seria aquela que “desconoce lo precolombino, idealiza el período colonial, abona sistemáticamente el mito del héroe de la provincia-nación, que confundiéndose con ella misma va civilizando su imagen, va perdiendo facetas bárbaras, va incorporándose a una institucionalidad constituyente”.<sup>16</sup> A interpretação histórica do XIX uruguaio se alterna entre um gradual processo de civilização, no qual se inclui a lenta centralização e organização estatal associada à “domesticação” de um povo gaúcho e bárbaro, para uma idealização da ordem colonial e da herança ibérica (e católica), transformando os

---

<sup>11</sup> Ibid., p. 32.

<sup>12</sup> SOLER, op. cit., pp. 10-11.

<sup>13</sup> Ibid, p. 11.

<sup>14</sup> Id.

<sup>15</sup> Ibid, p. 12.

<sup>16</sup> Ibid, p. 19.

caudilhos em exemplos cívicos de heróis. Além disso, paralelamente ao que acontece na Argentina na relação entre Buenos Aires e as demais províncias durante o século XX, a história uruguaia vagarosamente se tornou mais “nacional” e menos “montevideana”, incluindo cada vez mais a *campaña* em seus estudos.<sup>17</sup>

Um dos momentos decisivos para a disciplina História está na fundação da *Facultad de Humanidades y Ciencias*, na qual é criado o curso de Licenciatura em História. Convidado para sua direção o historiador argentino Emilio Ravignani, este evento foi responsável pelo fortalecimento da história no interior do meio acadêmico.<sup>18</sup>

Mas o grande nome da historiografia moderna uruguaia seria o de Pivel Devoto.<sup>19</sup> De família *colorada*, mas convertido ao Partido Nacional (*blanco*), teve importante atuação também como político, tornando-se Ministro de Instrução Pública.<sup>20</sup> Em 1942, assumiria a Direção do Museo Histórico Nacional.<sup>21</sup> Este autor ainda se apoiava em conceitos interpretativos como os de “orientalismo, extranjerismo, oposición campo-ciudad, caudillo-doctor” que já estavam presentes desde Bauzá, mas também em Alberto Zum Felde e Luis Alberto de Herrera.<sup>22</sup> Enfatizando o político, suas obras centrais são *Raíces coloniales de la revolución artiguista* e *Historia de los partidos políticos en el Uruguay*.<sup>23</sup>

Pivel Devoto também concebe a Banda Oriental como naturalmente autônoma, vinculada

laxamente a Buenos Aires por apenas treita y dos años de virreinato; la experiencia artiguista de la federación nunca fue concretada y la Misión García es el ejemplo del deseo de Buenos Aires de ‘amputar’ esa Banda Oriental – centro de oposición. Lavalleja al concretar la independencia es un continuador del artiguismo en lo que éste tiene de intransigente cuando defiende la autonomía de los derechos provinciales.<sup>24</sup>

---

<sup>17</sup> RIBEIRO, op. cit., p. 34.

<sup>18</sup> Id.

<sup>19</sup> SOLER, op. cit., p. 20.

<sup>20</sup> TORRES WILSON, op. cit., p. 31.

<sup>21</sup> Ibid., p. 35.

<sup>22</sup> SOLER, op. cit., p. 20.

<sup>23</sup> RIBEIRO, op. cit., p. 37.

<sup>24</sup> Ibid., pp. 37-38.

Ao estudar o movimento artiguista, Pivel o considera uma “insurrección campesina”, entendendo sua revolução como um esforço do “papel dirigente de los caudillos en la conquista de la nacionalidad”.<sup>25</sup> De certa forma, no livro *Raíces económicas de la revolución oriental*, Pivel Devoto “es un preocupado por el tema de cómo la antigua Banda Oriental y, más tarde, en Provincia Cisplatina, logra culminar su destino como Estado Oriental, convirtiéndose en un país independiente”.<sup>26</sup>

Contrariando a idéia predominante do século XIX que culpa os caudilhos e as disputas partidárias pelas mazelas do Uruguai, Pivel Devoto deposita-lhes a função de construtores do Estado. Por um lado, o partido *colorado* é identificado com um princípio revolucionário, enquanto que o *blanco* aparece no anseio de retorno à ordem perdida. Estas duas facções, na medida em que iniciam suas guerras, de alguma forma são portadoras destas duas essências uruguaias e, portanto, co-participantes na construção do Estado, uma vez que a revolução cria as condições para a independência, e o retorno à ordem estabelece os fundamentos para a um governo estável.

Durante la segunda mitad del siglo XIX privó la idea de la ‘acción funesta’ de los partidos, terminología aportada por Melián Lafinur. Eduardo Acevedo, luge Herrera, pero fundamentalmente Pivel Devoto, va dando lugar a la aceptación de la idea de los partidos como aquellos que forjaron la nación, puesto que ellos se identifican con todo el proceso histórico del país desde su surgimiento mismo.<sup>27</sup>

Um outro movimento historiográfico muito importante para a região platina é o Revisionismo do século XX.<sup>28</sup> Sua versão argentina desenvolve uma reivindicação da figura de Rosas, defendendo neste antigo governador de Buenos Aires um

---

<sup>25</sup> Ibid., p. 38.

<sup>26</sup> TORRES WILSON, op. cit., p. 39.

<sup>27</sup> RIBEIRO, op. cit., p. 39.

<sup>28</sup> Para o revisionismo argentino, ver también CHIARAMONTE, J. C. En torno a los orígenes del revisionismo histórico argentino. In: FREGA, A.; ISLAS, A. (coords.) **Nuevas miradas en torno al artiguismo**. Montevideu : Universidad de la República, 2001.

nacionalismo de raiz hispânica, e propondo uma certa unidade latino-americana católica e ibérica.<sup>29</sup> Mas, para o Uruguai, Soler opta por discorrer sobre revisionistas e não sobre o Revisionismo, pois, ao contrário do que aconteceria com seus vizinhos, este termo não seria totalmente aplicável ao caso oriental.<sup>30</sup> O primeiro problema seria que Artigas, ao contrário de Rosas, ainda que caudilho, já há algum tempo gerava unanimidades no Uruguai, não repercutindo um mesmo tipo de debate. E até mesmo Oribe, “tan identificado con el ‘legalismo’, (...) tampoco dejaba ya mucho más espacio para la polémica”.<sup>31</sup> Além disso, “elementos caudillescos y doctorales integraron por igual los partidos tradicionales. Todo esto limaba las aristas más polémicas que planteó el revisionismo argentino”.<sup>32</sup>

Por outro lado, para Ana Ribeiro, o revisionismo em sua versão uruguaia é um

esfuerzo por reexaminar los temas abordados, lo que conlleva una tarea de desautorización y crítica de las interpretaciones tradicionalmente aceptadas. Está muy ligada al nacionalismo latinoamericano, que surge como respuesta a la crisis y que vivirán como ‘el único posible’, tildando a lo contrario de ‘uruguayismo’.

O Revisionismo uruguaio seria fundamentalmente *blanco* e, conseqüentemente, *federal*, uma vez que nasce ligado ao argentino, apresentando-se como uma crítica à “história oficial *colorada*”.<sup>33</sup> Em geral, são obras ensaísticas<sup>34</sup> de pouco apego metodológico.<sup>35</sup> Dedicam-se principalmente ao processo de modernização e ao fenômeno caudilhistas.<sup>36</sup> Dentre suas características, está a tentativa de demonstrar uma superioridade do modelo colonial espanhol frente ao inglês ou francês, uma forma de reabilitar a herança ibérica frente aos “civilizados” que conferiam superioridade à civilização anglo-saxã. Os revisionistas classificavam de

---

<sup>29</sup> RIBEIRO, op. cit., pp. 42/44.

<sup>30</sup> SOLER, op. cit., p. 29.

<sup>31</sup> Id.

<sup>32</sup> Id.

<sup>33</sup> RIBEIRO, op. cit., p. 41.

<sup>34</sup> RIBEIRO, op. cit., p. 48.

<sup>35</sup> SOLER, op. cit., p. 31.

<sup>36</sup> RIBEIRO, op. cit., p. 48.

história “acadêmica”, ou “falsificada” aquela que elaborou a dicotomia “civilização e barbárie”, cuja clivagem de cidade versus *campaña*, elaborando a figura negativa de Artigas e Rosas, destacou os textos de Bartolomé Mitre, Sarmiento e Vicente Fidel López. Outra das suas características é o mito gauchesco, que esta intimamente relacionada à re-interpretação do caudilho. O gaúcho é um ser “metafísico” que acompanha o caudilho, protagonista da luta da nação contra o imperialismo britânico e fiel representante de uma identidade nacional atacada pelas potências estrangeiras.

Citando Carlos Rama, Ana Ribeiro afirma que

Mucho antes que los argentinos, estos autores [uruguayos] han defendido a Rosas y Oribe como representantes del tradicionalismo, del autoctonismo, de los ‘valores morales’, del catolicismo [lembrando que o Uruguai já havia passado pela forte laicização promovida pelo colorado Batlle], de la campaña, del ‘orden y la familia’, del americanismo, de la propiedad terrateniente, de las ‘viejas familias patricias’, expresiones de la definición ideológica de derecha que representa históricamente el Partido Nacional o blanco en la vida política uruguaya.

Estes enfrentam a história “progressista” do Partido Colorado e da burguesia comercial e industrial de Montevideu que o compõe ou apóia.<sup>37</sup> Desta forma, o principal revisionista uruguaio aparece no nome do político *blanco* Luis Alberto de Herrera, “mezcla de caudillo y doctor”,<sup>38</sup> autor de “Los orígenes de la Guerra Grande”<sup>39</sup> e, de acordo com Soler, próximo ao Alberdi tardio.<sup>40</sup> Nos anos 60, o movimento revisionista se direcionou um pouco rumo à esquerda em argumentos que combatiam a “dominação externa”, o imperialismo das grandes potências. Em Vivian Trias (1922-1980), o imperialismo britânico aparece como integrante da explicação do surgimento do Uruguai, enquanto que seu equivalente norte-americano é empregado para explicar seu presente. O federalismo artiguista, a “Pátria Grande” (Antigo Vice-Reinado) e o fenômeno Rosas seriam uma resposta latino-americana ao imperialismo.

---

<sup>37</sup> Ibid., p. 43.

<sup>38</sup> TORRES WILSON, op. cit., p. 111.

<sup>39</sup> HERRERA, L. A. **Los orígenes de la guerra grande**. 2 v. Montevideu : Cámara de Representantes da R.O.U., 1989.

<sup>40</sup> SOLER, op. cit., p. 30.

Artigas, “como caudillo popular agrario será glorificado y estudiado por los sectores de izquierda.”<sup>41</sup>

Apesar de ser uma corrente que aparece na França nos anos 20, é a partir de 55 que, sob o nome de “Nova História”, a Escola dos Annales inicia seus trabalhos no Rio da Prata. Mediada pelo historiador espanhol Jaime Vicens Vives, alcança os latino-americanos, principalmente José Luis Romero e Túlio Halperín Donghi.<sup>42</sup> Seria uma corrente essencialmente universitária, de uma preocupação mais econômica e social, e com um tom monográfico. Admitindo também o provisório da verdade histórica, supera o “urbano para ir a lo nacional (...) por contrabalancear el macrocefalismo montevidiano, que también aqueja a la historiografía”.<sup>43</sup>

Segundo Soler, a corrente marxista no Uruguai tem certa aproximação com a história *colorada* ou *mitrista*, pelo menos para obra de Francisco R. Pintos.<sup>44</sup> É um marxismo que de início adota a seqüência feudalismo-burguesia-proletariado, discorrendo a respeito de “rasgos feudales” ou “feudatarios”.<sup>45</sup> Na representativa equipe de Lucía Sala de Touron, vinculada ao Partido Comunista, o latifúndio é encarado como a origem de todos os males em um estudo do processo de formação dos modos de produção.<sup>46</sup> Nestas obras marxistas de empreitada militante, a população aparece menos maleável frente ao caudilho, e levanta a questão de até que ponto ela é manipulada pelo caudilho ou este é manejado pelo povo.<sup>47</sup>

Sala de Touron, escrevendo a duas mãos com Rosa Alonso Eloy, observa o Uruguai “comercial, pastoril y caudillesco” como uma “formación social de transición” em que “predominan relaciones sociales de producción precapitalistas”.<sup>48</sup> Suas referências teóricas a conduzem a comparar a revolução de independência local

---

<sup>41</sup> RIBEIRO, op. cit., p. 49.

<sup>42</sup> Id.

<sup>43</sup> RIBEIRO, op. cit., pp. 50/52.

<sup>44</sup> SOLER, op. cit., p. 39.

<sup>45</sup> RIBEIRO, op. cit., p. 54.

<sup>46</sup> SOLER, op. cit., p. 41.

<sup>47</sup> Ibid., p. 46.

<sup>48</sup> SALA DE TOURON, L.; ALONSO ELOY, R. op. cit., pp. 7/27/323.

às revoluções burguesas européias. Porém, se estas autoras não incorrem no erro de simplesmente aplicar um modelo marxista ao contexto platino, uma vez que não encontram no movimento de independência uma luta da burguesia contra o Antigo Regime, mantêm uma concepção processual marxista, acreditando que a Banda Oriental se encontraria em um estágio anterior se comparada à Europa “donde el proceso histórico estaba en cierto modo más avanzado (...)”.<sup>49</sup> Neste caso, as diferenças e a consciência de classe não estariam ainda completamente formadas, o que não implica em uma sociedade sem hierarquias:

Conformó igualmente una estructura piramidal de ancha base y en cuya cúspide se encuentra una oligarquía mercantil-agraria con sus categorías esenciales de “doctores” y “caudillos”, estos últimos dueños del efectivo poder durante la etapa, (...). Más allá de contradicciones a veces muy fuertes en su interior, no se enfrentó en el país la burguesía con los terratenientes “feudales”, sino en facciones no demasiado diferentes, ni por su papel en la economía ni por su concepción del mundo, pese a los elementos ideológicos distintos que esgrimirían las divisas blancas y coloradas, em que se escindió la entera población del país.<sup>50</sup>

Sua análise aponta para uma sociedade que carecia de classes dominantes totalmente constituídas, incapazes, assim, de estabelecer um sistema estável de poder. “Coexistían clases capitalistas y protocapitalistas”, e juntamente a “elementos ideológicos modernos, provenientes del arsenal del liberalismo político (...) coexistían relaciones de tipo paterno-clientelista, que eran la base de sustentación del caudillismo predominante”. Esta inexistência de uma força hegemônica capaz de impor sua vontade frente aos demais, produto de uma elite dividida, provocaria a instabilidade das suas instituições, contrastando com a relativa estabilidade de Buenos Aires de Rosas, representante de “clases dominantes mejor constituidas”, uma classe de grandes proprietários rurais, da qual ele mesmo faria parte.<sup>51</sup>

Ainda na década de 70, e apesar de todas as mudanças, o chamado “ciclo artiguista” manterá sua posição de grande tema da historiografia uruguaia.<sup>52</sup> Em José

---

<sup>49</sup> Ibid., p. 43.

<sup>50</sup> Ibid., p. 28.

<sup>51</sup> Ibid., pp. 112-113/310.

<sup>52</sup> SOLER, op. cit., p. 28.

Pedro Barrán, tanto abordando Batlle como na recente “Historia de la Sensibilidad”, existe um estudo de como a sociedade uruguaia, rural ou urbana, resiste aos avanços modernizadores. As mudanças apareceriam com o objetivo de conservação de um “establishment”, ou, em outras palavras, pretenderiam transformar a sociedade para readequá-la às novas exigências e expectativas de uma elite dominante. Esta é a interpretação dada para o levantamento de Aparício Saravia de 1904, uma última resistência caudilha frente à modernização a que tanto aspiravam os *colorados*, simbolizados aqui pelo batllismo.<sup>53</sup> Percebe-se, mais uma vez, que a dicotomia civilização e barbárie, assim como “caudilhos e doctores”, é preservada como fonte principal de explicação.

## 1.2 DUALISMOS: CAUDILHOS E *DOCTORES*; CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE. CONSTRUÇÃO E USO PARA O CASO PLATINO.

Na tradição castelhana, a acepção da palavra ‘caudilho’ recebeu sentido diverso do conceito consagrado pela Geração de ’37 e, posteriormente, propagado por Sarmiento. Caudilho vem do latim *capitellum*, diminutivo de *caput*, cabeça.<sup>54</sup> O caudilho era o líder de um movimento armado que, na península ibérica, estava intimamente relacionado à reconquista e suas guerras contra os mouros ao sul. O caudilho era o homem, de preferência fidalgo, que detinha o poder de reunir forças para determinada empresa. Era capaz de reunir homens e, com um poder ao mesmo tempo militar e carismático, liderava um grupo de pessoas para a guerra. Assim sendo, o caudilho teria um valor positivo, capaz de unir indivíduos em prol de um objetivo legitimado.<sup>55</sup>

---

<sup>53</sup> Ibid., p. 62.

<sup>54</sup> TRIGO, op. cit., p. 15.

<sup>55</sup> Ver também prefácio de Pivel Devoto em HERRERA Y OBES, M. e BERRO, B. P. **El caudillismo y la revolución americana**. Montevideo : Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social, 1966.

Contudo, o campo político das primeiras décadas do pós-independência platino reposiciona esta categoria. Não por transformar seu significado, mas por deslegitimar os objetivos que o impulsionavam. Este campo político, no qual se destaca Sarmiento e a Geração de '37, inicia uma temática fundadora. O caudilhismo foi para o XIX o que foi o populismo para o XX, uma palavra que identifica uma forma de organização e mobilização política.<sup>56</sup> No século XIX, o caudilho se torna um tipo negativo, para alguns, típico da região platina, para outros, característico da América ibero-americana. E perdendo sua especificidade castelhana, o caudilho se torna um híbrido social, uma mescla de tradição ibérica e condicionamento geográfico americano, ou ainda, um mestiço, índio e branco. A forma como a palavra será empregada para descrever e explicar a sociedade, a população e a história platina terá certa variação, mas a idéia de caudilho que se manterá como base a partir da qual se desenvolve uma discussão será a fundada pela Geração de '37.

Esta Geração de '37 foi formada, basicamente, mas não exclusivamente, por simpatizantes da causa *unitária*. Boa parte deles esteve exilada em Santiago ou em Montevideu. Fugindo da perseguição *rosista e federal*, e profundamente influenciados pelo movimento romântico, desenvolvem, com pioneirismo, uma forma de entender e explicar a sociedade em que vivem, sua história recente, da colônia, passando pela independência até o Governo Rosas e as guerras civis partidárias. Ainda que formada por indivíduos oriundos das províncias argentinas, suas teorias encontram ouvintes, leitores e até mesmo continuadores nos territórios vizinhos. Para o caso uruguaio, certa facção do Partido Colorado logo adotará a linguagem desta geração, adaptando este discurso político e “sociológico” para a história daquela antiga província recém emancipada.

Contudo, a grande obra que marca o sentido que se estava construindo para a palavra “caudilho” é a escrita por Sarmiento: *Facundo, ou civilização e barbárie*. Parte

---

<sup>56</sup> SVAMPA, M. La dialéctica entre lo nuevo y lo viejo: sobre los usos y nociones del caudillismo en la Argentina durante el siglo XIX. In: GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. **Caudillismos rioplatenses, nuevas miradas a un Viejo problema**. Buenos Aires : Universidad de Buenos Aires, 1998. p. 51.

biografia, parte história e ficção, publicada inicialmente como folhetim para um periódico de Santiago, foi dividida em duas partes. Na primeira, descreve o meio ambiente platino, ressaltando o pampa, um território de planícies desertas, longas extensões planas e pouco povoadas. Esta característica impõe ao homem que ali vive um condicionamento social e natural. O gaúcho, palavra intimamente relacionada ao fenômeno do caudilhismo, seria fruto daquela “realidade” descrita. A partir disto, surgem “tipos ideais” de habitantes: o *gaucho malo*, o *rastreador*, o *baqueano* e o *cantor*. Tipos que, mesclados em diferentes proporções, poderiam ser encontrados no homem platino; e em todos, ainda que escondidos sob o fraque da civilização. Um terreno como o argentino proporcionaria a este gaúcho a oportunidade de sobreviver com pouco trabalho, apenas explorando o gado solto para obtenção de carne e couro para a venda. Soma-se a isto uma rarefeita população que resultaria em frouxos laços sociais. Como consequência deste deserto, o gaúcho estaria condicionado a um estilo de vida que, para Sarmiento, é definido como bárbaro. Inicia-se, então, a construção de um dualismo maniqueísta. De um lado, a civilização, do outro, a barbárie. São dois conceitos que se distribuem pelo território platino e, ainda que muitas vezes encontrados em um mesmo indivíduo, constituiriam adversários implacáveis.

Na segunda parte do livro, encontra-se uma biografia de Facundo Quiroga, caudilho de La Rioja. Sarmiento o aponta como um modelo de caudilho “ingênuo”, oposto ao caudilho “inteligente” que estaria em Rosas. A descrição de Quiroga, sua vida e sua pessoa, seriam exemplos de uma vida bárbara, não civilizada, uma vida de crimes e violências, abusos de poder pessoal que constroem a imagem típica de um caudilho, de um gaúcho líder de outros gaúchos. Para além disto, Sarmiento desenvolve uma interpretação da história platina pós-independência. A Revolução de Maio é revestida por um princípio civilizador. A Revolução teria duas fases. Na primeira, Buenos Aires inicia sua luta contra os espanhóis, e progressivamente recebe o apoio de outras cidades provinciais. Mas a segunda parte da Revolução se caracteriza

por uma luta interna das cidades contra o campo.<sup>57</sup> A princípio, as cidades se dedicam a libertar politicamente o Vice-Reinado do Prata do domínio metropolitano espanhol, mas apesar de concretizada a independência política, a Revolução ainda estaria incompleta e, necessariamente liderada por uma elite urbana, deveria enfrentar o núcleo de uma resistência cultural ibérica e bárbara localizado na *campaña*. O princípio civilizador da revolução volta sua atenção para o interior, e é o início da luta entre a cidade e o campo, respectivamente, civilização e barbárie. A natureza essencial de maio de 1810 seria a de representar esta “dupla” revolução.<sup>58</sup>

No Sarmiento de *Facundo*, o caudilhismo tem algo de excepcional por ser tipicamente americano; é um vício constitutivo das circunstâncias históricas deste continente.<sup>59</sup> Assim, Rosas é visto como o resultado do conflito dialético entre a civilização e a barbárie.<sup>60</sup> Entretanto, ao invés da crueldade espontânea e instintiva de Quiroga, Rosas institui a crueldade e o caudilhismo premeditado e sistematizado. Ao final do seu texto, este autor elabora uma interpretação “caudilhocêntrica” da história,<sup>61</sup> e acaba ajudando a erguer o caudilhismo ao centro das discussões políticas e sociais da formação dos Estados platinos. O caudilhismo se torna, ao mesmo tempo, um termo descritivo negativo e uma categoria de análise. Esta nova interpretação recoloca o valor desta palavra, que do tradicional sentido de “líder” ou de “capitão” passa a implicar em “governador personalista”, “autoritário” e imbuído pela força bárbara da *campaña*, um inimigo da civilização.<sup>62</sup>

A partir de Sarmiento e de sua tentativa de explicar os Estados e a sociedade do Rio da Prata, inicia-se uma tradição que coloca o caudilhismo como um elemento descritivo e explicativo. Contradizendo, denunciando, revisando, invertendo ou

---

<sup>57</sup> BUCHBINDER, P. Caudillos y caudillismo: una perspectiva historiográfica. In: GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. op. cit., p. 33.

<sup>58</sup> MYERS, J. Las formas complejas del poder. In: GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. op. cit., p. 84.

<sup>59</sup> SVAMPA, op. cit., p. 53.

<sup>60</sup> MYERS, op. cit., p. 89.

<sup>61</sup> Id.

<sup>62</sup> Ibid., pp. 83-84.

mantendo, as gerações seguintes continuarão estas discussões iniciadas na primeira metade do século XIX acerca do caudilhismo. E, como regra, estarão, com raras exceções, sempre dialogando com Sarmiento. E é o regime de Rosas que desempenhou ao longo dos séculos XIX e XX, tanto no “imaginário” popular quanto no universo acadêmico, o melhor exemplo de caudilhismo.<sup>63</sup>

O caudilhismo se torna uma categoria. O chamado “caudilhismo clássico” formulado pela Geração de '37 estabelece algumas das suas características básicas, como a ruralização do poder, o mito do vazio institucional que se estabelece após 1820 e que será ocupado pelo caudilhismo, e a violência como o modo de resolução de conflitos e disputas políticas. Em Sarmiento, o caudilhismo aparece como uma patologia social pós-revolucionária, resultado histórico “natural” da experiência revolucionária.<sup>64</sup> Uma outra questão bastante abordada, que se justifica por se tratar de obras de conteúdo político predominantemente *unitário*, é a construção de uma grande vinculação entre caudilhismo e federalismo. A origem e o desenvolvimento do sistema *federal* estariam interligados a este fenômeno social.<sup>65</sup>

Tanto para Sarmiento como para Alberdi, a suposta anarquia de 1820 era vista como uma queda a um estado de natureza.<sup>66</sup> Além da geografia determinista, o caudilhismo emerge também de uma contingência de eventos históricos específicos que ocorreram após a independência, destacando-se a “anarquia” da década de 1820.<sup>67</sup> Esta vem sendo questionada, uma vez que

a la caída del poder central en 1820, el ex Virreinato no se encontró ante un vacío institucional. Lejos de ello, los años 1820 y 1830 asistieron a un proceso de construcción, sobre la base de la ciudad-provincia – la única unidad político-social relevante en el período -, de Estados autónomos como punto de partida para una organización político-institucional del país. Las provincias fueron paulatinamente adoptando ciertas formas ‘republicanas representativas’ fundadas, en su mayoría, en rudimentarios textos constitucionales. Los

<sup>63</sup> Ibid., p. 83.

<sup>64</sup> GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. Introducción. In: GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. op. cit., pp. 8-9.

<sup>65</sup> BUCHBINDER, op. cit., p. 32.

<sup>66</sup> GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. op. cit., p. 21.

<sup>67</sup> SVAMPA, op. cit., p. 55.

regímenes de caudillo no escaparon a esta solución provisional para legitimar, en el marco inestable de los pactos interprovinciales, los esfuerzos por lograr un nuevo orden social y político y, también para resistir a las tendencias hegemónicas de Buenos Aires.<sup>68</sup>

Contudo, ainda que esta anarquia possa ser matizada pelos historiadores mais recentes, ela parecia suficientemente real para o século XIX, a ponto de justificar uma série de atitudes políticas, inclusive as mais autoritárias. Mais do que isso, a crença de que ela havia existido e que suas conseqüências - o caudilhismo - eram concretas, mobilizou pensadores, mas também armas. Para Alberdi, o caudilhismo, fruto da anarquia, seria um governo sem lei em um contexto de debilidade do Estado.<sup>69</sup> A província de Buenos Aires estaria se apropriando dos recursos da aduana portuária, enfraquecendo as demais províncias e a “nação” como um todo.<sup>70</sup> Esta apropriação minaria o poder de organização institucional das províncias, o que fortaleceria e daria espaço para manifestações caudilhescas. Além disso, criava uma rivalidade entre a cidade de Buenos Aires e o interior, impossibilitando que um Estado central aparecesse.

Alberdi e a Geração de 37 enfatizam o caráter americano do caudilhismo.<sup>71</sup> Como Sarmiento, Alberdi constrói um dualismo, mas apontando um país “real”: a ditadura, o caudilhismo e o retrógrado legado espanhol e indígena versus o país “legal”: um constitucionalismo “cego” associado a um formalismo e uma artificialidade teórica fracassada (Sarmientiana). Apesar da força da elaboração teórica de Sarmiento, Alberdi é um exemplo de como esta nunca chegou a ser uma

---

<sup>68</sup> GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. op. cit., pp. 22-23.

<sup>69</sup> A constituição era a lei que ele defendia para a Argentina. Seu livro *Las Bases...* era uma proposta para a constituinte reunida em 1852. ALBERDI, J. B. **Fundamentos da organização política da Argentina**. Campinas : Editora da UNICAMP, 1994. Na língua espanhola, recebeu o apelido de *Las Bases...* por seu título original *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*.

<sup>70</sup> GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. op. cit., p. 9.

<sup>71</sup> SVAMPA, op. cit., p. 56.

unanimidade, coexistindo com diversas críticas à versão *unitária* de civilização e barbárie.<sup>72</sup>

Caudilhismo é um conceito “cambiante”, e já na segunda metade do século XIX, “V. F. López y B. Mitre, considerados constructores de la historia nacional, reconocen en la anarquía del año '20 como el origen del fenómeno caudillista”.<sup>73</sup> Naquele momento, ocorreu uma “disolución del ejército regular - reemplazo por fuerzas informales o milicias, colapso del poder central como precondition de la emergencia del caudillismo”.<sup>74</sup> Mitre faz uma interpretação negativa do caudilho. Interessado em construir uma nacionalidade para a Argentina, os caudilhos seriam os inimigos da união nacional. Artigas é visto com o primeiro segregacionista, um dos responsáveis pela perda de uma das províncias, a Banda Oriental: “El caudillo oriental era el prototipo del líder segregacionista que había procurado a partir de su accionar conformar un estado independiente y al margen del que configuraban las llamadas Provincias Unidas.”<sup>75</sup> Em Mitre, “mientras los héroes de la revolución estaban asociados a la defensa de la nación en su conjunto, los caudillos estaban ligados a la defensa de los intereses locales.”<sup>76</sup> A noção política de federação, como uma das que animavam as massas populares, era entendida, por Mitre, como sinônimo de barbárie, tirania, antinacionalismo e liga de caudilhos contra povos e governos. Por outro lado, para López, os caudilhos são equiparados a delinquentes, mantendo a imagem clássica que os coloca como ladrões, vândalos, sem respeito às coisas “civilizadas”, como propriedade privada, família, trabalho e instituições.<sup>77</sup>

Outros pensadores reavaliaram a categoria caudilhismo ao longo do século XIX e início do XX. Correntes de pensamento que chegaram a incluir nesta categoria questões étnicas evolucionistas, em que enquadravam os gaúchos como miscigenados

---

<sup>72</sup> Ibid., p. 58.

<sup>73</sup> GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. op. cit., p. 18.

<sup>74</sup> GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. op. cit., p. 9.

<sup>75</sup> BUCHBINDER, op. cit., p. 35.

<sup>76</sup> Ibid., p. 36.

<sup>77</sup> Ibid., p. 37.

– uma raça degenerada – de onde, fatalmente, sairia o caudilho. No final do século XIX, para os chamados positivistas, caudilhismo representaria o atraso. E, em alguns casos, o atraso seria equivalente a inferioridade étnica.<sup>78</sup> Ou ainda, como já havia iniciado López, os caudilhos provinciais passaram a ser considerados agentes que contribuíram na construção do Estado. Principalmente historiadores provinciais reivindicaram para suas localidades um papel mais ativo na “formação da Argentina”, retirando de Buenos Aires o privilégio de única província fundadora, como se esta tivesse que “conquistar” ou “impor a paz e a ordem” ao interior com seu próprio e único esforço. A partir do início século XX, estas províncias até então tidas como coadjuvantes passam a ter seu papel revalorizado como também colaboradoras da formação do Estado e da nação. O papel das províncias é revisto, removendo o protagonismo exclusivo de Buenos Aires. Contudo, até então, construía-se um íntimo relacionamento entre o caudilhismo e as províncias.<sup>79</sup>

Nas primeiras décadas do século XX, a história se estabeleceu como uma “ciência”, com método de pesquisa. A personalidade mais lembrada para este movimento é a de Emilio Ravignani, mas estão também Luis V. Varela e Juan A. González Calderón. Ravignani viu em Artigas o papel de “fundador del federalismo republicano en la Argentina destacando además su patriotismo, valentía y su contribución a la lucha por la independencia.”<sup>80</sup> Em 1947, Ravignani é convidado para dirigir a recém fundada *Facultad de Humanidades y Ciencias* da Universidad de la República em Montevideu (na qual logo se encontrariam o curso de Licenciatura em História e o *Instituto de Investigaciones Históricas*), trazendo consigo a “racionalidade desta nova ciência”.

Também na primeira metade do XX, aparece o Revisionismo, reclamando aos caudilhos o papel de construtores do Estado e defensores da nação. Neste momento, existe uma reivindicação da herança hispânica e da figura “demonizada” de Juan

---

<sup>78</sup> Ibid., p. 41.

<sup>79</sup> Ibid., p. 44.

<sup>80</sup> Ibid., p. 48.

Manuel de Rosas. Caracterizado por interpretação conservadora, este caudilhismo é visto como uma salvação para uma nacionalidade sempre ameaçada.<sup>81</sup>

### 1.3 ESTADO, CIVILIZAÇÃO E CAUDILHISMO EM ALGUNS AUTORES URUGUAIOS.

O objetivo aqui é discutir algumas interpretações que inter-relacionam os temas da construção e papel do Estado uruguaio com o caudilhismo e com os conceitos de civilização utilizados pelo século XIX para legitimar e explicar suas “realidades”. Para isto, o foco estará em dois autores e algumas das suas obras mais representativas no que se refere ao tema aqui tratado. Primeiramente está Juan E. Pivel Devoto, com seus livros da década de 1950 *Raíces coloniales de la revolución artiguista* e *Historia de los partidos políticos en el Uruguay – Tomo II: la definición de los bandos (1829-1838)*,<sup>82</sup> este um segundo volume de uma coleção não inteiramente publicada. Na seqüência, encontramos o professor de Literatura e Cultura latinoamericana Abril Trigo com *Caudillo, Estado, Nación. Literatura, historia e ideologia en el Uruguay* de 1990.<sup>83</sup> Como terceiro autor, esta dissertação contará com a ajuda de José Pedro Barrán, professor de história na *Universidad de la República – Montevideú*, em duas de suas obras de conteúdos e datas de publicação diversas. As *Bases económicas de la revolución artiguista* escrita juntamente a Benjamin Nahum, cuja primeira edição data de 1964, e *Historia de la Sensibilidad*, em dois volumes, publicada na década de 1990, estarão dialogando com Herrera y Obes, Berro, Zás e Antuña nos dois próximos capítulos. Estes autores ocupam posições diversas no interior do campo acadêmico, o que nos ajudará em uma sempre limitada construção de um ambiente diversificado de estudo da história.

---

<sup>81</sup> SVAMPA, op. cit., p. 81.

<sup>82</sup> PIVEL DEVOTO, J. E. **Raíces coloniales de la revolución oriental de 1811**. Montevideú : Editorial Medina, 1957.

<sup>83</sup> No momento da publicação do seu livro, lecionava na Ohio State University.

### 1.3.1 – Pivel Devoto

Pivel Devoto, apesar de membro do Partido Nacional (*blanco*), mantém boa parte das discussões e oposições “fundadoras” tão caracterizadas como *coloradas*, todavia, matizando a barbárie caudilhesca, não a entende como necessariamente *blanca* e ausente do partido oposto, observando que em ambos os partidos circulam indivíduos *doctores* e caudilhos, vindos da cidade ou da *campaña*.

Na primeira de suas obras a serem analisadas, *Raíces coloniales de la revolución artiguista*, o objetivo do autor está em encontrar no período colonial, principalmente em suas últimas décadas, elementos que ao mesmo tempo estiveram presentes, sejam como reivindicações ou “causas” da revolução ou até mesmo de resistência a esta. Também é possível observar o interesse deste autor, ao separar a revolução *artiguista* da contemporânea *porteña* Revolução de Maio. Percebe-se, ao longo do livro, a intenção de demonstrar como, durante o período colonial, mas também ao longo do próprio processo revolucionário, a rivalidade e a competição entre as cidades de Buenos Aires e Montevideú resultaram, ou melhor, criaram condições ou motivos para que a segunda se tornasse, algumas décadas depois, independente. Esta afirmação se baseia nos seguintes pressupostos: na concorrência por privilégios portuários;<sup>84</sup> na competição pelo território de jurisdição de cada cidade, em que Montevideú gradualmente tenta conquistar uma parcela da Banda Oriental ainda dependente da capital *porteña*; e, finalmente, na rivalidade de Artigas, tido como representante e defensor da “vontade da província oriental”, e em seu derrotado projeto de Confederação que aspirava a formulação de uma aliança entre as províncias

---

<sup>84</sup> Pivel Devoto sublinha as disputas comerciais entre os portos de Montevideú e Buenos Aires como raiz de uma “tendencia autonomista de Montevideo”, destacando uma “clara vocación autonómica del puerto”. PIVEL DEVOTO, op. cit., p. 96/124/193.

do antigo vice-reinado como uma defesa contra o poder centralizador de Buenos Aires.<sup>85</sup>

Ao observar o relacionamento entre Montevideú e Buenos Aires, é possível dizer que essa rivalidade realmente existiu. Por outro lado, Pivel Devoto segue a tendência, bastante comum em sua época, de colocá-la como uma afirmação de uma nacionalidade uruguaia já assentada, ou que estaria já em formação desde o fim do período colonial. A Banda Oriental teria uma nacionalidade natural: “Allí donde la geografía se caracterizaba por una conjunción armoniosa de los accidentes naturales, donde la ganadería imponía una misma actividad industrial y una uniformidad de costumbres, las subdivisiones políticas obstaban para que se alcanzara la unidad determinada por factores más poderosos que las delimitaciones artificiales”.<sup>86</sup> Nesta última citação, o autor comenta a inadequação da jurisdição *porteña*, cobrindo boa parte do território oeste da Banda Oriental.

Contudo, melhor seria posicionar esta rivalidade na interpretação dada por Chiaramonte em que, assim como ocorreu em várias outras províncias argentinas, a legitimação de Buenos Aires para comandar a Revolução e uma nova organização estatal não estava suficientemente assentada. Todo o processo de independência, e mesmo boa parte do século XIX, foi um período de costura de alianças entre “cidades-estado” e suas áreas de influência direta, as províncias. Não apenas as elites provinciais demonstravam cautela em abrir mão de um poder em prol de Buenos Aires, mas também não existia um consenso acerca da organização de um Estado. Inclusive, a princípio, cada província, ou cada “pueblo”, como se costumava dizer, seria livre e soberano. A través de preceitos do jusnaturalismo e do pacto social, cada um desses “pueblos” soberanos, por menor que fosse, somente entraria em uma Confederação ou Federação por livre vontade. Como vemos, mesmo nas demais

---

<sup>85</sup> Era uma “tendência localista” dos cabildos, em especial a de Montevideú. Isto contrariando a influência em favor da unidade que poderia ter exercido o vice-reinado e a Real Audiência. *Ibid.*, p. 193.

<sup>86</sup> *Ibid.*, p. 133.

províncias, a união de todo o vice-reinado em um único novo Estado não era tida como algo óbvio ou necessariamente indispensável. Desta forma, a rivalidade entre Montevideu e Buenos Aires tende a seguir o mesmo padrão da de Buenos Aires com suas demais províncias, e pouco tem a ver com um proto-nacionalismo, mas sim com as noções contratualistas de organização de corpos políticos que circulavam naquela época.

Mas, além destes objetivos gerais do livro, Pivel Devoto nos traz descrições econômicas, geográficas e sociais da Banda Oriental. As estâncias e as “vaquerias” “constituyeron la fuente única de nuestra riqueza colonial, e imprimieron un sello propio a la vida que se desarrolló en ese escenario, a los hábitos y costumbres de sus pobladores”.<sup>87</sup> Nesta única citação, existe uma forte identificação entre o gaúcho, seus hábitos e costumes com o cenário econômico da caça ao gado solto. Além disso, a estância é classificada de latifúndio,<sup>88</sup> uma grande extensão de terra, parcamente utilizada, onde se caça gado para venda de couro e outros frutos destes animais. “Con frecuencia se daba el caso de que el denunciante, beneficiado luego con la adquisición de dilatadas extensiones de tierras [...], permanecía radicado en la ciudad, no realizaba obra alguna en el campo, no lo poblaba con rodeos ni levantaba un rancho”.<sup>89</sup> Seguindo a esteira sarmientiana, este é o tipo de lugar que fomentaria a barbárie.

Mas, como bem caracteriza a historiografia uruguaia o professor Jorge Gelman,<sup>90</sup> ao contrário da argentina, os historiadores uruguaio, ainda que mantendo a supremacia e a representatividade do latifúndio e da caça ao gado, não desconhecem a existência de outras formas de exploração. Assim sendo, “el hacendado civilizador del medio rural se afincó en él con su familia, levantó su vivienda [...], pobló la estancia

---

<sup>87</sup> Ibid., p. 10.

<sup>88</sup> E chega a comparar a estância platina com um feudo medieval. Ibid., p. 17.

<sup>89</sup> Ibid., p. 11.

<sup>90</sup> GELMAN, Jorge. **Campesinos y estancieros: una region del rio de la plata a fines de la epoca colonial**. Buenos Aires : Editorial Los Libros del Riel, s/d.

con rodeo de ganado manso [...].<sup>91</sup> A este tipo de empreendimento ele chama de “racional”.<sup>92</sup> Esta seria a “Explotación civilizadora”, a exploração racional do campo.<sup>93</sup>

Retornando ao gaúcho, “la empresa en la que se perseguía un fin de lucro, lindaba por sus riesgos con la aventura y, por la aptitud para dominar las fuerzas salvajes que revelaban quienes la acometían, denunciaba la existencia de un tipo humano realmente singular [o gaúcho].”<sup>94</sup> Esta economia também se converteu em um “medio de vida de una clase social formada por el changador gaucho que en esa actividad desarrolló sus instintos semisalvajes y modeló sus costumbres”.<sup>95</sup>

Mais uma vez, este ser bárbaro surge sem vontade ou sem intenção maior do que a de satisfazer seus instintos básicos de sobrevivência ou suas ambições “inferiores”. É com o caudilho que o gaúcho é conduzido, ainda que aparentemente “sem saber por que”, rumo a uma participação política “indireta”. Visto como um integrante de uma força de manobra, a historiografia costumava encontrá-lo “durante las guerras civiles del siglo XIX, (...) [no] espectáculo de la peonada con el patrón al frente, alistada en las filas de la revolución o en las del gobierno, sin más lema que el del dueño, sin más odio que el del estanciero, amo y protector a la vez.”<sup>96</sup>

Herói nacional, Artigas também é um caudilho, mas está comparado a “El Cid”: “Como un Cid, al frente de la mesnada propia, reconquistador de tierras, defensor de derechos ultrajados, amparo de débiles.”<sup>97</sup> Pivel Devoto reaproxima Artigas do caudilho da reconquista, resgatando nele a virtude da liderança carismática. Mas não apenas caudilho, ele próprio um gaúcho “persiguiendo ganado alzado para hacer tropas, parando rodeo en las estancias o haciendo corambres en compañía de hombres de rudo aspecto y alma simple, había penetrado en los secretos del gaucho,

---

<sup>91</sup> PIVEL DEVOTO, op. cit., p. 14.

<sup>92</sup> Ibid., p. 15.

<sup>93</sup> Ibid., p. 17.

<sup>94</sup> Ibid., p. 15.

<sup>95</sup> Ibid., p. 17.

<sup>96</sup> Id.

<sup>97</sup> Ibid., p. 58.

del changador y del indio, en la solidaridad que crea el peligro y las fatigas, en las charlas y confidencias del fogón.”<sup>98</sup> Artigas não apenas esta à frente da população do campo, mas, de alguma forma, faz parte dela. Por dominar tanto sua linguagem como seus costumes, é tido como um gaúcho “superior” entre os seus “iguais”, de quem o respeito é conquistado segundo seus próprios valores. Artigas seria o grande conhecedor da *campaña* em toda sua hierarquia e diversidade, vivendo “de manera tan intensa en el medio rural, Artigas había adquirido un dominio del escenario geográfico y un conocimiento de sus moradores: el rico propietario, el estanciero, el peón, el gaucho y el indio, que lo convertían en la fuerza catalizadora de la conciencia nacional”.<sup>99</sup> Ele reúne em si vários elementos que, em seu conjunto, comporiam uma nacionalidade uruguaia, incluindo habitantes do campo e da cidade.

A civilização da *campaña*, onde viveria a grande maioria da população oriental, estaria intimamente ligada à reforma do sistema de propriedades. Desta forma, Pivel Devoto faz uma relação direta entre Revolução artiguista e o chamado *arreglo de los campos*,<sup>100</sup> um conjunto de medidas que já se acreditavam necessárias durante o regime colonial, mas que Artigas procurava impulsionar com seu *reglamento* de 1815. Por outro lado, Barrán, mais densamente abordado no capítulo seguinte, ao invés de considerá-la uma “raiz”, como consta no título de Pivel, a coloca como uma “Base económica”. É menos uma “causa” e mais uma “característica”. No enfoque, os dois livros se aproximam, mas diferem na interpretação entre causa e efeito.

O *arreglo de los campos*, ao reorganizar a *campaña*, pretendia a “transformación de las costumbres bárbaras del medio rural (...)”.<sup>101</sup> Em que consistia este projeto? “Fundación de capillas (...), civilización de sus habitantes, organización de las estancias, y adjudicación regular de las tierras para evitar que continuase la

---

<sup>98</sup> Ibid., p. 42.

<sup>99</sup> Mas é importante fazer uma ressalva, Pivel Devoto também utiliza a palavra caudilho no seu sentido “antigo”. Como exemplo, seu uso para Elío, caudilho que “interpretaba la voluntad popular” em 1808. Ibid., pp. 95/193/238.

<sup>100</sup> Ibid., p. 59.

<sup>101</sup> Ibid., p. 60.

posesión ilegal de las mismas.”<sup>102</sup> Além da “posesión ilegal”, poderíamos incluir também a exploração ilegal, uma “tradição” contrabandista cuja prática remonta à fundação da Colônia do Sacramento pelos portugueses no século XVII.

Felix Azara, que no período colonial elaborara um destes primeiros projetos reformistas, afirmava que, com o *arreglo de los campos*, a população da Banda Oriental passaria a ser composta de “civiles y cristianos”.<sup>103</sup> Como podemos observar, mesmo no fim do período colonial, suas autoridades já consideravam a *campaña* como um lugar não civilizado. Este tipo de avaliação aparece em relatos e análises de contemporâneos: “La campaña se halla en el mismo estado que los países salvajes en que solo mandan la fuerza y las pasiones”.<sup>104</sup> É interessante ressaltar como as “pasiones” são vistas como anti-civilizadas, aproximando-se do sentido de processo civilizador desenvolvido por Norbert Elias.<sup>105</sup> A idéia de indivíduo civilizado de Azara encontra seu significado em um uso de antigo-regime, porém, em transição. Estaria ainda identificado à noção de educação e polidez, aos modos e costumes no relacionamento com os demais indivíduos – uma questão de etiqueta. Todavia, o simples fato de Azara pretender civilizar uma população subalterna contrasta com a exclusividade aristocrática articulada pela nobreza como forma de legitimar sua posição no interior de uma hierarquia social. Azara já contém alguns indícios do que viria a representar o ideal de civilização burguês, algo contraditório por não abandonar totalmente sua função de diferenciação social, alternando a necessidade de manutenção hierárquica com um projeto de transformação social, uma intenção já

---

<sup>102</sup> Id.

<sup>103</sup> *Civiles* é uma palavra cujo sentido é típico de antigo regime, mas já se encontra em uso diferente daquele estabelecido por Elias que se aproxima da noção de educação e polidez dos costumes. Existe uma passagem do sentido civilizado aristocrático para o burguês, este mais relacionado a ideais de progresso e uma educação adequada a este fim. Durante os séculos XVII e XVIII, a burguesia tenta copiar os hábitos *civis* dos aristocratas; ao longo do XIX, tomam o conceito e o transformam, adaptando-o a uma visão particular. Isto será tratado adiante durante os capítulos 2 e 3. ELIAS, N. **O processo civilizador**. 2 v. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1994.

<sup>104</sup> Exposição ao Cabildo de Montevidéu em 23/08/1803 citada por PIVEL DEVOTO, op. cit., 76.

<sup>105</sup> ELIAS, op. cit.

presente no particular reformismo dos Bourbons hispânicos do século XVIII.<sup>106</sup> Mesmo anteriormente à ascensão burguesa do século XIX, esta camada social já havia absorvido o ideal civilizador aristocrático, entrando em um jogo cujas regras sempre a obrigavam a perder. Entretanto, a burguesia passaria a adaptar seu significado, e, contando com futuras teorias de progresso e transformação social, iria direcionar seus esforços a uma adequação da sociedade aos seus valores de civilização.

Uma característica importante que se atribuía à *campaña* corresponde à sua imagem de permanente violência. O que pode ser observado em Sarmiento, mas também nas versões *federais*, e mesmo em Rosas,<sup>107</sup> é o entendimento de que o campo se encontrava próximo ao estado de natureza de Hobbes. Neste sentido, a reforma significa também “pacificar la campaña”, impor-lhe ordem.<sup>108</sup> Esta violência se relaciona ao estilo de vida do gaúcho, “el tipo social más representativo del ambiente en el que había modelado su fisonomía.”<sup>109</sup> O gaúcho é a “anarquía del medio rural”.<sup>110</sup> Ao *arreglo de os campos* igualmente se incluía um empenho de “persecución de los vagos”.<sup>111</sup> “Los [indios] minuanes y charrúas con el gaucho vagabundo, representaban la parte anárquica y tumultuosa de la sociedad colonial, a la que no les vinculó lazo alguno.”<sup>112</sup> Estes setores, indígenas e gaúchos, eram colocados à margem da sociedade, como que não adequadamente integrados.

A má fama do gaúcho não fora totalmente elaborada pela Geração de '37 e seus continuadores, estando presente já no período colonial. Não foram os “civilizados” pós Geração de '37 os que inventaram o mito da barbárie gaúcha, uma vez que apenas deram a esta uma outra conotação, politizando muito sua utilização e

---

<sup>106</sup> RUIBAL, B. C. Cultura y política em uma sociedad de Antiguo Régimen. In: TANDER, E. (org.). **Nueva historia argentina: la sociedad colonial**. Tomo II. Buenos Aires : Editorial Sudamericana, 2000.

<sup>107</sup> LYNCH, J. **Juan Manuel de Rosas**. Buenos Aires : Emecé, 1984.

<sup>108</sup> PIVEL DEVOTO, op. cit., p. 77.

<sup>109</sup> Ibid., p. 95.

<sup>110</sup> Ibid., p. 135.

<sup>111</sup> Ibid., p. 188.

<sup>112</sup> Ibid., p. 218.

criando soluções diferentes, como a imigração européia. Os “civilizados” pós Geração de '37 embasavam seus argumentos em um senso comum sobre o campo que já estava sendo construído desde o período colonial. De certa forma, uma “herança ibérica”. Mas é importante frisar que Pivel não concorda totalmente com essa má reputação do homem do campo.<sup>113</sup> Não que o Antigo Regime esteja já pretendendo “civilizar” o campo com um projeto igual ao posterior proposto por personagens como Sarmiento. Mas, já no período colonial, nas reclamações ou petições de Montevideú, fala-se muito em “progresso” da cidade, e que fatores resultariam em promoção ou trava da “prosperidade pública”.<sup>114</sup> Contudo, em relação à revolução artiguista, Pivel Devoto a relaciona mais a uma continuação de uma tradição política ibérica e às reformas que estavam acontecendo na Espanha desde a formação das Cortes de Cádiz do que a um iluminismo francês. É a “penetración de las nuevas ideas, entre las que incluimos las provenientes del movimiento revolucionario peninsular”, dando maior destaque a este “reformismo” ibérico.<sup>115</sup> Esta interpretação se aproxima um pouco do livro de Halperín Donghi, publicado aproximadamente 10 anos depois, em que a Revolução de Maio se coloca muito mais articulada à tradição política espanhola e à história da sua monarquia, sua ascensão e queda, retirando-lhe a influência revolucionária francesa que fora defendida pela Geração de '37. Por outro lado, Pivel Devoto ressalta as Cortes de Cádiz em seu conteúdo de novidade, como uma reação das “novas idéias” ao antigo regime absolutista.

\*\*\*

*A Historia de los partidos políticos y de las ideas políticas en el Uruguay, la definición de los bandos (1829-1838)* é, provavelmente, a obra mais conhecida de Juan Pivel Devoto. Esta seria parte de um projeto muito mais ambicioso, contendo dez volumes, abrangendo a história das divisões políticas uruguaias desde 1810 até 1933. Todavia, apenas o segundo volume foi publicado. Este segundo tomo de uma coleção

---

<sup>113</sup> Ibid., p. 95.

<sup>114</sup> Ibid., p. 169.

<sup>115</sup> Ibid., p. 233.

incompleta é justamente aquele em que os partidos tradicionais, o *blanco* e o *colorado*, tomam forma. O livro está dividido em cinco capítulos. Ao longo dos três primeiros, Devoto desenvolve a história das facções que dominaram o cenário político do intervalo estudado; privilegiando as alianças, estratégias, vitórias e derrotas de cada um. No quarto capítulo, analisa a aplicabilidade de alguns itens da Constituição de 1830, mas também destaca algumas controvérsias geradas por alguns dos seus artigos. Questões como a da independência dos Poderes e a das Faculdades Extraordinárias do Executivo (a serem utilizadas em momentos de extrema necessidade para o Uruguai, mas temidas pelo exemplo argentino em que se tornaram praticamente permanentes nas mãos de Rosas) criaram ocasiões para interessantes discursos e publicações que pretendiam melhor entender e organizar as instituições daquele Estado recém formado.<sup>116</sup> No último capítulo, intitulado *Ideologia Social y Política*, o autor aborda alguns temas considerados importantes para o período, principalmente no que diz respeito ao entendimento que os indivíduos daquele momento formularam acerca do caudilhismo.

Do ponto de vista formal, é difícil afirmar que existiam verdadeiros partidos entre 1830 e 1838. As facções se diferenciavam simplesmente entre “oposição” e “ministerial”.<sup>117</sup> Esta divisão não era considerada de todo negativa, pois era vista como parte importante do sistema republicano.<sup>118</sup> Por volta de 1830, apesar de um periódico local rogar aos orientais o abandono da sombra dos partidos argentinos, federal e unitário,<sup>119</sup> chegou-se a acreditar que os partidos uruguaios seriam diferentes, pois não contavam com divergências tão intensas de organização institucional, o que os livraria de conflitos similares aos do Estado vizinho.

---

<sup>116</sup> Ver também para esta questão SALA DE TOURON, L.; ALONSO ELOY, R. op. cit.

<sup>117</sup> PIVEL DEVOTO, J. E. **Historia de los partidos políticos, la formación de los bandos (1829-1838)**. Montevideo : Editorial Medina, 1956. p. 229.

<sup>118</sup> Ibid., p. 230.

<sup>119</sup> Ibid., p. 55.

A formação dos partidos de Pivel Devoto aparece relacionada à dinâmica política e à disputa pelo poder entre os caudillos e suas facções. É uma luta que opõe duas essências do pós-independência: a revolução e a restauração da ordem. Por um lado, esta oposição está próxima do proposto por Herrera y Obes em 1847,<sup>120</sup> porém, possui uma diferença fundamental: além de afastar a mancha da barbárie dos *blancos*, relevando a ordem colonial perdida e a importância de figuras como a de Manuel Oribe, valorizando neste o papel de administrador espanhol de antigo-regime, Pivel Devoto não constrói esta oposição em termos de ideais teóricos, ainda que contidos em princípios, mas como algo inerente à própria personalidade dos partidos. É uma vez que a personalidade destes é escrita como profundamente ligada a dos seus líderes – o partido à imagem do caudilho, a psicologia de Rivera e Oribe se transforma em via de acesso para a compreensão do contexto de organização estatal uruguaio. Para Herrera y Obes, os *colorados* representavam o impulso civilizador da revolução americana. Este movimento não se encontraria na personalidade de Rivera, mas sim em um grupo de indivíduos que, imbuídos de princípios universais, pretendiam conduzir o Uruguai a uma cruzada contra o atraso bárbaro representado por Rosas e pelos *blancos*. Por outro lado, a revolução entendida por Pivel Devoto contém o terrível risco da desordem. Uma forte desestabilização da região também era temida no século XIX, e o risco da “anarquia” era frequentemente lançado como um alerta contra os “excessos revolucionários”. Não é por acaso que Rosas, em Buenos Aires, recebia o título de ‘*Restaurador de las Leyes*’, enquanto que os *blancos* se auto-proclamavam os ‘*Defensores de las Leyes*’, como se seus inimigos, *colorados* e unitários, carregassem consigo este germe da desordem.

A organização partidária uruguaia é gerada pela própria dinâmica do conflito entre estas duas essências do pós-independência: “una de ellas, imposición de la realidad, reflejada en la existencia del caudillo y su sistema; la otra, trasunto de un

---

<sup>120</sup> Uma de suas publicações ocupa posição central adiante no segundo capítulo, e contém diversos elementos em comum com esta obra de Pivel Devoto.

anhelo de orden y disciplina en el gobierno (...).<sup>121</sup> Com isto, este autor se transforma em uma espécie de herdeiro alberdistas.<sup>122</sup> Mas se Alberdi se contrapunha às “utopias” civilizadoras unitárias, impondo-lhes uma suposta “realidade” social argentina pouco fecunda a tais aspirações, Pivel Devoto acredita que o “real” Uruguai, no que diz respeito à sua composição social, era determinado pelo caudilhismo, e, portanto, pela revolução. Assim sendo, e por estarem organizados em torno de Rivera, os *colorados* são ao mesmo tempo um impulso ao caudilhismo e à revolução. Porém, é necessário que se tomem algumas precauções para não classificar Pivel Devoto como um inimigo desta revolução. Ainda que membro do partido *blanco* e crítico aos excessos “jacobinistas”, pode-se perceber que este autor coloca ambos os partidos como complementares à formação do Uruguai. Esta “definición de los bandos” está intimamente ligada às personalidades de Rivera e Oribe, conectadas aos princípios de liberdade e revolução, ordem e herança espanhola, respectivamente. É no conflito entre estas duas essências que se formam os partidos uruguaios.

“*Blancos y Colorados* sin llegar a constituir aún partidos orgánicos, definen sus tendencias a raíz de la guerra civil de 1836, sustentando, unos el principio de la autoridad identificado con la nación, y otros el de la revolución personificada en la figura del caudillo”.<sup>123</sup> A revolução surge no próprio caudilho. Não foram os intelectuais que dirigiram a independência. Ao contrário de Buenos Aires, a elite de comerciantes de Montevideu resistiu à Revolução de Maio. Por este motivo, foram sitiados pelas forças do caudilho Artigas, símbolo da revolução oriental. Da mesma forma, fora o caudilho Lavalleja o comandante da expedição que teria libertado a Província Cisplatina do domínio imperial. Desta forma, a revolução está ligada à psicologia do caudilho e dos seus seguidores. Seria um estilo de vida inquieto e inerentemente revolucionário. Não seria uma revolução teoricamente fundamentada

---

<sup>121</sup> PIVEL DEVOTO, **Historia de los partidos...**, p. 131.

<sup>122</sup> ALBERDI, op. cit.

<sup>123</sup> PIVEL DEVOTO, **Historia de los partidos...**, p. 154.

em livros e estudos, mas algo que poderia ser encontrado também na essência do homem platino, principalmente naquele habituado à vida da *campaña*.

Rivera, “más caudillo que militar”,<sup>124</sup> comandava a *campaña* com recursos políticos próprios, respaldado por um exército pessoal, feito à sua “imagen y semejanza”.<sup>125</sup> Este tipo de liderança representava uma importante força para aquele cenário político, impondo a um Estado ainda instável a necessidade de um permanente pacto de co-participação.<sup>126</sup> Tipificando-os como líderes rurais, “cifrabán todo su poderío en el prestigio que les rodeaba en la campaña”; estrangeiros quando em cidades, “a cuya psicología eran extraños (...)”.<sup>127</sup>

Filho da revolução, Rivera seria “el primer baqueano del país”.<sup>128</sup> Carismático, teria um “extraordinario don de simpatía y de atracción personal”.<sup>129</sup> Hábil na “destreza en dominar el caballo”,<sup>130</sup> aproximar-se-ia dos seus subordinados gaúchos no que se refere à perícia nos desafios da *campaña*. E vendo seus seguidores como “sus hijos”,<sup>131</sup> alimentava a imagem do patriarcalismo ibero-americano.<sup>132</sup> Herrera y Obes também tem em Rivera um exemplo de caudilho. E é justamente quando este é expulso que os *colorados* podem vangloriar-se de aparecer na vanguarda da civilização. Os objetivos de cada um são diversos, mas a descrição de Rivera formulada por Pivel Devoto é muito semelhante àquela idealizada por Herrera y Obes no século anterior. Dentre os diversos pontos de intersecção, encontram-se as forças

---

<sup>124</sup> Ibid., p. 10.

<sup>125</sup> Ibid., p. 9.

<sup>126</sup> Ibid., p. 145. A oposição entre a “autoridad legal del gobierno y la autoridad real del caudillo”.

<sup>127</sup> Ibid., p. 16.

<sup>128</sup> Ibid., p. 76. Baqueano é o conhecedor dos caminhos da *campaña*. Uma espécie de topógrafo gaúcho. Sarmiento o tipifica socialmente como um dos habitantes encontrados no pampa. SARMIENTO, D. F. **Facundo, civilización y barbarie**. Buenos Aires : COLIHUE, 1990. p. 68-70.

<sup>129</sup> Ibid., p. 77.

<sup>130</sup> Id.

<sup>131</sup> Ibid., p. 80.

<sup>132</sup> Seguindo as considerações de Richard Morse em *O Espelho de Próspero*, creio ser mais adequado o uso de “ibero” ao invés de “latino” pela especificidade ibérica em relação aos demais, deixando de lado hipóteses centradas em mentalidades “católicas”, “sul-européias” ou latinas em vista das diferenças históricas e sociais que os distanciam de italianos e franceses. MORSE, Richard. **O espelho de Próspero: Cultura e idéias nas Américas**. São Paulo : Schwarcz, 1995.

que cimentavam seu poder, “el paisano y su familia, los gauchos e indios sueltos”.<sup>133</sup> Rivera era o “elemento vivificador de las masas que le reconocían por caudillo”.<sup>134</sup> Excluídas do direito à cidadania pela constituição de 1830, com um sistema representativo com o qual não podiam contar, as reivindicações destas “massas” são levadas ao caudilho, em quem buscam “protección para su desamparo”:<sup>135</sup>

Esas partidas numerosas de hombres sueltos y sin residencia fija, a quienes la autoridad podía calificar de vagos, que constituían el sector más modesto de la población, y eran una supervivencia del movimiento revolucionario y una expresión instintiva de la idea de libertad que lo había inspirado, estaban llamadas a convertirse en factores decisivos para la acción política de los caudillos.<sup>136</sup>

O movimento de independência platino e as guerras que o sucederam, em especial para o caso uruguaio, resultaram em um ambiente favorável à ascensão dos caudilhos.<sup>137</sup> Em um contexto marcado pelo desejo de transformação, mas ainda carregando consigo elementos coloniais, acreditava-se que a população subordinada ao caudilho, acostumada à opressão ibérica, não estava preparada para a República, o que legitimava a limitação da concessão da cidadania.<sup>138</sup> Existia um certo consenso a respeito da grande distância entre o sistema implantado e os hábitos da população. E esta era uma opinião que poderia ser encontrada também em Sarmiento ou em Alberdi. É nesta distância entre um Uruguai “real” e um “desejado” que nasceria a guerra, uma vez que “(...) la lucha armada estaba llamada a ser el corolario fatal, el único conciliable, en un ambiente donde no existían otros hábitos que el de la violencia como medio de hacer triunfar las ideas”.<sup>139</sup> Além dos *gauchos sueltos*, grupos

---

<sup>133</sup> PIVEL DEVOTO, **Historia de los partidos...**, p. 80.

<sup>134</sup> *Ibid.*, p. 176.

<sup>135</sup> Além disso, Pivel Devoto supõe que o caudilho poderia infundir nos seus subordinados algo como um nacionalismo uruguaio: “Identificado con ellas, el caudillo supo infundirles la pasión de un sentimiento colectivo, que se confundía con el de la nacionalidad.” PIVEL DEVOTO, **Historia de los partidos...**, pp. 67/75.

<sup>136</sup> *Ibid.*, p. 72.

<sup>137</sup> *Ibid.*, p. 74. “La independencia del país consagro en los hechos el triunfo de los caudillos a cuyo principal esfuerzo aquella era debida”.

<sup>138</sup> *Ibid.*, p. 232.

<sup>139</sup> *Ibid.*, pp. 90-91.

indígenas que se organizavam em torno ao caudilho eram também seguidamente acusados de depredar a *campaña*,

los indios del Cuareim<sup>140</sup> resultaban auxiliares codiciados por los caudillos que programaban empresas sobre Misiones y Corrientes ya fuera para alterar el orden, extraer ganados, o dar rienda suelta a los planes quiméricos que en sus espíritus inquietos suscitaban aquellos vastos desiertos sin límites definidos.<sup>141</sup>

Toda esta violência creditada ao caudilhismo era vista como uma “manifestación de nuestra realidad política y social, (...) [uma] influencia personal de los caudillos alrededor de quienes se congregaban las masas populares que habían hecho la revolución (...)”.<sup>142</sup> De modo geral, não apenas Pivel Devoto, mas também a historiografia uruguaia confere às guerras civis o aparecimento de uma cultura de violência e de retrocesso econômico, pois “veinte años de guerras habían cegado casi las fuentes de riqueza del país, confundido los ganados, desmejorado los establecimientos de campo, alterado la estructura social y económica del medio rural y relajado los hábitos de trabajo de sus pobladores”.<sup>143</sup>

Não obstante esta “ruralização do poder”, parte da elite de Montevideú permaneceu ativa, alguns formando blocos de oposição, outros aderindo aos caudilhos e ocupando posições administrativas no interior dos partidos, do próprio Estado ou em outras “burocracias caudilhescas”. A historiografia uruguaia os chama de ‘doctores’, indivíduos que se sentiam repelidos pelos caudilhos “por el antagonismo que trasuntaban y por ser psicológicamente extraños”.<sup>144</sup> Realizando esta aproximação com

<sup>140</sup> Rio Cuareim, ou Quaraí em português. É um dos rios que assinalam os limites entre Brasil e Uruguai.

<sup>141</sup> PIVEL DEVOTO, **Historia de los partidos...**, p. 12 A idéia de “vastos desertos” como determinantes na formação social platina também está contida em Sarmiento e em outros contemporâneos. SARMIENTO, op. cit., pp. 49-61.

<sup>142</sup> Ibid., p. 67.

<sup>143</sup> Ibid., p. 72.

<sup>144</sup> Continuando, “Pero debía ser ésa una norma en nuestra historia política. Los ‘caudillos’ armonizando con los ‘doctores’, sin quererse unos y otros, como medio de mantener el equilibrio y la paz; o distanciados radicalmente, y unidos los caudillos de uno y otro partido para combatir la tendencia principista que agrupaba también a ciudadanos de bandos opuestos, pero ligados por ideas comunes.” Ibid., p. 24.

vistas a uma maior participação política, este setor de intelectuais revestiria a “intuição” caudilhesca “de formas cultas con la pluma de los doctores”.<sup>145</sup>

Já a partir da constituinte que deu origem à carta magna de 1830, existiu uma tendência a limitar o poder dos caudilhos, ou militares, no interior do Estado. “Dominados por una indisimulada prevención contra el caudillismo”,<sup>146</sup> aquela primeira Constituição pretendia restringir sua participação, chegando a proibir a eleição de militares, mas também de empregados civis, para a Câmara de Representantes.<sup>147</sup> Preocupados constantemente com dois extremos, a anarquia e o absolutismo, pretendiam organizar um Estado capaz de manter a ordem, defendendo o que acreditavam ser um sistema republicano.<sup>148</sup> Dentre outras prevenções, foi determinada a proibição do porte de armas em seções eleitorais,<sup>149</sup> e estudou-se o impedimento do sufrágio para os soldados de baixa graduação, pois eram considerados demasiadamente influenciáveis por seus oficiais.<sup>150</sup> Comerciantes, advogados e grandes proprietários, principalmente os sediados em Montevideú, trataram de “tomar o poder” através desta Assembléia Constituinte, porém tiveram pouco sucesso, e logo foram obrigados a cooperar com Rivera, primeiro presidente eleito.<sup>151</sup>

Na medida em que Pivel Devoto caracteriza esta divisão entre *doctores* e *caudillos*, ele transcreve uma oposição consagrada do imaginário político do século XIX. Este autor reforça determinados antagonismos: cidade contra a *campaña*; “clase

---

<sup>145</sup> Ibid., p. 67.

<sup>146</sup> Ibid., p. 39.

<sup>147</sup> Ibid., p. 44. Esta prevenção em relação à influência das armas não era uma novidade. Com a Banda Oriental tomada pelo artiguismo, o padre Perez Castellanos já reclamava da presença desconfortável de militares em assembléias ou votações. PEREZ CASTELLANO, J. M. **Selección de escritos: crónicas históricas (1787-1814)**. Montevideú : Ministério da Cultura, Biblioteca Artigas, 1968. pp. 149-181.

<sup>148</sup> Ibid., p. 53.

<sup>149</sup> Ibid., p. 58.

<sup>150</sup> Ibid., pp. 68-69. A propósito, prática ainda adotada para o Brasil deste início de século XXI, onde os recrutas do serviço militar têm seus títulos eleitorais confiscados pelas forças armadas, sendo proibidos de votar.

<sup>151</sup> Ibid., p. 75.

doctoral” versus caudilhos.<sup>152</sup> Herrera y Obes, em 1847, sustentava sua argumentação justamente nestas oposições. Estando os *doctores* e a cidade supostamente ao seu lado, estes representariam a intelectualidade e a civilização num embate histórico contra a barbárie caudilhesca, esta apoiada pelo ambiente rural. Pivel Devoto não utiliza estes termos sarmientianos para hierarquizar estes extremos sociais, mas mantém a construção destas categorias rivais como geradoras de duas essências constituintes da sociedade uruguaia. Enquanto a maioria dos “doctores y ilustrados” ou apoiaram a presença do Império do Brasil, ou simplesmente não adotaram uma posição definida,<sup>153</sup> a parcela da população responsável pela independência então dependeria da presença dos caudilhos para ter alguma participação política, mesmo que gritantemente subalterna. Subsistiriam, então, dois governos: “el de la campaña ejercido por el caudillo y el de la ciudad a cargo de los doctores”.<sup>154</sup> A dualidade do poder uruguaio seria ainda reforçada pela criação do cargo de *Comandancia General de la Campaña*, especialmente criado para Rivera no início da presidência de Manuel Oribe.

Como argumento para explicar o surgimento dos partidos *blanco* e *colorado*, é nesta dualidade entre a *campaña* e a cidade, entre o caudilho e o cargo institucional da presidência da república, entre a revolução e o desejo pelo retorno da ordem, entre Rivera e Oribe, que Pivel Devoto pretende amparar seu livro. “Señalar el año 1830 como término concreto de período revolucionario, es hacer esa clausura artificiosa y estéril que cierra el camino de lo real en el estudio de los procesos históricos”.<sup>155</sup> Fructuoso Rivera representaria uma teimosa revolução; Manuel Oribe apareceria no anseio de volta à ordem e à paz. Esta restauração de uma ordem colonial tradicional espanhola entraria em choque com estes homens “filhos da revolução”. Os anos de guerra que transcorreram entre a primeira invasão inglesa de 1806 e o acordo de paz

---

<sup>152</sup> Id.

<sup>153</sup> Ibid., p. 74.

<sup>154</sup> Ibid., p. 80.

<sup>155</sup> Ibid., p. 154.

de 1828 transformaram a sociedade platina, conduzindo-a de uma estabilidade colonial para uma instabilidade caudilhesca. A presença de Oribe, e para Pivel Devoto, sua psicologia, teria como rival “el estado social de nuestro medio, reflejado en el prestigio y la influencia del caudillo, [que] se opuso a la realización de eses propósitos de política orgánica y disciplinada”.<sup>156</sup>

A temática fundadora do caudilhismo, cuja construção se define principalmente ao longo das décadas de 1830 e 1840, introduziu àquelas sociedades uma pioneira versão interpretativa da sua história. Não que esta fosse totalmente nova, visto que dava continuidade a uma leitura social da *campaña* já parcialmente elaborada durante o período colonial, mas constituía um novo arranjo para estas questões agora adaptadas aos desafios intelectuais enfrentados pelas personagens das guerras entre *federais e unitários, blancos e colorados*. Para as gerações posteriores, as formulações “clássicas” dedicadas ao caudilhismo representavam um ponto de partida para novas interpretações. Indivíduos como Sarmiento se tornaram referências quase que obrigatórias de citação, não importando se para refutar ou reforçar algum argumento. Mais do que isso, uma vez que Sarmiento apenas desenvolveu uma versão própria de algumas idéias que já circulavam há algum tempo, todo um campo intelectual se encontrava subentendido em boa parte dos textos cuja intenção seria analisar a sociedade platina. Em especial para o caso uruguaio, a existência continuada dos partidos *blanco* e *colorado* estava sempre disposta a reavivar sua história de disputas, trazendo consigo estas “clássicas” teorias que davam sentido à sua atuação política.

Os dualismos definidos pelos contrastes entre a *campaña* e a cidade, entre o caudilho e o Estado, entre *blancos* e *colorados*, foram diversas vezes reposicionados por posteriores pensadores. Como veremos adiante, estas oposições seriam muito mais utilizadas por *unitários* e *colorados*, mas mesmo futuros autores *blancos* as reconheceriam como abertura de novos trabalhos. Lendo o trabalho de Pivel Devoto, é

---

<sup>156</sup> Ibid., p. 176. “Oribe, cuyas actitudes e ideas trasuntan el estilo de la vida colonial personificó aquel anhelo. Pero a su honrada vocación de gobernante a la española, amigo del orden y de buena administración (...)”.

possível perceber a força destes dualismos que, neste caso, comportariam a essência psicológica das forças que dinamizaram a sociedade uruguaia. Definidos pelas personalidades de Fructuoso Rivera e Manuel Oribe, estes dualismos ao mesmo tempo definem o caudilhismo e a necessidade de derrotá-lo, representando tanto a revolução e a independência quanto o anseio pelo retorno à ordem e à organização de um Estado-nação. Enfim, Pivel Devoto reposiciona, porém mantém os elementos básicos que caracterizam as interpretações “clássicas” que o precederam.

### 1.3.2 Abril Trigo

Através de um interessante livro de Abril Trigo, *Caudillo, Estado, Nación. Literatura, historia e ideologia en el Uruguay*,<sup>157</sup> podemos ao mesmo tempo mapear um pouco da utilização das oposições *doctores-caudillos/gauchos*, *cidade-campaña*, *civilização-barbárie*, assim como a construção e a utilização do mito de Artigas desde o fim do século XIX até as últimas décadas do XX. Além disso, analisando o próprio autor, podemos perceber que, ainda que retirando o julgamento prévio, depreciativo e preconceituoso normalmente encontrado no pensamento do século XIX, este autor mantém alguns dos seus temas como pontos de partida de discussão.

Principalmente no que se refere à primeira metade do XIX, presente em seu primeiro capítulo, Abril Trigo mantém uma imagem histórica muito próxima àquela desenhada por indivíduos como Sarmiento ou Manuel Herrera y Obes, e ainda utiliza termos como “civilizado” ou “bárbaro”, identificando o primeiro ao europeu habitante na cidade, e o segundo ao gaúcho, visto como tipo social predominante da *campaña*. Desta forma, “Montevideo, producto de la política borbónica, no sería ciudad letrada ni monacal, sino bastión militar, ciudad puerto, enclave mercantil, cuña civilizadora empotrada en la entraña de la frontera bárbara, dibujada a las orillas del río como mar

---

<sup>157</sup> TRIGO, op. cit.

según la minuciosa preceptiva de las leyes de Indias.”<sup>158</sup> Tomando como verdadeiras impressões profundamente politizadas como a de Andrés Lamas, membro do partido *colorado* extremamente envolvido com a Guerra Grande, Abril Trigo coloca os gaúchos como indivíduos socialmente determinados pela extração do gado *cimarrón*, pelas grandes distancias geográficas do pampa e pela “rebarbarização” do europeu em contato com o Novo Mundo.<sup>159</sup>

Na seqüência, esta sociedade bárbara

determina que el caudillo, *primus inter pares*, ha de ser un desprendimiento de la masa que le sigue, capaz de interpretar las vibraciones de ese cuerpo social que, bajo circunstancias de crisis o peligro, se identifica en él. (...) Ese es el rol del Artigas de la Redota: una masa fragmentaria, informe, indefinida, acorralada por enemigos múltiples, acude al caudillo en busca de amparo y conducción, porque él es la llave, el freno y el maestro; él, no la tierra de horizontes abiertos, es el núcleo de la nación en cierne; en él reside, por delegación voluntaria de sus miembros en un pacto escrito a punta de tacuara, la soberanía de la tribu emergente de la nebulosa original.<sup>160</sup>

O caudilho é aquele que acolhe e recolhe para si as reivindicações e as expectativas da população gaúcha, tornando-se seu líder e porta-voz. Não é o pampa e seu deserto, não é a geografia sarmientiana de “horizontes abiertos”, mas é o caudilho o que define “el núcleo de la nación en cierne”.

A oposição entre caudilhos bárbaros, estes identificados com a “realidade nacional”, e *doctores* idealistas e civilizados fica também evidente na medida em que os coloca como representantes “de dos culturas distintas de las que son expresión característica: el caudillo popular e indisciplinado, identificado con el espíritu localista, y el elemento doctoral de la ciudad, con frecuencia alejado de la realidad nacional, unas veces por su desconocimiento del medio y otras por la influencia de una formación cargada de doctrinarismo.”<sup>161</sup> Abril Trigo coloca no caudilho um “conhecimento instintivo e práctico” de uma suposta “realidade nacional”, o que

---

<sup>158</sup> Ibid., pp. 10-11.

<sup>159</sup> Ibid., p. 13.

<sup>160</sup> Ibid., p. 17.

<sup>161</sup> Ibid., p. 19.

poderíamos entender como um conhecimento profundo da sua geografia e da sua gente (os gaúchos), em oposição a um setor de intelectuais clausulados, ou pela guerra ou por falta de interesse pela *campana*, em Montevideu. Mantendo uma interpretação já exposta por Alberdi e invertida por Pivel Devoto,<sup>162</sup> a autora aponta que estes *doctores* construiriam seus ideais não pela análise da “realidade”, mas por teorias importadas do contexto europeu que pouco poderiam fazer pela América. Suas teorias, elaboradas conjuntamente aos exilados vindos de Buenos Aires, seriam

la iniciativa más audaz y definitiva contra la ‘gauchocracia’. En la atmósfera cosmopolita y romántica del Montevideo sitiado (‘...Pero, ¿qué ciudad es ésta?, ¿es la ciudad de América, es la ciudad oriental? No; es la ciudad de los europeos...’ [citando Berro, responsável pela réplica *blanca* a Herrea y Obes]) se diseña el más refinado montaje ideológico que conociera esta parte del mundo, al racionalizar maniqueamente la dialéctica geopolítica, otorgándole fundamento de axioma moral. La irrupción del romanticismo liberal, teñido con los balbuceos del utopismo social importado por Esteban Echeverría (...), les proporciona un juvenil empuje mesiánico y misionario, no exento de soberbia.<sup>163</sup>

Para o Uruguai, já que para a recente historiografia argentina os caudillos são considerados também construtores do Estado, Abril Trigo ainda reserva a estes líderes gaúchos um papel anarquizante e destabilizador. E será justamente o fortalecimento do Estado aquele que aniquilará o caudilho como “categoría histórica”.<sup>164</sup> Apesar desta afirmação, a autora ainda encontra no caudilhismo um longo processo de agonia, mas também elabora a idéia de caudilho urbano – uma espécie de líder populista das massas, cujo exemplo, no século XX, estaria na figura do *blanco* Luís Alberto de Herrera.

Também em Abril Trigo, o caudilhismo é um elemento fundador para a historiografia uruguaia: “Pues todos los proyectos estatales que cruzan nuestra historia, así como las diversas concepciones de nación en que se engarzan, son partes de un mismo y único discurso, permanentemente reiniciado, vertebrando en el imaginema

<sup>162</sup> Invertida, pois ele coloca os *blancos* ao lado das idéias e Rivera ao lado da “realidade caudilhesca”.

<sup>163</sup> TRIGO, op. cit., p. 19.

<sup>164</sup> Ibid., p. 26.

*caudillo*.”<sup>165</sup> É um ponto de partida para medir e classificar o Estado segundo uma gradação da interferência do personalismo do líder rural. O Estado “melhor formado” é o menos caudilhesco, ou, segundo o padrão do século XIX, ao menos aquele em que o caudilho urbano se adapta ao seu funcionamento. É por este motivo que tanto Abril Trigo como a historiografia uruguaia em geral identificam a formação de um “verdadeiro” Estado com a ascensão do Coronel Latorre,<sup>166</sup> pois seria aí, a partir da década de 1870, que o Estado se tornaria mais poderoso do que as forças particulares do caudilho que até então o detinham como permanente refém de milícias gaúchas vindas do interior. A partir de Latorre, mas principalmente com a presidência de Batlle, as mudanças sofridas pelo “aparato estatal (que oficia ahora realmente como ‘nacional’) crece en tamaño y funciones e interviene en todas las instancias de la vida nacional”.<sup>167</sup> Com isto observamos também a existência de uma forte identificação entre Estado e Montevideú, mantendo, como sempre, a oposição cidade-civilização versus campo-barbárie.

Assim como se costuma dizer a respeito do Brasil, é também com a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai que se organiza o exército profissional no Uruguai, um elemento classificado como “iniciación a la modernidad”.<sup>168</sup> Surge o militarismo como “una reiteración, aumentada, del caudillaje”.<sup>169</sup> Curioso, porém, que este fortalecimento do exército em detrimento ao enfraquecimento de forças milicianas

---

<sup>165</sup> Ibid., p. 29.

<sup>166</sup> Os governos colorados de Lorenzo Latorre (1876- 1880), Máximo Santos (1882-1886) e Máximo Tajes (1886-1890) foram capazes de centralizar o Estado, tornando cada vez mais raros e pouco frutíferos os levantes de caudilhos. O último grande levante *blanco* foi o protagonizado por Aparício Saravia (Seu sobrenome se alterna de Saraiva para Saravia. Aparício era irmão de Gumercino Saravia, caudilho que participou da Revolução Federalista no Brasil, inclusive tomando parte do cerco da Lapa). Este último levante caudilhista foi sufocado pelo governo *colorado* de José Batlle y Ordoñez, presidente identificado com a entrada do Uruguai na “modernidade”. Sala de Touron e Alonso Eloy sustentam este mesmo raciocínio sobre o Estado, identificando a sociedade em que predominam o caudilho e relações protocapitalistas de produção e trabalho como um período de transição. SALA DE TOURON, L.; ALONSO ELOY, R. op. cit. p. 7.

<sup>167</sup> RIBEIRO, op. cit., p. 28.

<sup>168</sup> TRIGO, op. cit., p. 32.

<sup>169</sup> Ibid., p. 35.

irregulares fosse defendido por aqueles *doctores* que não temiam a violência em si, mas a violência desorganizada e não “racionalizada”. Ainda sim, a influência do militar na política, já era temida e tida como nefasta desde a organização da constituinte de 1830, em que se procura proibir a eleição de militares para a Câmara de Representantes.

Neste final de século XIX, a presença de *Facundo: civilización y barbarie* ainda é marcante; mesmo que em caso de discórdia, ainda é necessário escrever a partir dos seus preceitos: “tanto Ordaña como Varela critiquen la falacia sarmientina, no obstante propiciar un embate frontal contra las fuerzas anárquicas de la barbarie.”<sup>170</sup> José Pedro Varela, intelectual responsável pela redação de uma lei de reforma do ensino público, afirmava que a idéia de barbarie seria “relativa”, e a prefere como um estado de ignorância a ser sanado por um sistema educacional eficiente orientado pelo Estado.<sup>171</sup> Citando Ordaña: “Aquí no existe el desierto como desierto: aquí existe la soledad, el apartamiento de las poblaciones, pero no hay pampas, ni chacos, ni ninguna de aquellas extensiones en que las otras Repúblicas del continente se van gradualmente ensanchando, haciendo retroceder á los aborígenes al desierto.”

Ao contrário da vizinha Argentina, no Uruguai não haveria mais o deserto sarmientiano. As fronteiras, ao final do XIX, estavam demarcadas e ao alcance do Estado. As estâncias já estavam cercadas por quilômetros de arame, e o *gaucho suelto* se encontrava em extinção. O problema do Uruguai não seria a grande extensão, mas a capacidade desta sociedade concentrar uma população esparsa.<sup>172</sup> O Uruguai já não tem um território reserva a conquistar, e os últimos indígenas infieis e indomados haviam sido aniquilados por Rivera a partir da década de 1830. Neste sentido, aquilo

---

<sup>170</sup> Ibid., p. 43.

<sup>171</sup> É interessante salientar que Sarmiento também depositava suas esperanças na educação pública como caminho para a civilização da Argentina. Mais do que isso, Sarmiento escreveu métodos de ensino para uso escolar, é, até hoje, visto também como um “educador”, um “pré-pedagogo”. Mais adiante, poderemos perceber que este era um desejo já presente em ambas as margens do Prata ainda na primeira metade do século XIX. Contudo, essas idéias somente seria postas em prática de forma mais intensa ao final daquele mesmo século.

<sup>172</sup> TRIGO, op. cit., p. 45.

que deu significado à Banda Oriental colonial e aos primeiros anos de sua independência – a região essencialmente marcada pela fronteira – já havia desaparecido. Tanto a luta entre os impérios ibéricos, depois continuada por Brasil e Argentina, como a própria conquista da *campaña* pela cidade e pelo Estado, já estavam terminadas. O país-fronteira já havia desaparecido,<sup>173</sup> e a “dupla revolução” detectada por Pivel Devoto e ressaltada por Herrera y Obes já estaria praticamente concluída.

#### 1.4 QUESTÕES ATUAIS ACERCA DO “CAUDILHISMO CLÁSSICO”

Esta seção não pretende esgotar as discussões e sentidos usados para o caudilhismo, mas apenas indicar algumas novas abordagens que vêm matizando o seu uso “clássico” instaurado pela primeira metade do século XIX e reutilizado pelas gerações platinas posteriores.

##### 1.4.1 Dualismos: poder institucional e personalizado; civilização e barbárie; rural e urbano.

Para sua formulação clássica, o decisivo argumento que explicaria o surgimento do fenômeno caudilhisto encontra-se na especificidade histórica platina. A própria dinâmica história que teria provocado a suposta “anarquia” de 1820, associada a uma tradição ibérica condicionada por uma geografia determinista e por uma sociedade “gaúcha” e rural de frouxos laços sociais seria a geradora do caudilhismo. Este é encarado como produto de uma conjugação destes diversos fatores. Para Sarmiento, é o fruto platino da barbárie, mas, também, seu principal agente. Ao mesmo tempo, é causa e sintoma.

---

<sup>173</sup> Ibid., pp. 45-46.

Todavía, esta “anarquia” vem sendo matizada por novas abordagens. O vazio institucional que a provocara não existiria, uma vez que o vice-rei fora substituído por uma série de instituições autônomas provinciais. A província surge como entidade política nova a partir de 1820.<sup>174</sup> Após o fracasso das tentativas centralizadoras – temporariamente abandonadas com a deposição de Bernardino Rivadavia, são os Estados Provinciais aqueles que se organizam e se desenvolvem ao longo da primeira metade do século XIX. Para a província de Buenos Aires do governo Rosas, recentes estudos de Juan Carlos Garavaglia vêm demonstrando um admirável crescimento do aparato estatal. Amparado em dados orçamentários, evidenciam-se seus ascendentes investimentos, e, estimando-se o erário disponível para cada uma das suas repartições, é possível imaginar até que ponto poderia ter chegado o poder de intervenção e influência do governo de Rosas em seu território.<sup>175</sup>

En el Río de la Plata, las etapas iniciales del proceso de independencia fueron protagonizadas institucionalmente por las ciudades o ‘pueblos’ y sus organizaciones capitulares, compuestas de representaciones tanto sociales como territoriales, no así étnicas como es el caso de otras regiones de Hispanoamérica, por ejemplo, los Andes o Nueva España. Hacia 1820, estas ciudades junto a sus campañas, se convirtieron en ‘soberanas’ bajo la forma de Estados provinciales, con distintos grados de desarrollo institucional y firmaron un pacto de confederación en 1831. Durante el período coexistieron así Estados autónomos junto a proyectos constitucionales de unidad mayor, que no lograron consolidarse antes de la proclamación de la constitución federal de 1853<sup>176</sup>.

Nisto concorda Silvia Ratto que, em nota de citação a Chiaramonte, entende que os Estados provinciais da década de 1820 não são uma fragmentação de uma nação supostamente preexistente, mas, sim, um ponto de partida para uma organização político-estatal pós-independência.<sup>177</sup> De certa forma, ao longo do território argentino, surgem uma série de cidades-estado que, em torno a suas áreas rurais de influência, formaram as províncias. Assim, as elites locais defenderam seus interesses em um

<sup>174</sup> GOLDMAN, N.; TEDESCHI, S. op. cit., p. 138.

<sup>175</sup> GARAVAGLIA, Juan Carlos. La apoteosis del Leviathán: el estado em Buenos Aires durante la primera mitad del siglo XIX. *Latin American Research Review*, v. 38. 1, fev. 2003.

<sup>176</sup> GOLDMAN, N.; TEDESCHI, S. op. cit., p. 137.

<sup>177</sup> RATTO, op. cit., p. 242.

ambíguo jogo entre a manutenção dos laços de união com os ex-colegas de um mesmo vice-reinado e o resguardo das soberanias locais. Amparados em uma noção de direito natural que afirmava o caráter de livre adesão a um pacto social, logo transformado em pacto de sujeição, legitimavam suas ações na defesa das soberanias regionais.

Com acerto, Chiaramonte faz uma transposição entre a noção de indivíduo e a noção de “povo”.<sup>178</sup> Este “povo”, sem um contorno étnico definido, e que se materializa na cidade, torna-se um indivíduo que, junto aos demais “povos” das demais províncias, teria a escolha de aderir ou não a um Estado Central. Isto não pode ser confundido com uma democracia contemporânea, mas deve ser entendido como algo próximo a um pluralismo de Antigo Regime em que unidades diferentes concorrem ou se associam na formação de Estados. A linguagem utilizada nas primeiras décadas do XIX evidencia esta particularidade da idéia de indivíduo e de povo. A “liberdade dos povos”, exaustivamente repetida por lideranças das campanhas de independência, expõe a própria pluralidade de povos que poderiam ser libertados do jugo espanhol. E mesmo em eleições representativas, era muito forte a idéia de que cada grupamento urbano, por menor que fosse, representava um indivíduo do ponto de vista jurídico e, o mais importante, em igualdade de direitos em relação a outros centros urbanos maiores. Desta forma, apesar da liderança herdada por Buenos Aires do período colonial, uma organização estatal central com a cidade *porteña* como capital não era tida como totalmente óbvia ou legitimada. E seguindo o mesmo raciocínio, a independência conquistada contra a metrópole europeia não necessariamente significaria uma transposição automática do centro político para Buenos Aires, pois, como se argumentava na época, as províncias poderiam se tornar apenas colônias desta capital. Ainda que a sede do Vice-reinado do Prata se encontrasse em Buenos Aires, esta seria apenas uma instância administrativa representante do monarca espanhol; a partir deste soberano estariam ligados todos os espanhóis, tanto os europeus como os americanos. Vazio o trono espanhol, ou

---

<sup>178</sup> CHIARAMONTE, José Carlos. **Nación y estado en iberoamérica...**

quebrado este pacto que os unia, caberia a cada “povo”, ou a cada localidade, a livre decisão de aderir ou não a um novo pacto social. Enquanto foi hegemônico o Partido Federal, principalmente sob a liderança de Rosas, o poder central formalmente estabelecido simplesmente não existia. Sendo apenas governador da província de Buenos Aires, Rosas adquiriu legalmente uma primazia em relação aos demais governadores com o pacto da confederação de 1831. Este pacto lhe deu a posição de porta-voz para os assuntos internacionais da Confederação Argentina. Desde a derrocada *unitária* de Rivadavia em 1827 até a Constituição escrita sob o poder de Urquiza em 1853, fora o pacto confederativo o responsável jurídico pela manutenção da união entre as províncias argentinas.

A Banda Oriental não escapou a estas questões do parágrafo precedente. Proclamando-se Artigas protetor do “povo oriental”, ele pretendia não somente defender este “povo” do colonialismo europeu, mas faria o mesmo em relação à opressão vinda da cidade vizinha de Buenos Aires. Assim sendo, não enviou representantes para o Congresso de Tucumán de 1816. Em uma fonte muito interessante para este período, o padre José Manuel Perez Castellano, escolhido “diputado elector” do “pueblo de Concepción de Minas” em 1813, questiona a submissão da Banda Oriental a Buenos Aires, pois, no seu entendimento,

el mismo derecho que tuvo Buenos Aires para sustraerse al gobierno de la metrópoli en España, tiene esta Banda Oriental para sustraerse al gobierno de Buenos Aires. Desde que faltó la persona del rey que era el vínculo que a todos nos unía y subordinaba, han quedado los pueblos acéfalos y con derecho a gobernarse por sí mismos<sup>179</sup>.

Ainda que caudilhescas, as elites regionais ergueram e se aproveitaram destas instâncias estatais. Estudando o “mítico” Juan Facundo Quiroga, Noemi Goldman e Sonia Tedeschi encontraram uma coexistência do poder político destas lideranças personalizadas junto a poderes provinciais legais.<sup>180</sup> Estas autoras questionam a dicotomia tradicional da oposição entre campo-cidade, algo intensamente explorado

---

<sup>179</sup> PEREZ CASTELLANO, J. M. op. cit., pp. 171-172.

<sup>180</sup> GOLDMAN, N.; TEDESCHI, S. op. cit., p. 135.

pelas versões sarmientianas de construção de uma interpretação social para o Prata. Durante a ‘Guerra Grande’, Montevideú surge como um exemplo que corroboraria esta oposição, contudo, aquela divisão imposta pela guerra aos uruguaiois estava mais articulada ao território que cada partido conseguia controlar do que a um choque de populações totalmente identificadas ao urbano ou ao rural. Porém, e inclusive para Sarmiento, Montevideú aparecia como uma justa defensora da civilização; protetora de valores universais em guerra contra a barbárie da *campaña*, vinda de Rosas e dos *blancos*. Por outro lado, é ainda mais difícil encontrar um exemplo propriamente argentino que valide esta divisão entre a cidade e o campo. Outro elemento clássico do caudilhismo se define pelo excessivo valor atribuído ao poder personalizado e supostamente livre de qualquer revestimento legal ou institucional que este fenômeno poderia possuir. Mantendo uma construída característica “bárbara”, a voz do caudilho se confunde totalmente com a da lei, libertando-o da necessidade de legitimar legalmente seus atos ou decisões.

Goldman e Tedeschi comparam o governo de Estanislao López em Santa Fé ao de Quiroga em La Rioja. Ambos classificados de caudilhos, estas autoras apontam como suas atuações não seguiram um mesmo caminho, tomando decisões diversas do que um caudilhismo clássico pareceria prever. López chega a formar um exército praticamente profissional, algo que não se costuma atribuir aos caudilhos, geralmente confiantes na força das milícias informais que comandavam. Porém, para ambos os casos, “necesitaron articular su capacidad de mando con una estructura militar de herencia colonial, reorganizada en el nuevo espacio de la soberanía provincial luego de 1820”.<sup>181</sup> Nas conclusões do seu artigo, as autoras procuraram advertir seus leitores “sobre la existencia de un conjunto de prácticas consuetudinarias y vínculos formales que articularon las relaciones de los caudillos con el ámbito institucional provincial, las milicias y otros agentes económicos”.<sup>182</sup> Os caudilhos não seguiam totalmente a

---

<sup>181</sup> Ibid., p. 145.

<sup>182</sup> Ibid., p. 155.

cartilha de conduta a eles escrita pelos *unitários*, mas adequavam suas ações a práticas locais já bem assentadas, articulando-as às necessidades do momento. E para demonstrar como o caudilho também dominava os métodos urbanos de se “ganhar a vida”, Goldman e Tedeschi examinaram os negócios particulares de Quiroga. Este diversificou seus interesses não apenas nas tradicionais estâncias ou propriedades rurais, mas também em empreendimentos comerciais, inclusive direcionados para uma economia interprovincial.<sup>183</sup> Além disso, também obtinham importantes dividendos como provedores do Estado provincial, como, por exemplo, garantindo seu suprimento bélico.<sup>184</sup>

Rosas e Artigas também enfrentaram costumes tradicionais ibéricos e se obrigaram a lidar com aspirações e legitimações diversas daquelas costumeiramente colocadas pelo caudilhismo “clássico”. Rosas, como igualmente o fizeram os *unitários*, apropriou-se da Revolução de Maio, e proclamando-se seu defensor, revestiu seu discurso de uma legitimação republicana. Não ignorou a “vontade popular”, apoiou eleições e plebiscitos (por ele controlados) que investiam legalmente seu poder, mas mantendo uma herança de incorporação política e de inclusão subordinada de Antigo Regime. Combatia os “anarquistas” unitários e seus aliados europeus (em especial franceses) em favor de uma idealmente elaborada “independência americana”, em prol da “liberdade de los pueblos” (o que se confunde com federalismo) e lutou pela conservação da “Confederação”. Alguns anos antes, Artigas ambicionava a formação de “cidadãos”, harmonizando a construção da república com uma “soberania popular” emanada desde os governos locais dos cabildos. Para isto, Artigas intermediou aspirações de grupos sociais heterogêneos: a elite de Montevideú, os vizinhos dos pequenos povoados e seu próprio exército. Conclui-se que o poder de Artigas – para alguns “herói fundador da nacionalidade uruguaia”, e para outros “chefe de bandidos”<sup>185</sup> - não se encontraria exclusivamente

---

<sup>183</sup> Ibid., p. 152.

<sup>184</sup> Ibid., p. 153.

<sup>185</sup> GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. op. cit., p. 23.

assentando no ambiente rural, e que, se possível, este também buscaria apoio e legitimação entre a população urbana, e, conseqüentemente, “formas urbanas” de legitimação.

Retornando ao artigo de Silvia Ratto, observamos como os caudilhos se vincularam às instâncias estatais provinciais a partir de 1820, reforçando uma coexistência entre o poder pessoal do caudilho e determinadas estruturas legais.<sup>186</sup> Os caudilhos tinham grande preocupação na institucionalização do seu poder.<sup>187</sup> Desta forma, o caudilhismo até então demasiadamente explicado como uma “luta histórica entre a sociedade e suas instituições” aparece articulando-se a instâncias que a princípio deveria combater.<sup>188</sup> A importância destas considerações decorre de um consenso que, por muito tempo, culpou os caudilhos pelas dificuldades enfrentadas na construção de um Estado Central para o século XIX.

Na medida em que organizavam seus “governos”, estas lideranças rurais “bárbaras” seguiam práticas costumeiras, inclusive utilizando-se da burocracia. Portanto, dúvidas emergem a respeito da dualidade clássica de oposição entre instituições e poder personalizado ou informal, demonstrando como coexistiam métodos diversos de acumulação de poder, com diferentes formas de legitimação. Mais do que isso, os caudilhos buscavam toda esta diversificação, uma vez que lhes assegurava uma base de apoio muito mais ampla, justificando seu domínio a públicos com diferentes necessidades de legitimação.<sup>189</sup>

Porém, este fenômeno social pode aparecer como uma possibilidade de inclusão “del ámbito rural a la vida política local. Relación de la cual las zonas rurales

---

<sup>186</sup> RATTO, op. cit., p. 242.

<sup>187</sup> GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. op. cit., p. 24.

<sup>188</sup> SVAMPA, op. cit., p. 69.

<sup>189</sup> Curioso notar que Zás trabalha numa instituição, a Aduana, que está a serviço de um caudilho, Artigas, e lá ele combate a arrecadação de impostos feita por outro caudilho, o Encarnación. Em última instância, é um caudilho contra outro. Mas é o “tradicional malvado” que Zás critica. Zás nem comenta Artigas como caudilho, e está ali, defendendo uma burocracia que está, na verdade, a serviço de outro caudilho (pelo menos do ponto de vista tradicional, já que Artigas é visto como O caudilho). Talvez Zás não considere aquilo um caudilhismo. Ver terceiro capítulo.

surgieron como algo más que espacios de reclutamiento de hombres y campos de batallas”.<sup>190</sup> O caudilho apareceria como uma ligação entre diferentes posições sociais, conduzindo e filtrando reivindicações dos seus seguidores. Mais e mais, compreende-se como as relações entre este líder e seus subalternos incluíam uma densa negociação. O caudilho não poderia ignorar as práticas e costumes de um campesinato suficientemente ciente de seus (limitados) direitos. No que concerne a exploração da terra, o gaúcho camponês confiou ao seu superior a aquisição ou a segurança de uma propriedade rural, ou ainda o direito a algum posto de trabalho. Desta forma trabalhou Artigas na elaboração do “Reglamento de 1815”, responsável por uma reorganização fundiária para a Banda Oriental. Assim sendo, “los caudillos sustentaron su poder – es decir, movilizaron recursos, milicias y electores – sobre un conjunto de complejas relaciones basadas, en parte, en antiguos derechos consuetudinarios y formales”.<sup>191</sup> Mas o próprio Rosas, que, a princípio seria o indivíduo mais poderoso do Rio da Prata, deveria se submeter às práticas camponesas ao negociar os termos de ocupação das suas próprias estâncias com os trabalhadores locais.

Todos estes dualismos ou oposições estão, de início, ligados a um confronto político: *unitários* e *federais*. Mas, ainda durante o século XIX, Alberdi já expunha uma das primeiras críticas a estas oposições “forçadas”. Nem todos os *unitários* são da cidade, e nem todos os *federais* são do interior. O próprio Sarmiento era um indivíduo do interior, e de uma das partes mais pobres da futura Argentina, a província de San Juan. No início do século XX, Ayarragary, comentado por Maristella Svampa, escrevia que,

en primer lugar, lo positivo es lo que efectivamente existe, como tal, la cuestión remite a la oposición que la generación del '37 había planteado entre ‘país legal’ y ‘país real’. En segundo lugar, la identificación de lo positivo con la realidad niega el carácter dual de esta última: hay un solo “temperamento”, una sola realidad, en definitiva, contrariamente a lo que afirmaba Sarmiento, una sola Argentina.<sup>192</sup>

---

<sup>190</sup> GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. op. cit., p. 24.

<sup>191</sup> Ibid., p. 29.

<sup>192</sup> SVAMPA, op. cit., p. 79.

Negam-se, assim, estas duas Argentinas, a bárbara e a civilizada. Esta oposição perde seu caráter de dupla realidade em conflito. A barbárie se torna a “realidade” e a civilização apenas um “princípio”, projeto ou intenção. Porém, ela é “realidade” enquanto abstração ou leitura do real. É real na medida em que, constituída como projeto e conteúdo a partir do qual se julga o “real”, gera efeitos bastante reais no mundo “material”. Além disso, é preciso advertir que a afirmação de “uma só Argentina” contém um sensível nacionalismo. A exemplo de outros “povos”, os argentinos não formavam um povo homogêneo (a própria idéia de “argentinos” é construída). A cultura se distribui de formas diferentes por diversos indivíduos e localidades, dependendo da posição que esses ocupam no interior do campo social.

#### 1.4.2 Um tipo social e seu fenômeno: o gaúcho e as *montoneras*

Para Bartolomé Mitre, em 1863, “gente del campo” era sinônimo de gaúcho. Gaúchos seriam todos os habitantes da *campaña*. Enquanto isso, no interior argentino, principalmente para a área noroeste de maior presença indígena, “índios” e “gaúchos” apresentavam acepções semelhantes. Analisando a população de La Rioja, o historiador Ariel de la Fuente encontra o líder de uma *montonera*. Chamado “El Chacho”, definia a si mesmo como um gaúcho, e considerava seus seguidores “gente de mi clase”.<sup>193</sup> A palavra “paisano” era também comum e, costumeiramente, próxima à noção de “gaúcho” para essa província.

Entretanto, “gaúcho” também aparecia como sinônimo de criminoso ou vagabundo. “Gauchar un animal” seria o equivalente de “roubar um animal”. Para a década de 1860 estudada por de la Fuente, esta palavra detinha um forte caráter negativo, mas esta estigmatização poderia ser encontrada já na primeira metade do século XIX. Eram também chamados de “gaúchos” os rebeldes *federais*, uma

---

<sup>193</sup> FUENTE, A. de la. “Gauchos”, “Montoneros” y “Montoneras”. In: GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. op. cit., p. 271.

estratégia utilizada pelos *unitários* para recriminá-los.<sup>194</sup> Para além das origens destas rivalidades partidárias, em geral, a historiografia platina manteve esta afinidade entre caudilhismo e federalismo.

Trabalhos recentes têm se dedicado a rever a construção desta imagem “clássica” do gaúcho. Em alguns autores, como Gelman e Garavaglia, evita-se o uso da “palabra gaucho o diferencian a este de los habitantes más pobres de la campaña, a quienes definen según su inserción en la economía – campesinos, peones, pastores, etc...”<sup>195</sup> Existe um forte empenho em desconstruir a tradicional imagem bipolar do ambiente rural, formada quase que exclusivamente por estancieiros e gaúchos. Para além desta simplificação, surge um mundo rural muito mais diversificado do que aquele proposto pela imagem “clássica”, mais complexo do que a geografia física e social que Sarmiento supunha e defendia.<sup>196</sup>

Para o século XIX, contudo, o decisivo é que o “gaúcho” aparece como o mais representativo “tipo social” da *campaña*, ainda que possa ser apenas uma minoria, como defende Gelman. A sociedade platina daquele momento histórico tem demonstrado classificar hierarquicamente seus integrantes de formas diferentes das atualmente utilizadas pelos historiadores. A inserção que cada indivíduo tinha no interior da economia não parece ter sido nem a única nem a principal, isto pelo menos se analisamos o ponto de vista dos “intelectuais” *doctores* que observavam os “inferiores” com quem conviviam. Lembrando o trabalho de Norbert Elias *Os Estabelecidos e os Outsiders*, este estudo demonstra como uma minoria “arruaceira” era mais representativa no interior de um bairro proletário na construção de uma opinião ou visão geral acerca deste mesmo bairro. Os vizinhos de outros bairros, membros das famílias “estabelecidas”, mais antigas da cidade, construíram uma opinião sobre os recentemente chegados que ocuparam esse outro bairro. Ainda que a maior parte da população fosse “ordeira”, uma minoria “arruaceira” contaminava a

---

<sup>194</sup> Ibid., p. 272.

<sup>195</sup> Ibid., p. 267.

<sup>196</sup> GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. op. cit., p. 26.

região, estigmatizando a todos seus habitantes. E talvez o mais interessante seja que a própria população deste bairro alvo de preconceitos em parte concordava com tal opinião geral.<sup>197</sup>

Como indica Elias, dados estatísticos revelam detalhes interessantes. Porém, sozinhos, não dão conta de entender o conjunto das relações que são passíveis de desenvolvimento em determinada sociedade. Neste sentido, não se deve abandonar totalmente o sentido dado à palavra “gaúcho” para o século XIX. Ainda que sejam vitais estudos como os de Garavaglia e Gelman, desmistificando uma construção profundamente arraigada na “mentalidade” platina, não se deve esquecer a importância e os resultados bastante “reais” que tal crença e construção tiveram acerca do gaúcho e da população da *campaña*. Para a organização social platina daquele período, e como instrumentos utilizados por seus indivíduos na tentativa de justificar ou reorganizar suas próprias hierarquizações, tais contribuições “mitificadoras”, como a da construção do tipo social do gaúcho, são capazes de definir o lugar correspondente de cada um no interior do campo social disponível. Esta “mitificação” do gaúcho constrói um sentido para a hierarquia social; justifica uma permanência ou, para o caso unitário, uma defendida transformação.

O fenômeno caudilhista e gauchesco “típico” para a guerra é a *montonera*.

La palabra ‘montonera’ tuvo su origen en la Banda Oriental durante las guerras de la Independencia. De acuerdo con una versión, los grupos de gauchos entre quienes vivía el caudillo oriental José Gervasio Artigas se llamaban ‘montones’ y de allí vendría el nombre de ‘montonera’ con que se designaba a los grupos de caballería que lo seguían. Otra versión dice que la palabra proviene de ‘montón’ porque ‘...las guerrillas o bandoleros formaban montones o grupos’.<sup>198</sup>

A organização das *montoneras* seria similar à das milícias provinciais (reproduzindo ou adaptando a experiência que tinham de organização militar), estas que passaram a ser conhecidas pelo nome de ‘guardas nacionais’ a partir de 1853.

---

<sup>197</sup> ELIAS, N; SCOTSON, J. L. **Estabelecidos e outsiders**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1994.

<sup>198</sup> FUENTE, op. cit., p. 276.

Seguindo o exemplo das demais organizações militares, contava com vários escalões hierárquicos que condiziam com a posição que cada um ocupava socialmente em determinada localidade.<sup>199</sup> Esta organização contava até mesmo com uma certa burocracia, e, em geral, ainda que analfabetos, os escalões inferiores tinham o hábito de pressionar seus superiores para que estes enviassem suas ordens e leis por escrito (documento que os redimiria de uma futura culpa).<sup>200</sup> A hierarquia era complexa também para o interior destas *montoneras*. Um igualitarismo de fachada, como também aponta Salvatore em seu artigo acerca das “expressões federais”,<sup>201</sup> mas um igualitarismo abertamente defendido, e até certo ponto buscado por alguns. E mesmo alguns *unitários* chegavam a acreditar nesse igualitarismo, ainda que o considerassem negativo. De qualquer forma, o igualitarismo gaúcho se tornou um mito, e, mesmo em obras recentes, alguns autores o acabam repetindo. Barrán, por exemplo, parece reprovar a transformação social que “civilizou” os uruguaios durante o século XIX. Em seu livro, *História de la Sensibilidad*, descreve o período “bárbaro” do início daquele século como o de uma espontaneidade perdida e repostada por uma “artificialidade” moderna. Muito do que foi construído por indivíduos como Sarmiento e Herrera y Obes foi mantido por Barrán, com a diferença de que este inverte o julgamento de valor.<sup>202</sup>

Porém, ao contrário do que se defendia na construção clássica, e indo de encontro aos trabalhos de Gelman e Garavaglia, Ariel de la Fuente indica que a maior parte dos participantes destas *montoneras* não estaria composta apenas por gaúchos vagabundos e salteadores, mas contaria também com pequenos lavradores ocupados principalmente com uma agricultura de subsistência. O segundo maior grupo corresponderia ao dos artesãos, sendo que apenas uma minoria dos indivíduos encontrados se declarava ‘sem ocupação’. Além do mais, a maioria se declarava

---

<sup>199</sup> Ibid., op. cit., p. 277.

<sup>200</sup> Ibid., op. cit., p. 278.

<sup>201</sup> SALVATORE, R. “Expresiones Federales”. In: GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. op. cit.

<sup>202</sup> BARRÁN, J. P. **Historia de la sensibilidad en el Uruguay**. 2 v. Montevideu : Banda Oriental, s/d.

casado, e, presumivelmente, possuía família.<sup>203</sup> “La presencia de labradores, artesanos y trabajadores que llevaban una vida estable sugiere que la montonera era una de las formas que tomaban las luchas partidarias y uno de los modos en que los gauchos participaban en política.”<sup>204</sup> Mais do que um movimento de baderna e destruição, a *montonera* é entendida como uma estratégia a mais de participação política, uma das poucas disponíveis para a população pobre da *campaña*.

Mas o gaúcho não contou sempre com um valor negativo. Para os federais, ele estava vinculado a um ‘americanismo’. Seus hábitos e costumes eram valorizados como autênticos e patriotas. Nisto se encaixa não apenas o gaúcho, mas também o indígena. Para los *unitarios*, este “era un ‘salvaje’ sin valor alguno”, mas, “ya en 1830, los *federales* estaban identificados con el indio abstracto como símbolo de la nacionalidad que se estaba construyendo”.<sup>205</sup> Mais tarde, já nas últimas décadas do século XIX, mas com seu ápice no centenário da independência, ocorre uma espécie de “invenção da tradição”, em que a figura do gaúcho é reformulada e recolocada como ícone nacional.<sup>206</sup> Por outro lado, para os *unitarios*, denegrir a imagem do indígena e do gaúcho ia ao encontro da necessidade de atacar o inimigo *federal*.

#### 1.4.3 Clientelismo

Criticando a obra *Juan Manuel de Rosas*, Noemí Goldman e Ricardo Salvatore afirmam que “el caudillismo que pintó Lynch operaba en un contexto político-social caracterizado por la ausencia de instituciones, por la hegemonía de la clase terrateniente, y por la prevalencia de relaciones de dependencia personal.”<sup>207</sup> O conjunto de relações entre os gaúchos e os caudilhos é frequentemente tratado como

---

<sup>203</sup> FUENTE, op. cit., p. 275.

<sup>204</sup> Ibid., p. 287.

<sup>205</sup> BECHIS, M. Fuerzas indígenas. In: GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. op. cit., p. 303.

<sup>206</sup> SVAMPA, op. cit., p. 72.

<sup>207</sup> GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. op. cit., p. 17.

um modelo particular de clientelismo.<sup>208</sup> Não podendo apelar para uma instituição forte, o gaúcho buscava a proteção privada de um caudilho, e a ele confiava suas demandas. São erguidas relações de reciprocidade em um contexto em que o personalismo “reemplaza a la ley y a las instituciones, la violencia se torna en la forma aceptada de dirimir conflictos políticos, y la estructura social se mantiene sin cambios, protegida por el caudillo.”<sup>209</sup> Este clientelismo representaria a fonte primordial de poder caudilhesco. Justamente por sua capacidade de suprir um Estado pouco presente, uma liderança local congregaria em torno de si um número significativo de seguidores que, em geral, seriam seus dependentes econômicos. Soma-se a isto a imagem tradicional de carisma que atrairia gaúchos facilmente condutíveis à guerra por um discurso paternalista de pouco significado político, e se estabelece a explicação hegemônica acerca do poder de um caudilho.

As guerras de independência teriam sido as responsáveis por criar as condições necessárias ao surgimento deste estado extremo de militarização e desinstitucionalização da sociedade platina. Conforme questionam Noemí Goldman e Ricardo Salvatore, para uma transição pouco pacífica entre regimes políticos tão diferentes, a equação final teria sido simples: “en un Estado posindependiente con débiles finanzas, solo los propietarios de tierras estaban en condiciones de financiar guerras y sólo ellos contaban con una clientela cautiva – los peones – para organizar bandas armadas – montoneras o milicias.”<sup>210</sup>

Os gaúchos seriam integrantes de uma massa rural homogênea de franco predomínio numérico masculino, ou são vistos como peões diretamente ligados ao proprietário rural, ou aparecem em grupos de *changadores*<sup>211</sup> livres, sem residência fixa ou família. De la Fuente afirma que estes tradicionalmente aparecem como incapazes de negociar sua participação e de compreender os processos políticos que os

---

<sup>208</sup> Ibid., p. 14.

<sup>209</sup> Ibid., p. 15.

<sup>210</sup> Ibid., p. 16.

<sup>211</sup> *Changadores*: pessoas ocupadas em postos de trabalho temporários.

rodeiam.<sup>212</sup> Porém, análises mais recentes apontam uma *campaña* muito diferente da desenhada até então. Como foi indicado anteriormente e como reforçam os trabalhos de Gelman e de la Fuente, não somente a presença de pequenos lavradores seria muito mais comum do que se imaginava, mas também sua presença nas *montoneras* era muito mais significativa do que a propaganda anti-caudilhista costumava propor. Em geral, ainda que vagando em busca de algum contrato temporário de trabalho, sempre que possível este gaúcho buscava conseguir para si um pedaço de terra. Se não tinha condições de pagar todos os custos burocráticos para a aquisição do terreno (em geral mais dispendiosos do que o terreno em si), poderia arrendar um pedaço não explorado da fazenda em que já trabalhava.<sup>213</sup> Isto não apenas trazia uma vantagem econômica direta ao estancieiro que poderia ficar com parte da produção, mas também prendia o peão àquela terra, algo vantajoso se pensarmos em um mercado volúvel de mão-de-obra como o da região do litoral platino.<sup>214</sup>

Esta reformulada imagem que recebe a *campaña* altera profundamente a posição social do gaúcho. Transformado também em plantador de trigo, ao seu redor criam-se articulações sociais muito mais complexas do que aquelas atribuídas às interações de meros grupos de caçadores seminômades de gado. Analisando o relacionamento entre o administrador da estância e seus subordinados, encontra-se um espaço importante de negociação em uma relação de interdependência que, se ainda favorável a um dos lados, não seria tão desequilibrada quanto se costumava supor. A relativa escassez de mão-de-obra para o mercado estudado por Salvatore aparece como uma possível explicação para as concessões que vêm sendo encontradas em favor das reivindicações desses peões.<sup>215</sup>

---

<sup>212</sup> FUENTE, op. cit., p. 269.

<sup>213</sup> GELMAN, op. cit.

<sup>214</sup> A região do Litoral não diz respeito às províncias banhadas pelo Atlântico, mas àquelas banhadas pelos rios Paraná e Uruguai. E estas seriam Buenos Aires, Corrientes (que incluía o que hoje é também Misiones), Entre Rios, Santa Fé, mas também a Banda Oriental.

<sup>215</sup> SALVATORE, op. cit.

## 1.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de auxiliar o leitor, algumas conclusões já podem ser adiantadas, o que o ajudará na compreensão dos temas abordados na análise das discussões entre Herrera y Obes e Berro, e nas práticas de Antuña e Zás.

É perigoso querer sustentar um trabalho acadêmico nesta oposição implacável entre caudilhismo e Estado. A historiografia costuma considerar “O Estado” aquele unificado e identificado com a “Nação”. Carregando consigo uma boa dose de anacronismo, o Estado-Nação costumava aparecer como referência para a existência ou não de um Estado. Se em nada alteramos esta visão do que consiste um Estado, então sim ele apenas pode ser encontrado a partir de 1870. Deste modo, tratados como inimigos irreconciliáveis, esta historiografia identifica a ascensão do Estado com a decadência do fenômeno caudilho. Porém, “instâncias” estatais, ou projetos de Estados fracassados existiram desde o início da Revolução de independência. Mesmo Artigas, ainda que erroneamente identificado como precursor de uma nação, iniciou uma organização burocrática local, algo que também estava ocorrendo nas demais províncias da região. Em sua tentativa de costurar uma união entre essas províncias em oposição àquela pregada desde Buenos Aires, encontraremos José Encarnación de Zás em seu trabalho na Aduana de Colônia, apresentando-se como um exemplo particular dessa organização burocrática. Da mesma forma, os caudilhos Rivera, Oribe e Lavalleja não desdenharam a importância do Estado e da legitimação que este oferecia. A primeira eleição para a Câmara de Representantes, que resultaria indiretamente na eleição do Presidente, ocorreu com relativa paz. Para Pivel Devoto, ainda que este discuta a ética de Rivera, não aponta nada de ilegal que este tenha feito para vencer o pleito. A princípio, Rivera e Lavalleja declaram-se interessados em respeitar este incipiente trâmite institucional. Inicialmente, a sucessão de Rivera em que ascende Manuel Oribe também ocorreu pacificamente. Além disso, quando estes dois iniciam a ‘Guerra Grande’, ambos os governos, *colorado* e *blanco*, criam seus

respectivos Estados, com seus cargos, funções e burocracias próprias. Sala de Touron e Alonso Eloy defendem que o caudilhismo uruguaio obteve maior êxito quando combinado a formas legais, e não como um poder independente ao Estado.<sup>216</sup>

A problemática que envolve Rivera e Oribe não se apresenta na vontade caudilhesca de construir ou não um Estado, mas na questão de um Uruguai recém independente que não encontra um equilíbrio de poder suficientemente estável e duradouro.<sup>217</sup> O Estado que se encaixa no molde da década de 1870 surge porque o equilíbrio de poder pende de tal forma para um lado que um golpe de Estado é capaz de estabilizar a situação com a derrota praticamente definitiva de uma das facções. Mas, até este momento, os processos de construção de novas formas estatais são marcados pela instabilidade e por sua dependência frente aos partidos (justamente pelo desequilíbrio). Pivel Devoto mostra que se no início houve relativa paz entre Rivera e Lavalleja, foi porque existiu uma tentativa de co-participação. Porém, quando Rivera força a renúncia de Oribe, é porque o primeiro sente que disto depende a permanência do seu grupo na participação do poder, seriamente desafiado pela extinção do cargo da *Comandancia General de la Campaña*.

Os caudilhos não estavam contra o Estado, e, como o tornam claro Rosas e Latorre, de bom grado poderiam utilizar a legitimação e a força Estatal. Tanto é assim que, quando entram em confronto bélico, os caudilhos o fazem justamente para dominar o Estado. O objetivo final é o Estado e a legitimidade que ele representa, ainda que sejam utilizadas forças irregulares vindas de um poder personalizado. Os caudilhos podem não dispensar as tropas milicianas, pois dependem delas, mas dificilmente deixariam de utilizar as regulares caso estivessem à disposição. E se os *doctores* querem que apenas existam as regulares, é porque nestas eles podem ter alguma influência através do aparato estatal, já que não têm como formar forças como as milícias de gaúchos rurais.

---

<sup>216</sup> SALA DE TOURON, L.; ALONSO ELOY, R. op. cit. p. 40.

<sup>217</sup> Ibid., p. 219.

Na visão clientelista, o caudilhismo aparece como uma forma de manipulação das massas,<sup>218</sup> mas, para Sarmiento, ele é muito mais do que isso, ele é uma forma de sentir e agir própria dos gaúchos. Enfatizando heranças ibéricas, Sarmiento estava mais interessado nas raízes sociais e culturais que identificavam o caudilhismo. Contudo, o resultado é mais ou menos o mesmo: o caudilhismo é uma ausência de Estado, uma barbárie quase inevitável, pois deita raízes nas características mais íntimas da constituição e da dinâmica social platina. Mas um outro ponto vem sendo abordado, aquele que chama a atenção para diversas fórmulas políticas interagindo e competindo em um ambiente no qual está sendo montada uma outra estrutura social e estatal, organizada a partir de inspirações e legados diversos. O processo de independência, mais do que simplesmente “libertar” uma região, gerou uma série de discussões dedicadas a modelos de Estado e legitimidade de instituições. Para o período estudado por esta dissertação, estas discussões não haviam ainda encontrado um fim, e se prolongavam por guerras civis entre partidos locais.

De modo geral, a historiografia recente vem desmistificando a construção tradicional da *campaña* e seus habitantes. Primeiramente, a compreensão das principais questões que afligiam determinados autores “clássicos” iluminou uma parte do caminho interpretativo que definiu a imagem que os platinos desenvolveram sobre si mesmos. A partir disto, foi possível reavaliar certas proposições e colocá-las frente a novas fontes e trabalhos. A despeito desta “nova história” estar aparentemente desviando sua atenção para outros temas além dos meramente políticos, ela acaba retornando a estes ao avaliar os pressupostos sociais e econômicos que os fundamentaram. O conjunto dessas recentes pesquisas colabora na elucidação de uma sociedade mais complexa do que àquela tipificada pela história sarmientiana e mitrista.

---

<sup>218</sup> O leitor brasileiro já deve ter notado alguma semelhança entre o caudilhismo e o coronelismo. Ambos têm em comum um tipo de clientelismo e uma certa resistência a avanços “liberais” modernizadores. Contudo, é importante ressaltar que o caudilho hispânico, ao contrário do coronel brasileiro, está principalmente relacionado à guerra e sua dinâmica particular.

Contudo, é importante alertar contra o risco de se opor uma história politizada, tida como “falsa”, contra uma científica e “real”. Por mais pobres que fossem os argumentos *unitários* e *colorados* acerca da *campanha*, e ainda que seus fundamentos possam ser facilmente questionados atualmente, vale lembrar que os efeitos daquela construção politizada foram suficientemente “reais” a ponto de não serem desconsiderados. E ainda que os sentidos dados às revoluções de independência sejam diversos entre seus atores originais e a geração que os sucederam, esta envolvida na ‘Guerra Grande’, foram esses os maiores responsáveis pela cunhagem de boa parte dos pressupostos legitimadores que se ocuparam em construir um Estado-Nação ao final do século XIX.

## 2 AS CATEGORIAS “CIVILIZAÇÃO”, “CAUDILHISMO” E “REVOLUÇÃO” EM ALGUNS AUTORES PLATINOS DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

### 2.1 A GERAÇÃO DE 1837 E SUA PRESENÇA EM MONTEVIDÉU

Em 1837, já se haviam passado dois anos desde a segunda chegada de Rosas ao poder da província de Buenos Aires, e sua vitória parecia “un hecho irreversible y destinado a gravitar durante décadas sobre la vida de la entera nación”.<sup>1</sup> Mas um grupo de jovens, alguns vindos do interior, outros da capital, tendo como objetivo comum criar um ambiente de discussão político e literário, passou a reunir-se com certa frequência como meio de externar suas expectativas. Estes encontros permitiam aos seus integrantes a exposição de análises dedicadas à arte e a assuntos correspondentes ao futuro das províncias platinas. Contando entre seus membros personalidades que futuramente se destacariam no cenário regional argentino, dentre elas Juan Bautista Alberdi e Esteban Echeverría, este grupo seria, no futuro, conhecido como a Geração de 1837.

Para Halperín Dongui, estes jovens buscavam mais do que suceder, mas também suplantar o grupo político *unitário* original em sua fracassada tentativa de organização estatal realizada entre 1824 e 1827. A grande medida da derrota *unitária* estaria dada pelo triunfo dos “toscos jefes federales” que então ocupavam as principais posições de poder.<sup>2</sup> Além disso, esta retomada representava a busca por uma nova hegemonia letrada para a ordem política, algo perdido frente aos mais enriquecidos, porém “menos esclarecidos, jefes del federalismo”.<sup>3</sup> Esta Geração de '37 pretendia evitar todos os erros *unitários* anteriores, em geral provocados pela arrogância e pelo

---

<sup>1</sup> HALPERIN DONGUI, T. **Una nación para el desierto argentino**. Buenos Aires : Centro Editor de America Latina, 1982. p. 11.

<sup>2</sup> Id.

<sup>3</sup> Ibid., p. 12.

idealismo exagerado e, inicialmente, chegaram a pensar em uma união com alguns preceitos *federais* como abertura para uma fusão partidária que poria fim às guerras fratricidas que assolavam o Prata. Ainda que potencialmente mais próximos a esta “arrogância cultural” do unitarismo, diferenciavam-se dos contemporâneos de Rivadavia, cuja inspiração decorria de um ainda sobrevivente Iluminismo, por colocarem-se sob o signo de um movimento que estava recém desembarcando, o Romantismo.<sup>4</sup> Para os militantes de '37, a Revolução de Maio era “un período mistificado de elevados ideales y nobles acciones”,<sup>5</sup> algo que viria a ser destruído pela “realidade” local após a queda de Rivadavia. Esta destruição tinha como principal causa uma terrível falha na articulação de propostas européias idealizadas e pouco efetivas para o entorno americano em que se encontravam.<sup>6</sup>

Por outro lado, a visão que a Geração de '37 possuía sobre os *federais* era muito diferente e contaminada por memórias de infância. Além da pré-definida inferioridade intelectual, suas incursões *montoneras* eram associadas à violação de uma sociedade civilizada. Sarmiento, em suas lembranças sobre a entrada de Facundo Quiroga em San Juan, ou Vicente Fidel López e seu medo em vista da presença de forças artiguistas próximas a Buenos Aires em 1820, tinham em mente uma população rural pobre e rebelde, saqueando e perturbando as províncias.<sup>7</sup>

O que aparentava ser uma derrota definitiva para o Partido Unitário gerava esperança para um segundo governo rosista de paz e ordem. Esta relativa paz, a ser desmistificada com a crescente repressão desencadeada a partir de 1838, deu oportunidade para um certo desenvolvimento do mercado literário portenho. De cinco livrarias em 1830, a capital já contaria com ao menos dez em 1836. E não só a

---

<sup>4</sup> Id.

<sup>5</sup> KATRA, W. H. **La generación de 1837: los hombres que hicieron el país**. Buenos Aires : Emecé, 2000. p. 20.

<sup>6</sup> Ibid., p. 22.

<sup>7</sup> Ibid., pp. 30-31.

imprensa local já dava importantes passos, mas a presença de publicações europeias, principalmente francesas, fazia-se notar com certa intensidade.<sup>8</sup>

Uma dessas livrarias era de propriedade de Marcos Sastre, uruguaio que aportara em Buenos Aires em 1833 para logo se tornar o maior provedor de livros da cidade. Por sua iniciativa, mas também contando com a presença de Echeverría e Alberdi, formou o *Salón Literário* em 1837, ponto de encontro e discussão de “novas idéias”.<sup>9</sup> Apesar de durar alguns poucos meses, foi sua organização a responsável por batizar e propor as idéias iniciais da Geração de '37. O *Salón* contou com discursos inaugurais de Alberdi, Sastre e Juan Maria Gutiérrez. Estes defendiam a tese de que o aprofundamento e aplicação de estudos filosóficos conformariam um método de melhoramento moral e progresso para a sociedade.<sup>10</sup> Suas leituras privilegiavam autores europeus, mas seu uso deveria convergir à necessidade de compreender melhor seu próprio país, livrando-o de uma herança negativa da cultura espanhola.<sup>11</sup>

Os escritores de '37 não podem ser unificados em uma única proposta definida e sistematizada. Seus integrantes detinham uma ampla liberdade de ação, o que os conduziu a versões específicas de escrita e militância. Enquanto Rosas permanecesse à frente de Buenos Aires, suas diferenças seriam apaziguadas pelo sentimento de dever que compartilhavam, mas tão logo o “tirano” foi derrotado, suas subdivisões internas emergiram, evidenciando rivalidades até então parcialmente controladas.<sup>12</sup>

De modo geral, existem dois momentos específicos para a configuração das idéias da Geração de '37. O primeiro, em que se destaca a liderança de Echeverría, estaria mais preocupado em estabelecer bases morais e filosóficas para o movimento, ao passo que o segundo, cujo comando passa a ser dividido por Sarmiento e Alberdi,

---

<sup>8</sup> Ibid., p. 50.

<sup>9</sup> Ibid., p. 54.

<sup>10</sup> Ibid., p. 55.

<sup>11</sup> Ibid., p. 56.

<sup>12</sup> HALPERÍN DONGHI, op. cit., p. 17.

lentamente abandona os idealismos iniciais, partindo para análises mais cínicas e práticas. De qualquer forma, a Razão deveria modelar seu pensamento político.<sup>13</sup>

Echeverría voltou, em 1830, de uma viagem de cinco anos à Europa. Enquanto foi reconhecido como membro mais influente, transmitiu aos companheiros a experiência intelectual que tinha absorvido em sua estada em Paris, adaptando-a a uma militância local que evidenciaria em seu grupo uma esperança de densa reforma social. Queria impor à Argentina uma estrutura contrária ao resultado “de la experiencia histórica atravesada por la entera nación en esas décadas atormentadas”, pretendendo “implantar un modelo previamente definido por quienes toman a su cargo la tarea de conducción política”.<sup>14</sup> Acreditavam firmemente na superioridade intelectual como legitimação do controle do processo político.

Os assuntos pertinentes às suas ambições eram a continuação de um movimento de independência inacabado; a promoção de um distanciamento cada vez maior do colonial, cultivando a cultura local e o progresso material e social.<sup>15</sup> “Las sociedades occidentales participaban en un proceso histórico, guiadas por la Providencia, que evidenciaba una mejoría continua en tecnología, bienestar material e instituciones sociales, políticas y culturales.”<sup>16</sup> Logo, não estariam imunes ao risco de encontrar uma solução amparada em um destino final para humanidade.<sup>17</sup> Seus instrumentos de ação seriam, inicialmente, a imprensa e a tribuna como meios de comoção da opinião pública.<sup>18</sup>

Até 1838, tentaram conviver com o federalismo, mas é a

inesperada agudización de los conflictos políticos á partir de 1838, con el entrelazamiento de la crisis uruguaya y argentina y los comienzos de la intervención francesa, la que lanza a

---

<sup>13</sup> Ibid., p. 13.

<sup>14</sup> Ibid., pp. 17-18.

<sup>15</sup> KATRA, op. cit., p. 68.

<sup>16</sup> Ibid., p. 102.

<sup>17</sup> HAPERÍN DONGHI, op. cit., p. 38.

<sup>18</sup> KATRA, op. cit., p. 79.

una acción más militante a un grupo que se había creído hasta entonces desprovisto de la posibilidad de influir de modo directo en un desarrollo político sólidamente estabilizado.<sup>19</sup>

Na medida em que não se sentiam suficientemente seguros em relação ao *rosismo*, partiram para o exílio indivíduos que de alguma forma estavam ameaçados por suas posições. No Chile, mas principalmente em Montevideú, encontraram não apenas membros antigos do Partido Unitário que já haviam fugido do então vitorioso federalismo, mas também um governo local bastante receptivo. O Partido Colorado já controlava a capital oriental após uma bem sucedida revolta que forçara o presidente *blanco* Manuel Oribe à renúncia. Enquanto Oribe partira para o berço do *rosismo*, onde combateu a ameaça *unitária* sob a bandeira de Rosas, os *colorados* recebiam os exilados *unitários* como um reforço para a luta civil que insistia em se prolongar contra os *blancos*.

Alberdi, por exemplo, esteve em Montevideú entre 1838 e 1843. Echeverría primeiramente buscou refúgio na estância de seu irmão ao norte de Buenos Aires, mas partiu para Colônia do Sacramento em 1841, onde esteve por alguns meses antes de se estabelecer na capital, onde morreria em 19 de janeiro de 1851 aos 45 anos. O futuro presidente argentino Bartolomé Mitre (1862-1868), que logo se juntaria ao grupo, era o mais jovem de todos, nascido em 1821. Em 1833, membro de uma antiga família *unitária*, fugiu com seus pais para Montevideú, de onde saiu em 1846 para circular entre os Estados andinos até se estabelecer provisoriamente no Chile. Ainda no Uruguai, cursou a Academia Militar de Montevideú, e atuou como tenente de artilharia em uma companhia *colorada* de Fructuoso Rivera. Sarmiento, cujas publicações já lhe dariam suficiente reconhecimento entre os demais, fez apenas uma breve visita a Montevideú em 1846, enquanto que Félix Frias, outro membro do grupo, ali esteve entre 1838 e 1839.

Não apenas sua presença física, mas seus mais importantes textos políticos foram publicados durante o exílio. Se a imprensa argentina sofria com o controle de

---

<sup>19</sup> HALPERÍN DONGHI, op. cit., p. 14.

Rosas, suas vizinhas uruguaias e chilenas conheceram as primeiras edições de suas obras mais significativas. *La Creencia*, texto de Echeverría que serviu como manual básico para o ativismo destes escritores foi escrito ainda em Buenos Aires, mas sua primeira versão impressa oficial saiu pelo periódico controlado pelo *colorado* Andrés Lamas *El Iniciador* de Montevideu em janeiro de 1839 e, um mês depois, seria relançada em um fascículo do *El Nacional* daquela mesma cidade. Além disso, panfletos com cópias do manifesto circulavam também pela Argentina, contando com uma notória difusão em Córdoba, San Juan e Tucumán.<sup>20</sup> Em 1846, seu conteúdo receberia algumas revisões, e seria republicado sob o título de *El Dogma Socialista*, precedido de uma extensa introdução intitulada *Ojeada retrospectiva sobre el movimiento intelectual en el Plata desde el año 37*.<sup>21</sup>

Em 1839, alguns membros de '37 ajudaram na organização de um novo levante armado contra Rosas que, sob a liderança de Lavalle, seria derrotado em 1841.<sup>22</sup> A partir de então, decepcionados com os revezes militares, optaram por reacender uma cruzada literária contra Rosas. José Rivera Idarte, em 1843, publica *Rosas y sus opositores* com um apêndice intitulado *Es guerra santa matar a Rosas*, incluindo um convite à filha de Rosas a matar seu próprio pai. No Chile de 1845, Sarmiento publica pela primeira vez *Facundo*, e alguns de seus trechos poderiam ser encontrados no *El Nacional* de Montevideu ainda naquele mesmo ano. Este periódico também publicaria várias poesias de Mitre e Echeverría.

Mas o jornal mais atuante e estável seria o editado por Florencio Varela. Este unitário de uma geração anterior, mais apegado aos idealismos rivadavianos atacados pelos escritores de '37, era responsável pelo *El Comercio del Plata*, também de Montevideu. Muito respeitado entre os uruguaios, recebeu o título de doutor em direito

---

<sup>20</sup> KATRA, op. cit., p. 80.

<sup>21</sup> Ibid., p. 67.

<sup>22</sup> Ibid., p. 90. "Lavalle, razonaba Alberdi, estará... siempre donde el arte, las ideas y la civilización han adquirido un progreso mayor..." O levante foi um fracasso e Lavalle foi morto no caminho de fuga para a Bolívia.

pela Universidade de Buenos Aires em 1827, e foi empurrado ao exílio pela conspiração que assassinou o *federal* Manuel Dorrego em 1828. Em 1835, foi admitido na Suprema Corte uruguaia, mas foi expulso por Manuel Oribe em 1838, retornando um ano depois com a vitória de Rivera sobre este seu opositor, ali permanecendo até seu assassinato em 20 de março de 1848. Varela seria o primeiro a sugerir uma das contradições internas do *rosismo* que resultariam na queda de 1852. O monopólio portuário e o fechamento do acesso aos rios para os demais Estados fariam dele um potencial inimigo das províncias do interior, do ainda não reconhecido Paraguai e do Império do Brasil.<sup>23</sup> Juntamente a Alberdi, Varela reorganizou a luta armada que, contando com o apoio de Andrés Lamas e dos generais Lavalle, Gregório Lamadrid e José Maria Paz, seria derrotada em 1841.<sup>24</sup>

Andrés Lamas, exilado no Brasil durante a presidência de Oribe, foi uma influente liderança na cidade sitiada entre 1841 e 1852, e também um dos uruguaios que mais participaram ao lado dos membros da Geração de '37. Em seu *El Nacional*, escreve um texto muito semelhante ao primeiro capítulo do *Facundo*. São os *Apuntes sobre las agresiones del dictador argentino D. Juan Manuel de Rosas*, adaptando os escritos de Sarmiento ao caso uruguaio:<sup>25</sup>

Los abusos de Rosas giraban en torno de la conversión del Estado argentino en una máquina de guerra; su uso de poderes administrativos 'extraordinarios' acarreaba notorias violaciones de la confianza pública y sus insurgentes armados desestabilizaban las autoridades legítimamente constituidas de Uruguay. Igual que Sarmiento, Lamas describía una lucha épica que ubicaba a la civilización de las ciudades a merced del resurgimiento del barbarismo en el campo.<sup>26</sup>

Com o auxílio de Echeverría, Lamas fundou o *Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay*. Além disso, foi um dos articuladores da aliança internacional que derrubaria Rosas. Para alcançar esta meta, retornou ao Rio de Janeiro em 1848 com o

---

<sup>23</sup> HALPERÍN DONGHI, op. cit., p. 24. Até a década de 1840, a Confederação Argentina ainda não havia reconhecido a independência do Paraguai, tratando-o como província rebelde.

<sup>24</sup> KATRA, op. cit., p. 90-92.

<sup>25</sup> Ibid., pp. 117-119.

<sup>26</sup> Ibid., p. 121.

objetivo de solicitar o apoio do Império contra aquele governador e os *blancos*. Em 1852, refez esta mesma viagem, desta vez regressando com sucesso.

A influência de Echeverría entraria em decadência ao longo da década de 1840. Ainda que mantendo sua relevância de poeta, seus ideais políticos foram progressivamente abandonados e suplantados pelas novas interpretações de seus seguidores. Echeverría seria o único a se emocionar positivamente com as revoluções européias de 1848. E se seus comentários acerca deste tema introduziram a palavra “proletário” no vocabulário da região, suas idéias já não tinham o mesmo efeito, e os demais integrantes da sua geração já estavam excluindo a palavra “socialismo” de seus textos.<sup>27</sup>

Com a ascensão de Sarmiento e Alberdi frente aos demais, as propostas até então parcialmente harmonizadas do grupo partiram para um distanciamento cada vez maior. Ainda em 1845, Alberdi e Vicente Fidel López manifestaram seu desgosto frente a *Facundo*, pois o consideraram pouco atento à Razão e aos fatos, mais interessado na propaganda e na difamação do que propriamente em entender a sociedade argentina. A ressalva que colocava Alberdi correspondia à tendência ao exagero de Sarmiento, que abusava da dicotomia ‘civilização e barbárie’ e da ameaça dos *montoneros*, mitos já consagrados desde suas infâncias, mas que se manteriam no pensamento “maduro” destes indivíduos.<sup>28</sup>

Todavia, Echeverría e Mitre teceram consideráveis elogios àquela obra.<sup>29</sup> Sarmiento estava se afastando da posição conciliadora original de '37. Cada vez mais *unitário*, contou com a aproximação de Mitre e Lamas, formando um grupo que William Ktra chama de neo-unitário.<sup>30</sup>

Enquanto Sarmiento se tornava cada vez mais intolerante em relação a Rosas, Alberdi ainda sustentava uma possível fusão partidária, o que vinha acompanhado de

---

<sup>27</sup> Ibid., p. 151.

<sup>28</sup> Ibid., p. 26.

<sup>29</sup> Ibid., pp. 114-115.

<sup>30</sup> Ibid., pp. 116/121.

um aproveitamento de algumas “conquistas” do governo *federal*. Este pensamento estaria já presente em 1837, sendo reiterado em 1847 e ainda em *Las Bases* em 1852, sua obra mais influente.<sup>31</sup> Por “ensinar os argentinos a obedecer”, “Alberdi había visto como principal mérito de Rosas, su reconstrucción de la autoridad política”.<sup>32</sup> *Las Bases*, representava a defesa de uma República “Possível”, autoritária e liberal apenas no relativo ao econômico (aberta ao comércio europeu), com o objetivo posterior de organizar uma República “Real”, que oferecesse liberdade política à população.<sup>33</sup>

Alberdi já estava abandonando a idéia da primazia de uma elite letrada na política, entendendo que apenas uma co-participação desta com a elite econômica, representada por Urquiza (caudilho e estancieiro exportador), poderia conduzir a Argentina ao caminho do progresso.<sup>34</sup> O econômico ocupa neste Alberdi um papel decisivo, pois, se direcionado ao mercado externo, traria consigo os avanços europeus tão desejados ao Prata. “Entregándose confiadamente a las fuerzas cada vez más pujantes de una economía capitalista en expansión, el país conocerá un progreso cuya unilateralidad Alberdi subraya complacido.”<sup>35</sup> Esta superioridade do econômico resultaria até mesmo em uma futura inutilidade do pensamento ilustrado:

Esa imagen [de primazia do letrado] – que Alberdi ahora recusa – propone una estilización de su lugar y su función en el país que constituye una autoadulación, pero también un autoengaño, de la elite letrada. La superioridad de los letrados, supuestamente derivada de su apertura a las novedades ideológicas que los transforma en inspiradores de las necesarias renovaciones de la realidad local, vista más sobriamente, es legado de la etapa más arcaica del pasado hispanoamericano, se nutre del desprecio pre-moderno de la España conquistadora por el trabajo productivo.<sup>36</sup>

*Las Bases* são uma síntese do pensamento de Alberdi daquele momento. Seu livro representava um programa dos mais precisos acerca de como manter as conquistas de Rosas referentes à ordem e à subordinação da população somadas à

<sup>31</sup> HALPERÍN DONGHI, op. cit., p. 20.

<sup>32</sup> Ibid., p. 37. Uma ordem ruim seria melhor do que uma revolução incompleta

<sup>33</sup> Ibid., p. 41.

<sup>34</sup> Ibid., p. 38.

<sup>35</sup> Ibid., p. 39.

<sup>36</sup> Ibid., p. 42.

abertura dos portos à influência benéfica do comércio europeu. Suas linhas são “tan sencillas, tan precisas y coherentes, que es comprensible que se haya visto en él sin más el de la nueva nación que comienza a hacerse en 1852”.<sup>37</sup>

Alberdi e Sarmiento compartilham de algumas idéias em comum. Dentre outros possíveis exemplos, são favoráveis à queda de Rosas, à troca da referência da França pela dos Estados Unidos, à imigração em massa de europeus e ao progresso civilizador que estes poderiam trazer. Mas se em Alberdi o progresso econômico antecede e conduz ao social, em Sarmiento, é o contrário.<sup>38</sup> O desenvolvimento social é uma condição para progresso. Opondo-se a Alberdi, a educação da população defendida por Sarmiento não terminaria por inspirá-la em idéias “perigosas” de transformação social, mas a impulsionaria ao desenvolvimento de necessidades econômicas controladas por determinados limites socialmente aceitos (como seria o caso dos Estados Unidos). O desejo da plebe de acender socialmente não seria uma ameaça, mas um veículo de progresso material.<sup>39</sup>

É importantíssimo entender como as idéias desta Geração de '37 se desenvolveram e alcançaram o território uruguaio. Como podemos observar com Sastre e Lamas, a influência deste movimento foi levada também para o Chile e para o Uruguai. Especificamente para o caso deste último, os conflitos partidários entre *blancos* e *colorados*, que logo se entrelaçaram aos pré-existentes *federalis* e *unitários*, geraram um rico ambiente de publicações e troca de idéias. Como poderá ser analisado no decorrer deste segundo capítulo, muito do pensamento desta Geração estará desenvolvido no texto de Manuel Herrera y Obes. Membro de uma facção *colorada* bastante próxima a Andrés Lamas, escrevendo dois anos após a publicação do *Facundo* (e apenas um ano após a visita de Sarmiento), Herrera y Obes traz em si uma obra alinhada aos chamados neo-unitários, ou seja, aproxima seu conteúdo daquele momento em que os escritores '37 já estavam se dividindo entre as correntes propostas

---

<sup>37</sup> Ibid., p. 44.

<sup>38</sup> Ibid., p. 45.

<sup>39</sup> Ibid., p. 48.

por Alberdi e Sarmiento, na mesma medida em que abandonavam a liderança de Echeverría.

### 2.1.1 A categoria “civilização” em Alberdi

Ao final da batalha de Monte Caseros, recém derrotado Juan Manuel Rosas, governador da província de Buenos Aires, reuniu-se um Congresso de representantes com o objetivo de organizar uma Constituição para a Confederação Argentina. Carente de uma lei geral unificadora, a integração provincial fora até então estabelecida por acordos políticos entre os governadores, cada um representando um Estado que desfrutava de ampla autonomia interna. Rompidos estes pactos interprovinciais, Juan Bautista Alberdi acreditou poder contribuir nas discussões que buscavam dar um novo sentido à união política das diversas regiões das Províncias Unidas do Rio da Prata, escrevendo, assim, os *Fundamentos da organização política da Argentina* em 1852.

Apelidada pelos argentinos de *Las Bases*, esta obra pretendia realçar e defender duas grandes questões: a constituição de um governo central, até então inexistente, e a implantação de um regime liberal capaz de promover o que Alberdi entendia por progresso. Para concluir seu trabalho, obrigou-se a enfrentar a contradição entre seus valores políticos liberais e a necessidade de consolidar uma autoridade estatal.<sup>40</sup> A extrema debilidade das instituições argentinas exigia um Estado central forte e capaz, mas as intervenções deste na sociedade civil poderiam ser, do ponto de vista liberal, um obstáculo para o desenvolvimento e o progresso. Por este motivo, a consolidação de um poder institucional estável somente se legitimaria se proporcionasse condições de segurança e previsibilidade ao liberal, dando ao empreendedor do progresso a tranquilidade de desenvolver seus negócios sem mais

---

<sup>40</sup> PALERMO, Vicente. Pensamento político progressista no liberalismo argentino e mexicano do século XIX: Juan Bautista Alberdi e Justo Sierra. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 20, 1997. p. 1.

temer as injustiças dos caudilhos e suas facções armadas.<sup>41</sup> Por um lado, Rosas fora capaz de impor a ordem, ainda que no emprego de uma ditadura. Mas mesmo “acostumando os argentinos a obedecer”, o que na opinião de Alberdi fora um ponto positivo daquela gestão autoritária, as guerras e perseguições entre partidos continuaram, assim como se manteve o predomínio da vontade pessoal e partidária do caudilho na deficiência de uma ordem legal burocrática. Desta forma, na Constituição da “nova” Argentina, a paz e a lei deveriam reinar como garantias de consolidação das condições necessárias que tornariam possível o curso do defendido progresso aos agentes econômicos privados.

Veremos adiante como Alberdi acreditou descrever um processo, mas, por fim, escreveu um projeto político de civilização. Ele pretendia apenas apresentar o leitor a uma ordem natural, associando suas idéias a uma lógica processual da história humana. Atribuiu aos seus estudos uma imparcialidade científica e interpretativa aplicada ao estudo das adequadas leis que melhor serviriam à causa de um progresso “natural”. Mas que progresso era esse?

Progresso significava caminhar na direção de um ideal de civilização, uma expressão da “(...) consciência que o Ocidente tem de si mesmo”.<sup>42</sup> O conceito de civilização descreve a forma como a sociedade julga tanto a si mesma como as demais, assim como indica quais parâmetros dispõe e utiliza na efetivação de tal julgamento. Ainda que o argumento central de diferenciação entre os povos europeus e americanos se localizasse, conforme a época, vagando entre a oposição ‘cristãos e pagãos’ e, mais tarde, na de ‘industrialmente e comercialmente atrasados ou adiantados’, e mais além até acrescentada por elementos evolucionistas e raciais de explicação, as referências européias trazidas pelos conquistadores e povoadores foram consideradas superiores aos elementos encontrados na América, pelo menos para a interpretação da Geração de ‘37. Por maiores que fossem as forças que impeliam o espanhol a se adaptar ao

---

<sup>41</sup> Ibid., p. 3.

<sup>42</sup> ELIAS, N. **O processo civilizador. Vol 1. Uma história dos costumes.** Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1994. p. 23.

ambiente sul-americano, esses valores europeus predominaram não apenas por estarem interiorizadas desde o princípio, mas também pelo incessante fluxo cultural entre os dois continentes que permanentemente foi capaz de revalidar tais valores de civilização.

Em Alberdi, progresso e processo civilizador são a mesma coisa. Se a idéia de que a humanidade segue um caminho de melhora e aperfeiçoamento constante é evitada por Elias, para o autor argentino, ela é qualidade natural das sociedades civilizadas. Assim sendo, a civilização se enriqueceria pelo contato entre diferentes sociedades, disseminando-se cada vez mais por territórios bárbaros, abrigo seus homens da selvageria e inserindo-os nos hábitos e costumes do progresso. Primeiramente, a civilização tomara o continente europeu, e com a expansão marítima e territorial iniciada a partir do século XVI, ela descobriu, conquistou e povoou a América com “(...) raças civilizadas da Europa através de impulsos inerentes à mesma lei que separou os povos do Egito de seu solo primitivo e os atraiu para a Grécia; mais tarde, os habitantes moradores da Germânia para trocar com o resto do mundo romano a virilidade de seu sangue pela luz do cristianismo.”<sup>43</sup> A verdadeira lei da natureza seria a do “aprimoramento indefinido da espécie humana”, uma lei de expansão civilizadora.<sup>44</sup>

Todavia, seguindo o raciocínio de Alberdi, ainda que inicialmente civilizadora frente aos barbarismos indígenas, a política estatal proposta pela coroa espanhola foi lentamente se transformando em limitação do progresso. Por interesse espanhol, o regime de monopólio e isolamento do território contra as demais nações européias criou um sistema de exclusão que, durante três séculos, isolou o extenso solo americano, tornando-o ambiente deserto e estéril. Assim, a grande conquista da independência das novas repúblicas latino-americanas não estaria localizada apenas na autodeterminação política, mas também na liberação dos entraves do progresso,

---

<sup>43</sup> ALBERDI, J. B. **Fundamentos da organização política da Argentina**. Campinas : Editora da UNICAMP, 1994.. op. cit. p. 19.

<sup>44</sup> Id.

possibilitando a abertura dos portos à entrada da civilização vinda das nações consideradas mais adiantadas do norte da Europa. Se a tarefa fora até aquele momento colocada em mãos espanholas, caberia, então, aos americanos perpetuar a expansão civilizadora no Novo Mundo.

Por outro lado, criticando a oposição sarmientiana que localiza geograficamente a civilização na cidade e o barbarismo na *campana*, Alberdi argumenta que a única subdivisão que admite é a do homem do litoral e o de terra adentro. Os principais *unitários*, ironicamente chamados por Alberdi de membros do partido “inteligente”, seriam homens do campo; e os homens de Rosas, responsáveis pela barbárie, teriam sido predominantemente educados na cidade. O homem litorâneo receberia a ação civilizadora do comércio e da imigração, este é o que sente maior proximidade com a Europa, enquanto que o de terra adentro, fruto da “Europa do século XVI”, está isolado e atrasado.<sup>45</sup>

Em Alberdi, a civilização se desenvolve independentemente da vontade do Estado. Ele possui uma “(...) fé inabalável na evolução que responde a leis independentes da vontade dos homens”.<sup>46</sup> Ao contrário do que pensam alguns de seus contemporâneos, excitados pela atuação dos homens no processo de independência e crentes na capacidade dos indivíduos de interferir na história, Alberdi entende que o caminho do progresso corresponde a uma evolução natural. Assim sendo, a Constituição a ser escrita, bem como todas as demais leis a serem aprovadas, não podem ser consideradas uma conquista humana, mas apenas uma adequada interpretação de um momento evolutivo particular de uma sociedade. As leis não devem almejar a transformação, mas, sim, a garantia de que as necessidades dessa sociedade, necessidades de progresso, serão correspondidas. Portanto, o direito nada mais é do que um instrumento que deve conduzir “à reconciliação do indivíduo com a ordem natural”.<sup>47</sup>

---

<sup>45</sup> Ibid., pp. 70-71.

<sup>46</sup> PALERMO, op. cit. p. 16.

<sup>47</sup> Ibid., p. 16.

Como podemos observar, o papel da transmissão de conhecimentos civilizadores está depositado na sociedade civil, não no Estado. O estado pode criar escolas e universidades, e estas existiam já no período colonial, mas a educação que a Argentina precisa não é a dos filósofos ou advogados, simbolizados pelos inúteis padres da retrógrada Córdoba, mas é a dos anglo-saxões em sua educação industrial e comercial prática. O que Alberdi defende é uma moral liberal burguesa transmitida de indivíduo para indivíduo. O homem não aprende a civilização com a alfabetização, nem com a etiqueta ou com o conhecimento de curiosidades que apenas servem para alegrar salões e festas. A civilização está no trabalho, na indústria e no comércio, não em círculos de pedantes ilustrados.

Desta forma, são os homens em contato uns com os outros que se educam e, uma vez que o tipo de educação como a alfabetização não é necessária para todos, percebermos como Alberdi faz uma distinção entre liberdade política e liberdade civil. Esta última é considerada mais importante, uma vez que é a liberdade de comerciar e de ter propriedades, é aquela que aciona os interesses materiais que animam os meios econômicos capazes de impulsionar a sociedade rumo ao progresso. A liberdade política é apenas uma fonte de agitação, e nada desejável nem para nativos, nem para estrangeiros imigrantes.<sup>48</sup> A liberdade política, assim como o sufrágio universal, será algum dia possível, mas somente será alcançada se primeiramente a Argentina aprender a obedecer a instituições estáveis, legítimas e regidas por um estado de direito. Para além desse estágio, sua população deve habituar-se à idéia e uso da liberdade civil para, depois, ser introduzida à política. Desta forma, o Estado deve limitar-se a escrever a Constituição adequada para o estágio em que se encontra a Confederação, reservando aos indivíduos a tarefa de civilizar-se, pois o “(...) caminho do governo de si mesmo é a educação de si mesmo”, e “educar-se a si mesmo é o caminho para chegar a governar-se a si mesmo”.

---

<sup>48</sup> Ibid., p. 15.

Compete ao Estado garantir a ordem e a previsibilidade, intervindo somente no fomento do que a sociedade civil demanda. Ainda que o exemplo colonial coloque o Estado como um obstáculo interventor e monopolizador, este poderia ser usado para “adiantar” o processo civilizador, acelerando movimentos que sozinhos demorariam muito mais a se concretizar. Segundo Alberdi, o grande foco de incentivo deveria ser a imigração, porque “países que não tem população própria, precisam da alheia”.<sup>49</sup> Com a vinda de europeus, principalmente anglo-saxões, a Argentina entraria em contato com um povo mais civilizado capaz de transmitir os costumes da indústria e do comércio. Da mesma forma que o espanhol pôde trazer um pouco de civilização ao indígena, o inglês deve conduzir o argentino a um próximo estágio de desenvolvimento. Se o governo colonial impedia a vinda de imigrantes não ibéricos, o Estado argentino deve não apenas garantir, mas incentivar a vinda de homens do norte europeu.

Em *Las Bases*, Europa e América padecem de problemas opostos, ambos violações feitas ao “curso natural das coisas”. Ao norte do hemisfério existe uma abundância de população, um mal excedente necessário e vital para a Argentina. Se na Europa existe um crescente desalojamento dos homens do campo e um inchaço das cidades com indivíduos desocupados, a América lhes oferece um território desabitado e ansioso por progresso. “Os Estados do outro continente devem estar propensos a enviar-nos, por meio de imigrações pacíficas, as populações que os nossos devem saber atrair através de uma política e de instituições análogas”.<sup>50</sup>

Com isso, Alberdi não pretende apenas “trocar” de povo, mas expor os argentinos à civilização. Ele não quer uma nação de ingleses, mas uma nação de argentinos civilizados. Por este motivo, assim como o nativo deve apreender com o trabalho do imigrante, este deve tornar-se argentino. O estrangeiro não pode ser um perigo para a sustentação da nacionalidade local.<sup>51</sup> O Estado deve não apenas atrair,

---

<sup>49</sup> ALBERDI, op. cit., p. 48.

<sup>50</sup> Ibid., p. 20.

<sup>51</sup> Ibid., p. 46.

mas igualmente fixar o imigrante, e, para isso, deve assegurar-lhe a cidadania, deve torná-lo argentino. Porém, como aponta Halperín Donghi, nas décadas que se seguiram ao livro, os imigrantes desembarcaram, mas não necessariamente corresponderam aos anseios de Alberdi.<sup>52</sup> Os traços negativos do estrangeiro se acentuaram ao longo de três décadas de imigração. A visão que existia sobre a imigração muda e ela passa ser vista como elemento de dissociação. O problema de “nacionalizar” essa população estrangeira se mostrava mais complexo, uma vez que, inicialmente, nem lhes conviria adquirir a cidadania, pois como estrangeiros contavam com uma proteção maior do Estado. Ao invés de liderar a civilização e fazer a Argentina avançar, esses europeus teriam aceitado o “primitivismo” local e nele exploravam suas vantagens e possibilidades. Foram acusados de parasitar o Estado ao invés de reformá-lo. Finalmente, chega-se à conclusão de que não se pode esperar do pai italiano uma educação que transforme seu filho em argentino. A tarefa de nacionalizar, ou seja, de educar o estrangeiro é devolvida ao Estado, é retirada do núcleo familiar.<sup>53</sup>

Em 1914, a Argentina já havia passado por uma intensa reorganização das suas redes de interdependência, uma vez que um terço da sua população era já estrangeira.<sup>54</sup> Entretanto, a civilização européia, “civilizada e civilizante”,<sup>55</sup> não se assentou em território americano sem sofrer também suas transformações. Desta forma, tanto o espanhol foi obrigado a se adaptar às exigências da região platina, como os imigrantes italianos, ingleses e franceses acabaram por se deixar influenciar pelo ambiente em que desembarcaram. O Estado conseguiu incentivar a vinda de estrangeiros, mas estes não corresponderam ao curso natural da civilização como pretendia Alberdi. No entanto, com isso, podemos observar como um indivíduo pensou poder aproveitar a máquina Estatal para influir em um processo que acreditava

---

<sup>52</sup> HALPERIN DONGHI, T. ¿Para qué la inmigración? Ideología y política inmigratoria en la Argentina (1810-1914) In: **El espejo de la historia: problemas argentinos y perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires : Editorial Sudamericana, 1987.

<sup>53</sup> Ibid., pp. 212-227.

<sup>54</sup> Ibid., p. 228.

<sup>55</sup> ALBERDI., op. cit., p. 104.

natural, e que logo fugiu ao seu total controle. Alberdi faleceu na década de 1880, impedido de conhecer os resultados do seu projeto civilizador, um projeto que foi absorvido por uma lógica de transformações não programadas daquela sociedade.

## 2.2 UM SARMIENTIANO: MANUEL HERRERA Y OBES. REVOLUÇÃO E CIVILIZAÇÃO

Intensificados a partir da renúncia forçada do presidente Manuel Oribe em 1838, os conflitos políticos do Uruguai recém independente logo alcançariam a margem ocidental do Prata. Desde sua substituição por Fructuoso Rivera, Oribe se transferira para a Argentina, onde combateu sob a bandeira *federalista* de Juan Manuel de Rosas nas lutas contra o partido *unitário*. Relativamente pacificado o ambiente argentino, e contando com forte apoio *rosista*, Oribe retornou à Banda Oriental para reclamar pela nulidade da sua anterior renúncia imposta pelo partido *colorado* então liderado por Rivera. Após alguns confrontos, Oribe conseguiu impor um cerco à capital Montevideú em 1843, somente desfeito em 1851 com um acordo de paz entre as partes beligerantes. Com a derrota da resistência *colorada* na *campanha*, restou a Montevideú a posição de último reduto fortificado de uma resistência ao mesmo tempo *colorada* e *unitária*.

Separadas por muros e trincheiras, tanto a *campanha* como a cidade conheceram suas próprias instituições de governo, cada uma acreditando ser a legítima defensora do Estado uruguaio. Dentre as causas do sucesso da resistência do “Governo de la Defensa”, podemos destacar a incapacidade das forças opositoras do “Governo del Cerrito” de organizar um bloqueio naval eficiente ao porto de Montevideú, ao que colaborou o apoio, de início velado, das potências marítimas européias à facção *colorado-unitária*. Contribuiu igualmente para esta situação a precariedade técnica dos exércitos de então, formados em sua maioria por forças irregulares raramente portadoras de armas de fogo e inaptas para a empreitada de enfrentar uma cidade

fortificada. Entretanto, como será exposto mais adiante, o decisivo desta separação forçada entre o meio urbano e o rural está na forma como os olhos *unitários* e *colorados* a ressaltaram como uma rivalidade entre duas grandes forças opostas: a civilização e a barbárie, ou a cidade e a *campaña*.

Não se restringindo a um mero enfrentamento de campos de batalha, os periódicos do período estiveram recheados por combates explícitos de propaganda e contra-propaganda. Aqueles dois “Estados rivais”, simbolicamente o da cidade e o da *campaña*, buscaram legitimar sua causa na mesma medida em que lutavam por denegrir as idéias da oposição. Contudo, não foram publicadas apenas pequenas notas de denúncia, palavras inflamatórias de adesão ou breves informativos da conjuntura bélica. Existiram também textos mais elaborados que se distribuíram por semanas de publicações e que se preocupavam por questões mais amplas e complexas. Alguns autores chegaram a discorrer por interpretações que alcançavam o próprio processo revolucionário e independentista que culminara na construção do Estado uruguaio. Estes textos foram publicados por ambas as partes, cada uma com seu veículo próprio de divulgação, construindo interpretações particulares de todo um processo que abrangia as quatro primeiras décadas do século XIX e que culminaria com a criação dos partidos que eles mesmos integravam. Na elaboração de um sentido histórico para o processo de independência platino, cada partido construiu também um suporte legitimador particular. Desta forma, não temos apenas duas linhas trocando tiros ou apresentando espadas, mas um confronto entre interpretações da história e da sociedade, nas quais se acrescentou a apresentação de conceitos como revolução e civilização.

Discutindo estas questões, o *colorado* Manuel Herrera y Obes (1806-1890) publicou os *Estudios sobre la situación* no jornal *El Conservador* entre 20 de novembro de 1847 e 9 de dezembro do mesmo ano.<sup>56</sup> Durante o cerco a Montevideú,

---

<sup>56</sup> HERRERA Y OBES, Manuel e BERRO, Bernardo Prudencio. *El caudillismo y la revolución americana*. Montevideú : Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social, 1966. pp. 3-65.

ele desempenhou o cargo de *Juez Letrado de Comercio y Hacienda*, tomou parte da *Asamblea de Notables* e, em 1847, foi nomeado *Ministro de Gobierno y Relaciones Exteriores*. Seu texto tem como principal objetivo analisar as mudanças estratégicas provocadas pela expulsão do General Rivera do partido *colorado*. Esta ausência forçada implicava não somente em uma reestruturação do partido, mas também em uma nova justificativa para a defesa da capital frente à ofensiva *blanca*. Se as desavenças que deram origem ao conflito entre as lideranças de Rivera e Oribe não mais explicavam a manutenção da resistência em Montevideú, restava aos remanescentes uma nova legitimação para a guerra. Seguindo o discurso neo-unitário e sarmientiano de oposição entre civilização e barbárie, Herrera y Obes coloca os *colorados* ao lado da civilização, e, conseqüentemente, ao lado de uma “verdadeira” revolução americana. Nesta interpretação, *blancos* e *federals* são considerados inimigos da Revolução de Maio de 1810 e de todo o movimento de emancipação americana que seria, enfim, mais um capítulo de uma história de um suposto progresso civilizador.<sup>57</sup>

Domingo Faustino Sarmiento é o autor de *Facundo: Civilización y Barbárie*. É desaconselhável ignorar esta obra quando se procura entender o jogo de representações políticas que circulava na região platina naquele contexto de guerra civil, e é inevitável encontrar diversos pontos em comum entre sua interpretação e a realizada pela defesa *colorada* de Montevideú.<sup>58</sup> Por estes motivos, os textos de ambos autores estarão em constante relacionamento ao longo desta seção deste capítulo. Exilado no Chile, Sarmiento publicou sua obra como folhetim no jornal *El Progreso* de Santiago a partir de 2 de maio de 1845. Seu título teve como inspiração a entrada da barbárie de Juan Facundo Quiroga na província de San Juan em 1827. Parte ficção,

---

<sup>57</sup> É extremamente provável que Herrera y Obes tenha tomado conhecimento acerca do conteúdo de *Facundo*, uma vez que seu texto foi publicado dois anos após a impressão de *Civilización y barbárie*, e apenas um ano após a visita de Sarmiento em 1846. Além disso, suas conexões com Andrés Lamas o aproximam ainda mais do grupo neo-unitário de Sarmiento.

<sup>58</sup> SARMIENTO, D. F. **Facundo, civilización y barbarie**. Buenos Aires : COLIHUE, 1990.

parte biografia e história, sua escrita se inicia por uma descrição geográfica e social das Províncias Unidas do Rio da Prata. Nesta primeira parte, Sarmiento constrói tipos sociais ideais cujos elementos básicos estão, em conjunto, em partes desiguais distribuídos por todos os habitantes daquela região.<sup>59</sup> *El Rastreador, el Gaucho Malo, el Baqueano* e *el Cantor* são frutos do deserto e do pampa. A imensidão do terreno aliada à escassez de homens tem como resultado o enfraquecimento da associação entre os indivíduos. As grandes distâncias e a solidão do pampa não são capazes de impor laços sociais fortes e estáveis. Acostumado a viver sozinho ou em pequenos grupos, o gaúcho idealizado de Sarmiento é um ser egoísta e insensível por condicionamento social e geográfico. Seu estilo de vida seminômade, no qual a abundante oferta de carne a este caçador de gado *cimarrón* dá oportunidade a um meio de vida que dispensaria a necessidade do trabalho, torna-o resistente à experiência sedentária do lar e da família. Poder-se-ia dizer que, mais do que desinteresse, este autor enxerga no gaúcho uma inaptidão à vida considerada civilizada.

Sarmiento não foi o único nem o primeiro a elaborar teorias que explicavam a “natureza” ou o comportamento dos homens, separando-os entre sujeitos ideais, sejam estes urbanos, camponeses, caçadores ou agricultores. Montesquieu, por exemplo, discutindo a necessidade e a aplicabilidade das leis para cada circunstância política que poderia ser encontrada em populações diversas, escreve sobre uma suposta natureza dos povos e como esta é influenciada pelo clima, pelo modo de subsistência, pelas características geográficas do terreno, pelos costumes e pela religião. O conjunto destes elementos determinaria a formação de uma sociedade, tornando-a bárbara ou civilizada. Ao contrário da Europa, “o que faz com que haja tantos povos selvagens na América é o fato de seu solo produzir por si próprio muitos frutos com os quais podemos nos alimentar”.<sup>60</sup> Estas teorias procuravam explicar porque certos povos seriam bárbaros ou civilizados, ou, ainda, como foi possível que alguns deles se

---

<sup>59</sup> “(...) si solevantáis un poco las solapas del frac con que el argentino se disfraz, hallaréis siempre el gaucho más o menos civilizado, pero siempre gaucho”. Ibid., p. 161.

<sup>60</sup> MONTESQUIEU. **Do espírito das leis**. São Paulo : Abril Cultural, 1985. p. 250.

tornassem civilizados. Não pretendo afirmar aqui que Sarmiento seja um discípulo de Montesquieu, mas apenas colocá-lo como mais um entre muitos adeptos de teorias mecanicistas que acreditavam em certos modelos de determinismo natural ou social.

Na segunda parte do seu livro, Sarmiento tem na trajetória do já lendário Facundo Quiroga um bom exemplo do que a Argentina teria de pior. Este gaúcho bárbaro representa o atraso platino. Contra a barbárie, Sarmiento ergue uma civilização européia que repousaria nas mãos de um dos partidos, o unitário. Para este autor, a guerra civil que travam os *unitários* contra os *federais* é a guerra entre um progresso civilizador europeu e um retrocesso identificado por vezes como americano ou até mesmo ibérico.<sup>61</sup> É uma guerra entre a ‘matéria’, mecanicamente construída pelo ambiente geográfico e social americano, e as ‘idéias’, estas vindas do intelecto e inspiradas pela civilização européia.

Para o século XIX, “a história, a reflexão do historiador, conjeturais ou empíricas, põe mãos à obra para chegar a um ‘quadro dos progressos do espírito humano’, a uma representação da marcha da civilização por meio de diversos estados de aperfeiçoamento sucessivos”.<sup>62</sup> Buscando suas origens na Grécia antiga ou no resultado da união entre germânicos e romanos, o progresso, no século XIX, é comumente entendido como um caminho de transformações que conduziram as sociedades ocidentais rumo à cristianização e à industrialização. A Europa de então era a referência de um *estado civilizado*. Seu desenvolvimento “material e espiritual” a erguia como modelo de civilização, e sua trajetória histórica como exemplo de como *civilizar-se*. A Europa é ao mesmo tempo um *fim* e um exemplo de um *meio*.

Escrevendo em 1852, Juan Bautista Alberdi evitava construir uma civilização platina culturalmente autônoma. A história Argentina seria apenas parte de uma

---

<sup>61</sup> Quando Sarmiento se refere a uma civilização européia, seu significado está vinculado ao norte da Europa. A Espanha e sua herança ibérica deixada na Argentina, ainda que não merecedoras da alcunha direta de bárbaras, são consideradas atrasadas e reacionárias frente aos progressos de uma civilização anglo-saxônica entendida como superior.

<sup>62</sup> STAROBINSKI, Jean. A palavra “civilização”. In: **As máscaras da Civilização**. São Paulo : Companhia das Letras, 2001. p. 15.

narrativa maior que corresponderia à da civilização europeia. Não rejeitando totalmente a herança espanhola (ainda que a considere inferior à anglo-saxônica),<sup>63</sup> Alberdi pergunta: quem são os argentinos senão descendentes de espanhóis? Mais do que herdeiros de sangue, seriam herdeiros da civilização espanhola, e, deste modo, encarregados de garantir sua continuidade.<sup>64</sup> Discutindo com Sarmiento, Alberdi acrescenta que “(...) tudo o que não é europeu é bárbaro; não há outra divisão que esta: o indígena, ou seja, o selvagem; o europeu, ou seja, nós que nascemos na América e falamos espanhol, cremos em Jesus Cristo e não em Pillán, deus dos indígenas.”<sup>65</sup> Como poderemos observar, o conceito de civilização não conhece um total consenso. Mas, em todo caso, fica claro como a noção de o que é civilização e o que é barbárie está colocada a partir da construção de uma imagem vinda da Europa e constantemente renovada e reproduzida pelas trocas entre os dois continentes, ainda que readaptada às condições sociais enfrentadas pela região platina.

Poucos anos antes de Alberdi, Bernardo Berro já afirmava que

La civilización de la Europa y la de América es la misma. Los elementos, los principios que las constituyen son también los mismos, salvo aquellos accidentes especiales que distinguen social y políticamente a los pueblos en que se hallan fraccionadas esas dos importantes secciones del globo. La civilización cristiano-romano combinada con la civilización germana, que pone en movimiento a las naciones europeas es la misma que impulsa a nuestros pueblos, y tanto es de la América como de la Europa. No hay principio ninguno importante de ella que no esté contenido en las sociedades modernas de América<sup>66</sup>.

---

<sup>63</sup> Alberdi mudará de opinião mais tarde, já na década de 1860 quando reavalia a importância da herança ibérica. ALBERDI, Juan. Bautista. **Proceso a Sarmiento**. Buenos Aires : Ediciones Caldén, 1967.

<sup>64</sup> Vejamos como Alberdi desconsidera a mestiçagem racial e o hibridismo cultural: “As repúblicas da América do Sul são produto e testemunho vivo da ação da Europa na América.” “Tudo na civilização de nosso solo é europeu; a própria América é um descobrimento europeu.” “Nós, que nos designamos americanos, não somos outra coisa do que europeus nascidos na América. Crânio, sangue, cor, tudo é de fora”. “O indígena nos faz justiça quando nos chama de *espanhóis* (...)” “O idioma que falamos é da Europa.” “E que são nossas constituições políticas senão adoção de sistemas europeus de governo?” ALBERDI, Juan Bautista. *Fundamentos da organização política da Argentina*. Campinas : Editora da UNICAMP, 1994. pp. 69-70.

<sup>65</sup> Id.

<sup>66</sup> HERRERA Y OBES, M. e BERRO, B. P. op. cit. pp. 118-119.

Para Berro, a América e a Europa compartilham de uma mesma civilização. Porém, neste enfoque, sua versão americana antecipa a de Alberdi por considerá-la uma expansão da civilização européia iniciada nos tempos da conquista espanhola do século XVI. De certa forma, a América hispânica também é européia, o que a afasta da barbárie descrita por Sarmiento. Todavia, Berro e Alberdi dão margem ao entendimento de que existem ao menos duas Américas, a “nativa” e a construída por europeus. Em nenhum momento, Berro ou *blancos* iniciarão uma defesa pela América “nativa”,<sup>67</sup> mas a possibilidade de que a “América Blanca” seja uma expansão da civilização espanhola conseguiria salvá-la da alcunha de bárbara.

Originalmente, o texto de Berro fora uma resposta a Manuel Herrera y Obes, uma vez que este também acreditava que a Europa seria necessariamente civilizada, enquanto que a América representaria sua infeliz oposição bárbara. Este autor *colorado* se manteve na esteira sarmientiana de separação nítida entre dois modelos ideais de sociedade, o bárbaro e o civilizado. Ainda que esses dois elementos contrários possam coexistir, seriam necessariamente antagônicos, categorias inimigas que escolheram o Prata como palco para a resolução dos seus conflitos. Na versão *unitária* e *colorada*, a civilização deve erguer uma guerra sem tréguas aos bárbaros, e já veremos como não apenas os indígenas foram incluídos nessa categoria, mas também receberam essa classificação os *federais* e os *blancos*.

A consagração da palavra civilização na literatura tida como científica é acompanhada por um uso cada vez mais indiscriminado da sua acepção na política e na legitimação de certas ações. A civilização adquire uma autoridade apta a exercer um poder mobilizador capaz de acender conflitos entre grupos políticos ou intelectuais rivais. O civilizado demoniza o bárbaro, e, assim, alguns indivíduos pretendem se

---

<sup>67</sup> Os *federais* valorizavam a figura do gaúcho como parte de um “americanismo”. Mas ainda que o hibridismo cultural do gaúcho - uma mistura de indígenas e espanhóis - exista, este estava incluído no que se considerava “civilização”, ao contrário das tribos nômades que eram combatidas, colocadas entre os bárbaros. Em uma empresa que engrandeceu seu prestígio, Rosas será responsável pela expansão das fronteiras argentinas em guerras contra os indígenas ao sul da Província de Buenos Aires.

apresentar como os legítimos detentores do monopólio da sua propagação.<sup>68</sup> A civilização é o critério pelo qual se julgarão os demais, e sua defesa poderá, inclusive, legitimar o uso da violência. No caso francês, “a linguagem pós-revolucionária consagrava-se a identificar os valores sagrados da Revolução com os da civilização e, em consequência, consagrava-se igualmente a reivindicar para a França, país da Revolução, o privilégio de ser a vanguarda (ou o farol) da civilização”.<sup>69</sup> Na Argentina, membros do Partido Unitário e da Geração de ‘37 adotarão atitudes semelhantes, reivindicando para si a posição de revolucionários condutores da civilização, relegando seus inimigos ao papel de bárbaros reacionários.

Voltando à segunda parte do *Facundo*, repleta de ataques sutis ou abertos a Rosas, a biografia de Quiroga emerge como porta de entrada para a explicação de uma “natureza” e de uma história para o Prata. Principalmente através de Quiroga, mas também por outras personagens, os tipos ideais do homem platino estarão presentes nas personalidades de indivíduos como Artigas e Rivera. Este é o *baqueano* típico, conhecedor dos caminhos e segredos do pampa, enquanto que, “si el lector no se ha olvidado el baqueano y de las cualidades generales que constituyen el candidato para la comandancia de campaña, comprenderá fácilmente el carácter e instintos de Artigas”.<sup>70</sup> Todavia, a biografia de Quiroga, homem que conhece a ascensão através da revolução, da independência e dos conflitos entre *unitários* e *federais*, é um caminho em que se acompanha a própria história da Argentina das primeiras décadas do século XIX. Quiroga fornece um exemplo e um sentido, pois seria o “produto natural da sociedade argentina num determinado ponto de sua evolução”.<sup>71</sup> É na natureza de Facundo e de Rosas, exemplos máximos da barbárie platina<sup>72</sup> que se encontram as

---

<sup>68</sup> STAROBINSKI, Jean. op. cit. p. 32.

<sup>69</sup> Ibid. p. 35.

<sup>70</sup> SARMIENTO, op. cit., pp. 70/81.

<sup>71</sup> COELHO PRADO, Maria Lúcia. Para ler o *Facundo* de Sarmiento. In: **América latina no século XIX: tramas, telas e textos**. São Paulo : Editora da USP, 1999. p. 162.

<sup>72</sup> Sarmiento confere a Facundo a categoria de “bárbaro ingênuo”, enquanto que Rosas é transformado a barbárie em sistema de governo, racionalizando-a. “Rosas não inventou nada; seu talento ha

origens das guerras civis que tanto assolam o Prata, preocupam seus habitantes e atrasam seu progresso rumo à civilização.

No Uruguai, Manuel Herrera y Obes publicou uma interpretação semelhante apenas dois anos depois. Não é possível afirmar que este tenha lido o *Facundo*, uma vez que em nenhum momento faz menção a esta obra, mas é pertinente observar que as idéias de ambos estavam inseridas em um campo de idéias que abrangia ambas as margens do Rio da Prata. Sarmiento, ainda que grande difusor, não inventou a oposição entre civilização e barbárie. Tanto Herrera y Obes como Sarmiento estavam sujeitos a um mesmo contexto de idéias e desafios, além de compartilharem os mesmos inimigos. Mas, sem dúvida, o segundo não contradiz o primeiro; ao contrário, conduzem seus esforços de guerra para a mesma direção. Porém, a versão de Herrera y Obes está adaptada à história da antiga Banda Oriental. Por este motivo, a história que é contada se concentra mais em Rivera e em Oribe, antigos seguidores de Artigas e, em seguida, líderes dos partidos em conflito da ‘Guerra Grande’. Mais do que isso, seu texto se posiciona num ponto específico da história do partido *colorado*: a quebra formal entre o *Governo de la Defensa* de Montevideu e seu antigo líder, Fructuoso Rivera.

Qual o significado atribuído a este rompimento? Herrera y Obes o transforma na expurgação definitiva dos resquícios de barbárie que ainda infectavam o Partido Colorado. A expulsão de Rivera seria também uma transformação total de sentido para a ‘Guerra Grande’. Esta deixaria de ser uma mera disputa entre caudilhos pela presidência da república para se tornar uma guerra aberta entre a civilização e a barbárie. Nesta interpretação, os paladinos do progresso e da civilização se encontravam na defesa de Montevideu.

O *blanco* Francisco Solano Antuña, nos seus diários do sítio da capital, descreve as tropas que, além das formadas por homens *colorados*, defendiam a cidade:

---

consistido sólo en plagiar a sus antecesores y hacer de los instintos brutales de las masas ignorantes un sistema reeditado y coordinado fríamente”. SARMIENTO, op. cit., p. 82.

“Un vice-almirante frances imbecil ó chocho llegó para tolerar y animar con su aquiescencia el armamento de dos mil franceses que uniformados y con sus banderas y escarapelas francesas forman alineados con los negros y unitarios argentinos”.<sup>73</sup> Todos esses grupos, inclusive com a contradição dos batalhões formados por libertos (escravos até a abolição de 1842 e imediatamente armados e incorporados à guerra), apareciam, para os *colorados*, como defensores da civilização. Estes eram comandados pelo núcleo do partido *colorado*, associado a exilados unitários e a europeus imigrantes.<sup>74</sup> Assim, nas palavras de Herrera y Obes, a separação entre a *campaña* e a cidade já anunciada por Sarmiento estava, mais do que nunca, comprovada pelo cerco a Montevideú:

Se armaron hombres para resistir (...); y, sin saberlo, se armaron con ellos las ideas para resistir a la fuerza; la Ciudad para resistir al Campo.  
Hace apenas 6 años que cualquier caudillo de departamento, se habría reído si le hubiesen dicho que la Capital se había convertido en arsenal, y sus habitantes de frac en soldados.  
Hoy es un echo, y no se ríe de él todo un ejército imponente.<sup>75</sup>

Nas palavras irônicas de Alberdi, o partido unitário é o “partido inteligente”.<sup>76</sup> E repetindo, “las ideas para resistir a la fuerza”. Tanto o partido *unitário* como o *colorado*, já sem Rivera, conferem a si próprios a nobreza das “idéias”, atribuem aos *federais* e *blancos* o papel de bárbaros, cujas discutíveis qualidades estariam

---

<sup>73</sup> ANTUÑA, Francisco Solano. Escritos históricos, políticos y jurídicos Del Dr. Francisco Solano Antuña: N° 3 – Diario llevado por el Dr. Francisco Solano Antuña sobre los sucesos ocurridos en la República durante el año 1843. **Revista Histórica**. Montevideú : Publicación del Museo Nacional, 1974. p. 486.

<sup>74</sup> Sala de Touron e Alonso Eloy apontam uma estimativa de 42.000 habitantes para Montevideú em 1842. Destes, 2000 franceses formavam a Legião Francesa comandada pelo “bonapartista Thiebaut”; 600 italianos sob ordens de Giuseppe Garibaldi (aqui ali esteve entre 1842-1848); 500 emigrados argentinos e 700 espanhóis. Citando Mitre, estas autoras escrevem que o batalhão de libertos contava com 11.000 soldados, respondendo à metade dos “nacionais” armados, o que conduz a uma estimativa de 25.800 para o total das forças da defesa, correspondendo a aproximadamente 61,4% do total da população da capital. SALA DE TOURON, Lucia; ALONSO ELOY, Rosa. **El Uruguay comercial, pastoril y caudillesco. Tomo II: Sociedad, política e ideología**. Montevideú : Banda Oriental, 1991. pp. 24/64/317.

<sup>75</sup> HERRERA Y OBES; BERRO, op. cit., p. 16.

<sup>76</sup> ALBERDI, **Fundamentos...** op. cit., p. 201.

localizadas na força bruta e na sua capacidade de mobilizar uma população gaúcha ainda mais selvagem do que seus líderes. Incapazes estes “intelectuais” de organizarem forças semelhantes àsquelas dos caudilhos, sustentavam suas ambições na legitimidade intelectual.

É importante entender que o pensamento *colorado* e *unitário* tem pouco interesse em aumentar o alcance da participação política para toda a população. Ao contrário do que se poderia supor, se os *blancos* e *federais* conferem a si mesmos o apoio da maioria da população, seus inimigos, que parecem não discordar deste fato, declaram que essa população não passa de um amontoado de gaúchos selvagens segundo o modelo sarmientiano. Desta forma, o argumento *blanco* de que o ‘Governo del Cerrito’ seria o verdadeiro nacional por ter ao seu lado uma construída vontade popular é desconsiderado por um rótulo de incapacidade colocado na sua população. O ‘Governo de la Defensa’, que se conforma em contar com uma minoria de orientais ajudados por batalhões de libertos excluídos da condição de nacionais e estrangeiros europeus, pretende estabelecer sua legitimidade em uma missão civilizadora para o Prata. Mas que missão é essa?

Retomando as idéias de Alberdi, que em momento algum se declarou *unitário*, mas propunha a fusão das idéias dos dois partidos, a civilização ocidental teria percorrido um longo caminho de *civilizar-se* que pode ser traçado desde a Grécia Clássica. Em determinado momento, já estabilizada, ela passou a expandir-se pelo resto do globo, alcançando as Américas. Assim, a Espanha aparece como uma condutora da civilização, carregando-a consigo através da conquista. Porém, com o gradual declínio espanhol, perdendo seu espaço de potência européia para a Inglaterra, ao invés de manter sua empreitada civilizadora, a metrópole ibérica estaria então embaraçando o desenvolvimento das Américas com seu monopólio e isolamento colonial. É neste ponto que a Revolução de Maio e a independência encontram um significado civilizador. A Revolução detém um papel decisivo para este contexto.

Como afirmou Antuña em seu diário, o mês de maio é “el mes de America”.<sup>77</sup> A revolução se torna uma revolta em prol do progresso e da modernidade contra um antigo regime colonial. A Espanha torna-se, senão bárbara, uma civilização atrasada ou decadente. Por esta razão, a atitude mais acertada teria sido a da independência, acompanhada de uma conseqüente liberação dos entraves coloniais que, do ponto de vista liberal, conduziriam o antigo vice-reinado do Prata a uma condição de atraso econômico e social.

A importância dada à Revolução, mitificada e percebida como um momento crucial de impulso de um progresso civilizador, já era aceita por *colorados* e *unitários* da década de 1840. Herrera y Obes, em suas publicações de 1847, já explicava as guerras civis platinas como prolongamentos do movimento revolucionário das idéias de Maio de 1810:

Una organización social inveterada por tres siglos, no se aniquila en los combates como el poder militar; y una revolución como la revolución americana no limita su empresa en el triunfo de la independencia política. La lucha de una y otra debía proseguir más allá de la guerra de la emancipación material, pasando del campo de los combates con la España, al de las resistencias morales entre nosotros mismos.

Em relação ao papel do reino espanhol na América e a estes embates “morales entre nosotros mismos” que a herança ibérica impunha, Sarmiento se aproxima apenas levemente da explicação de Alberdi ao opor as cidades de Córdoba e Buenos Aires.<sup>78</sup> A primeira é a representação do mundo colonial fechado a inovações e contaminado pelo poder eclesiástico. A segunda é a cidade aberta ao comércio e às idéias, onde os intelectuais discutem livremente suas opiniões sem temer a intervenção da igreja ou da metrópole. Contudo, pouco interessado em valorizar algum papel civilizador que o mundo ibérico possa ter desempenhado na América colonial, Sarmiento se preocupa mais em afirmar que, em 1845, a herança espanhola é um atraso e, nas mãos dos *federais*, um instrumento de retrocesso. No Uruguai, Herrera y Obes dá à cultura

---

<sup>77</sup> ANTUÑA, op. cit., p. 472.

<sup>78</sup> SARMIENTO, op. cit., pp. 113-125.

ibérica um caráter autodestrutivo fortemente associado à suposta barbárie *blanca* e *federal*: “Fuimos educados por la España. Por la España que con la punta de su espada ha escrito las páginas de su historia; el pueblo guerrero por excelencia, que cuando no ha tenido pueblos extraños con quienes combatir, se ha puesto un sable en cada mano y se ha hecho pedazos sus miembros, por no perder la costumbre de batirse.”<sup>79</sup> A cultura ibérica e a barbárie americana são responsáveis pela manutenção das guerras civis que tanto destroem os estados platinos.

A partir desta visão, os *blancos* e *federais* são colocados como reacionários ou contra-revolucionários, inimigos da revolução civilizadora de Maio. Marchando contra as idéias *unitárias* e *coloradas*, que por lógica seriam as da civilização e da revolução, são enquadrados como uma reação de um mundo colonial que resiste às transformações do progresso. A partir desta interpretação, *unitários* e *colorados* desenham um espaço social e procuram adequar cada ator dentro de um esquema de pensamento que dá sentido a esta sua história: “Bustos, López, Quiroga, Ibarra, y por último Rosas en la República Argentina, no han sido otra cosa que los delegados del pueblo esclavo de las colonias que se *reaccionaba* contra el pueblo libre de la revolución.”<sup>80</sup> Neste trecho, Herrera y Obes coloca claramente dois grupos em conflito. Existe um povo que é escravo do atraso, preso a um passado colonial tanto pelas idéias como pela força. Mas existe outro que é o livre, o da revolução. A este compete a tarefa de combater a barbárie, mantendo a civilização no seu curso natural de desenvolvimento. Desta forma, temos um nítido sentido dado à revolução como um episódio a mais de um progresso da civilização europeia que se prolonga pela América. Temos um discurso político, um projeto civilizador, que se considera condutor de um progresso civilizador natural e inerente à sociedade europeia. Com essa versão maniqueísta em que de um lado existem bárbaros e, do outro, civilizados,

---

<sup>79</sup> HERRERA Y OBES; BERRO, op. cit., p. 8.

<sup>80</sup> Grifo meu. Ibid., p. 34.

os adversários são posicionados contra o encaminhamento natural da história, e, assim, contra a Revolução de 25 de Maio 1810.

Descrevendo a origem do desvirtuamento original da revolução, Herrera y Obes segue o seguinte raciocínio. Nas suas origens, em Buenos Aires, a Revolução de Maio fora idealizada por uma elite *criolla*. Mas esta não era capaz de conduzir a guerra sozinha, pois não detinha a força física necessária para combater os exércitos espanhóis na guerra de independência. Como então mobilizar os gaúchos da *campana*? Estes seriam conduzidos por uma simplificação dos ideais revolucionários, apelando para uma ideal liberdade, um ideal patriotismo. E, então, aparecem os caudilhos, os homens que conseguirão, com seu poder pessoal, conduzir os gaúchos até a guerra. Assim, o que poderia ser uma continuidade entre revolução e guerra, para Herrera y Obes, aparece como uma nítida separação entre estas duas. A revolução pertence às idéias e à elite. A guerra pertence aos caudilhos e aos gaúchos. Os gaúchos se armam por uma questão de necessidade prática; é um efeito secundário não desejado, mas necessário. E é justamente neste ponto que surge a figura de Artigas, pois, ao contrário do que ocorre em Buenos Aires, este caudilho oriental tem como núcleo de seu poder a *campana*. E ainda mais contraditoriamente, Montevideú se torna um baluarte realista de resistência à revolução. Assim, esta conheceu seu primeiro sítio em 1812 por uma força conjunta de artiguistas e expedicionários *porteños*.

Mas a origem do desvirtuamento da revolução está no problema de que, tanto durante o processo revolucionário como mesmo após a vitória dos *criollos* sobre os espanhóis por todo o continente, os civilizados não conseguiram desarmar a população. Assim, caudilhos diferentes de partidos rivais carregaram consigo as armas desses selvagens gaúchos e, por interesses pessoais, assolaram o território dos novos estados independentes com uma guerra civil que parecia não ter fim. A elite de Buenos Aires teve sérias dificuldades em controlar seus grupamentos armados, assim como encontrou graves problemas na tentativa de impor uma versão unificada para a

revolução. Por este motivo, Artigas aparece como uma das primeiras e mais fortes dissidências da Revolução de Maio.

Na década de 1840, para a interpretação *unitária e colorada*, os caudilhos são os grandes culpados pelo desvirtuamento da revolução. Mais do que isso, eles se tornaram uma força reacionária que procurava manter diversos elementos coloniais nas novas repúblicas. O produto desejado da revolução não deveria se limitar apenas a derrubar o poder do rei espanhol na América, mas sim implantar um Estado “moderno” e diverso do colonial. O território que depois se transformaria no atual Uruguai também vivera a Revolução de Maio e, de certa forma, sentia-se parte dela. Maio faria parte de um processo revolucionário que encontrava seu início na deposição do último vice-rei, mas que ainda se prolongava pela ‘Guerra Grande’ no Uruguai, pela luta contra Rosas na Argentina. Para Manuel Herrera y Obes, a revolução ainda estava incompleta em 1847:

Una Ciudad Capital que se hace guerrera; resiste cinco años a un ejército formado de todos los elementos acostumbrados a ser vencedores entre nosotros; que para esa resistencia se crea hombres y principios nuevos; y establece de más cerca relaciones con la Europa, no es un hecho en la América que puede tener un carácter vago y de transición; todo eso es colocarse ciertamente sobre las bases mismas de la revolución americana.<sup>81</sup>

Para além da simples propaganda política, como o *artiguismo* e o *federalismo* podem aparecer como forças reacionárias? Primeiramente, é preciso observar que, para a interpretação *colorada*, estes dois movimentos podem ser facilmente entrelaçados. Artigas é o principal articulador da ‘Liga Federal’, projeto de constituição argentina rival à inicial política centralizadora da Buenos Aires revolucionária. Enquanto o artiguismo existiu, para as chamadas províncias do Litoral, ele foi praticamente um sinônimo de federalismo. Como Halperín Donghi indica, afetada a Banda Oriental pela invasão portuguesa de D. João VI iniciada em 1816, a decadência do artiguismo conduziu seus aliados das demais províncias a utilizarem a nome de *liberales* para

---

<sup>81</sup> Ibid., p. 60.

designar os grupamentos políticos que compunham.<sup>82</sup> Mais tarde, contudo, o federalismo surgiu com maior intensidade como uma resistência ao movimento *unitário* que também crescia e que se desenhava através de personalidades como a de Bernardino Rivadavia. No mínimo, seria muito arriscado afirmar que o federalismo de Rosas e o de Artigas tinham em comum algo além de se oporem a projetos centralizadores como os dos *unitários*. Mas é correto dizer que, do ponto de vista do ‘partido inteligente’, Rosas e Artigas eram integrantes de um mesmo grupo: o da barbárie da *campaña*.

Em uma publicação póstuma de crítica ao já presidente Sarmiento, Alberdi anuncia que Artigas é o “baqueano, contrabandista (...), caudillo de las masas de a caballo, es el mismo tipo que con ligeras variantes continúa reproduciéndose en cada comandante de campaña que ha llegado a hacerse caudillo”.<sup>83</sup> E ele coloca o líder oriental como inventor da *montonera*, um dos grandes males que atingiriam o Prata: “Artigas y su sistema de guerra – la montonera –, surgió de la revolución de la independencia. No podía tener una forma más natural y normal, la guerra de la revolución sudamericana (...)”.<sup>84</sup> Assim, se tomarmos como referência os escritos de Sarmiento, Herrera y Obes e Alberdi, ainda que este discorde com frequência do primeiro, Artigas é identificado como um dos pioneiros da mesma barbárie que, depois, acolherá o governador Rosas; ele é também um dos primeiros caudilhos a se aventurarem por uma guerra entre a *campaña* e a cidade.

Ao estudar as *Bases económicas de la revolución artiguista*, José Pedro Barrán e Benjamin Nahum extraem de Artigas uma combinação de tradição e revolução.<sup>85</sup> Mesmo antes de concluído o período colonial, a presença espanhola já preparava uma reorganização do sistema de propriedades agrárias da região. O

---

<sup>82</sup> HALPERÍN DONGHI, T. **Revolución y guerra**. Buenos Aires : Siglo XXI, 1994. p. 318.

<sup>83</sup> ALBERDI, **Proceso...** p. 43.

<sup>84</sup> Id.

<sup>85</sup> BARRÁN, J. P.; NAHUM, B. **Bases económicas de la revolución artiguista**. Montevideu : Banda Oriental, 1972. p. 84.

chamado *arreglo de los campos* tinha como principal objetivo promover uma nova repartição de terras sob o argumento de que uma efetiva ocupação não apenas contribuiria economicamente à colônia, mas também ergueria um obstáculo ao avanço português vindo do norte. Este projeto pretendia repartir terras que ainda restavam sob propriedade do estado, assim como as mal aproveitadas estâncias de longa extensão.

Artigas acompanhou o *Capitán de Navío* Félix Azara em uma viagem à *campaña* cujo objetivo era a fundação do povoado de Batoví em 1800. Azara escreveu a *Memória sobre el Estado Rural del Rio de la Plata*, obra que, analisando a situação da *campaña*, reafirmava a necessidade de retomar o *arreglo de los campos*. É possível conceber que, neste contato, Artigas tenha tido a oportunidade de discutir os termos daquele esforço reformista. Mas está no *Reglamento Provisorio de la Provincia Oriental para el fomento de su Campaña y Seguridad de sus Hacendados* de 10 de setembro de 1815 a marca de que Artigas manteve o interesse em realizar uma “reforma agrária”. Desta forma, é retomada a tradição espanhola de direito fundiário, sobre a propriedade de terras e seu aproveitamento. A terra é uma concessão do Estado, cedida ao súdito como uma permissão de uso que pode ser perdida caso o favorecido não atenda a suas obrigações de exploração. Artigas tentou aplicar essa tradição em 1815, mas, como argumentam Barrán, Nahum e Donghi, este esforço não foi muito bem sucedido. As poucas terras desapropriadas e redistribuídas pertenciam aos considerados inimigos da Revolução, e o resultado deste projeto foi se apagando com a decadência do *artiguismo* frente à entrada portuguesa de 1816.

É interessante perceber como o artiguismo surge na historiografia uruguaia como uma revolução em separado da contemporânea argentina. Os títulos dos livros dedicados ao seu estudo o comprovam: temos o já citado *Bases económicas de la Revolución Artiguista*, mas também o *Raíces coloniales de la Revolución Oriental de 1811* de Pivel Devoto, e os trabalhos da equipe formada por Lucia Sala de Tournon,

Nelson de La Torre e Julio Rodríguez, como o livro *Artigas y su revolución agrária*.<sup>86</sup> Mesmo em historiadores argentinos, a adesão de Artigas à Revolução de Maio logo se torna uma revolução com características próprias, como fica exposto pelo capítulo da obra *Revolución y Guerra* de Halperín Dongui, *La otra revolución: Artigas y el Litoral*.<sup>87</sup> Neste último exemplo, a *Revolución* do título é a Revolução de Maio, a do capítulo, é a *artiguista*.

Primeiramente, a diferença entre os dois casos está na origem dos indivíduos que os compõem. Na versão da Banda Oriental, temos uma “*revolución de multitudes campesinas, no de minorías ilustradas urbanas como el golpe del 25 de Mayo de 1810 en Buenos Aires*”.<sup>88</sup> Nesta historiografia uruguaia, Artigas carrega esse charme de apelo popular que logo o tornaria irresistível à corrente marxista, não muito adequada para classificar Barrán e Nahum, mas mais correta para o caso da equipe de Sala de Touron. Neste caso, a revolução de Artigas é a revolução camponesa da Banda Oriental, e a reforma do *arreglo de los campos* recebe o sentido de reforma agrária defendido pela esquerda do século XX. Barrán e Nahum, mas também Gélman<sup>89</sup> e Donghi, atenuam essa carga revolucionária ao observar como a reforma da *campaña* está mais ligada a uma tradição colonial espanhola do que à própria revolução. Mas, para além desta adesão popular, Artigas e sua ‘Liga Federal’ representam, acima de tudo, um projeto revolucionário rival ao *porteño*.

Por outro lado, para o Herrera y Obes de 1847, são justamente as características acima colocadas as responsáveis por fazer da Revolução Artiguista um projeto não revolucionário, enfatizando seu caráter ibérico de antigo regime. Como já foi visto, a adesão popular não conseguiria legitimar aquele movimento, uma vez que

---

<sup>86</sup> PIVEL DEVOTO, J. **Raíces coloniales de la Revolución Oriental de 1811**. Montevideu : Editorial Medina, 1957. SALA DE TOURON, L.; TORRE, N de la; RODRÍGUEZ, J. **Artigas y su revolución agraria**. Cidade do México : Siglo XXI, 1978.

<sup>87</sup> HALPERÍN DONGHI, Tulio. **Revolución...** pp. 279-315.

<sup>88</sup> BARRÁN; NAHUM, op. cit., p. 89.

<sup>89</sup> GELMAN, Jorge. **Campesinos y estancieros: una region del rio de la plata a fines de la epoca colonial**. Buenos Aires : Editorial Los Libros del Riel, s/d.

o gaúcho, o homem do campo, não passaria de um bárbaro, um selvagem. E Barrán e Nahum parecem concordar com essa imagem, ainda que retirem todo o julgamento negativo construído por Herrera y Obes e seus contemporâneos, pois se referem a um suposto “obstáculo cultural” de “indole nomádica del gaúcho” que o tornaria incompatível a uma suposta vida civilizada e sedentária.<sup>90</sup> Mas, para entender como a elite montevideana entendeu o levantamento das massas artiguistas, se nos for permitido utilizar a palavra massas, Barrán e Nahum escrevem que na “medida que la Revolución comenzó a avanzar, y por su misma dinámica, a escapar del control de sus primeros creadores, a medida que las multitudes urbanas y luego campesinas empezaron a interesarse y a vivir el proceso revolucionario, los patriciados temieron el resultado final de un cambio que habían iniciado y escapaba rápidamente a su control”.<sup>91</sup> E é esta a conclusão de Herrera y Obes. A Revolução de Maio fez a guerra, pois a necessitava para expulsar o inimigo espanhol. Mas a própria dinâmica da guerra deu poder a caudilhos que a desvirtuaram, tornando-a uma batalha de interesses pessoais na busca pelo poder.

Donghi, em *Revolución y Guerra*, aponta como a guerra criou diversas oportunidades de ascensão social, elevando diversos indivíduos a posições de liderança. O autor também indica como, naquele contexto, o poder seria mais acertadamente medido pela quantidade de homens que determinada posição poderia mobilizar.<sup>92</sup> Entre outros possíveis exemplos, foi assim que Artigas pôde ascender à posição de líder regional. Abandonando um modesto cargo burocrático de Montevideú, Artigas lançou-se à revolução, na qual foi elevado ao título de ‘*Protector de los Pueblos Libres*’.<sup>93</sup> E a carreira da revolução igualmente conduziu Manuel Oribe

---

<sup>90</sup> BARRÁN; NAHUM, op. cit., p. 107.

<sup>91</sup> Ibid., p. 90.

<sup>92</sup> HALPERÍN DONGHI, Tulio. **Revolución...**

<sup>93</sup> BETANCUR, Arturo Ariel. En busca del personaje histórico José Artigas: breve análisis de su relacionamiento con el núcleo español de Montevideo. In: FREGA, Ana e ISLAS, Ariadna. **Nuevas miradas en torno al artiguismo**. Montevideú : Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2001. pp. 247-260.

e Fructuoso Rivera para posições de destaque. Já na década de 1830, com um Uruguai recentemente independente, estes serão, respectivamente, os principais condutores dos partidos *blanco* e *colorado* que iniciam o conflito civil conhecido por ‘Guerra Grande’. Herrera y Obes escreve justamente quando os *colorados* expulsam das suas filas o caudilho Rivera. É neste ponto, então, que o conflito entre poderes pessoais caudilhescos se transforma, enfim, em uma luta entre a revolução e a contra-revolução, entre a civilização e a barbárie:

Bien, pues, colocado el General Rivera, al frente de nuestras masas; constituido en su órgano, y en su representante inamovible; dueño del país desde el gobierno hasta el último peón de estancia; con ese carácter inconsecuente y desarreglado; con ese corazón sin fe, y con esa inteligencia desilustrada; con todas sus habitudes indolentes, y todos sus celos y susceptibilidades, ¿qué podría ser, decimos, el General Rivera, sino el disolvente más eficaz en la organización social?

(...)

Ausente del país el General Rivera, queda perfectamente definido el principio de cada uno de los dos contrarios en la presente guerra: Rosas por una parte invadiendo con el principio bárbaro; el gobierno de la República resistiendo, por otra, con el principio civilizador.<sup>94</sup>

Assim como a Geração de '37 em geral, Herrera y Obes constrói uma versão própria para o movimento de independência e para a Revolução. Como foi apontado ao início deste capítulo, este grupo considerava a si mesmo um avanço intelectual frente aos antigos *unitários* e demais atores originais da Revolução de Maio e da inócua organização estatal da década de 1820. Sua versão, já distante dos termos iluministas que legitimaram os primeiros unitários, conferiu um sentido histórico tanto para o Prata quanto para seus próprios idealizadores, erguendo uma hierarquia social baseada em preceitos intelectuais altamente excludentes. Com a purificação política do Partido Colorado, este receberia a missão de eliminar os caudilhos da cena platina, conduzindo sua sociedade a um próximo estágio rumo ao progresso:

Rivera, Lavalleja, Oribe, Rosas, todos estos nombres en quienes está el pueblo acostumbrado a ver personificadas las guerras que lo despedazan, no son sin embargo sino la expresión inmediata de la época y de la sociedad en que figuran. Así, pasada la época, y purificada la sociedad, ninguno de esos nombres podrían reproducirse en ella. Así también, la

---

<sup>94</sup> HERRERA Y OBES; BERRO, op. cit., pp. 42/54.

desaparición de uno de esos hombres en la escena política (...) es un gran paso que da, sin saberlo, la sociedad entera al término de su situación (...).<sup>95</sup>

## 2.4 A RESPOSTA *BLANCA* DE BERNARDO PRUDENCIO BERRO

Em resposta ao texto de Herrera y Obes, Bernardo Prudencio Berro (1803-1868) publicou seu revide no *El Defensor de la Independencia Americana* entre 20 de dezembro de 1847 e 17 de março de 1848.<sup>96</sup> Se fizermos uma breve revisão da sua trajetória, já o encontraremos integrando a redação do *La Diablada*, uma publicação anti-riverista, em 1832. Desde o início, esteve ao lado de Oribe e, representando o partido *blanco*, ingressou na *Cámara de Representantes* em 1837.<sup>97</sup> Morou do Rio de Janeiro entre 1842 e 1844, ano em que retornou ao Uruguai para unir-se mais uma vez a Oribe no ‘Governo del Cerrito’, desempenhando o cargo de *Ministro de Gobierno* desde 1845. Será presidente da república entre 1860 e 1864. Terminará sua vida na prisão do cabildo da capital, assassinado em 1868 após uma mal-sucedida tentativa de golpe de Estado.

Enquanto se ateu a contra-argumentar o artigo *colorado*, Berro deu às palavras revolução e civilização um sentido diverso da interpretação *colorada*, iniciando uma competição estratégica de conceitos e história. Uma análise atenta à versão *blanca* de civilização percebe que Berro não se destinava a delimitar uma idéia acabada ou sistematizada, seu objetivo era muito mais modesto, concentrava-se apenas em refutar ponto a ponto os argumentos de Herrera y Obes.

Ao ler essa precedente publicação *colorada* no jornal *El Conservador*, de que forma poderia Bernardo Berro defender a posição do seu partido? Atribuindo a missão civilizadora aos *blancos* e a si mesmo, declara: “¿Cómo podrían ellos, si obrasen de buena fe, arrogarse una misión que nos pertenece evidentemente y creerse con una

---

<sup>95</sup> HERRERA Y OBES (5)

<sup>96</sup> *Ibid.*, pp. 67-155.

<sup>97</sup> Equivalente à Câmara dos Deputados.

actitud que por precisión han de ver que no tienen?”, “¿cómo se pueden comparar con nosotros en poder y en justicia?”<sup>98</sup> Mas é importante frisar que Berro tem uma outra versão para a civilização. Aqui, ela enfatiza um sentido de coesão social (justamente o que, na opinião de Sarmiento, falta aos gaúchos), algo que mantém as pessoas unidas em torno de objetivos ou interesses comuns. Assim, como veremos no parágrafo seguinte, qualquer sociedade que atenda a esta qualidade, mesmo que considerada tecnologicamente ou socialmente atrasada, é uma civilização.

No siempre han estado de acuerdo los filósofos, los políticos, acerca de lo que debía entenderse por civilización. Algunos la han hecho consistir toda en la cultura del entendimiento, y otros en la perfección del estado social. (...). Pero cualquiera que haya sido la diversidad de modo de entender la civilización, hoy parece ya convenido que ella abraza ambos desarrollos, el social y el intelectual. En este concepto diremos que la civilización no es formada de la superabundancia de sabios y artistas y del exceso de establecimientos literarios, sino de aquella suma de conocimientos, de instituciones y de costumbres propias para llenar los altos fines del progreso y de la felicidad de las naciones<sup>99</sup>.

#### Uma civilização deve ser julgada

por aquel modo de ser social en que están constituidos, aquel conjunto de ideas y creencias arraigadas en la generalidad, y aquellos hábitos y movimientos que forman la vida social. Donde esos conocimientos, esas instituciones y esas costumbres correspondan a los fines que más arriba hemos expresado, allí habrá verdadera civilización.<sup>100</sup>

Esta interpretação de civilização admite uma certa diversidade de formas, pois é um modo de ‘ser social’ até certo ponto genérico, no qual é possível se organizar um grupo de pessoas. Civilização é coesão social. Barbárie é dissociação, o que lembra um pouco as idéias do seu inimigo Sarmiento a respeito do deserto: grandes distâncias e pouca população como causas da baixa associação entre os homens, o que os conduz a um individualismo egoísta e bárbaro. Ainda que se deva ter cuidado nesta aproximação, Berro não discorda totalmente a respeito do entendimento do que seria uma civilização ocidental:

---

<sup>98</sup> Ibid., p. 102.

<sup>99</sup> Ibid., p. 128.

<sup>100</sup> Id.

El mediodía de la Europa, en que la civilización se hallaba domiciliada con el Imperio Romano, después de la irrupción de los pueblos del Norte se vio sujeto a una larga lucha social con la barbarie, que éstos habían introducido. Al cabo terminó la lucha por una combinación de elementos en que figuraban, de una parte los suministrados por el cristianismo, de otra los que quedaron de la sociabilidad romana, y de otra los que trajeron los bárbaros y permanecieron después del choque. Verificada esta fusión, cesó la pugna, y la civilización con el complejo de los elementos nuevamente combinados empezó a desarrollarse, y a avanzar en su carrera más o menos rápidamente, según las circunstancias de los pueblos en que había definitivamente prevalecido. Desde entonces en la Europa dejó de existir la barbarie; puesto que como hemos dicho los mismos elementos introducidos por ésta que habían quedado, se amalgamaron con los demás elementos que entraron a servir para el nuevo desenvolvimiento de la civilización.<sup>101</sup>

Na opinião de Berro, a civilização europeia já estaria consolidada. A luta que nela persiste não é a que se trava contra a barbárie, mas a do saber contra a ignorância, pois

esta lucha es inseparable de la existencia de las sociedades humanas; porque siempre ha de haber preocupados e ignorantes en abundancia aun en las naciones que más lleguen a civilizarse, y por bien organizadas que estén, aquellos han de lograr alguna influencia y han de oponerse muchas veces a los que más saben (...) No se puede, pues, decir que una nación de las de Europa es bárbara porque reine en ella más que en otra la ignorancia y las preocupaciones. Se dirá que es atrasada, poco culta; pero de ahí no se puede pasar.<sup>102</sup>

A barbárie, para Berro, está extinta entre os europeus ocidentais. Nem estes, nem os americanos descendentes de espanhóis podem regredir ao passado. A civilização existe, visto que a coesão social, aquilo que torna a vida em sociedade possível, está consolidada pelo interesse comum. E por mais ignorantes que possam ser os *criollos*, isto não os torna menos civilizados, pois, como imigrantes, trouxeram consigo os mesmos princípios de organização social que davam sentido à civilização do velho continente:

Nuestros padres vinieron de la Europa, trajeron consigo esa misma civilización que hay en aquella parte del mundo. Que fuesen más ignorantes que otros europeos no lo negamos; y que sujetos con su generación al régimen colonial, participase la sociedad que fundaron de todas aquellas cualidades que son propias de semejante modo social de existir, tampoco lo hemos de dar por incierto: pero sí nos opondremos a pasar porque perteneciesen ellos y esa sociedad a la barbarie.

---

<sup>101</sup> Ibid., p. 129.

<sup>102</sup> Ibid., p. 130.

¿Dónde está pues esa barbarie hacia la cual dicen los salvajes unitarios que queremos volver? (...) ¿No somos cristianos como los europeos, no tenemos un idioma europeo, no pertenecemos al mismo tipo que los europeos, no es en fin nuestra civilización lo mismo que la de ellos?<sup>103</sup>

E é a partir daqui que Berro se opõe com maior intensidade à versão *colorado-unitária*, pois mesmo que sejam civilizadas ambas as partes em conflito, em apenas uma está a inteligência e a justiça. Destarte, os *blancos* nada estariam fazendo além de defender a ilegalidade da renúncia de Manuel Oribe, forçado a tal ato por um golpe de estado *colorado*. Neste sentido, os *blancos* se consideram os ‘*Defensores de las Leyes*’, título utilizado na luta por um estado de direito e de ordem social. Este título se identifica também com o recebido por Rosas anos antes, o de ‘*Restaurador de las Leyes*’. Como já frisava Pivel Devoto, *blancos* e *federais* consideravam-se protetores da ordem, representando um anseio à antiga paz e estabilidade colonial.

Mas atribui-se o barbarismo da *campaña* aos excessos violentos dos gaúchos? A isto ele pergunta se não seria igualmente bárbara, então, a França revolucionária? Existiram excessos durante o Regime do Terror, mas isso não significaria que a França fosse bárbara. Nela, como em tantos outros lugares, também conviveriam elementos ignorantes, violentos, sábios e civilizados. A Europa não é um exemplo de perfeição civilizada, como querem os *unitários*, nela também haveria um “pouco de barbárie”. Berro defende que, ao não se darem conta disso, os *unitários* e *colorados* imaginam ser possível copiar modelos europeus e transportá-los ao caso americano.

A escolha da França como exemplo tem um duplo sentido. O primeiro, por sua revolução servir de inicial modelo europeu às ambições *unitárias* e *coloradas*; segundo, por este Estado europeu anteriormente organizar dois bloqueios navais ao porto de Buenos Aires, e, depois, por se posicionar ao lado de Montevideu na guerra civil. Mas, além disso, a existência de um grande número de imigrantes franceses, estimados em 13922 para o intervalo entre 1833 e 1842,<sup>104</sup> muitos armados em defesa

<sup>103</sup> Ibid., p. 131.

<sup>104</sup> OTERO, H. A imigração francesa na Argentina: uma história aberta. In: FAUSTO, B. (org.). **Fazer a América**. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 134.

de Montevidéu contra as forças de Rosas e Oribe, igualmente gerava preocupações no lado *blanco* da questão. Desta forma, ao atacar a França, Berro estava minando a sustentação da legitimidade do ‘Governo de la Defensa’. Segundo ele, o erro dos *unitários* estaria em transpor para a América um modelo de revolução que seria inadequado até mesmo para a Europa. A extremamente condenável centralização de poder em que teria caído a França seria uma terrível inspiração para os igualmente centralizadores *unitários*.

Perseguindo este mesmo objetivo de delatar as falhas do inimigo, mas neste caso em correspondência particular, Berro chega a condenar o romantismo como movimento estético, mas também como uma eventual versão política. Os românticos, igualmente identificados com a França, são acusados por seu ar “afetado” de pouca racionalidade, pois abusam da estética das emoções, tornando-se pouco lúcidos na administração do estado e das idéias. Este *blanco* que prega um frio cálculo e raciocínio nas ações, escreve sobre o “uso frecuente e inmoderado que hacen de la poesía y de los arbitrios oratorios los escritores salvajes unitarios, en las discusiones más graves, y en las materias que piden una reflexión más fría y reposada.”<sup>105</sup>

*Colorados e unitários* costumavam trazer para si a autoridade civilizadora da arte.<sup>106</sup> Sarmiento denuncia que Rosas não teria nenhum escritor ou poeta ao seu lado, e que boa parte destes artistas haviam fugido da opressão, cruzando o Prata em direção ao refúgio de Montevidéu.<sup>107</sup> “Desde 1836 empezaron a llegar a Montevideo de emigrados, y mientras Rosas dispersaba la población natural de la República con sus atrocidades, Montevideo se agrandaba en un año hasta hacerse una ciudad floreciente y rica, más bella que Buenos Aires y más llena de movimiento y comercio”.<sup>108</sup> De certa forma, é “bonito” ou “esteticamente bem definido” ser inimigo Rosas. Os

---

<sup>105</sup> HERRERA Y OBES; BERRO, op. cit., pp. 67-68.

<sup>106</sup> O maior destaque era dado à literatura, mas, de forma mais modesta, poderia aparecer em outros campos. Alberdi era também um aclamado pianista. KATRA, op. cit., p. 73.

<sup>107</sup> SARMIENTO, op. cit., p. 231.

<sup>108</sup> Ibid., p. 236.

*blancos* não ignoram esta argumentação unitária, e não abdicam da tentativa de enfraquecê-la. Vejamos como Berro descreve um romântico, em geral visto como *colorado* ou *unitário*:

Observemos a un romántico. Va por la calle, es decir, por un paraje público: lleva la vista baja, distraída y lánguida; sus pasos son flojos, su andar lento, su cuerpo caído y como abandonado a sí mismo; el sombrero echado para atrás tapando bien la nuca y descubriendo la frente vaporosa y ancha; el pelo partido y arrojado hacia abajo por entrambas sienas, bien alisado, bien largo y pendiente a manera de sauce llorón y en la punta doblado para adentro contra lo natural, y contra la hermosura, una buena barba unida, y espesa, bigotes y pera, el cuello de la camisa también doblado para abajo; el traje bien escurrido; todo manifestando un abandono, un desaliño, una melancolía mística que da lástima. Y bien, este romántico será algún profundo varón, algún nuevo Rousseau, algún nuevo Young. Pues, no, señor, es un mozalbete en cuya alma rebosa la travesura y la vivacidad, es un estudiante desaplicado y botafuego que va a una diligencia de prisa; pero es preciso afectar ese exterior de negligencia, esa falta de compostura y arte, aunque bien sabe él que esa afectación es toda puro arte, y pura compostura. Finge pues, lo que no es; y he aquí el principio de la hipocresía.<sup>109</sup>

O movimento literário romântico tinha como tarefa demolir a “decrépita” tradição espanhola. A luta entre romantismo e o classicismo eram uma continuação do movimento de independência. Seus integrantes defendiam o romantismo como o liberalismo na literatura e, por este motivo, costumavam denominar-se ‘*liberales*’. Seus projetos literários e políticos andavam juntos e se confundiam. A Crítica de Buenos Aires os chamava de ‘*romanticistas*’, mas eles preferiam reconhecer-se por ‘*socialistas*’ ou ‘*ecléticos*’.<sup>110</sup> Sua maior influência era a França, mas após as revoluções de 1848, não apenas abandonaram a palavra “socialismo”, como ainda defendiam uma limitação dos exageros literários e do pensamento político do início da Revolução Francesa. Desta forma, a referência principal também é transferida da França para o modelo Norte-Americano.

Esteban Echeverría publicou sua primeira obra, *Elvira o la novia del Plata* em 1832. Dois anos depois, lançaria a primeira poesia de clara orientação romântica da

<sup>109</sup> BERRO, B. P. *Escritos selectos*. Montevideu : Ministério de Instrucción Pública y Previsión Social, 1966. p. 82.

<sup>110</sup> KATRA, op. cit., p. 102.

região: *Los consuelos*. Bartolomé Mitre, que igualmente se destacava como poeta, afirmava que a obra de Echeverría representava uma “Revolução Literária”.<sup>111</sup> Echeverría, introdutor do romantismo no Prata, também recebia uma descrição estereotipada dos demais:

Contrastando con esta imagen de cantor para los gauchos estaba la perspectiva opuesta de Echeverría como un poeta refinado y melancólico con un marcado sentimiento de superioridad y aun de esnobismo. Los observadores contemporáneos lo calificaban de meditabundo y altanero. Esta actitud derivaba en parte de los malestares físicos que lo debilitaban y de sus tendencias neurasténicas. Según la amable descripción de Gutiérrez, Echeverría proyectaba una imagen refinada de sí mismo, por su elegante vestimenta, traída de París, y por su reiterado gesto de colocarse un monóculo sobre el ojo para reconocer a las personas con quienes se cruzaba por la calle. En muchos aspectos era el poeta latinoamericano paradigmático cuyos gustos refinados y modos de ser sensitivos chocaban contra un entorno subdesarrollado.<sup>112</sup>

Ao contrário de Buenos Aires, Montevideú parecia ser o lugar ideal para a poesia, e, incentivando sua produção, ali foram organizados dois importantes concursos que mobilizaram boa parte da intelectualidade desta cidade em 1841 e 1844.<sup>113</sup> Um dos jurados destes concursos foi Florencio Varela que, membro de uma geração anterior de *unitários*, ainda se apegava à estética neo-classicista. Mais do que isso, Varela se declarava anti-romântico, julgando o valor das poesias mais por seu conteúdo político militante do que por regras estéticas para ele um tanto duvidosas.<sup>114</sup> Isto explica uma certa aproximação literária entre o *unitário* Varela e o *blanco-federal* Berro. Este último escreve uma poesia especialmente dirigida ao amigo. Sua intenção seria alertar Varela contra os perigos das idéias *unitárias*, e, para isto, recorre ao estilo neoclássico para se expressar. A resposta não apenas contém uma reafirmação destas idéias, como ainda vem acompanhada de sugestões ou reparos estéticos à poesia do colega.<sup>115</sup>

---

<sup>111</sup> Ibid., p. 53.

<sup>112</sup> Ibid., p. 61.

<sup>113</sup> Ibid., pp. 110-111.

<sup>114</sup> Ibid., p. 110.

<sup>115</sup> BERRO, op. cit., pp. 7-27/341-345.

Como foi exposto anteriormente, Varela representava um tipo de *unitário* que a Geração de '37 pretendia suplantar. O unitarismo não era originalmente apegado ao romantismo, ingrediente apenas adicionado durante a segunda metade da década de 1830. Querendo romper com esta figura ultrapassada, Sarmiento também descreve um destes típicos unitários antigos:

Tiene tal fe en la superioridad de su causa, y tanta constancia y abnegación para consagrarle su vida, que el destierro, la pobreza ni el lapso de los años entibiarán en un ápice su ardor. En cuanto a temple de alma y energía, son infinitamente superiores a la generación que les ha sucedido. Sobre todo, lo que más les distingue de nosotros son los modales finos, su política ceremoniosa y sus ademanes pomposamente cultos. En los estrados no tienen rival y no obstante que ya están desmontados por la edad son más galanes, más bulliciosos y alegres con las damas que sus hijos.<sup>116</sup>

Em Santiago, Sarmiento se envolveu em uma disputa estética nos periódicos locais, uma acalorada discussão pela defesa do movimento romântico contra o neoclassicismo do venezuelano Andrés Bello, então morador desta cidade.<sup>117</sup> Este enfrentamento misturava constantemente a arte com a política. Mas ainda em 1837, Echeverría já tentava internalizar sua sede romântica

por el enfrentamiento y compartían el idealismo en su disposición a desafiar a cualquier aspecto de la realidad que no se elevara a la altura de sus altas expectativas. Compartían su conciencia de que ellos, la juventud enérgica del país, tenían la obligación de rebelarse contra los esquemas arcaicos. En pocas palabras, Echeverría había logrado instilar en ellos la indignación frente a las injusticias y el compromiso de luchar a favor del cambio social, económico y político.<sup>118</sup>

Invertendo mais uma vez a versão *colorada*, Berro atribui ao romantismo um germe de manutenção do caudilhismo. Ainda em 1838, já alertava seu irmão Adolfo sobre a adoção das “exterioridades del romantismo” pelos “escritores y trompeteros” *colorados*.<sup>119</sup> “¿Qué extraño es pues que propendiendo a la anarquía literaria, se

<sup>116</sup> SARMIENTO, op. cit., p. 122.

<sup>117</sup> KATRA, op. cit., p. 118.

<sup>118</sup> Ibid., p. 64.

<sup>119</sup> BERRO, op. cit., p. 68

convierta ahora a la [anarquía] política?”<sup>120</sup> A versão do “herói romântico” estaria, para Berro, alimentando o poder carismático do caudilho, sendo

muy propia para deleitar la imaginación y cautivar la voluntad de los que suspiran por los extremos, que en todo buscan la hipérbole; de los que desechan el análisis, para regirse por las *impresiones*, que creen en las *misiones*, en los *profetas*, que se abstraen, se remontan y abren tamaños ojos para saciarse en la contemplación de las grandezas materiales y espirituales, sean buenas o sean malas.

La gloria, la brillantez, las dimensiones colosales de un hombre de esa especie; la grandeza de sus hechos, por la extensión que abarcan, puede arrebatarse la mente de muchos jóvenes, e inducirlos a pretender figurar en el grande espectáculo que los deslumbra. Un hombre como Rivera, (...) que se rodea Del aparato de un *misionero regenerador*, un hombre así, puede muy bien ser el ídolo de un romántico.<sup>121</sup>

Se os *colorados* têm na Europa um modelo de arte, civilização e revolução, nada melhor do que tê-los ao seu lado lutando em Montevideú. Não é à toa que Sarmiento considera os *unitários* e *colorados* como membros de um “partido europeu”, pois estes se sentem condutores de uma civilização e de uma revolução europeia na América. Mas esta aliança entre americanos e europeus tem outros desdobramentos. O já citado *blanco* Antuña denuncia em seu diário os métodos de arrecadação de fundos do ‘Governo de la Defensa’, vendendo ou arrendando propriedades ou permissões de exploração aos imigrantes europeus:

El Gobierno este, vendió últimamente el Fuerte á D. Francisco Hocquard (ingles) en ochenta mil pesos, (...) Está de antes vendida la Aduana a Lafone en sesenta mil pesos plata y 150 pesos credits contra el Gobierno (corren hasta el 5 y 6 p%) con parte de retrovendendo en dos años...

Nose quanto se pagará de alquiler á Mr. Purvis por el alquiler del antiguo Parque de Ings. Donde está Policia y por el de la plazoleta que alguna renta há de producir. El hospital del Rey lo compraron unos panaderos franceses; y és notable que estos y Pernin, panadero tambien, fueron los que mas hicieron por el armamiento de los franceses; acaso por que lo que habían de entregar á plazos les hacía mas cuenta pagarlo en el pan de raciones para sus paisanos, pues aquellos son los proveedores.

El teatro lo vendió el Gobierno á Domº Correa (oriental) y al portugues Figueira, que revendieron á unos franceses. La plaza no se ha vendido todavía; pues dicen que Lafone que remató la Isla de Lobos por quinze años y el Mercado, ó los Mercados, por el mismo tiempo, ó poco menos, compró la Isla de Gorriti en... *doscientos patacones!!!*<sup>122</sup>

<sup>120</sup> Id.

<sup>121</sup> Ibid., pp. 70-71.

<sup>122</sup> ANTUÑA, op. cit., p. 492. Grifo do original.

Assim, se acreditarmos na descrição *blanca*, temos um ‘Governo de la Defensa’ sustentado economicamente por estrangeiros. A isto somamos não somente os batalhões armados de franceses, mas a crença *unitária e colorada* de representarem na América a revolução e a civilização europeia: “¡La sola manía en que tantos dieron de modelar nuestra revolución emancipadora por la revolución francesa, adoptando sus principios impíos y antisociales, cuando tanto bueno había que imitar en la patria americana de Washington!”.<sup>123</sup>

Em oposição ao “partido europeu”, o “partido americano” buscava legitimação em um certo “americanismo” cujos traços farão, mais tarde, a alegria dos historiadores revisionistas platinos.<sup>124</sup> Berro acredita que os estados europeus abusam da civilização, escondendo nesta palavra uma série de preconceitos contra os países latino-americanos.<sup>125</sup> Num curioso “anti-imperialismo” da primeira metade do século XIX, este *blanco* pergunta: “¿Ignoraría sobre todo que la civilización y el cristianismo en manos de poderes ambiciosos, se han convertido *siempre* en medios humanos de conquista y opresión? No, la India y el África, la Oceanía y la América le han de haber mostrado precisamente cómo se ha hecho servir a la civilización y al cristianismo de instrumentos de iniquidad, y de vehículos de esclavitud”.<sup>126</sup> A “influencia civilizadora de los cañones europeos”<sup>127</sup> é colocada contra uma resistência americana a ser valorizada pelos revisionistas, momento em que se faz um reposicionamento das figuras de Rosas, Oribe, Artigas, entre outros caudilhos, até então consagradas negativamente por uma espécie de “história oficial” mitrista e sarmientiana que se consolidara nas últimas décadas do XIX.<sup>128</sup>

---

<sup>123</sup> HERRERA Y OBES; BERRO, op. cit., p. 119.

<sup>124</sup> CHIARAMONTE, J. C. En torno a los orígenes del revisionismo histórico argentino. In: FREGA, Ana e ISLAS, Ariadna. **Nuevas miradas en torno al artiguismo**. Montevideo : Universidad de la República, 2001. p. 29-61.

<sup>125</sup> HERRERA Y OBES; BERRO, op. cit., pp. 110-111.

<sup>126</sup> Ibid., p. 116. Grifo do original.

<sup>127</sup> Ibid., p. 118.

<sup>128</sup> CHIARAMONTE, op. cit.

Após matizar a oposição entre civilização e barbárie, Berro continua sua argumentação tentando demonstrar como a separação extrema entre a *campaña* e a cidade é uma premissa falsa. Ao contrário do que poderiam representar os cercos a Montevideu, Berro encontraria uma permeável fronteira entre esses dois modelos opostos:

Es tanta la relación y la mezcla entre campo y ciudad, que muchas veces una misma familia abraza hombres de una y otra clase, viéndose con frecuencia abrazarse al hermano de poncho y chiripá con el hermano de frac y corbatín; ni es raro sino muy común también que un mismo individuo aparezca ejerciendo ambas profesiones, y siguiendo ambas vidas; viéndosele ya con el lazo en la mano y en traje de ganadero, correr tras el animal que quiere sujetar, ya en medio de los círculos más cultos de la sociedad presentarse vestido con elegancia cortesana, y mostrar unas maneras y una expresión propias de un fino trato de gente y de un entendimiento bien cultivado por la educación y el estudio.<sup>129</sup>

Com isto, Berro nos traz algumas imagens da diversidade de opções que uma mesma família poderia ter naquela sociedade, ou como seus laços de aliança ultrapassavam a divisão construída entre os modelos civilizado e bárbaro. Entretanto, isso não se dava apenas na fluidez dos grupos humanos, o indivíduo também recebia seu destaque ao ser mostrado como um hábil transgressor de fronteiras. Nas palavras do seu adversário, Manuel Herrera y Obes, Rivera era o “mejor jinete de la República (...) el mejor baqueano (...) el de más sangre fría en la pelea, (...) el más generoso y el mejor patriota”.<sup>130</sup> O caudilho, perante os homens do campo, aparece como o “melhor gaúcho”. Mas, reservando a etiqueta e as boas maneiras a determinados interlocutores, Rivera também conseguia ser “de buen personal, carirredondo y de bastante desembarazo y urbanidad (...)”.<sup>131</sup> No exemplo de Artigas,<sup>132</sup> os “contrabandistas de

<sup>129</sup> HERRERA Y OBES; BERRO, op. cit., pp. 137-138.

<sup>130</sup> Ibid., p. 38.

<sup>131</sup> LARRAÑAGA, D. A. **Diario del Viaje de Montevideo a Paysandú**. Montevideu : Ministerio de Transporte y Obras Publicas e Instituto Nacional del Libro, 1994. p. 84.

<sup>132</sup> Artigas “conoce mucho el corazón humano, principalmente el de nuestros paisanos, y así no hay quien le iguale en el arte de manejarlos”. Ibid., p. 78.

culturas” eram os capazes de construir gestos e discursos diferentes de acordo com o público que os ouvia.<sup>133</sup>

Por fim, Berro conclui que seus rivais pretendem tomar para si o papel de revolucionários. Neste projeto civilizador *unitário e colorado* estão a arte, a revolução e a Europa:

Los salvajes unitarios al instante formalizan su programa. El 25 de mayo es convertido en una deidad a la que dan atributos de su invención. Esa deidad es menospreciada, injuriada por los federales. Ellos son los sacerdotes de su culto, sus fieles servidores y los encargados de vengarla. La poesía y la prosa se encargan de embellecer esta ficción. El lábaro sagrado de Mayo tremola por los aires, y bajo el pabellón dominante del extranjero que invade el suelo americano, va a estimular con su vista las hazañas de los auxiliares de la Francia.<sup>134</sup>

## 2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, foram acima brevemente expostas algumas idéias dos *Estudios sobre la situación* de Manuel Herrera y Obes vindos das páginas do *El Conservador*, relacionando suas idéias com outros autores em suas preocupações em comum. Como resposta, estivemos com o *blanco* Bernardo Prudencio Berro e seu texto de réplica encontrado no *El Defensor de la Independencia Americana*. Do conflito de idéias entre estes dois indivíduos representativos dos grupos políticos que integram, foram apresentadas interpretações opostas dedicadas à Civilização e ao conseqüente papel adquirido nesta pela Revolução, dando uma amostra de como estas poderiam ser entendidas naquele contexto.

Manuel Herrera y Obes se encontrava mais alinhado à tendência neo-unitária de Sarmiento. Distanciando-se da tendência de Alberdi de fusão partidária, atacou *blancos e federais* como reacionários, entendendo-os como caudilhos que perpetuavam a cultura nefasta do antigo-regime espanhol. A essência do movimento de

---

<sup>133</sup> DE TORRES, M. I. Discursos fundacionales: nación y ciudadanía. In: ACHUGAR, H.; MORAÑA, M. (org). **Uruguay: imaginarios culturales**. Montevideu : Editora Trilce, 1998. p. 133.

<sup>134</sup> HERRERA Y OBES; BERRO, op. cit., pp. 85-86.

independência se encontraria na Revolução, algo inacabado e reivindicado por *unitários* e *colorados*. Berro, ao contrário, procurou alertar seus leitores contra o pouco apego à Razão contida no texto *colorado*, enquadrando-o em uma corrente “afetada” do romantismo. Contrariando a afirmação de Herrera y Obes que relacionava o Partido Blanco ao caudilhismo e à desordem, Berro respondeu com a idéia de que os *blancos* também buscavam a paz e a ordem, mas uma ordem diversa da *colorada*. Os ‘*Defensores de las leyes*’ não cogitavam um retorno ao período colonial, mas não construía uma ruptura tão drástica quanto a desenvolvida por seus rivais.

A aliança entre *federais* e *blancos* seria desfeita a partir do reaquecimento dos conflitos internos argentinos que resultaram no enfraquecimento do governador Rosas, posteriormente derrubado por Justo José de Urquiza em 1852. Nesta data, Urquiza aparecera com uma proposta, depois fracassada, de união entre os partidos. E, ainda no ano anterior e com a paz já celebrada na Banda Oriental, *blancos* e *colorados* já se esforçavam por arquitetar a chamada ‘Política da Fusão’, uma tentativa que tinha como objetivo apaziguar as desavenças das décadas anteriores, propondo uma reorganização da política para o Uruguai. Berro seria um dos principais articuladores deste movimento, chegando até mesmo a propor a extinção dos partidos e a proibição do uso das suas divisas.

“O que é nossa grande revolução, quanto a idéias, senão uma face da revolução da França?”<sup>135</sup> Não foi o objetivo deste capítulo determinar a exatidão da frase anterior de Alberdi, mas apenas enquadrá-la no interior de um discurso legitimador vinculado a um contexto de conflitos civis, observando como estas discussões ocuparam um destacado espaço na imprensa daquele período. Porém, para desgosto *blanco*, a versão *colorada* se consolidará na segunda metade do século XIX. Após uma série de vitórias decisivas do partido *colorado*, os *blancos* serão rebaixados a um segundo plano de política local. Este partido apenas reassumirá a presidência da república em 1958, já convivendo com o chamado revisionismo historiográfico platino. Assim como

---

<sup>135</sup> ALBERDI, *Fundamentos...* op. cit., p. 70.

ocorrerá na vizinha Argentina em relação aos *unitários*, a disciplina História estará inicialmente tomada por membros do Partido Colorado, cuja versão predominará até meados do século XX.

### 3 ENCONTROS DE (E COM) JOSÉ ENCARNACIÓN DE ZÁS E FRANCISCO SOLANO ANTUÑA

Este terceiro capítulo trabalha, principalmente, duas fontes, os *Apuntes curiosos para mis hijos do colorado* José Encarnación de Zás, e o diário do sítio a Montevideu escrito pelo *blanco* Francisco Solano Antuña. Doutor em direito pela Universidade de Buenos Aires e Senador no Uruguai, este último teve participação política ativa e influente, mas, assim como para a fonte em que encontramos Zás, seu texto não pretendia participar do campo de discussão que foi explorado no capítulo anterior. Assim sendo, o tipo de informação que dele se extrai acaba gerando um outro tipo de abordagem, em que se encontram menos idéias ou propostas, mas encontros entre indivíduos que expõe ou contradizem muito do que fora escrito anteriormente por Herrera y Obes. Não é o caso de encontrar naqueles dois indivíduos exemplos planos de uma mentalidade platina, mas entendê-los como pessoas que compartilhavam certos elementos culturais que circulavam no Prata, construindo em si versões particulares de interpretação. E enquanto Herrera y Obes interpretava a história platina da Revolução de Maio até a expulsão de Rivera do Partido Colorado durante a ‘Guerra Grande’, Zás, que escreveu suas memórias em 1851, narra alguns eventos do artiguismo e do início das lutas partidárias a partir da sua própria experiência, destacando seu envolvimento em acontecimentos que considerou importantes. São textos diferentes, mas que dialogam com uma mesma conjuntura histórica. Entretanto, Antuña está diretamente envolvido com o cerco a Montevideu que se iniciou em 16 de fevereiro de 1843. Ao longo de mais de quatro anos de registro, este *doctor blanco* se empenha em apresentar o que considerava importante em cada um dos seus dias vividos em torno à ‘Guerra Grande’, da qual se extrai a construção de uma imagem de Fructuoso Rivera não muito diferente da apresentada por Herrera y Obes. Antuña também nos proporciona uma versão do próprio sítio à capital uruguiaia, nem tão rígido quanto se poderia supor à primeira vista.

### 3.1 – A TRAJETÓRIA DE JOSÉ ENCARNACIÓN DE ZÁS

Por volta de 1851, José Encarnación de Zás concluiu seus *Apuntes Curiosos para mis Hijos*, texto em que narra alguns acontecimentos que acreditava interessantes, ocorridos desde suas memórias de infância até seus últimos anos de serviços prestados ao Estado uruguaio. Nascido em 30 de maio de 1797, José Encarnación de Zás foi batizado em *Las Piedras*, pouco ao norte de Montevidéu, no atual departamento de Canelones, *Republica Oriental del Uruguay*. Era ainda criança quando os ingleses desembarcaram pelo porto do *Buceo* (1807) em uma das duas tentativas de controlar o estuário do Prata. Desde então, parece não ter se esquivado dos desdobramentos políticos e militares que resultaram na independência do Uruguai em 1828. Viveu as intensas disputas que se seguiram entre *blancos* e *colorados*, assim como o prolongamento da rivalidade entre *federais* e *unitários*. Dentre os muitos com quem cruzou, esteve com Artigas, Lavalleja, Rivera e Oribe.

Nos *Apuntes* existe um intervalo considerável de tempo entre os eventos narrados e a escrita do texto. A interpretação de 1851 tende a prevalecer frente ao vivido nas décadas anteriores. Nas suas memórias, Zás analisa condutas passadas segundo valores construídos através de uma trajetória de vida narrada e revista. Esta fonte nos permite discutir alguns dos elementos de que ele dispunha na avaliação hierárquica dos demais e de si mesmo, atendendo, principalmente, àqueles relacionados à sua participação e compreensão acerca de instâncias estatais e da dinâmica da guerra em alguns momentos da história da Banda Oriental, transitando entre os anos que se desenvolveram entre o artiguismo e o fim da ‘Guerra Grande’. Ainda que este contexto inclinasse a população local a uma crescente divisão entre facções políticas, sua narrativa escapa da propaganda abertamente partidária, contrastando com a que fora anteriormente publicada por Manuel Herrera y Obes. Assim como este, Zás também era *colorado*, e manteve-se fiel ao seu partido durante a

guerra civil. Porém, seu texto era dedicado a seus filhos, e não a uma publicação qualquer. Desta forma, apesar de ambos tratarem de espaços temporais semelhantes, do início do processo de independência até o contexto da ‘Guerra Grande’, Zás oferece uma oportunidade diferenciada de abordagem.

Filho de pai e mãe espanhóis que desembarcaram na América vindos da Galícia em 1794, José era o mais novo de sete filhos, o único nascido na América. Sua irmã Manuela morreu ainda jovem antes do pai, mas as outras duas filhas contraíram matrimônio. Maria Antonia casou-se com um espanhol proprietário de uma olaria em 1805, enquanto que Josefa o faz com um brasileiro durante a ocupação portuguesa na Província Cisplatina em 1822. Felipe tornou-se frade franciscano, enquanto que Gabriel e Francisco constituíram novos ramos familiares com outros imigrantes e descendentes da Galícia. Francisco, o mais velho, morreu sem filhos herdeiros apenas três meses após o falecimento de Buenaventura, seu pai, deixando sua parte para seu irmão mais novo José.<sup>1</sup>

Em 1807, José passou a estudar gramática latina. Três anos depois, foi admitido por um curso de filosofia oferecido por uma ordem religiosa, caminho que abandonou para tornar-se soldado nas lutas de 1811. Por orientação de seus irmãos e de seu pai, largou as armas e tratou de aprender algum ofício, sendo aprendiz de Carpinteiro “de fino” por nove meses.<sup>2</sup> Logo retomou as armas e serviu como Auxiliar de Artilharia. Posteriormente, aderindo ao esforço de guerra artiguista, conseguiu o que ele próprio chamou de “primeiro emprego” em 1814, sendo responsável pela arrecadação de impostos sobre as reses que entravam no mercado. Após onze meses nesta ocupação, passou a desempenhar outras funções provisoriamente até que pela primeira vez se ausentou da capital ao apresentar-se como voluntário ao destacamento de Colônia do

---

<sup>1</sup> GALDARACENA, R. **El libro de los linajes**. Montevideu : Editora Arca, 1978.

<sup>2</sup> Para todos os trechos citados da fonte, manteve-se a grafia segundo a edição da Revista del Museo de Montevideo. “De fino” indica um serviço de carpintaria mais requintado, provavelmente para artigos de luxo. ZÁS, J. E. Memória autobiográfica de José Encarnación de Zás. **Revista Histórica, publicación del Museo Historico Nacional**, Montevideu : A. Monteverde & Cia, 1951. p. 125.

Sacramento, porém continuou lidando com tarefas de arrecadação e envio de fundos e rendas, desempenhando as funções de terra e do porto. Tornou-se Oficial da Aduana (espécie de secretário) em Colônia e, já na época da invasão portuguesa desencadeada pelo exilado D. João VI, ocupou-se em combater o contrabando. Foi demitido em 1817. Contando com apoio de amigos, tratou de unir-se às forças de Rivera que estavam em luta contra os portugueses ainda sob o comando de Artigas. Foi designado Administrador de Aduana em Maldonado, na costa leste, de onde foi novamente deposto em dezembro de 1818 após a efetivação do controle português na região. Desiludido, emigrou para Buenos Aires em 1819. Após pouco mais de oito meses, retornou primeiramente à Colônia e, depois, rumou para Maldonado, onde iniciou uma sociedade que estabeleceu uma loja de *pulperia* (espécie de mercearia) e um *Cafe y Cancha de Bochas*, negócio que declinou após a retirada das tropas portuguesas e um sucessível enfraquecimento das vendas. Com a independência brasileira, uniu-se aos que viam neste episódio mais uma oportunidade de independência local. Ocupou cargos na administração até março de 1824, mês da "*entrada de los Ymperiales*", momento em que foi novamente afastado por ser "patriota", ou na sua pessoal definição, um defensor da autonomia. Quatro meses depois, voltou a ser admitido, retomando um combate ao contrabando. Com a passagem dos *Treinta y Tres Orientales*, mais uma vez incorporou-se aos esforços de guerra. Desde esse acontecimento, seguiu prestando serviços ao Estado até sua *jubilación*. Neste período que se estende de 1825 até 1839, tomou parte das rivalidades entre Rivera, Lavalleja e Oribe, e das lutas internas que ocorreram nas primeiras décadas desde a independência. Sofreu represálias administrativas de uns e favores de outros, dependendo de quem está no governo e de quem apóia. No interior destas disputas, teve certa ascendência administrativa, foi chefe dos arquivos do Estado, mencionando a existência de subordinados seus. Durante a presidência republicana ocupada pelos *blancos*, estes não esquecem o vigor das alianças partidárias, e perseguem Zás administrativamente. Se por um lado temos um homem inserido nas políticas

partidárias e na hierarquia de alianças dos caudilhos, existe a construção da figura do *empleado*, um tipo de burocrata, à qual Zás demonstra apegar-se no decorrer do texto, chegando a mesmo a defender-se como um indivíduo fiel às suas funções, isento de opções políticas que desvirtuariam seus serviços ao Estado. Defende-se dos que o acusam de partidário *colorado*, mas ele mesmo desarma este seu argumento ao defender Montevideú do cerco contra os *blancos* durante a ‘Guerra Grande’ na década de 1840.

José Encarnación de Zás segue ocupando-se de atividades públicas, mas, a partir da sua *jubilación*<sup>3</sup> de 1839, passa a ser menos detalhista, apenas citando outros cargos que ocupou. Permaneceu ao lado dos *colorados* na Montevideú sitiada da ‘Guerra Grande’. Foi *Alcalde*, primeiro como suplente e depois eleito em 1842, na seqüência nomeado suplente de Representante pelo seu departamento, cargo que ocupou em 1843 devido ao falecimento do titular. Seus relatos terminam em 1851. Família, religião e tantos outros aspectos que consideramos cotidianos são raramente citados, direcionando sempre seu texto a atos públicos. Casou-se em 27 de setembro de 1826, morando dez meses em casa emprestada por um amigo. Sua primeira filha morreu com apenas sete dias, e apenas outra é citada nas suas memórias.

Nas últimas páginas dos *Apuntes*, Zás faz um resumo da sua vida pública, enumerando tanto os cargos quanto os valores por ele manejados que pertenceriam ao que chama de Estado, no qual enfatiza um caráter público. Este “Resumen de mi vida publica” parece ter sido retirado de algum documento anterior, pois indica que as anotações acerca dos valores têm origem na sua documentação para a *jubilación* que solicitou em 1839.<sup>4</sup> O interessante é que, para este pedido, não um direito adquirido, mas uma mercê requerida por serviços prestados, Zás reclama ao Estado uruguaio uma

---

<sup>3</sup> Esta palavra em espanhol pode ser atualmente traduzida para *aposentadoria*, sendo utilizada com este sentido no Uruguai. Todavia, no momento em que está fora requerida por Zás, não carregava o sentido de seguridade social que recebe agora, mantendo, assim, um relacionamento maior com a idéia de ‘graça’ ou ‘recompensa’ de Antigo Regime.

<sup>4</sup> ZÁS. op. cit., pp. 172-173.

recompensa por uma atuação “pública” que se transcorreria a partir de 1827. Toda sua atuação entre 1814 e 1818, sob o comando de Artigas, também esta incluída em sua carreira de serviço público, mas o Estado criado em 1828 não teria o dever de recompensá-lo por seus esforços realizados durante os governos anteriores à entrada de Lavalleja e dos *Treinta y Tres Orientales*. Zás igualmente exclui desta sua lista suas efêmeras empresas comerciais em Buenos Aires, quando alugava barcos para o transporte e venda de lenha. Também omite os artigos que uma vez importou desde a capital portenha para a venda na Banda Oriental, e assim o faz em relação à sociedade que montou para erguer a *pulpería* de Maldonado. Estas omissões tendem a enfatizar o caráter público da sua relação, destacando o que Zás entendia por *empleado* de instâncias Estatais, o que, ao mesmo tempo, demonstra uma certa continuidade de costumes patrimonialistas que carregam consigo noções de privilégios e recompensas por serviços prestados.

Na seqüência, Zás será uma porta de entrada para compreender melhor como um indivíduo poderia atuar no interior de instâncias burocráticas que pretendiam se revestir de uma legitimação institucional. Será possível cruzar sua versão particular de caudilho com a de Estado, relacionando-o com a tradição historiográfica apresentada durante o primeiro capítulo e com o manifesto *colorado* de Herrera y Obes exposto no segundo.

### 3.1.1 – ENCONTROS COM UM EMPLEADO

Em dezembro de 1815, José Encarnación de Zás se ausentava pela primeira vez da capital. Como voluntário, ocuparia uma das duas vagas disponíveis no destacamento de Colônia do Sacramento. Ao passo que crescia a admiração e confiança do *Administrador* pelo trabalho de Zás, que era “bastante activo”, este recebeu algumas missões consideradas arriscadas, como transporte de prisioneiros e valores. Após três trimestres de atividades, seu superior lhe perguntou se poderia

arrecadar os direitos de “alcavala de pulperías y de cabezon que pagava las tiendas” pela região daquele departamento de Colônia e Soriano, ao longo da costa do Rio Uruguai. Zás aceitou o desafio, apesar dos avisos do *Administrador* sobre o *mulato* Encarnación, que lhe “opondría obstaculos para aquel fin”. Ao partir, Zás estará tomando parte em uma luta desenvolvida no interior do movimento artiguista entre a Aduana de Colônia e o caudilho Encarnación pelo direito de coleta de impostos pela região. Fragmento de suas memórias que será abordado logo mais, este encontro entre um *empleado* e um caudilho opõe duas formas de arrecadação, assim como alguns dos dualismos tão freqüentemente colocados pela historiografia platina desde as primeiras formulações da Geração de '37. Uma das principais características do caudilhismo, que se poderia encontrar em indivíduos como o *mulato* Encarnación, está justamente nesta competição entre poder pessoal e poder institucional. Se compararmos esta interação entre Zás e o *mulato* Encarnación ao modelo clássico de caudilhismo e suas revisões apresentadas ao longo do primeiro capítulo desta dissertação, encontraremos o caudilhismo menos como um tipo social do que como um caminho estratégico de acumulação de poder, seja de acumulação de capital material ou humano.

Em carta a Andrés Lamas de 13 de julho 1844, um dos líderes da Montevideú sitiada, Zás se declara “puro patriota, y sobre todo *colorado*”.<sup>5</sup> Seria de se esperar que defendesse boa parte das idéias tidas como *coloradas*, como as propostas por Herrera y Obes que, contando também com Lamas, faria parte da facção “porteña” dos *colorados*, ou seja, os que se afastavam de Rivera na medida em que se aproximavam dos emigrados argentinos. Porém, de uma geração anterior e com uma trajetória de participação que se iniciara ainda com o movimento artiguista em pleno funcionamento, seu ponto de vista difere substancialmente daquele proposto por Herrera y Obes que, vale lembrar, apenas representava a voz de uma das facções

---

<sup>5</sup> Carta de José Encarnación de Zás para Andrés Lamas. Grifo meu. Nas suas memórias, terminadas em 1851, é possível perceber que Zás é *colorado*, mas em nenhum momento ele se declara de tal forma, talvez influenciado pelo clima de “fusão” que pairava sobre a Banda Oriental com o término da ‘Guerra Grande’.

*coloradas*, a mais articulada com os valores *unitários*, cujos principais representantes seriam Santiago Vázquez, Melchor Pacheco y Obes, Andrés Lamas e o próprio Herrera y Obes.<sup>6</sup> Uma primeira diferença importante, é que Zás manteve uma certa admiração e gratidão por Rivera. Ainda que visto como caudilho, o discurso anti-barbárie erguido por Herrera y Obes não chega a anular o sentimento de Zás pelo fundador do Partido Colorado:

(...) á los balcones dela Sala de Representantes, de donde tuvimos el gozo de presenciar la gran parada de dos mil hombres regimentados bien vestidos y armados que desfilaban á nuestro frente en buenos y escogidos caballos de un pelo cada Cuerpo – Nos parecía obra de encanto; pero es uno de los tantos hechos que la historia encomiará en honor del referido Gral [Rivera].<sup>7</sup>

Andrés Lamas nasceu em 10 de novembro de 1817, entrou como auxiliar no Ministério de Relaciones Exteriores em 1834, sua primeira função política. Melchor Pacheco y Obes nasceu em 1809, iniciando sua carreira apenas em 1825 com a adesão aos *Treinta y Tres Orientales* de Lavalleja. Manuel Herrera y Obes, o mais velho, nascido em 1806, era pelo menos nove anos mais novo do que Zás, e, até a década de 1840, esteve mais dedicado aos estudos do que à atividade política. Ao contrário de Zás, nenhum dos *colorados* acima citados, que constituíam uma facção em particular que assumiria o poder de Montevideú a partir do segundo semestre de 1847, teve participação ativa durante o artiguismo. A ascensão deste grupo coincide com o amadurecimento das idéias da Geração de '37, contribuindo para a divulgação de um projeto político civilizador descolado da trajetória daqueles que viveram o início do processo de independência desencadeado pela Revolução de 25 de maio de 1810. Não é uma simples diferença de idade, mas de trajetórias entre aqueles que acenderam politicamente durante a 'Guerra Grande' e Zás, cuja experiência de guerra se desenvolve desde suas recordações das invasões inglesas, até sua participação durante

---

<sup>6</sup> PIVEL DEVOTO, J. Introducción: Memoria del General Melchor Pacheco y Obes sobre su actuación en la Defensa de Montevideo durante los años 1843-1846. In: Revista Histórica. Montevideú. N. 148-150, ano LXXI. Dez. 1977. Monteverde y Cia. S. A.

<sup>7</sup> ZÁS. op. cit., p. 160.

o artiguismo. Apesar de ser finalizado em 1851, é importante salientar que os *Apuntes curiosos para mis hijos* dão um destaque muito maior ao serviço de *empleado* de Zás em instâncias estatais que existiram entre a segunda metade da década de 1810 e 1840, dando uma atenção menor à ‘Guerra Grande’ que se iniciou em 1839.

Embora tivesse presenciado diversas batalhas, Zás não se considerava um militar. Em suas palavras, entende-se por *empleado*<sup>8</sup> de uma máquina administrativa relativamente precária que se organiza em torno de um conjunto de milícias locais que alternadamente combate espanhóis, portugueses, brasileiros e rivais regionais. Se acuado por uma situação de improviso, pode pegar em armas, mas não é esse o tipo de função que costumava exercer, uma vez que “esta de infanteria no es la mia”.<sup>9</sup> E, decepcionado com os homens da guerra, reclama da falta de reconhecimento que recebe, e o faz separando nitidamente os militares dos *empleados*: “Tal impresión desfavorable recibí, que áno ser tanta mi decisión por la causa, me hubiera pesado mi ligeresa, mas lo atribuy al motivo unico que después la experiencia me ha enseñado. Este, es, que los militares, con pocas escepciones, [no]<sup>10</sup> savem apreciar los servicios delos empleados, aun en campaña, nivalorarlos por nada”.<sup>11</sup>

Este desabafo em especial foi direcionado a Manuel Oribe, pois seu

recivimiento fue sumamente serio, jamas lo hé podido disculpar – Dos jovenes decentes que ardiendo en patriotismo abandonavan su empleo, familia y comodidades, por ser útiles á la causa de su Patria, asi, pero tan á los principios de un grito sin eco, y de una empresa, hasta entonces muy aventurada; merecian de cierto, que cada un de aquellos caudillos se

---

<sup>8</sup> Como veremos, Zás utiliza a palavra *empleados*, referindo-se aos empregados do Estado ou aos que acompanham administrativamente as milícias mobilizadas para a guerra. A idéia de funcionário público é perigosa, e mais adequado seria tratá-lo como um burocrata cujos interesses chegam até mesmo a uma defesa corporativa da sua função, pregando uma suposta imparcialidade de desempenho administrativo.

<sup>9</sup> ZÁS. op. cit., p. 128.

<sup>10</sup> Esta palavra incluída pode dar a impressão de uma inversão de sentido. Porém, atendendo ao contexto e à seqüência das frases, acreditamos que ela corrige um erro do autor ou, talvez, uma falha na transcrição do documento. O final “nivalorarlos por nada” (nem valorizá-los por nada) denuncia uma incoerência de sentido provocada pela ausência da palavra “no”.

<sup>11</sup> ZÁS. op. cit., p. 141.

mostrasen tan obscequiosos, como correspondia á ganar proselitos. Tanto mas, quanto que Oribe era sabedor de anteriores servicios prestados por mi.<sup>12</sup>

Neste trecho, ao invés de militares, Zás os chama de caudilhos. Caudilho é uma palavra não apenas descritiva de um tipo social, mas traz um juízo de valor. Do ponto de vista de Zás e dos *doctores* da ‘Defesa de Montevideú’ mobilizada contra os *blancos* durante o sítio a esta cidade na ‘Guerra Grande’ (1843-1851), a palavra caudilho carrega um estigma: um valor negativo sobre um tipo de pessoa, um tipo de política, uma forma de arregimentar seguidores, assim como uma forma de organização da sociedade e do Estado. A palavra caudilho é saturada de barbárie. Classificado de caudilho, Oribe recebeu de Zás não apenas uma avaliação severa em relação ao seu comportamento “sério”, mas uma significativa diminuição da sua capacidade de governar, seja governar um exército ou um Estado. Neste sentido, Zás “veia que la animosidad que existia arraigada en ambos [Rivera e Oribe] con tan hondas raices fuese capaz de posponerse por la Patria y conservacion del orden publico”.<sup>13</sup> Assim, vemos como o *empleado* observava a interferência das rivalidades e personalidades caudilhescas nos assuntos de Estado.

Contudo, para além dos caudilhos que disputavam a presidência da república, Zás sentirá na própria pele o tão alardeado barbarismo da *campaña*. Por volta de 1817, desde a Aduana de Colônia do Sacramento e apoiando a resistência de Artigas contra os portugueses e rivais portenhos que já haviam declarado traidor o líder da ‘Liga Federal’, Zás partiu para cobrar alguns impostos pelo departamento de Colônia e Soriano, no qual “infestava con su divición de 300 hombres el mulato Encarnación”.<sup>14</sup> Zás já fora avisado pelo seu superior, o Administrador da Aduana, que seu “tocayo Encarnacion se decia dueño de vidas y haciendas, y creia que me opondría obstaculos para aquelfin, quien savia de quanto era capaz, ese mulato asesino”,<sup>15</sup> mas não

---

<sup>12</sup> Ibid., p. 140.

<sup>13</sup> ZÁS. op. cit., p. 162.

<sup>14</sup> Ibid., p. 126.

<sup>15</sup> Ibid., p. 127.

encontrou grandes obstáculos nas primeiras vilas que visitou. Em Las Víboras e Las Vacas, os *pulperos* lhe apresentaram “recibos de un Comisionado de Encarnación que havia cobrado el 1er trimestre y que tuve que respetar según mis instrucciones”.<sup>16</sup>

Todavía, ao partir da Vila de San Salvador,

“uno que era sobrino de d Joaquin Fuentes Secretario del referido Encarnacion, le mando un aviso de que se estaban usurpando sus derechos por mi pues me nombró, (...) A esto contestó enviando tres partidas de cinco hombres cada una mandada por un cabo delos mas asesinos para que me tomasen vivo ó muerto y le diesen cuenta”.<sup>17</sup>

Zás fora avisado do perigo que corria e, assim que possível, retornou à Colônia. Nesta cidade, dois meses depois, o *mulato* Encarnación entregou ao *Administrador* um “Oficio que dió á leer, pues el no savia”, em reclamação à suposta usurpação dos seus direitos de cobrança<sup>18</sup>:

Que con arreglo á instrucciones que el [Encarnación] no presentó tomase todas y cualesq<sup>a</sup> medidas, que con presencia de las circunstan[cias] y de otras comunicaciones, que tampoco mostró, se le tenia recomendado y de lo que le dictase y su celo y patriotismo; tuviese á bien adoptar en vien de la causa que sostenian los pueblos libres dela provincia, para sacudir el yugo del invasor Lucitano, de muchos intrigantes porteños y godos solapados, que abundavan en aquella costa del Uruguay, desde Paysandú, hasta la Colonia.<sup>19</sup>

O caudilho argumentou que “estava plenamente autorizado por el Capitan Gral [Artigas] como Preboste de toda aquella Costa”<sup>20</sup>. Ao ver negada sua reivindicação, Encarnación “dió una carcajada levantandose en seguida manifesto, a sumodo las medidas que le havian crusado entre las que apuntó, recaudacion que yo havia hecho, & y despues pegando una patada en el suelo y unpuñetaso enla mesa que desvarató cuanto havia en élla dijo: pues bien hágalo yo [Zás] y que lo desaga el Diablo”.<sup>21</sup>

---

<sup>16</sup> Id.

<sup>17</sup> Grifo da Revista. Ibid., p. 128.

<sup>18</sup> Id.

<sup>19</sup> Id.

<sup>20</sup> Id.

<sup>21</sup> Id.

Por “a sumodo” podemos entender um conjunto de atitudes e defeitos atribuídos por Zás àquele “mulato asesino”. O murro na mesa e o modo de falar são lembrados para distanciar os dois homens, uma distância já bem assentada no aviso de Zás sobre o analfabetismo do caudilho. Mas suas diferenças vão além da etiqueta que separaria o civilizado urbano da brutalidade rural. A palavra caudilho não é apenas colocada na direção do “bruto do campo”, mas indica toda uma forma de organização política. Na mesma medida em que legitima o seu posto e missão de arrecadar impostos, desqualifica as funções neste sentido exercidas por Encarnación. Porém, os gestos agressivos e a violência das palavras do caudilho sublinham os valores tidos como civilizados pertencentes ao Zás que escreve em 1851. A brutalidade das suas maneiras e a violência do que reclama, um direito privado que de alguma forma seria uma usurpação de um dever e de um direito da Aduana, fazem parte da descrição que diminui o *status* do caudilho. A marcação oral dos encontros entre indivíduos aparece na escolha do que e como pode ou não ser dito em determinadas situações e com determinadas pessoas<sup>22</sup>. As gargalhadas, assim como os gestos burlescos ou violentos, típicos de um momento bárbaro, eram impróprias para os homens respeitáveis, civilizados e aptos a desempenhar a correta gestão do Estado, ainda que isto possa ser ampliado à administração de praticamente todas as instituições, incluindo a família<sup>23</sup>. O caudilho Encarnación não apresentava um padrão de conduta compatível com funções que poderiam ser melhor administradas pela instituição da Aduana. O *mulato* Encarnación, ao apresentar-se em Colônia, teria demonstrado a Zás uma não capacidade para assumir responsabilidades tão importantes como as que estavam em querela.

---

<sup>22</sup> Em outro exemplo, no Cabildo pós-independência, foi estabelecida uma norma que proibia seus integrantes de gritar e levantarem-se da cadeira: “(...) estando los Capitulares en esta Sala en sus asientos, cuando se ofreciere votar o dar cada uno su parecer lo hagan sin altercar voces ni levantarse de sus asientos, pena de diez pesos a cada cual que lo contrario hiciere por cada vez”. Apud MILÁN J. G. “Letra “oscura” contra habla “transparente”: los valores de la palabra oral y la palabra escrita en el Montevideo colonial”. In: ACHUGAR, H.; MORANÑA, M. (org). **Uruguay: imaginarios culturales**. Montevideu : Editora Trilce, 1998. p. 82.

<sup>23</sup> BARRÁN, J. P. (s/d).

A Aduana, por intermédio de seu Administrador e Lavalleja, disputa diretamente o recolhimento dos impostos daquela região com Encarnación. No enfrentamento daquela mobilização contra os portugueses (ou luso-brasileiros), existe também uma disputa por poder no interior do artiguismo. A mobilização *oriental* para a guerra, na qual se encontrava Zás, mostrava-se incapaz de levar sua administração a todos os pontos do território uruguaio sem o auxílio de lideranças regionais. Desta forma, estas duas instâncias construíram pactos em que o direito de cobrar impostos era delegado, vendido ou arrendado pela instituição central a poderes locais. Ao que tudo indica, a missão de Zás fazia parte de um esforço da Aduana de retomar esses direitos para si. É significativo salientar que Zás fora instruído para não cobrar duas vezes o mesmo imposto caso algum enviado do *mulato* Encarnación já o tivesse arrecadado. Apenas para o caso do *pulpero* não apresentar algum recibo (documento que, de fato, apareceu), Zás deveria efetuar a cobrança, oferecendo um recibo próprio da Aduana. Este respeito à cobrança anterior não pode ser somente interpretado como um receio contra a revolta da população local sobre uma dupla taxação, mas também por um certo reconhecimento de algumas práticas que, aparentemente, já se haviam tornado comuns na região. Não é à toa que Encarnación saiu livremente de Colônia.

Deste modo, divergências práticas, como o método de recolher impostos, desdobram-se, aos olhos do Zás de 1851, em classificações mais amplas de indivíduos. Cada uma dessas forças tem seus próprios mecanismos de acumulação de poder, e Encarnación traz consigo seus homens, e, de certa forma, suas terras até Colônia, onde encontra uma outra fonte de poder, a Aduana. Dá-se, a partir de um conflito que corresponde à clássica noção de monopólio da tributação do Estado, um confronto entre a violência declaradamente física de Encarnación e a violência “intelectual”, mais impessoal e escondida pela instituição.

Nos *Apuntes* de Zás, a associação entre caudilhos, violência e desordem continua, pois “se haviam cometido siete asesinatos en aquella Ciudad por la gente de

Encarnación y así lo publicaron aquellos periódicos”.<sup>24</sup> Da mesma forma, persiste a avaliação das relações profundamente personalizadas, uma vez que Encarnación “quiso conocerme por el viaje de S. Salvador y haber visto como me le escapé teniendo presente que yo también llevaba su segundo nombre, por los recivos que le habían leído, me dijo ‘que había handado vivo, que sino, hubiera caído que por serlo me regalava un caballo’ que nunca, y que contase con su amistad”.<sup>25</sup> Este último trecho nos revela duas surpresas. Na primeira, apesar da tentativa de homicídio, Encarnación saiu livremente de Colônia; na segunda, a tentativa de ganhar a amizade e o favorecimento de Zás. Este não nos indica o destino do presente, se o recebeu ou não, mas o decisivo está, mais uma vez, no personalismo do caudilho sempre carregado pelo estigma da barbárie. E, como podemos observar, as diferenças de renda econômica não são as únicas que separam Encarnación e Zás. É o caudilho quem o trata de subornar. É o “inferior” abastado quem oferece o presente de valor econômico.

Para cada encontro entre dois homens, existe uma relação específica, que é uma combinação particular dos elementos socialmente relevantes de cada indivíduo. Uma vez que Encarnación pode ser ao mesmo tempo caudilho, mulato, bruto e homem do campo, enfim uma soma de qualidades que o inclui entre os bárbaros, Zás, o branco civilizado, o classificará socialmente segundo os conceitos com que está familiarizado. Certas crenças fazem com que o indivíduo desenvolva um julgamento ao mesmo tempo coercitivo e repressor de si mesmo e dos outros. De acordo com seus valores, o indivíduo cria um repertório de palavras e movimentos adequados para cada ocasião e pessoa com quem tem que se comunicar. Assim sendo, observando o outro, os indivíduos se reconhecem, classificam, hierarquizam e se definem. Ao invés de entender que o indivíduo tem relações, mais do que isso, ele pode ser encontrado na própria relação, pois a definição de “quem sou eu e quem é a outra pessoa”, revestida por uma névoa de verdade, é exteriorizada justamente nesse momento de mútua

---

<sup>24</sup> ZÁS, op. cit., p. 129.

<sup>25</sup> Id.

avaliação de gestos e palavras.<sup>26</sup> Cada indivíduo se torna uma espécie de policial da boa conduta, o que não o exclui como provável alvo da observação dos demais.

Métodos coercitivos são comumente expressados em estratégias de dominação entre dois indivíduos ou grupos. A posição de um indivíduo ou grupo que detém condições para exercer preponderância sobre outros na defesa de seus interesses expressa a idéia de dominação. Entretanto, a dominação pode dar a falsa impressão de supremo livre-arbítrio para uma das partes, escondendo uma relação entre poder e resistência, ou ainda uma relação de forças relativas, na qual podemos encontrar uma incessante negociação e ajuste de condições.<sup>27</sup> Para Ricardo Salvatore, a formação de uma “cultura de mercado”, caracterizada por negociações entre empregador e empregado, estabelece uma série de condições que limitam o exercício da violência.<sup>28</sup> Em casos em que a diferenciação social não é tão óbvia, como no interior de uma mesma classe social, o ajuste de poderes é igualmente observável. Dois membros da elite, enquanto se cumprimentam e trocam palavras de polidez, estão avaliando um ao outro no correto controle de gestos e palavras. A falta e o erro comprometem o *status* dos envolvidos, hierarquizados não somente por suas posições econômicas e sociais ou pelo poder físico que dispõem na coerção dos demais, mas também pelo domínio que detêm do próprio corpo.

Fisicamente, as opções coercitivas são muitas,<sup>29</sup> porém, o controle do “espírito”, nas palavras de José Pedro Barrán, costuma ser mais efetivo<sup>30</sup>. Em um texto

---

<sup>26</sup> DUMONT, Louis. **La civilización india y nosotros**. Madrid : Alianza Editorial, 1989. p. 29.

<sup>27</sup> ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa : Edições 70, 1980. Relação de forças relativas: a força de um indivíduo somente pode ser medida comparativamente em relação à força do seu opositor.

<sup>28</sup> SALVATORE, Ricardo D., op. cit., A escassa mão-de-obra associada ao predomínio do trabalho assalariado, assim como a grande mobilidade espacial e o precário alcance territorial do controle estatal, entre outras razões, tornam possível ao trabalhador o estabelecimento de algumas condições para seu emprego. Sua abordagem também valoriza as inter-relações como “produtoras” de uma sociedade.

<sup>29</sup> Id. Para coerção física, Ricardo Salvatore emprega o termo “repertoires of coercion” para ordenar as complexas formas do seu emprego.

<sup>30</sup> BARRÁN, J. P. **Historia de la sensibilidad en el Uruguay. Tomo 1: La cultura “bárbara” (1800-1860)**. Montevidéo : Banda Oriental, s/d.

marcado pela abundância de fontes e extensa pesquisa, este autor descreveu a transição entre dois momentos distintos de coerção social separados simbolicamente pelo ano de 1860. Nesta data, o caso uruguaio já apontava para o predomínio da incursão dos ideais civilizados de coerção e autocoerção nos indivíduos, resultando também na crescente condenação de determinadas formas de violência, decididamente das não aplicadas pela ação “racional” do Estado, mas por poderes privados<sup>31</sup>. Barrán constrói seu texto enfatizando a dominação de classe que pressiona os estratos inferiores da sociedade uruguaia para um disciplinamento mental e corporal que poderíamos colocar como hegemonicamente burguês. A pressão econômica de uma classe contra a outra, além da coerção empregada por intermédio do Estado, com suas leis, polícia e exército, são alguns dos instrumentos utilizados nesse disciplinamento da população. Este tipo de abordagem ressalta as relações de classe no movimento de crescente desuso da violência física, identificada pelos contemporâneos como bárbara. Ao contrário de Ricardo Salvatore, esse enfoque se arrisca a amortecer a contribuição e o poder de negociação dos estratos subalternos na construção de valores que repudiam certos tipos de violência. Barrán reconhece que a grande reedição de leis que limitam a barbárie torna-se necessária justamente porque seu cumprimento é limitado. Entretanto, as relações de classe não são o único lugar em que a oposição entre civilização e barbárie é encontrada. Uma vez que a civilização é parte da auto-imagem de certos indivíduos (para o sentido utilizado por Elias), eles a colocam em todas e quaisquer situações em que se relacionam com outras pessoas. As situações em que a civilização é contraposta à barbárie vão muito além das de trabalho, em cujo objetivo residiria a necessidade de disciplinar a mão-de-obra adequando-a a um regime burguês mais “racionalizado” de trabalho industrial (com as ressalvas que o termo industrial pode ter para o Uruguai do século XIX). A civilização aparece também no estilo da fala, na exploração ou não exploração do recurso da violência em todos os momentos

---

<sup>31</sup> Além da legitimação do monopólio da violência pelo Estado, o seu emprego tende a se tornar menos “espetacular”. As execuções públicas por enforcamento, assim como a degola dos inimigos vencidos nas batalhas civis, foram lentamente substituídas por fuzilamentos.

em que ela seria possível. Assim, não é apenas a dominação de classe que pressiona o bárbaro a civilizar-se, pois entre pessoas de uma mesma classe encontramos também esta expressão de coerção social.

Os ideais de civilização são mais fortes quando interiorizados. A repressão exterior, bater no filho, por exemplo, diminui gradualmente na mesma medida em que a repressão interior é passível de absorção, ou seja, tão logo a vítima acredite em determinados valores. Não é um desenvolvimento por etapas, como se a repressão exterior ocorresse antes e a interior depois. O controle dos atos violentos não é somente dado pelas relações de poder mais óbvias, como a de pai para filho e esposa ou a de estancieiro para peões e escravos, mas entre todas as relações humanas. No contato com qualquer indivíduo, mesmo entre os da mesma classe, a civilização e seu poder coercitivo aparecem moldando os possíveis atos a serem praticados, que variam de acordo com as partes envolvidas e situação em que se encontram. A civilização é interiorizada por observação das atitudes dos demais, não necessariamente em declarada repressão, mas no entendimento do próprio indivíduo da importância de determinadas atitudes características que todos deveriam obedecer e que são indispensáveis para uma auto-imagem, o que abre um importante espaço para pensarmos também em apropriação destes valores em conjunção às já tão estudadas tentativas forçadas de introdução. A observação dos demais e o sentimento de ser observado são acompanhados de permanente avaliação de *status* dos outros e de si próprio. Este julgamento de valores é tão ou mais importante do que o perigo de infringir uma lei escrita ou de sofrer uma pena corporal (em alguns casos, infringir a lei é até um estímulo).

Mas os valores civilizadores não estão uniformemente distribuídos em todo o território da Banda Oriental, e nem por todos seus indivíduos, variando de acordo com a posição de cada um no espaço social estudado. Por outro lado, organizada a civilização menos como um processo do que como projeto, constituindo, assim, uma arma de discurso político, estes valores podem ou não ser encontrados em alguém de

acordo com quem é o enunciador. Na conjuntura platina da primeira metade do século XIX, o território do atual Uruguai está envolvido em uma série de disputas regionais de poder, marcado por guerras entre “Estados competidores” *blancos* e *colorados*, sendo que suas instituições estiveram subordinadas às estratégias daqueles partidos políticos. Após a independência de 1828, grupamentos rivais passaram a lutar na medida em que buscavam reorganizar aquela sociedade. Segundo consta no artigo de David Rock e Lóez-Alvez, os agentes desses partidos formavam uma rede de alianças, mediando trocas e ligações, servindo mesmo como agências de coleta de impostos e burocracia informal. Ambos os partidos tornaram-se órgãos governamentais, forçados a negociar um com o outro na participação política e na exploração dos recursos. Deste sistema de rivalidades, e apesar do seu tamanho territorial limitado, resultaram ligações inter-regionais fracas, assim como se tornaram tênues as comunicações entre Montevideu e a *campaña*.<sup>32</sup> O caráter governamental destes partidos, principalmente para o intervalo em que coexistiram o ‘Governo de la Defensa’ e o ‘Governo del Cerrito’, cresceu a ponto de ambos se considerarem os legítimos representantes do Estado uruguaio. Porém, a idéia de “burocracia informal” aparece de uma forma um tanto contraditória. Rock e Lóez-Alvez defendem que o Uruguai apenas conseguiu construir um Estado forte e central na segunda metade do século XIX. Porém, o que chamo de instâncias estatais, ainda que não tivessem um efetivo controle nem sobre o território nem sobre o total da população, apoiavam-se em organizações burocráticas que, para seus agentes, certamente possuíam alguma formalidade. Do contrário, não seriam levadas em conta.

Negociando com esses grupos, cada ator envolvido por aquele contexto buscou legitimar ou denegrir algumas estratégias e caminhos possíveis. Pregando a civilização, alguns indivíduos elaboraram um julgamento sobre quais seriam as formas corretas ou não de construção do Estado, resultando em visões alternativas do uso da

---

<sup>32</sup> ROCK, D.; LÓEZ-ALVEZ, F. “State-building and political systems in nineteenth-century Argentina and Uruguay”. *Past & Present*, 2000, n.º. 167, pp. 176-202.

violência e tributação. Esta oposição entre campo bárbaro e cidade civilizada não foi criada por um indivíduo, mas transmite uma imagem que se encontraria difundida pelo território platino. Com habilidade, Domingo Faustino Sarmiento filtrou alguns fragmentos desse pensamento coletivo que, redigidos através de uma interpretação individual, resultaram na obra *Facundo, Civilización y Barbárie*<sup>33</sup>. A oposição civilização-barbárie não é exclusivamente sarmientiana, mas corresponde a uma auto-imagem ocidental, ainda que revestida por sentidos diversos dependendo do momento e lugar em que é reformulada. Sarmiento dá voz a um sentido local e adaptado, mas em muito ainda unido a um conceito “genérico” de civilização cuja origem é européia<sup>34</sup>. Por este motivo, enfatizamos não a invenção, mas a circulação de idéias.

Ressalte-se, entretanto, que a palavra civilização não obteve total consenso quanto ao seu significado. Assim como Rosas disputou aos *unitários* a autoridade de afirmar qual partido seria o verdadeiro selvagem, Bernardo Berro e Manuel Herrera y Obes<sup>35</sup>, Alberdi<sup>36</sup> e Sarmiento, entre outros, lutaram pelo poder de decidir quem e como seria o homem civilizado. Porém, podemos dizer que, em geral, *unitários* e *colorados* concordavam em afirmar que a civilização era a Europa do século XIX (industrial, comercial, branca, com grandes centros urbanos, educada nos “bons costumes”), e a barbárie era a América pré-colombiana (selvagem e indígena)<sup>37</sup>. Ainda que o argumento central de diferenciação entre os povos europeus e americanos se localizasse, conforme a época, vagando entre a oposição entre cristãos e pagãos e, mais tarde, na de industrialmente e comercialmente adiantados ou atrasados, e mais além até acrescentada de elementos evolucionistas e raciais de explicação, as referências européias, trazidas pelos conquistadores e povoadores, foram consideradas

<sup>33</sup> SARMIENTO, D. F. **Facundo, civilización y barbárie**. Buenos Aires : COLIHUE, 1990.

<sup>34</sup> ELIAS, N. **O processo civilizador. Vol 1. Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1994.

<sup>35</sup> HERRERA Y OBES, Manuel; BERRO, Bernardo Prudencio. **El caudillismo y la revolución americana**. Montevideu : Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social, 1966.

<sup>36</sup> ALBERDI, Juan Bautista. **Fundamentos da organização política da Argentina**. Campinas : Unicamp, 1994. e ALBERDI, J. B. **Proceso a Sarmiento**. Buenos Aires : Ediciones Caldeñ, 1967.

<sup>37</sup> Ou a Córdoba de herança colonial.

superiores aos elementos encontrados na América. Por outro lado, *blancos e federais* valorizaram um “americanismo” que incluía gaúchos e seus costumes, desde que enquadrados a uma disciplina de trabalho e de serviços ao Estado.

Como foi possível observar no segundo capítulo desta dissertação, o conceito de ‘civilização’ empregado por *unitários* e *colorados* tem alguns elementos em comum com o estudado por Norbert Elias para o antigo-regime europeu, mas sua utilização e significado sofreram importantes alterações de sentido nestes americanos do pós-independência. O principal diferenciador poderia ser colocado no ideal de progresso que se fortalece durante do século XIX. Para a aristocracia francesa, os manuais de etiqueta não tinham como objetivo a melhoria da sociedade como um todo, mas garantir à nobreza um padrão de comportamento tido como superior que legitimasse sua posição na hierarquia social. O “processo civilizador” ocorreria na medida em que a competição por *status* impelisse os indivíduos daquela configuração a uma exigência cada vez maior de civilidade. Ao que tudo indica, no início do processo revolucionário, alguns indivíduos mais radicais chegaram a defender uma ruptura mais abrupta em relação aos costumes aristocráticos. Mesmo o nada radical San Martín, em recomendações à sua filha, sugeriria o “amor ao asseio e o desprezo ao luxo”, mas também deixava clara a importância de se falar o “pouco e o necessário”, além de atentar para a formalidade à mesa.<sup>38</sup> Sarmiento colocaria na educação um decisivo caminho para o progresso civilizador, mas Alberdi entendia esta educação não como a dos ilustrados, poetas ou pensadores, mas a das artes “práticas” ou “técnicas” que seriam as exigidas por um tipo de sociedade diverso daquele dos salões, das festas ou recepções. Ao longo do século XIX, o ideal de civilização se torna cada vez mais “burguês” e “liberal”, um progresso social que se determinaria pela ciência da economia. Mas persistirá uma dúvida, para ficar no exemplo de Alberdi, entre a possibilidade do Estado intervir (seja diretamente na população “trocando-a” por imigrantes europeus anglo-saxões, seja por “omissão”, retirando os entraves

---

<sup>38</sup> MARTÍN, S. *Escritos políticos*. Petrópolis : Vozes, 1990.

comerciais que impediriam o curso natural que o progresso teria para a doutrina liberal) ou na ação “natural” da própria sociedade que, através do contato com indivíduos “superiores” do norte europeu, educa-se nas práticas do empreendedorismo liberal para que ela mesma seja uma agente do desenvolvimento.

A descrição que Zás desenvolve sobre seu rival Encarnación pode conduzir a conclusões precipitadas em relação à questão do autocontrole, tão vital para o entendimento do Processo Civilizador de Norbert Elias. Seria uma conclusão apressada e duvidosa. A atitude rude e violenta do caudilho poderia ser colocada como uma falha em seu autocontrole, mas este entendimento esconderia outras interpretações possíveis para esta ação social. Ao invés de entendê-la como um exemplo de descontrole, ela poderia representar uma outra conformação de autocontrole que permitiria esse estilo de explícito caudilhismo. Mais do que isso, ela pode ser vista como uma estratégia, não necessariamente deliberada ou racionalizada, mas, por que não, um tipo de ação social recheada de finalidade. Encarnación estaria estabelecendo um tipo de negociação sobre sua inserção social no artiguismo. Na melhor das hipóteses, Encarnación sairia da Aduana com seus direitos de arrecadação recuperados, mas, não atingindo este fim, ao menos teve a oportunidade de montar no palco de Colônia e da Aduana uma cena em que reafirmou sua posição na conjuntura local. Neste caso, todo o evento aparece como uma demonstração para o caudilho. Leva consigo seus homens e praticamente "ocupa" a cidade por dois dias. Faz sua encenação na Aduana, sai livremente, dono de si, e, apesar de tudo o que fez e disse sobre Zás, em uma viagem de barco acaba trocando com este algumas palavras amistosas, tratando de construir algum laço social de cooperação.

Escapando da armadilha Sarmientiana, o caudilho bárbaro seria muito mais astuto e muito menos ingênuo do que os intelectuais da Geração de '37 costumavam defender. Seguindo este mesmo raciocínio, não seria adequado pensar no caudilho como alguém incapaz se governar (nos termos de Foucault)<sup>39</sup>, mas apenas que

---

<sup>39</sup> FOUCAULT, M. A governamentalidade. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro : Graal, 1979.

condensa uma capacidade de governo diversa daquela esperada pelo Zás que escreve em 1851. Neste caso, a questão que se apresenta não é a do autocontrole, mas de estilos diferentes e rivais (e não falhas) de autogoverno que subentendem contornos distintos de governo, agência e prestação de serviços ao Estado. Zás estaria, então, diferenciando-se de Encarnación, legitimando-se e deslegitimando o caudilho. Esta falta de legitimidade passa não por sua capacidade de governar, mas pela incapacidade de governar de uma forma tida como correta e esperada por Zás para seus colegas e superiores. O governo ou a atuação atribuída ao caudilho seria inadequada, e deveria ser substituída por outra forma de atuação, ou de prestação de serviços, justamente a de Zás e a da Aduana.

Uma outra questão deve ser sublinhada. Encarnación não é o único caudilho que participa do evento da Aduana de Colônia. Lavalleja ali estava ouvindo as reclamações do *mulato* ao lado do Administrador, com quem se posicionava na defesa daquela instituição aduaneira. Além disso, a Aduana estava sob comando de um “caudilho de caudilhos”. Em um movimento liderado por Artigas, tido como inventor da *montonera* e do caudilhismo típico do pós-independência, encontrava-se uma instituição alfandegária, a Aduana, que já existia desde o período colonial, mas que fora mantida pela necessidade de obter fundos para o esforço de guerra. A visão clássica do caudilho entra em contradição com um Artigas muito mais permeável, podendo transitar entre métodos de arrecadação tidos como opostos, como aquele delegado ao caudilho local Encarnación e a própria Aduana, revestida por uma legitimidade tradicional e institucional. A própria exigência por parte do *Administrador* para que seu rival apresentasse “las instrucciones”, ou mesmo os recibos que tanto Encarnación quanto Zás entregavam aos *pulperos*, são uma amostra de uma certa “legalidade burocrática” que, apesar de simples, fazia-se necessária, contradizendo a suposta informalidade atribuída por Rock e Lóez-Alvez.<sup>40</sup> Muito já se tem avançado neste sentido, demonstrando como Artigas pretendia construir uma base

---

<sup>40</sup> ZÁS. op. cit., pp. 128-129.

de apoio muito mais ampla do que os limites da *campaña* poderiam proporcionar. Ainda que sua relação com a elite de Montevideú tenha sido permanentemente tensa e volúvel, Artigas não abandonou a esperança de contar com seu apoio. Mesmo o *Reglamento Provisorio* de 1815 teve sua aplicação praticamente limitada aos inimigos da Revolução, conservando as propriedades daqueles que a apoiavam. A conduta do “*nuevo Atila*”, alcunha que recebeu em 1818, recebeu da historiografia tradicional uma impossibilidade de conciliação com Montevideú. Visto como mais um exemplo de oposição entre o campo e a cidade, entre poder pessoal e institucional, sua atuação parecia caricaturada por um modelo pré-fabricado de caudilho. Suas relações com o núcleo da elite portuária da capital tiveram um início difícil, no qual se inclui um cerco à cidade, mas logo passaria a “recibir delegados, aceptar intermediaciones familiares y aún introducir afinidades de carácter personal (...)”.<sup>41</sup> Ao final, esta aproximação esteve longe de ser um sucesso. Se o sentimento antibonaerense que compartilhavam fora motivo para algumas conversações, suas diferenças foram mais fortes, e boa parte da elite montevideana não teria dificuldades em conviver com os vitoriosos portugueses que ali se assentaram a partir de 1817. Por outro lado, o exemplo de conflito entre o caudilho e a Aduana de Colônia demonstra a existência de outras divisões internas para além da clássica “cidade” em oposição ao “campo”.

Tanto Artigas quanto Lavalleja e Encarnación são vistos como caudilhos. Todavia, eles não estão unificados em suas posições acerca da disputa pelos impostos de Colônia e Soriano. Ao invés de pensarmos em caudilhos tipificados, como se suas ações estivessem rigorosamente tendendo a uma adequação a um modelo pré-determinado de caudilho, seria mais interessante entender o caudilhismo como uma opção estratégica de acumulação de poder. Não configurando a única forma de acumulação, convivendo com outras como a intelectual ou a legal (legitimada por instituições burocráticas), cada uma destas estratégias possíveis renderiam ao

---

<sup>41</sup> BENTANCUR, A. A. **En busca del personaje histórico José Artigas: breve análisis de su relacionamiento con el núcleo español de Montevideo.** In : FREGA, A.,; ISLAS, A. **Nuevas miradas en torno al artiguismo.** Montevideú : Universidad de la República, 2001. p. 253.

indivíduo o alcance a um determinado público. Portanto, sua diversificação poderia implicar em uma base de poder mais abrangente e sólida (ou em uma série de contradições internas). Como nem todos os caudilhos eram iguais, as opções de Artigas teriam sido muito mais vastas do que as do *mulato* Encarnación, ampliando suas possibilidades de atuação para o cenário da Banda Oriental em guerra.

### 3.1.2 INSTÂNCIAS ESTATAIS EM UM DE SEUS *EMPLEADOS*

No que se refere ao modelo de Estado pré-independência, até fins do século XVIII, o Antigo Regime ainda recorria ao monopólio colonial, ao patriarcalismo político e ao patrimonialismo dos cargos públicos. Este quadro foi gradativamente combinado com um novo modelo administrativo desde a ascensão da casa dos Bourbons ao trono espanhol que se corporificou no território do atual Uruguai pela constituição do vice-reinado do Prata. Neste período, não só reconhecemos um direcionamento intelectual que distanciou o Estado da influência religiosa, como também uma crescente burocratização e expansão do governo secular que se mostrou ainda mais atuante, o que por vezes significou maior controle e fiscalização.<sup>42</sup>

O ensino e língua escrita são desejados para a formação do corpo de funcionários do Estado Burocrático moderno que vem sendo construído.<sup>43</sup> Em muitos casos, os agentes do Estado passam a constituir o maior corpo de empregos que requeriam educação. A máquina administrativa composta por um numeroso corpo de agentes passa a permitir e mesmo a buscar servidores e agentes entre letrados que eram até então excluídos pelo patrimonialismo e distribuição de privilégios derivados do

---

<sup>42</sup> RUIBAL, B. C. Cultura y política em uma sociedad de Antiguo Régimen. In: TANDER, E. (org.). **Nueva historia argentina: la sociedad colonial**. Tomo II. Buenos Aires : Editorial Sudamericana, 2000.

<sup>43</sup> Antes da alfabetização em massa, a língua na forma literária padronizada interessava preferencialmente a uma elite minoritária como um meio prático de comunicação administrativa e intelectual. Com a formação do Estado moderno, a abrangência desta elite e seu idioma terminariam por coincidir com uma área territorial pré-determinada. No território repousaria o limite imposto ao desempenho das funções do Estado, estando todos os habitantes sujeitos às suas leis e ordem.

arranjo social ou da recompensa a serviços prestados à coroa. Os altos cargos do regime colonial estavam reservados quase que exclusivamente aos *godos* e enviados do rei, deixando aos hispano-americanos algumas posições menores, mas, após a formação das *juntas*, a possibilidade de ocupar as responsabilidades do Estado conduziu os *criollos* de posição social e educação privilegiada ao alcance de posições de maior influência.

O Estado tornou suas intervenções cada vez mais universais e rotinizadas. Cada vez mais este possui informações sobre cada um dos indivíduos e cidadãos, o que se revela no grande interesse pelos censos. “Como nunca até então, o governo e os indivíduos e cidadãos estavam inevitavelmente ligados por laços diários”<sup>44</sup>. O Estado é visto, no século XIX, como o instrumento da racionalização. A administração racional se baseia em regulamentos explícitos que lhe permitem intervir nos domínios mais diversos, desde educação até saúde, economia e cultura, e dispõe da força de polícia e militar em forma permanente. A sustentação do racional está no domínio legal que se justifica por um procedimento que constitui regras de um mundo abstrato de normas. A justiça consiste na aplicação dessas regras aos casos particulares, protegendo através dos órgãos para tal fim instituídos os interesses nos limites das regras estabelecidas.

A aplicação desses inúmeros regulamentos exige uma equipe de agentes qualificados, que não são donos dos seus cargos, nem tampouco dos meios da administração, mas são protegidos em suas funções pelas regras do Estado. Tudo o que decidem ou fazem os agentes o deveriam fazer por escrito, arquivando e documentando. Surge então a idéia de burocracia. A burocracia tem serviços definidos e competências rigorosamente determinadas pelas leis. Existem poderes de decisão definidos na execução das tarefas correspondentes e uma proteção aos agentes no exercício das funções. A hierarquia é fortemente estruturada em serviços subalternos e em cargos de direção, com possibilidade de recurso da instância inferior à instância

---

<sup>44</sup> HOBBSAWM, E. J. **Nações e Nacionalismos deste 1780**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1990. p. 102. Ver também BOURDIEU, P. **Razões práticas para a teoria da ação**. Campinas : Papyrus Editora, 1996.

superior, o que conduz à tendência de centralização. A remuneração seria regular sob forma de um salário fixo e, principalmente a partir do século XX, de uma aposentadoria quando deixasse o serviço. Os tratamentos são hierarquizados em função das categorias internas da administração e das responsabilidades exercidas. As autoridades têm direito a alguma comissão de disciplina para seus subordinados. Existe ainda uma tendência à separação completa entre a função e o homem que a ocupa, pois nenhum funcionário poderia ser dono de seu cargo ou dos meios da administração. A burocracia deveria ser impessoal, ou seja, racional pela função do cargo, técnica e esclarecida.

Apesar de uma certa antecipação da secularização e centralização pelos movimentos dos séculos XVI e XVII e posteriores reformas dos Bourbons para o caso espanhol, o Estado moderno pós-revolução francesa era uma novidade em muitos aspectos<sup>45</sup>. No sentido mais idealizado, deveria possuir um território definido, preferencialmente contínuo e inteiro, dominando a totalidade de seus habitantes e conduzindo a intervenção estatal aos mais diversos domínios da atividade humana. Politicamente, o domínio e a administração do Estado ideal sobre os habitantes seriam exercidos diretamente e não através de sistemas intermediários de dominação.

Porém, a burocracia não é exclusiva do Estado moderno. A burocracia moderna desenvolveu-se sob a proteção do absolutismo real desde o começo da era moderna. Aos Bourbons já interessava incrementar a fiscalização e controle, ampliando a burocracia como forma de dominação e eliminando a concorrência interna pelo poder. As antigas burocracias tendiam ao patrimonial, ou seja, os funcionários não tinham garantias de estatuto legal, mas suas funções estavam definidas pela tradição.

Para o patrimonial, não existe distinção entre a pessoa e o cargo. A distinção entre público e o privado não faz sentido quando a função exercida faz parte da propriedade individual ou familiar. O cargo pode ser herdado, vendido ou arrendado

---

<sup>45</sup> Ibid., p. 101.

de acordo com a conveniência do seu proprietário e no limite da tradição. Também o tesouro pessoal, investimentos, perdas e lucros se confundem aos da atividade exercida. Essas características tanto faziam parte da tradição e da conveniência em formar alianças na hierarquia social, como eram necessárias em vista da dificuldade do Estado em alcançar fisicamente todo seu território se não por meios intermediários e delegações de poder. Também a dificuldade em reunir fundos suficientes sujeitou os governos ao auxílio de setores capazes de reunir investimentos e fazer cumprir os interesses do Estado. Desta forma, recebem uma série de privilégios que os incentiva a trabalhar em atividades que ao governo central se apresentariam inviáveis.

O consentimento prático que esta forma de dominação requer depende da aceitação de uma tradição que poderia ser justificada pela antiguidade do costume. No domínio tradicional, a autoridade não é escolhida pelos cidadãos, mas por algum costume como a primogenitura, ou o mais antigo membro de uma família. Os governados não são cidadãos, mas sim pares ou súditos que obedecem a uma tradição. Segundo o estado de espírito do monarca, podem conseguir favores ou desgraça. Mas as decisões estão fundamentadas na sabedoria e não no livre arbítrio, pois isto poderia causar uma desordem no sistema.

O patrimonialismo, assim como a dominação legal, também é durável e contínuo na recusa o excepcional. Baseia-se num costume considerado inviolável em razão da santidade de ter sempre sido assim, no soberano que representa o “eterno ontem”. A autoridade, nesse caso, é altamente pessoal. O soberano recruta seus auxiliares entre seus servidores, não racionalmente por qualidades técnicas, mas por fidelidade. Eram proprietários dos cargos e o exerciam em nome do rei. Não existe separação entre esfera privada e pública ou oficial. Não há distinção entre os interesses pessoais do administrador e os interesses públicos ligados ao cargo. O critério para seleção é a confiança. Muitas vezes a administração não era mantida às custas de um dinheiro público, mas de um tesouro particular e, assim como o direito, era dirigido pelo costume.

Na América espanhola, ocorre uma crise na legitimação da dominação tradicional do trono espanhol. Assim que Fernando VII é deposto em favor do irmão de Napoleão Bonaparte, a tradição projetada no monarca sofre um severo revés. É nessa crise que se desenvolvem as independências na América. É um conflito que conduz ao Estado grupos que não poderiam legitimar seu poder pelo mesmo padrão do rei espanhol, devendo encontrar outras opções. A substituição dos *godos* e da dominação espanhola provocou uma intensa reforma no sistema de legitimação do poder e modelo de Estado. No vice-reinado do Prata, a elite da revolução de 1810 era composta por comerciantes e burocratas. Mas a crise criou revolucionários de carreira, políticos profissionais, funcionários do governo e um novo grupo militar, homens que viviam do serviço ao Estado e das rendas governamentais. Para o Uruguai, o direcionamento do Estado colonial patrimonialista para o independente burocratizado e racionalizado não poderia ocorrer de imediato, visto que tal fenômeno é gradual, e vinha em desenvolvimento desde os séculos anteriores. A historiografia tem indicado a coexistência de ambos os estilos de administração para a inconstante primeira metade do século XIX, caracterizando uma forma particular de organização do poder. Sustentado na instabilidade, surge um Estado híbrido pela oscilação entre as obrigações e acertos partidários e individuais e a intenção de alguns em construir um governo central. Conforme aponta Halperín Donghi em seu livro *Revolución y Guerra*, a racionalização e a burocratização do Prata não foram somente produtos de um projeto das elites revolucionárias para o Estado, chamando a atenção para o papel fundador da dinâmica da guerra, tanto constituindo novas elites (ou reformando as antigas), mas também dando um desenvolvimento particular às instituições administrativas.<sup>46</sup> Juan Carlos Garavaglia também reforça esta percepção ao estudar o Estado Rosista para a província de Buenos Aires, encontrando no esforço de guerra

---

<sup>46</sup> HALPERÍN DONGUI, T. **Revolución y guerra**. Buenos Aires : Siglo XXI, 1994.

uma correspondente necessidade de incremento fiscal e administrativo que provocou um considerável crescimento ao ‘Leviatã’.<sup>47</sup>

Com este processo de combinação de estilos administrativos, passamos a identificar uma gradativa transformação na figura dos agentes do Estado, cuja instrução e educação os permitiram interferir ativamente nas relações sociais e na vida pública. Direcionando-se para as formas mais burocratizadas, lentamente prevalece uma intenção de racionalização. Entretanto, isto não significa que as antigas tradições foram totalmente eliminadas, pois um Estado instável não tem condições de impor uma normal legal a todos, reservando boa parte das decisões ao costume que, em grande parte, ainda está relacionado à ordem anterior.

Um exemplo que, melhor do que de coexistência seria de adaptação aos rigores da guerra, está no já tratado encontro entre Zás e o caudilho Encarnación. O pensamento que, a partir da Geração de '37, predominou pelo século XIX, é o que entende o caudilho e seu sistema (relacionado à causa federal) como inimigos da construção de um Estado central, racional, burocratizado, constitucional e moderno. Mas é importante colocar que a atuação do *mulato* Encarnación não deve ser entendida como uma simples resistência de costumes tradicionais frente ao avanço do Estado. Ao contrário, o papel adquirido pelos caudilhos a partir dos movimentos de independência são muito mais “novidade” do que a Aduana, já que fora a guerra a responsável pelas condições de ação para esse tipo de caudilho, oferecendo-lhe oportunidade de ascensão. Frequentemente funcionando mediante mecanismos de arrematação, ou seja, de arrendamento da cobrança de tributos a comerciantes particulares, a Aduana era um estabelecimento que já existia no período colonial, enquanto que o caudilho e sua ascensão política e militar representavam um ator social que, apesar de presente durante a colônia, ganhava um novo significado. A apropriação ou intermediação de arrecadação das rendas também pode ser vista como uma estratégia a mais de

---

<sup>47</sup> GARAVAGLIA, Juan Carlos. La apoteosis del Leviathán: el estado en Buenos Aires durante la primera mitad del siglo XIX. *Latin American Research Review*, v. 38. n. 1, fev. 2003.

acumulação de poder. Neste sentido, um Zás "burocrático ou funcionário de tipo novo" também desaparece, revestindo-se mais do papel de um burocrata agente de um Estado, ou instituição da Aduana, ligada mais ao Antigo Regime do que a um modelo de Estado defendido pelos movimento romântico e desenvolvido como projeto quase três décadas depois. Seguramente, a oposição entre Zás e Encarnación não é aquela entre o funcionário público moderno e o caudilho bárbaro de Sarmiento, mas entre um caudilho que representa uma novidade da revolução, ou pelo menos o reposicionamento social de um tipo de liderança, frente a um tipo de burocracia e instituição de Antigo Regime, esta também sob domínio de um outro caudilho, o General Artigas (remeto-me à idéia de diversidade estratégica e não à tipificação de indivíduos). Porém, não se pode abandonar a constatação de que Zás está escrevendo em 1851, momento que a avaliação da figura do caudilho já conta com a estigmatização desenvolvida pela Geração de '37. É provável que Zás esteja combinando percepções carregadas consigo ao longo da sua trajetória, misturando a rivalidade de instituição burocrática de Antigo Regime com a novidade do caudilho trazida pela revolução, mas atribuindo ao seu rival o estigma já elaborado por seus colegas do partido *colorado* em união aos emigrados *unitários*.

Ao finalizar seu texto, em um breve trecho intitulado de "Resumen de mi vida publica", Zás considera seu trabalho durante o período artiguista como um "serviço público".<sup>48</sup> Em destaque, atribui à sua posição de voluntário no primeiro sítio de 1811 a denominação de "empleado de la patria". Sua atuação em instâncias burocráticas artiguistas é vista com o início de uma carreira de *empleado* que se concluiria nessa data de requisição aos 26 anos e meio de vida pública<sup>49</sup>. Enquanto o pensamento da Geração de '37, refletido no Uruguai pelo texto de Manuel Herrera y Obres, constrói uma forte oposição entre Estado e Caudilho, Zás, também *colorado*, não entende o artiguismo desta mesma forma, elaborando uma continuidade entre seu serviço de

---

<sup>48</sup> ZÁS. op. cit., p. 172.

<sup>49</sup> Ibid., pp.167-168.

*empleado* de instâncias burocráticas e estatais ao longo destes diferentes momentos da história local. É a trajetória de um *empleado* que se insere em uma trajetória de prestações de serviços a estas instâncias estatais.

A forma como Zás entende a categoria de *empleado* revela uma transição entre dois modelos de atuação do Estado, caracterizados por dois modos de dominação diferentes, o tradicional (patrimonial) e o legal (burocrático). Além dos salários, ele menciona a persistência de ‘comissões’ para algumas tarefas, como na arrecadação de impostos, apreensão de mercadorias contrabandeadas ou “venta de papel sellado” como “Ynterventor de Correos”.<sup>50</sup> Em 1851, Zás mantém em suas memórias a idéia de que as comissões não eram seu principal incentivo, chegando a ceder parte das suas cotas “áfavor del Estado” na apreensão da carga ilegal de contrabando de um barco no Rio Uruguai.<sup>51</sup>

Zás parecia já se sentir *empleado* e com merecimento a alguma estabilidade durante os mandatos dos primeiros dois presidentes, Rivera e Oribe.<sup>52</sup> Ao segundo ano da presidência de Oribe, o recém empossado ministro “D. Juan B. Blanco había dicho que yo no permanecería, pues sería separado por que sabía mis opiniones”.<sup>53</sup> Mas um amigo em comum conseguiu convencer o ministro de que as aptidões de Zás eram bem conhecidas e que tinha a vantagem de ser “un archivo ambulante (...) Que á demas era muy laborioso, y le constava que yo había formado á ratos desocupados todos los Yndices de aquel archivo, trabajo que era impagable.”<sup>54</sup> De fato, Zás se manteve no emprego, mas, ainda em 1836, Rivera declarou-se hostil ao presidente Oribe, que já havia extinto o cargo da *Comandancia General de la Campaña*. Com isso, Zás foi

mas y mas malmirado por elGral Presidente – A punto deque creada una guardiallamadadehonor p<sup>a</sup> custodia desu persona; no obstante que fueron llamados á

<sup>50</sup> Ibid., pp. 127/130/150.

<sup>51</sup> Ibid., p.131.

<sup>52</sup> É importante ressaltar a idéia de merecimento e não a de direito, visto que não se tratam de direitos formalmente garantidos pelo Estado.

<sup>53</sup> ZÁS. op. cit., p.164.

<sup>54</sup> Id.

èllatodos los empleados de los otros Ministérios á mi y mis subalternos, no se nos quiso incorporar, por sospechosos.

Asi fuy pasando ratos y desaires muy amargos; sin embargo deno haver dado jamas la mas leve causa para éllo – Nunca cometi falta de fidelidad de respeto, ni dellennarmi dever; mas la animosidad contra mi persona creció tanto que se vigilava mi casa y mis pasos, aun los mas insignificantes.<sup>55</sup>

Em seu texto, Zás garante que se manteve fiel ao Estado, apesar de suas simpatias por Rivera e críticas negativas a Oribe. Ainda sim, com o já presente conflito entre os dois caudilhos, sua má fama de suspeito foi acompanhada por um tratamento severo por parte do líder *blanco*, que pessoalmente o ameaçou de ser jogado ao fosso das muralhas de Montevidéu caso faltasse a algum dia de serviço.<sup>56</sup>

Com a renúncia forçada de Manuel Oribe, “el Gral Rivera traía consigo unos predilectos para ocupar las mayorias de los Ministérios”. Apesar disso, Zás foi mantido como *empleado* no Arquivo, no que se pode observar alguma merecida estabilidade para um emprego que não se perde ao longo da troca de governos entre dois partidos que se alternam no poder pela via da guerra.<sup>57</sup> Poucos dias depois, Zás foi chamado ao encontro de Rivera. Este estava distribuindo prêmios a alguns subordinados, “*catorce mil pesos á favor de cadauno de sus Secretaríos, Vazquez, y Martinez*”.<sup>58</sup> Especificamente para Zás, o general teria dito que

Hoy estoy para dispensar gracia á los buenos y antiguos servidores dela Pátria – Usted es uno de éllos y quiero, por que hoy lo puedo, demonstrarselo – Conosco deoidas, de mucho tiempo á V. De cerca desde que fuy presidente Y me consta que su constancia además por la causa del orden y Autoridad legal, há sido siempre-una misma Pidame pues con sinceridad de ceo servirle.<sup>59</sup>

---

<sup>55</sup> Ibid., p. 165.

<sup>56</sup> Id.

<sup>57</sup> Esta estabilidade é informal. Não existe uma carreira estável de *empleado*.

<sup>58</sup> ZÁS. op. cit., p. 166. Ver também Archivo General de la Nación. **REGISTRO RIVERA**. Montevidéu, 1941. pp. 55-56. Zás se equivocou no valor, que seria um pouco maior: “Señalo á mis Secretarios D. Santiago Vázquez, y Brigadier Gral D. Enrique Martinez á nombre de la República y del mio, como una indemnizacion de sus quebrantos, la suma de diez y seis mil pesos á cada uno”.

<sup>59</sup> ZÁS. op. cit., p.165.

É possível observar como Rivera também vê uma continuidade entre o processo de independência e o da organização estatal do Uruguai independente. A palavra Pátria é aplicada para todos esses momentos, mas, como já foi colocado anteriormente, não pode ser confundida com um sentimento nacionalista. Ainda sim, a continuidade de uma Pátria, cujo sentido pode ter sido alterado no decorrer do tempo, e a continuidade de uma carreira de *empleado* em instâncias estatais é valorizada, principalmente para aquele que sempre foi fiel em seus serviços ao Estado e à ordem legal.

Este encontro com Rivera resultou no primeiro pedido de *jubilación*<sup>60</sup> de Zás, mas não fora a primeira vez que pedia algum reconhecimento frente ao Estado. Ainda com Manuel Oribe na presidência, Zás assinou um pedido coletivo de recompensa por serviços prestados para os “Empleados que havíamos estado en campaña durante la guerra de la Yndependencia.” A resposta do Ministro responsável Llambi foi

más ó menos en los términos Sig<sup>tes</sup>: ‘Vistas por el Gob<sup>no</sup> las razones en que se fundan los empleados en campaña durante la ultima guerra nacional (...), há acordado se les diga: - Que el P.E. [Poder Ejecutivo] no las considera por bastantes, desde que todos hansidocompensados consus respectivos sueldos: que en la actualidad están empleados los mas y si alguno no lo está, es por haber hecho renuncia de sudestino Y últimamente que depremiarse á éstos empleados; sería necesario hacer lo mismo con todas las milicias departamentales que han estado frente al enemigo y hallándose en todos los convates á quienes no obstante ni las gracias se les ha dado, al tiempo de retirarlas Hágaselesaver y archive’.<sup>61</sup>

O encontro anteriormente descrito com Rivera deu a Zás mais uma oportunidade de ter recompensados seus serviços desempenhados durante a guerra de independência, esta que, neste momento, parece estar entendida apenas como a empresa dos *Treinta y Tres Orientales*, desencadeada pela liderança de Lavalleja em 1825.<sup>62</sup> Ainda sim, a continuidade entre a carreira de *empleado* de instâncias estatais

---

<sup>60</sup> Ver nota de rodapé número 03 deste capítulo.

<sup>61</sup> ZÁS. op. cit., p. 163.

<sup>62</sup> Ibid., p. 164.

desde o artiguismo aparece durante o já citado resumo da sua vida pública. De qualquer forma, três dias depois da conversa com Rivera, Zás apresentou

un memorial corto solicitando mi jubilación y retiro del Empleo que havia desempeñado por el espacio de diez y siete años contados los tres de la guerra dobles – Oficial 1º efectivo y hecho las veces de mor. 1º acompañando al Sr. Gobernador Suarez en el año 27 á campaña = 2º desde Enero del 29 hasta Abril en la Aguada (...) 3ª desde Setiembre del mismo año en que Arauco y [Francisco Solano] Antuña se fueron á sus casas (...)

e assim segue a enumeração dos cargos pelos quais pretendia ser recompensado até a data de “8 de Febrero del 39 en que presente la referida solicitud”. Para este caso, a continuidade entre os *empleos* parece estar cortada, uma vez que a solicitação somente incluiu os serviços prestados a partir da entrada dos *Treinta y Tres*. Assim, existe uma diferença importante entre a continuidade da prestação de serviços e a do Estado propriamente dito, como se as instâncias burocráticas e estatais de Artigas não lhe garantissem prêmios ou compensações frente à nova República fundada pelo acordo de paz de 1828. Na sua trajetória individual, seu “primer empleo” é colocado para Agosto de 1814, “Recaudador del impuesto de 2 r.<sup>s</sup> por res del abasto á las ordenenes del Fiel Egecutor (...)”<sup>63</sup>, mas o pedido de aposentadoria somente se refere aos trabalhos desempenhados a partir de 1827.

Ao tomar conhecimento da solicitação de *jubilación*, o General Rivera, a aceitou com desagrado, mas o Ministro encarregado do assunto “se opuso grandemente á ella dijo que era estemporanea, é ilegal (...) por que yo no me havia invalidado en el servicio, no se suprimia laplaza, como lo exigia la Ley – A lo que constesté que por (*eso*) lo pedia por gracia (...)”, o que foi aceito após a notícia de que o próprio Rivera o havia consentido.<sup>64</sup> Em uma graça praticamente exclusiva para funcionários do Estado<sup>65</sup>, Zás passou a receber 75 pesos mensais.

<sup>63</sup> Ibid., p. 172.

<sup>64</sup> Ibid., p. 168. A lei de *jubilación* de 2 de janeiro de 1839: “El General en Gefe del Ejército Constitucional. Siendo indispensable reglamentar la ley de retiro, jubilación y montepio de empleados civiles, p.<sup>a</sup> que haya orden y uniformidad en las pretensiones que se entablen p.<sup>a</sup> optar á los goces que ella les designa, he venido en acordar y decreto: Art.º 1º Para solicitar cualquiera empleado civil, el retiro de la Ley, se necesita: 1º que se suprima la Plaza efectiva que estuviere desempeñando. 2º: que

Neste exemplo, existe uma descontinuidade entre instâncias burocráticas (artiguismo e República Oriental do Uruguai) e continuidade entre Pátria e carreira de *empleado* (trajetória individual de prestação de serviços a algum Estado). Como já apontou Chiaramonte, a idéia de Pátria está desligada da de Estado-Nação. Em Zás, a palavra ‘pátria’ é usada para a Banda Oriental, seja artiguista ou independente, seja ligada às demais províncias do antigo vice-reinado, seja a de um Estado totalmente autônomo – a organização do Estado ocorre em separado da noção de pátria. Em sua curta carreira de soldado, antes do “primeiro emprego” e recém iniciada a campanha artiguista, seu comandante lhe perguntava “si era patriota como se me conceptuava”.<sup>66</sup> Patriotismo que também impulsionaria o *mulato* Encarnación, segundo suas *instrucciones*.<sup>67</sup> Zás também afirma que não podia “soportar lavista delos Portugueses como dueños de mi Patria”.<sup>68</sup> Mesmo o 25 de Maio de 1810, revolução tida como portenha, elevou o entusiasmo de Zás “al ver alguna de aquélla gente en el Cerrito con el pabellon de la Pátria enarbolado”. Em 1825, o governo provisório dos *Treita y Tres Orientales* em Florida representava a esperança pelo “voto libre y espreso de los Pueblos”, uma passo “esencialmente patriotico” desta autoridade recém constituída.<sup>69</sup> Zás colocou a palavra ‘pátria’ para acontecimentos distantes em até 15 anos, porém, lembrados em 1851, momento em que esta palavra parece ter conservado seu

---

tenga diez años, al menos, cumplidos de servicio. 3º que no sea de los empleados amovibles á la voluntad del P. E. 4º que su separación, aun cuando se suprima el empleo, no se funde en su ineptitud, omisión ó delito. (...)” Archivo General de la Nación. **REGISTRO RIVERA**. Montevidéo, 1941. pp 59-61.

<sup>65</sup> SALA DE TOURON, L.; ALONSO ELOY, R. **El Uruguay comercial, pastoril y caudillesco. Tomo II: Sociedad, política e ideología**. Montevidéo : Banda Oriental, 1991. p. 79. Estas autoras ainda ressaltam o hábito tido como caudilhesco, mas comum em se tratando de um costume de Antigo Regime, de “dispensar gracias”: “Era costumbre inveterada de Rivera compensar los suyos, y como éstos y otros políticos y militares estaban en los niveles más elevados para su gratitud en el momento, recibían donaciones de monto significativo, el cual se reducía hasta llegar en el caso de las gentes comunes, a la aceptación de amparos de poco monto tal vez, pero no para quienes la recibían.

<sup>66</sup> ZÁS. op. cit., p. 125.

<sup>67</sup> Ibid., p. 128.

<sup>68</sup> Ibid., p. 136.

<sup>69</sup> Ibid., p. 141.

significado.<sup>70</sup> Contudo, como visto acima, serviços prestados à ‘Pátria’ durante o artiguismo não garantiam compensações frente ao Estado já independente em 1839, distanciando estas duas categorias de uma pretensa unidade.

Semelhante descontinuidade ocorre em relação aos títulos de propriedade dos donatários artiguistas do *Reglamento* de 1815. No interesse do governo da já independente república em organizar o confuso sistema de propriedades, “se excluían específicamente a los donatarios artiguistas”.<sup>71</sup> Isto não significou uma expulsão imediata, já que a antiguidade das suas ocupações tinha certo reconhecimento, mas não foram legalmente aceitos como proprietários, vistos apenas como ocupantes (*poseedores*). A estes foi igualmente imposta a necessidade de pleitear e disputar suas terras contra outros interessados ou antigos proprietários desapropriados por Artigas.

### 3.2 – FRANCISCO SOLANO ANTUÑA, *BLANCO Y DOCTOR*

José Encarnación de Zás se casou em 1826, teve como padrinho de casamento a Francisco Solano Antuña. Nascido em 23 de julho de 1793, Antuña elaborou um extenso diário descrevendo os anos em que esteve sitiada Montevideú. Entre 1843 e 1850, diariamente, registrou os acontecimentos que julgou importantes para aquele período em que o Uruguai esteve dividido por dois governos inimigos que se consideravam os legítimos da República, um limitado a Montevideú, outro governando o interior. Em conjunto a alguns panfletos políticos e a um diário de foro íntimo e familiar, este esporadicamente escrito entre 1818 e 1858, o Museu Histórico Nacional publicou os escritos de Antuña entre 1974 e 1977. Pela natureza diversa do seu texto, o

---

<sup>70</sup> Zás não constrói um significado explícito para a palavra ‘Pátria’, mas nela é possível observar que se incluem noções um tanto quanto vagas de apego a um determinado território que, para a Banda Oriental, era chamada naquele contexto de ‘Pátria Chica’, mas também existia a ‘Pátria Grande’, englobando o antigo Vice-Reiando.

<sup>71</sup> SALA DE TOURON, L.; ALONSO ELOY, R. op. cit., pp. 144/210. Outra descontinuidade está na diferença entre patriotas e cidadãos, sendo a primeira categoria muito mais utilizada nas palavras de ordem que pretendiam mobilizar a população à guerra. Era uma palavra que encontrava um número maior de ouvintes, uma vez que era mais abrangente do que a de cidadãos.

*blanco* Antuña nos deixa registros abertamente partidários. Seus *Apuntes y reflexiones sobre los sucesos del Rio de la Plata ocurridos desde 1826 hasta 1842* atacam vigorosamente os unitários argentinos e procura ridicularizar o general Rivera, apontado de “prostituta traidora”.

Os volumes que contribuíram documentalmente com os escritos de Antuña vêm acompanhados de uma breve biografia que resume sua trajetória pública e familiar. Escrita por Elisa Silva Cazet, esteve respaldada por outras fontes não publicadas do Museu Histórico Nacional, mas guiada principalmente pelas Memórias Domésticas de Antuña, deixando “a quien los lea y estudie con sereno espíritu crítico” a tarefa de “extraer de ellos cuanto contienen como elemento de juicio valedero para escribir la historia del Uruguay”<sup>72</sup>.

Sua primeira publicação na Revista Histórica é a “*Memoria domestica escrita por el Dr. Francisco Solano Antuña*”, feita entre 7 de janeiro de 1818 e 3 de março de 1858. Nesta, apenas os nascimentos, batismos e casamentos dos seus filhos, netos e escravos, além de algumas mudanças de emprego e função, são mencionados. A próxima foi o “*Borrador de una memoria pedida desde Buenos Aires por unos jovenes orientales y que los sucesos dela guerra impidieron de continuarlo – sitio de Montevideo*”, um texto político contra *unitários* e *riveristas*. O terceiro é o “*Diário llevado por el Dr. Francisco Solano Antuña sobre los sucesos ocurridos en la República durante el año 1843*”. O último é o “*Diário llevado por el Dr. Francisco Solano Antuña en el campo sitiador*”. Este é o mais longo, estendendo-se desde 4 de novembro de 1844 até 25 de agosto de 1850, e, assim como os dois anteriores, trata do sítio de Montevideú durante a “Guerra Grande”.

As trajetórias pessoais de Zás e Antuña têm alguns pontos em comum, como o serviço às armas enquanto jovens. Ambos são nascidos na América e filhos de espanhóis. A família Zás vem da Galícia e a Antuña, de Astúrias. Desde os treze anos,

---

<sup>72</sup> CAZET, E. S. Escritos Históricos, Políticos y Jurídicos del Dr. Francisco Solano Antuña, In: **Revista Histórica, publicación Del Museo Historico Nacional**. Montevideú : A. Monteverde & Cia., 1974. p. 421.

Antuña prestava serviços de *escribiente de numero* a uma divisão de Artilharia. Em 1815, já servia de escrivão do governo em Montevideu, transferindo-se para o secretariado do Cabildo em 1817. Divergindo da opção de Zás quanto ao apoio a Artigas, Antuña, então pró Buenos Aires, o considera um “caudilho anarquista”. Porém, ambos apoiaram o retorno de Lavalleja à Banda Oriental em 1825, movimento que resultou na independência de 1828. Entretanto, pretendendo fugir da “anarquia” causada pelo general Lavalleja, que dissolvera o poder legislativo provisório instalado em Florida, Antuña deixou a Banda Oriental em 1827, retornando dois anos depois. Ele chega a trabalhar no Estado que se organizava na capital vizinha e está entre os enviados de Buenos Aires para as negociações de Paz entre o Império do Brasil e as Províncias Unidas, mediadas pela Inglaterra, em 1828. Anos mais tarde, durante o sítio de Montevideu da ‘Guerra Grande’, esteve mais uma vez separado de Zás. Enquanto este permaneceu junto ao “Governo da Defesa” *colorado* na capital, Antuña abandonou a cidade para unir-se ao exército sitiador comandando por Manuel Oribe. Antuña também fez carreira no serviço público, intercalando-a ao trabalho de advogado, atividade que lhe rendeu título de Doutor ao defender sua tese na Universidade de Buenos Aires em 1834<sup>73</sup>. Além disso, fez parte da Assembléia Constituinte de 1830, e, posteriormente, foi Senador. Abandonou as atividades públicas em 1855 para confinar-se ao serviço jurídico privado.

A principal finalidade da sua escrita é a de apontar o que ocorria de relevante no desenvolvimento diário da ‘Guerra Grande’. Pouquíssimas questões não relacionadas à guerra são mencionadas, atendo-se, principalmente, aos movimentos bélicos e diplomáticos dos grupos políticos que se enfrentavam. Na primeira e mais curta parte do diário, está ainda na Montevideu controlada pelo ‘Governo da Defesa’

---

<sup>73</sup> Antuña leva a sério seu título..... “(...) Min.º plenipotenciario salvage unit.º D.or (q.e no lo és) José Ellauri (...)”. ANTUÑA, F. S. Escritos históricos, políticos y jurídicos del Dr. Francisco Solano Antuña: N° 3 – Diario llevado por el Dr. Francisco Solano Antuña sobre los sucesos ocurridos en la República durante el año 1843. **Revista Histórica**. Montevideu : v. XLV–XLIX, n.133-147. Publicación del Museo Nacional, 1974-1977. p. 436. Para este e todos os demais trechos de Antuña, é mantida a grafia original, com a exceção de algumas abreviações.

*colorado*. A partir de novembro 1844, passa a escrever junto ao exército do campo sitiador, já entre seus colegas *blancos*. Com a exceção do intervalo que marcou sua fuga da capital, mantém seu diário com rigorosidade, e, mesmo que nada tenha a escrever, informa o leitor da sua falta de novidades. Infelizmente, em vista das funções que exerceu, não tinha acesso a todos os níveis de informação, em geral, reservadas aos militares.<sup>74</sup> Boa parte do que noticia em suas anotações decorre de leituras de periódicos, simples boatos, ou ainda de deduções acerca do estado de humor do – para os *blancos* – Presidente Manuel Oribe e seus subordinados mais próximos, de modo que sorrisos significariam futuras boas novas, enquanto que uma expressão fechada do seu rosto, uma possível aflição.

Assim como Zás, Antuña parece atribuir ao seu contexto um significado histórico de grande importância, e merecedor de um registro atento e dedicado. Porém, em vista do marasmo em que por vezes se sentiu, chegou a duvidar da utilidade desta sua atividade:

[27/06/1845] – Hay hombres que son consecuentes consigo mismos hasta en los propósitos mas insignificantes, y á esto se debe que se continúe todavía este diário estéril y que para maldita la cosa puede servir, sino para recrearse el autor leyendolo, quando llegue un día á ver libre y feliz á su Pátria – y esto por que pasados los dias dela adversidad, se goza de un Consuelo, de un cierto genero de placer recordandolos.<sup>75</sup>

[04/09/1847] – Así vamos viviendo, envejeciendo y muriendonos, sin hacer nada de nuevo, sin movernos y naturalmente resfriandonos; por que nada debemos esperar de Europa, y por que nada hacemos, ni pensamos para poner termino á este maldito modo de ser y de consumirnos.<sup>76</sup>

Contudo, são raras as reflexões mais demoradas sobre o significado global do seu contexto. Pela própria natureza do seu diário, dificilmente se atém a comentários mais extensos do que o que se segue logo abaixo:

[16/02/1847] - ¡Cuatro años se cumplen hoy de sitio á Montevideo! Y los que allí se apoderaron del mando lo celebraron con salva general, como si tan prolongada resistencia á

---

<sup>74</sup> Assim como Zás, também se difere dos militares: [24/04/1847] – (...) nosotros los no militares (...) Ibid., p. 324.

<sup>75</sup> Ibid., p. 452

<sup>76</sup> Ibid., p. 370.

la voluntad nacional fuese un efecto dela constancia del miserable grupo de americanos traydores, que encierran aquellos traydores!... Es la Inglaterra, és la Francia con sus esquadras, sus soldados, sus armamentos y su dinero, que conservan aquella Ciudad en que dominan, bajo el nombre de Gobierno oriental que les prestan quatro malvados. Sus soldados son los negros que fueron nuestros esclavos, que ellos nos arrebataron, y toda la canalla que la Policia francesa arrojó de diversos Departamentos dela Francia, así como los lanzaron itália, la chusma mas pobre y degradada dela pobre Cerdeña; y en fin los hombres de todas las Naciones, que aborreciendo el trabajo estan siempre prontos para hacer el corso en nuestros rios, y para depreadar nuestras costas, matando sin piedad á todos nuestros compatriotas, sin distincion de sexo, ni edad. Esa és la obra humanitária y civilizadora de los Ministros y Comodoros de las dos mas grandes Naciones del Universo. Esto és lo que celebran los execrables que todavia no se avergüenzan en Montevideo de llamarse orientales y argentinos. ¡Maldicion sobre ellos!<sup>77</sup>

Mas este “resumo” já nos indica um tipo de interpretação que poderá ser encontrada em outros trechos. Seus inimigos são classificados: os traidores, também uruguaios; os estrangeiros, ingleses, franceses e italianos. Seus soldados são o que de pior existe em ambos continentes: negros que foram seus escravos em território americano, ladrões e canalhas repudiados pela Europa, indivíduos de todas as *Naciones* que por não quererem trabalhar, dedicam-se ao roubo, à depredação e ao assassinato. E, além disso, todos estes oponentes estão em Montevideú, legitimando-se por uma missão civilizadora e humanitária. A deslegitimação que este elabora em relação aos seus oponentes é pensada no terreno das atitudes e comportamentos, incluindo o fenômeno do corso tão empregado pelo “pirata” Garibaldi. Importante é idéia de “vontade nacional” (bastante diferente da imagem de poder pessoal caudilhesco) atribuída ao seu lado da disputa, o que curiosamente revela uma visão hierarquizada de uma sociedade ao colocar os negros libertos no lado oposto, no dos “não nacionais”, traidores e criminosos comuns.

Em Antuña, poderemos encontrar algumas das questões já levantadas nos capítulos anteriores e na análise das memórias de José Encarnación de Zás. A civilização e a barbárie estão distribuídas pelo diário de Francisco Solano Antuña de um modo bastante particular se o compararmos com as fontes trabalhadas anteriormente. Será possível encontrar também mais um exemplo de concessão dos

---

<sup>77</sup> Ibid., p. 302.

direitos de Aduana, desta vez cedida em Montevideu aos estrangeiros inimigos dos *blancos*. Na relativa permeabilidade de um sítio não muito eficaz, encontrar-se-ão uma variabilidade de penas criminais, dependentes não só da tipificação da infração, mas igualmente do indivíduo infrator, resultando em castigos diferentes para negros, brancos, estrangeiros, jovens, adultos e mulheres. Além disso, um encontro muito diferente daquele entre Zás e Encarnación se dará entre Antuña e Andrés Lamas. Já não será um caudilho contra um civilizado, mas dois *doctores* de partidos rivais e em guerra, resultando em uma interação específica entre esses dois indivíduos.

### 3.2.1 – Encontro com um *doctor* e a necessidade de abandonar Montevideu

Quando o sítio a Montevideu se tornou efetivo em 16/02/1843, Antuña optou por permanecer na cidade, ainda que junto aos seus desafetos. Ao que tudo indica, sua esperança era de que aquela conjuntura seria de rápida resolução. Afastou-se o quanto pôde do governo *colorado*, não exercendo nenhuma função pública, e resistiu com relativa prudência a todas as contribuições, espontâneas ou não, requeridas à população da capital para o esforço de guerra (Método pouco formal e menos violento do que o de Rosas para “purificar politicamente” uma cidade).

Em abril daquele primeiro ano, Antuña recebeu um “convite”, vindo de Andrés Lamas (*colorado* dos mais próximos aos emigrados unitários) para uma contribuição ou ajuda à compra de armas:

[26/04/1843] - Recibí una invitación del Gefe de Policia Andrés Lamas para que me suscribiera á la compra de un armamento que deseaba ofrecer al Gobierno.

[27/04/1843] – Contesté á la invitación de Lamas, que no teia que donar; pero que aun quando tuviese jamas contribuiría a poner armas en las manos de los europeos para que derramasen sangre americana.<sup>78</sup>

Sua recusa, ainda que não abertamente contrária à causa *colorada*, apelando apenas a algum comprometimento de não colaboração a um conflito fratricida, não foi

---

<sup>78</sup> Ibid., p. 457.

entendida como uma declinação qualquer. O prestígio de Antuña é comprovado pelo interesse de Lamas em visitá-lo e, como se vê abaixo, de protegê-lo.

[08/05/1843] – Recibi una carta del Gefe político D. Andrés Lamas en que me avisa que a las 9 de esta noche vendrá á contestar verbalmente mi carta del 27 – venga enhorabuena – oirá lo que no habrá oido hasta ahora ni cosa parecida.

Vino S S á las 9 y conferenciamos hasta las 11:30 – Empezó aplaudiendo los sentimientos de mi carta y devolviéndomela como *perigosa*: me reí interiormente de esta abertura protectora, quando creía no equivocarme en el obgeto de la visita. En resumen quiso averiguar que datos tenía yo para esperar que el General Oribe ajustára una transacción prescindiendo de Rosas, ó mas bien asegurando la independencia dela República y sus instituciones. Me atrevi á decirle, que no creía yo que el Señor Lamas huviera dudado de alcanzar sus deseos; pero que si en efecto la duda, ó la desesperación había sido la razon para que habia hecho causa comun con los abyectos Riberistas, ó imprudentes ladrones, yo contaba con el patriotismo de Oribe, que hacia alarde de conocer, y con el inters que el tendría hoy de evitar efusión de sangre y de mostrarse oriental virtuoso y no asesino y sanguinario, como lo habian pintado años antes sus encarnizados enemigos. Me confesó Lamas los desmanes de los franceses armados; me confeso que el Ministro Pacheco había aborrecido siempre este armamento; y concluyó ofreciéndome que iba á trabajar empeñosamente por la paz. Yo lo creo; mas no por nada delo que él dijo, sino por que el Cónsul y Vicealmirante frances han exigido de este que se llama Gobierno (y que no lo és como lo probé á Lamas) que para el 10 del corriente recoja todas las papeletas que acreditaban la ciudadanía de los franceses hoy armados: Por que estos han significado con otro motibo al Ministro Vasquez que sino son necesarios sus servicios, renunciarán las raciones y demas; pero que no dejarán las armas – por que no aprobándose el convenio ajustado entre el Comodro ingles y Almirante Brown, naturalmente el inglés será neutral en adelante – y lo creo últimamente por que verdaderamente Rivera Fue batido cerca de San José estos días. Veremos: no parece que vamos mal.<sup>79</sup>

Estas duas horas e meia de conferência, seguramente, estenderam-se para além do que o trecho acima enuncia. Uma frase que chama muito a atenção é a que indica um Antuña discutindo a legitimidade “de este que se llama Gobierno”, “y que nó lo és como lo probé á Lamas”. E se acreditarmos que Antuña “venceu” esta discussão, como ele dá a entender com o uso do verbo “probar”, observamos um Lamas bastante propenso a escutar as lamentações do seu interlocutor, o que se reforça pelas primeiras palavras deste encontro, com a devolução da carta “perigosa” e os cumprimentos pelos nobres sentimentos compartilhados quanto à vida dos compatriotas americanos. Esta “abertura protectora” do chefe *colorado* deu confiança ao *doctor blanco*,

---

<sup>79</sup> Ibid., p. 464.

proporcionando-lhe uma ocasião para expor suas opiniões frente a um adversário político, algo possível somente em vista do carácter não público desta entrevista. Mais do que esta compreensão, Andrés Lamas trata de se aproximar de Antuña, apontando um relacionamento tenso entre ele e Rivera (o que se tornaria conflito aberto em 1847 – ver publicação de Herrera y Obes). O próprio Antuña coloca Lamas em um grupo distinto ao dos “Riberistas”, com o qual viera a se aliar. Esta diferenciação entre categorias de inimigos, de certa forma, constrói uma aproximação entre os dois.<sup>80</sup> São dois homens das letras que, por motivações opostas, aliaram-se a grupos políticos contrários: “Y cuidado que este caballereite és de las principales piezas liberales, romanticas, y bases del porvenir”<sup>81</sup>. Contudo, apesar do suposto interesse de Lamas em acertar a paz o mais rápido possível, Antuña termina seu texto demonstrando maior confiança na força das armas *blancas* do que no compromisso da sua visita *colorada* – nem tão visita, estando mais para um estudo ou inspeção *colorada* frente a um *blanco*.

Não resta dúvida de que a posição social de Antuña lhe garantiu esta proteção oferecida por Lamas. Mas, mesmo para uma figura respeitada, existiriam limites. Apenas sete dias após esse encontro, a casa de Antuña recebeu mais uma carta com requisições do governo *colorado*:

[15/5/1843] – Este Gobierno ha pasado nuevas circulares *apelando*, dice, al patriotismo para reclutar gente para las cañoneras (...). También *apelo* á las Señoras diciendoles en carta el Ministro Pacheco que há tenido que *imponerles* la obligacion de coser ponchos de Oficiales poniendo la costurera los avíos. A casa vinieron ocho ponchos con la carta y fue preciso recibirlos, por que camas y dinero todo se habia negado hasta ahora y no era prudente tentar otra vez la delicadeza de S. E.<sup>82</sup>

Desta vez, os ponchos foram aceitos, mas este tipo de requerimento veio a se repetir no mês seguinte, quando,

<sup>80</sup> Ao longo do seu diário, Antuña sabe algo do que acontece entre os *colorados* em Montevideú, e consegue acompanhar um pouco das ricas intrapartidárias do Governo da Defesa. Ele separa nitidamente os que ele chama de Riberistas dos do partido “porteño”, estes os mais ligados aos unitários emigrados.

<sup>81</sup> [27/07/1843] Além de “caballereite”, Antuña também o chama pelo diminutivo “Lamitas” em outros trechos, provavelmente em vista da diferença de idade entre os dois. *Ibid.*, p. 516.

<sup>82</sup> *Ibid.*, p. 467.

[18/06/1843] – Para completar el día se presentó en mi casa un oficial con un papel simple sin firma ni sobre con membrete del Ministerio de la guerra á efecto que se cosieran gratis quatro ponchos que traía un soldado. Le contestaron las niñas que estaba la Madre ausente y era verdad; pero que no recibían los ponchos por que no podían coserlos estando la familia enferma, y por que no podían pagar á quien los cosiese fuera de casa. Inmediatamente volvió el Oficial con su soldado y los ponchos diciendo que traía ordenes del Ministro Pacheco para dejarlos tirados en la puerta de la calle. Una niña le contestó que ignoraba que S. E. pudiera hacerlas trabajar á la fuerza. ¡Y creará este picaro muñeco que mi familia és su esclava! Y creará que se le han de devolver los ponchos! Miserable! Que equivocado está si piensa que no hay todavía dentro de sus trincheras mas que seres degradados; ciudadanos indignos de serlo... ¡Ojalá viniese el solo á buscar sus ponchos, ó reconvenirme. Bien puede esperar para este invierno estos ponchos, sin taparse con otros!<sup>83</sup>

Enquanto a alguns habitantes seria exigido o serviço militar, a outros, as contribuições teriam outra natureza. No caso, às mulheres são reclamados serviços entendidos como típicos de atividades femininas, porém escusados por Pilar Antuña na alegação de enfermidade da família. Para os detentores de maiores fortunas, as demandas poderiam adquirir a forma de contribuições financeiras ou de suprimentos:

[08/06/1843] – El Ministro Pacheco vuelve á ejercer las violencias con que señaló el principio de su Ministerio: siempre continuó mandando con el mayor despotismo; pero ahora de nuevo lo ha redoblado de diversos modos. Por ejemplo despues de varias esacciones á D. Manuel Ocampo, le exigió recientemente treinta pipas de aguardiente, y acto continuo lo puso en el conflicto de aceptar um vale por siete mil patacones ó marchar de soldado á la línea. Por supuesto, eligió el primer medio.<sup>84</sup>

Seguindo uma prática relativamente comum daquele contexto, e até mesmo abordada por Antuña em sua tese de doutorado, os ausentes da cidade, presumidamente aliados com o inimigo, tinham suas propriedades apreendidas. Antuña menciona, por exemplo, dois armazéns apreendidos, cujos produtos mais valiosos foram carregados em carretas e levados pela Polícia, enquanto que aos

---

<sup>83</sup> (486-487) Mais sobre as roupas: 22/6/1843 – Ayer no ha comido la guarda nacional de la trinchera, como otras varias veces le ha sucedido; por que á esta gente de la tierra, aunque los mas son españoles se le trata con el mayor desprecio, y tanto que habiéndose vestido de pies á cabeza á los negros, los franceses y los italianos, para los nacionales se ha adoptado el arbitrio de mandar á los Tenientes Alcaldes que andan de casa en casa pidiendo ropa de desecho con que vestirlos. Ibid., pp. 486-487/489-490.

<sup>84</sup> Ibid., p. 481.

“objetos pequeños lo puso á discreción de los muchachos, negros y changadores, de manera que el pillaje presentó ál Pueblo el espectáculo mas inmoral y repugnante”.<sup>85</sup>

Mas a família de Antuña ainda não estava livre de receber mais algumas camisetas para costura:

[29/06/1843] – Amedio dia se presentó en casa un militar trayendo tres veces seis camisetas cortadas para oficiales, y tres papeletas sin firma con membrete del Ministério dela Guerra y entre pidiendo y mandando que cosiese cada una su media docena. Mi hija Pilar, la mas resuelta de todas puso en el acto debajo del papel que la nombraba. “Si este simple papel és del Señor Ministro dela Guerra, Pilar Antuña responde por si y sus hermanas, que estando su familia en indigencia tienen que trabajar para ganar el sustento; y que por esto no podía coser las camisetas que devolvía; y firmó. Bien poco después vino otro oficial argentino tuerto, ó vizco (que yo no lo vi) y en la puerta de la sala á presencia de D. Manuel Frias preguntó por Doña Pilar Antuña. Respondió esta – Servidora de V. - ¿Escribió V. este papel? Si Señor. “Pues el Señor ministro manda decir á V. que se apronte para salir con todos sus muebles fuera de lineas mañana á las diez; por que no debe vivir entre los libres quien se niega á coser ropa para los defensores de la Patria”. Pilar corrida, ó mas bien asustada, pudo apenas decirle – espere V. voy á contestarle; por que el oficial le replicó no tengo que esperarme; dio la espalda y marchó; bien que sin que dexase de decirle Dolores mi hija casada, “diga V. al Señor Ministro, que está bien, que se cumplirá su orden y con mucho gusto” Y aquí díó fin al saynete, pudonaid &.<sup>86</sup>

Estes conflictos acerca das costuras não foram privilégio das filhas de Antuña, e este escreve que também outras famílias teriam recebido as mesmas ameaças. À família Platero:

[08/07/1843] – Ya no fue á mi Pilar sola que intimaron la salida – Dicen que la Señora de Platero dijo tambien muy suelta de curpo, que no cosía camisetas, por que no sabía, ó no podía – Que le dixerón pues afuera todas las Plateros, y que dixo Maria Luisa , pues que me dén las camisas: Hízolas, las hicieron ellas (mis hijas); y las hará el gran demonio que no tenga gusto de írse al campo y abandonar su casa para que se la robe [o Ministro] Pacheco.<sup>87</sup>

---

<sup>85</sup> [30/06/1843] Ibid., p. 496.

<sup>86</sup> Ibid., p. 494.

<sup>87</sup> Outra passagem sobreo mesmo assunto: [14/7/1843] – Anuncia el Diario de hoy una revista general muy lucida, por que todas las tropas, que es decir todos los habitantes americanos, ó españoles, irán de uniforme nuevo. Aplauda por esto el diarista el zelo y actividad del Ministerio de la Guerra; y por cierto que nada tiene de meritorio el que se saquen piezas de paño y de bayetas á los tenderos, el que se hagan cortar gratis los uniformes, y que se obligue á las familias á coserlos y poder los avíos. Ibid., p. 501/507.

A pressão do ‘Governo da Defesa’ cresceu ainda mais durante os dias que se seguiram à “rebeldia das costureiras”. Em uma ação que atingiu mais uma vez a família Platero, e desta vez sob ordem direta do Chefe da Polícia Andrés Lamas, oficiais executaram buscas e apreensões em domicílios considerados suspeitos, abrindo “comodas, ó papeleras, y substraieron todos los papeles. Lo mismo se hizo en la casa de Furriol; y, quien sabe, si en otras partes. Viva la libertad y sus defensores de aquí”.<sup>88</sup> Não se deve desprezar a proteção de Lamas a Antuña este ocorrido, visto que ele mesmo poderia ter enviado oficiais à sua casa, e teria mais do que suspeitas para agir neste sentido.

Ainda em julho, desta vez por iniciativa de um famoso *unitário* argentino exilado, recebeu “una carta en que el General Paz me citaba para hoy á su Cuartel general, adonde iba á tratar de crear una sociedad de hombres que asistiese y por supuesto pagase la cura de los heridos. Le respondí hoy atentamente que estaba enfermo”.<sup>89</sup> Por quantas vezes mais algum membro da família Antuña poderia se eximir de suas obrigações pela alegação de enfermidade? Com um pouco de bom-senso, Antuña certamente perceberia que esta desculpa já não teria o mesmo efeito, o logo se decidiu por sequer responder às cartas que recebia vindas do governo.

Mas a situação se tornou ainda mais crítica com a publicação de um alistamento compulsório de “todos los empleados de la Nación, á los Medicos, Abogados, Procuradores y panaderos”<sup>90</sup> com prazo de apresentação dos convocados para o dia 26, apenas seis dias após a publicação. Chegada esta data, Antuña escreveu: “Yo no fui ¿qué vendrá?”<sup>91</sup>

Cada vez mais, o cerco se fechava ao redor de Antuña. Sentindo-se cada vez mais ameaçado, uma vez que “Todo, todo, todo se invade y atropella ningun respeto

---

<sup>88</sup> [12/7/1843] Ibid., p. 505.

<sup>89</sup> [20/7/1843] Ibid., p. 512.

<sup>90</sup> [22/7/1843] Ibid., p. 512.

<sup>91</sup> [26/07/1843] – Antuña também inclui depois aos “boticarios, empleados, Profesores (...) para a convocação. Outro caso de recrutamento obrigatório: [04/08/1843] – “Hoy se presentan todos los hombres de color en la Policia”. Ibid., p. 515.

humano contiene ya á esta gente”, concluiu que “és indispensable huirla.”<sup>92</sup> Em seu diário, não aponta como fez para abandonar Montevideú, apenas fica registrado que seu último dia de anotação foi 12 de agosto de 1843, somente retornando às suas anotações diárias mais de um ano depois, no dia 4 de novembro de 1844, já presente junto aos colegas *blancos* no “campo sitiador”.

O número de “*pasados*”, indivíduos que conseguiam passar de um lado a outro das linhas de combate, parece ter sido consideravelmente alto. Seria uma empresa arriscada, mas perfeitamente possível e comum, já que Antuña os menciona com grande frequência. Em geral, estes “*pasados*” não eram aprisionados pelo outro lado, já que os viam como desertores do inimigo. Antuña não menciona a existência de homens expulsos, mas apenas mulheres, recebendo estas penas mais “humanitárias” do que a morte ou a prisão. Dois anos transcorridos desde a ameaça sofrida por sua filha Pilar, Antuña menciona outros casos, como as das “ocho mugeres echadas dela Plaza” de Montevideú em agosto de 1845.<sup>93</sup>

O ‘Governo da Defesa’ de Montevideú empreendeu um esforço pela limpeza política da cidade. Através de um método muito menos deliberado e sangrento que o de Rosas, os *colorados-unitários* da capital sitiada conseguiram se livrar de algumas figuras incômodas contra as quais não podiam simplesmente enviar soldados, porque não teriam provas ou argumentos suficientes para encarceramento ou julgamento público. Os excessos de que reclama Antuña não eram os da aberta violência física (castigos corporais ou prisão), e para o caso do alistamento de advogados, que o incluía, ninguém apareceu em sua casa para perguntar o porquê do seu não comparecimento. Mas seria prudente não abusar da boa vontade de indivíduos como Andrés Lamas. Antuña abandonou Montevideú, mas não sem levar consigo uma forte amargura contra os que o teriam desrespeitado e abusado:

---

<sup>92</sup> [03/08/1843] *Ibid.*, p. 519.

<sup>93</sup> [11/07/1845] *Ibid.*, p. 455.

[24/07/1843] - ¡Malvado tirano, desvergonzado ladron [Ministro Pacheco]! Como abusa de su posición tiranica, porque sabe que nadie le ha de observar, ni nadie tendría valor de imprimir estas solas preguntas. ¿De adonde sacaste los paños y bayetas, sino de las tiendas de los Americanos y españoles por medio dela fuerza y la amenaza? Quien te cortó esos uniformes, sino vecinos que lo hacen por tu mandado y voluntariamente, á trueque de no tomar un fusil para defenderte á ti? ¿Quién ha cosido esos vestuarios, sino las desgraciadas familias á la fuerza, puesto que á las que lo resisten, les doblan la cantidad de costuras como á la de Platero, y á la de Piñeyro Mesao – frio, ó las mandas salir de la Plaza [Montevidéo], como á la niña Pilar Antuña, dando para ello un recado atrevido, insolente, é impúdico, delante de diez, ó doce miserables oficiales tuyos, por el que no ha de faltar canalla quien te arranque la lengua? Ah! Testa és esta que no puedo tocar...<sup>94</sup>

### 3.2.2 A permeabilidade relativa do cerco / Crimes e punições

O sítio à cidade alternou-se entre períodos de maior ou menor intensidade. Diante da possibilidade de um acordo de paz em agosto de 1846, por exemplo, chegou-se a um armistício informal, no qual soldados de ambos os lados confraternizavam ao longo das linhas de defesa, conversando e trocando algumas gentilezas. O fluxo de mulheres e crianças também existiu durante boa parte do cerco. Autorizadas por passaportes, obtinham permissão para visitar familiares que estivessem do outro lado do conflito. Apesar das tentativas de bloqueio, o comércio entre Montevidéo e o resto do Uruguai pôde ser mantido, e o mesmo pode ser dito em relação ao comércio exterior.

Antuña descreve os dias de armistício que se iniciaram ao final de agosto de 1846, emocionando-se com o reencontro de familiares e amigos:

[26/08/1846] – Es verdaderamente tierno el ver la confianza con que desarmados, se vienen los Americanos dela Plaza á abrazarse con nuestros Guardas Nacionales. Tambien se acercan con confianza los extrangeros; y és notable, que por mas bien que los reciban los nuestros, estos jamas aceptan el aguardiente y otras cosas con que les brindan los extrangeros. Malo es que la lluvia dificultará la concurrencia delas famílias á la linea. En las circunstancias, esta comunicacion necesariamente ha de traernos bien, sin exponernos á ningun mal – Hoy se fueron para la Plaza las Senhoras de D Xavier Alvez y D Agn Viana – las aconpañó nuestro Presidente hasta el Puerto de Seco, muy cerca de los salvajes; y mando decir á estos por las Senhoras que no volvieran á dejarse engañar por los unitários; y que contansen con que aqui

---

<sup>94</sup> Ibid., p. 514.

entre nosotros, no hallarían mas que Orientales, amigos, hermanos, olvidados de todo lo pasado & &.<sup>95</sup>

[27/08/1846] – Los Gefes delos Cantones y sus Ayudantes no podían regularizar la comunicacion; por que los de adentro se adelantaban corriendo á abrazar los conocidos suyos que distinguian muy aca; y nuestros Guardas Nacionales hacían lo mismo y del brazo se iban á la Plaza.

Como é possível observar no trecho anterior, mesmo soldados *blancos* chegaram a entrar livremente em Montevidéu durante estes breves dias de trégua. E até mesmo Rivera arriscou-se a vistoriar as tropas, ainda que escoltado por legionários franceses:

[29/08/1846] – Hoy fue la comunicación por la *Figurita*, (el Puerto Seco): la afluencia de gente dela Plaza y de la del campo sitiador, fué inmensa – el quadro era sorprendente, admirable, indescribible. Millares de almas se cruzaban mezcladas, alegres, abrazandose – universal era el sentimiento fraternal. Todo no obstante tuvimos disgustos – el Pardejon [Rivera] sentado al pie dela trinchera nos insultaba con su presencia. Centenares de franceses, con armas cargadas lo escoltaban, y muchos guardas nacionales delos nuestros los miraban pintando en sus semblantes la rabia de la impotencia; la rabia de la fuerza del deber. ¡Quanto ansiaban por arrojarse sobre aquel foragido, mil veces traydor, para despedazarlo! Pero estabamos en armistício; y aunque no era escrito, ni publicado, todo el mundo estaba dispuesto á no violar sus reglas, y dar así, como en realidad estamos dando la prueba más elocuente de nuestra civilización á la culta y vieja Europa. (...). Hasta três léguas adentro de nuestro campo han penetrado indefensos los soldados enemigos con sus divisas – y en la Plaza, no se dejó hoy entrar á ningun hombre con divisa blanca.<sup>96</sup>

Este armistício foi de pouca duração. Aos poucos dias, a comunicação entre as duas partes foi proibida novamente, e todos se apressavam em retornar. E em todo este evento, Antuña trata de ressaltar a “civilização” dos uruguaiois, tão questionada por seus inimigos:

[31/08/1846] – Como se dijo ayer há cesado desde hoy la comunicacion dela Plaza, y se permite solamente el regreso de las personas de adentro, sin distincion de hombres, mugeres y edades, así como Allá se permite la vuelta de todos los nuestros. Hasta oficiales se habían quedado á dormir en la Plaza, y son muchos los guardas nacionales, vascos y extrangeros que están volviendo.<sup>97</sup>

[01/09/1846] – Los guardas nacionales, unos de ellos oficiales, (Bruno Garcia) que se decía haber sido muertos enla Plaza, han regresado anoche á nuestro campo. Es muy notable que

---

<sup>95</sup> Ibid., p. 299.

<sup>96</sup> Ibid., p. 301.

<sup>97</sup> Ibid., p. 302.

habiendose medito Allá innumerables orientales y argentinos, todas han regresado; y lo és aún mas, que los prisioneros del Paso del Molino en Maldonado, que sirven en la Guarda Nacional, han estado tambien en la Plaza, y han vuelto todos, sin faltar ninguno. Admirables cosas hemos visto estos dias, que dan testimonio de nuestra grande civilizacion.<sup>98</sup>

Com a esperança de paz rapidamente desaparecendo, finalmente, no dia 15 de setembro, Manuel Oribe reafirma a proibição de trânsito entre a *Plaza* e o campo sitiador.<sup>99</sup> Todavía, isto não significou um total isolamento entre os dois lados. Além das missões diplomáticas, mulheres e crianças ainda conseguiam ultrapassar o sistema de trincheiras, desde que devidamente autorizadas por uma licença especial. Anteriormente ao armistício, Antuña aponta alguns exemplos destes ocorridos, em um dos quais, elas não passariam impunemente pelos soldados estrangeiros:

[25/01/1846] – S.E. el Sr Presidente recibió con ternura paternal á algunas mugeres de Montevideo, madres de prisioneros – les dió licencia para que fueran á verlos á Pando, pues parece que de allí los llevarán al Durazno; y mando decir á aquellos, que escriban á sus familias, todos, si lo desean.<sup>100</sup>

[06/06/1846] – En Montevideo hay suma dificultad para conceder pasaportes á las mujeres que fueron de aca. A todas las insultan groseramente los extrangeros armados, y á muchas las han saqueado al pasar la línea. Sabido és allí, que quando estan los extrangeros de línea, no se obedece absolutamente al gobierno, contra el que vomitan injurias – se desprecia el pasaporte, no se deja pasar las mujeres, y si se les permiete venir, és despues de haberles quitado quantos gerenos traen. Así que ya se cuidan de hacer uso del páse el dia que estén de servicio los negros.<sup>101</sup>

Parece existir algum acordo tácito entre os dois governos, já que os passaportes são (relativamente) aceitos por ambos. E essa permeabilidade se estende ainda ao pequeno comércio, no que, inusitadamente, Antuña escreve a respeito de mulheres partindo de fora do cerco em direção à cidade para comprar algumas roupas, “cerca de doscientas que han ido sucesivamente á la Plaza á comprar ropa. Les costó

---

<sup>98</sup> Ibid., p. 303. Antuña não chega a desenvolver ou apresentar a civilização como uma categoria, mas ela está seguramente colocada como oposta a um tipo de violência bárbara e de desordem social aos *blancos* atribuídas por seus inimigos de Montevideú.

<sup>99</sup> [15/09/1846] – El Presidente que había prohibido absolutamente pasar á la Plaza, hoy dicen que las concede á todas las familias que la piden – otros dicen, que es solamente para las que son de adentro y regresan. Notase que desde ayer parece el Presidente muy contento. Ibid., p. 309.

<sup>100</sup> Ibid., p. 219.

<sup>101</sup> Ibid., p. 270.

ocho patacones á cada una su pasaporte (...)”.<sup>102</sup> Além de ter a permissão de entrar em Montevideú, os comerciantes da capital deveriam ter também a permissão de atender a este tipo de necessidade dos que habitavam o exterior das trincheiras.<sup>103</sup> Antuña lamenta esse tipo de situação, que um ano após o armistício, insistia em prosseguir.

[12/09/1847] – Es un furor el que há entrado aquí en las famílias de ir y venir. Por supuesto, todas lo hacen con necesidad de proveerse á bajos precios delo que necesitan – todas llevan con licencia aves y huevos – y muchas venden estos articulos para comprar lo que les hace falta. Es un escandalo y no puede evitarse. ¿Como negar el Presidente permiso á un Guardia nacional para que su muger vaya á ver la madre, el Padre, la hermana? Como negarle el que á obgetos tan queridos se les lleve aves para puchero, si están enfermos &&? Entretanto, el enemigo gana – el sistema nacional se relaja (...)”.<sup>104</sup>

Em um outro ocorrido, após a tomada de Maldonado pelas tropas *coloradas*, familiares de prisioneiros foram conduzidos até Montevideú, para, depois, serem libertados. Vindas “por tierra algunas mugeres, hasta el numero de 20. Todas, ó las mas son famílias delas sacadas violentamente de Maldonado por los salvajes unitários.”<sup>105</sup> Uma rápida conclusão a se tomar é a de que o tratamento dado aos homens diferia muito do oferecido às mulheres e crianças. Uma outra questão, lembrando o desrespeito dos estrangeiros às mulheres que passavam pelas linhas de defesa de uma citação anterior, está no amparo à família e na preservação de hierarquias sociais. O tratamento reservado às mulheres corresponde à sua posição no interior do campo social, uma posição considerada inferior, não diretamente envolvida com as armas, menos perigosa e, por este motivo, receptora de um tipo específico de tratamento e controle.<sup>106</sup>

---

<sup>102</sup> [24/05/1846] Ibid., p. 266.

<sup>103</sup> Além desses casos, os estrangeiros, desde que não envolvidos na guerra, tinham trânsito bastante facilitado. [11/04/1846] – Tenemos Allá algunas señoras extrangeras, que tienen aquí sus maridos y sus hijos; y creemos, que quando no pueden regresar, los enemigos tienen algun grande interes en incomunicarnos.<sup>103</sup>

<sup>104</sup> Ibid., p. 372.

<sup>105</sup> [20/02/1846] – Ibid., p. 230.

<sup>106</sup> SALA DE TOURON, nestas autoras, as mulheres também participam da política, mas como conspiradoras, ou em arranjos políticos de bastidores. Ibid., pp. 94-100.

As penas e castigos aos criminosos e prisioneiros de guerra poderiam variar de acordo com a posição social e o tipo do delito. O mais grave seria a traição, mas simples tentativas de deserção também podiam ser duramente castigadas, principalmente se nestas o implicado escapasse em direção ao inimigo. Antuña narra diversos exemplos de penas para os *traydores*, fusilamentos e degolas eram seus fins mais comuns:

[25/01/1845] – Fueron fusilados dos oficiales hoy, pasados de los salvages y que trataban de volverse á la Plaza.<sup>107</sup>

[10/12/1847] – (...) ayer fué fusilado el Oficial oriental *Rufino Gonzáles*, que estaba proveyendo de ganado á la Plaza por la costa del Uruguay, había introducido ya sobre mil reses – los soldados que lo servían, presenciaron la ejecucion.<sup>108</sup>

[02/08/1847] – Gran cañoneo hubo esta mañana por parte delos viscaynos y los de la Plaza, que nos tiraron granadas – de ellos se vieron caer quatro hombres y anoche, fué decapitado un Vasco que habia servido aqui, pasandose y siendo oficial delos vascos franceses dela Plaza. Vino ayer pasado con nombre supuesto y fué naturalmente conocido, confesando despues que venia en comision traydora.<sup>109</sup>

[12/01/1847] – Dícese que el bandido Tabares y otros pirioneros mas hasta veinte fueron degollados anoche en represália de los nuestros degollados por el Pardejon despues de rendidos bajo de capitulacion. ¡Venganza horrible; é inútil, haciendose en secreto! Si los muertos son como Tabares, habrá sido justa la pena; pero las penas son para escarmiento, y esto no puede esperarse sin formas y sin publicidad!<sup>110</sup>

[13/01/1847] – (...) Reprobamos el modo (...) [das execuções do dia anterior].

[09/02/1845] – En efecto llegó Tabares, y és probable que esta noche sea ejecutado, muy merecidamente, no tan solo por traydor, sino por los muchos asesinatos que hizo y que ordeno, quando fué Comandante de San José.<sup>111</sup>

[18/10/1846] – Anoche iban pasandose á la Plaza quatro ingleses del Batallon Libd argentino, un Teniente y tres soldados – fueron tomados por denuncia de un argentino que habla ingles y á quien aquellos trataron de seducir para que los acompañase – los quatro fueron ejecutados, degollados, al instante.<sup>112</sup>

[09/06/1846] – Diez negros infantes habían caído prisioneros del Pardejon [Rivera] – los pusieron aquella noche en cepo de lazo, y como los salvages victoriosos se embriagaron, aprovecharon de su descuido los prisioneros, sirviendo del cuchillo que tenia uno de ellos y todos regresaron á nuestro campo.<sup>113</sup>

---

<sup>107</sup> Ibid., p. 432.

<sup>108</sup> Ibid., p. 400.

<sup>109</sup> Ibid., p. 361.

<sup>110</sup> Ibid., p. 282.

<sup>111</sup> Ibid., p. 437.

<sup>112</sup> Ibid., p. 331. Nem todos os ingleses eram pró-colorados.

<sup>113</sup> Outros tipos de crimes e penas, mas dentro da cidade: [26/09/1846] – Cuenta este hombre [Faustino Mendez] que un guarda nacional *Calo*, que se introdujo en la Plaza por negocio particular y con

Nesta última citação, Antuña comenta castigos dados pelos *colorados*, específicos para prisioneiros negros. Ele não informa se estes eram libertos ou escravos alistados, mas, de qualquer forma, por parte de Rivera e seus homens, receberam um tipo de castigo considerado adequado à sua posição no interior da hierarquia social uruguaia, um tipo de tortura com menores chances de aplicação para cativos brancos. Este caso ressalta uma hierarquização social muito diversa da moderna idéia de igualdade republicana. Porém, estes não eram criminosos ou *traydores*, mas prisioneiros de guerra. Aos quatro ingleses denunciados no trecho anterior, a degola foi “al instante”, o que nos conduz a pensar que nem a um julgamento tiveram direito. Antuña coloca outras ocasiões em que não somente as penas, mas também os perdões eram concedidos não pelo cumprimento da lei, mas pela graça de Manuel Oribe (um retorno ao personalismo de um líder, e não um cumprimento legal): “Algunos jovencitos de 14 á 16 años, que lo son los mas de esos prisioneros llamados Guardias Nacionales salvajes unitarios, los ha puesto el Presidente en libertad á peticion de sus deudos, que sirven aqui.”<sup>114</sup> Em outra duas datas, alguns inimigos são libertados. Na primeira, Manuel Oribe perdoa todos os crimes de um jovem prisioneiro; na segunda, coube ao Coronel Barrios dar a liberdade a alguns detentos (Antuña não tem certeza se seriam 25 ou 76 ou libertados):

[30/01/1847] – A un joven, Falson, oficial dela escolta del Pardejon que cayó prisionero en la Sierra, herido, el Presidente en contemplacion del patriotismo del difunto Padre de aquel, lo mando asistir cuidadosamente en el hospital, y que quedeara en libertad completa. Mucho celebramos este rasgo de generosidad, por que los antecedentes de aquel joven nos hacían creer, que sería ejecutado.<sup>115</sup>

[29/01/1847] – Llegaron hoy los prisioneros dela Sierra delas Animas – son 101, y el Coronel Barrios dió libertad, ó retuvo 25 – Entre aquellos viene un tapecito, pasado de aquí, que se llama Mensada, y fué el que degolló al Sargento encargado dela caballada de

---

licencia, fué conocido no obstante su disfraz, preso y puesto en grillos por atribuirsele que llevó el obgeto de asesinar al Pardejón. Ridícula y miserable invencion!

[10/02/1846] – Llegó esta tarde de Mont.o Mr Goddefroy, qe habia estado preso muchos dias por comunicarse con nosotros. Creese, q e vendrá echado, ó profugo. Ibid., p. 225/314.

<sup>114</sup> [29/01/1846] Ibid., p. 221.

<sup>115</sup> Ibid., p. 294.

Piñeyrua. Preguntado por el Presidente, por que se había pasado á la Plaza y muerto áquel hombre á sangre fria, respondió – que había degollado al Sargento, por que la habia dado la gana y por que se lo mandaron. Es probable que este desventurado muera hoy con dos mas muy recomendados por sus proezas anteriores. Entre estos prisioneros venían como treinta de los nuestros, que lo habían sido del Pardejon – fueron libertados, vestidos y socorridos.<sup>116</sup>

Antuña, em nenhum desses casos, escreve sobre leis ou julgamentos, uma ausência que não deve ser desprezada, pois ele mesmo exercia a carreira jurídica como advogado. Acompanhando a citação anterior, o mais próximo de julgamento que o pequeno indígena recebeu foi uma conversa com o Presidente Oribe (provavelmente uma espécie de última instância ou recurso). Em prevenção a roubos “en a huertas, ó caballos y otros obgetos”, ele escreve sobre uma “orden general”, uma espécie de determinação vinda do comando do ‘Gobierno do Cerrito’, algo que substituiria um código ou decreto de lei, ameaçando seus infratores de “severisimas penas a la tropa que robe.”<sup>117</sup>

Assaltos a recursos inimigos não eram, evidentemente, castigados. O roubo de cavalos, vacas, alimentos e armamentos não eram incomuns. Até mesmo verduras e utensílios para o preparo do chimarrão eram apreendidos, e Antuña não os esquece de mencionar:

[22/04/1847] – Anoche entró una compañía de vascos y corrió las escuchas y abanzadas enemigas, trayendoles sus muebles, calderas, mates y mucha verdura.<sup>118</sup>

[17/03/1846] – Los de Maza arrebataron á los enemigos 25 bacas lecheras; pero no pudieron arrearlas, sin las crias que dejaban, trajeron solamente dos.<sup>119</sup>

[30/06/1846] – (...) llevaronse 15 caballos y una Baca (...) <sup>120</sup>

[01/08/1846] – Anoche pusieron los nuestros una emboscada en el Cerro – sacaron del corral delos salvajes 43 caballos – 13 mulas y 2 carretas (...) <sup>121</sup>

[14/06/1845] – Nada se sabe del vivisimo fuego de anoche mas que se han destruído en mucha parte las huertas delos salvages, delas que trageron los Guadias nacionales viscainos mucha verdura. <sup>122</sup>

---

<sup>116</sup> Ibid., p. 293.

<sup>117</sup> [17/02/1846] Ibid., p. 228.

<sup>118</sup> Ibid., p. 323.

<sup>119</sup> Ibid., p. 238.

<sup>120</sup> Ibid., p. 281.

<sup>121</sup> Ibid., p. 291.

<sup>122</sup> Ibid., p. 449.

Sitiada, Montevidéu enfrentava problemas de abastecimento, mas a área que dominava, ainda que predominantemente urbana, reservava algum espaço para hortas e currais na criação de vacas e cavalos, o que seria freqüentemente incrementado com o desembarque de gado e carne pelo porto da cidade e, como citado acima, por um pequeno comércio conduzidos pelas mulheres que recebiam seus respectivos passaportes.

Esta relativa permeabilidade do sistema de trincheiras deve ser entendida em um conflito muito diverso da experiência posterior do século XX de “Guerra Total”, a exemplo das duas Guerras Mundiais. O esforço de guerra, que nestes conflitos europeus mais recentes pretendiam mobilizar a totalidade da população, não seria tão intenso para a experiência da ‘Guerra Grande’. A indecisão *blanca* sobre assaltar ou não a cidade, aliada a uma permanente esperança pela paz, assim como pela incapacidade *colorada* de romper o cerco, estenderam o conflito por longos anos que, como já foi visto em Antuña, provocaram um entediante cotidiano de pequenas escaramuças e bombardeios pouco produtivos. As principais batalhas não eram travadas no campo sitiador, mas na *campana*, onde se enfrentavam Rivera e seus seguidores contra generais *blancos*, como Ignácio Oribe (irmão de Manuel Oribe), e generais federais argentinos, como Urquiza, vencedor de *India Muerta*, palco de uma importante derrota para os *colorados*. Além disso, ocasionalmente auxiliados por embarcações interventoras inglesas e francesas, os *colorados* conseguiam atacar alguns povoados do litoral, como Colônia e Maldonado.

A área urbana de Montevidéu havia crescido para além das muralhas coloniais mesmo antes de instalado o cerco de Oribe. A ‘Ciudadela’ colonial já não atendia às necessidades de defesa da capital, de modo que uma linha de trincheiras foi construída com o objetivo de ocupar totalmente a extensão da península em que se encontrava Montevidéu. As tropas da defesa, incluindo as locais e as legiões estrangeiras, montaram seus acampamentos entre estas duas linhas, a da ‘Ciudadela’ e a das trincheiras. O ‘Governo da Defesa’ contava uma superior infraestrutura portuária e

edilícia, mas aos sitiadores restou a tarefa de montar um outro governo, duplicando boa parte das instituições e seus respectivos espaços de instalação. Seus limites com Montevideu estavam também assentados por uma linha de trincheiras, ante as quais ergueram novas edificações, como as que serviam ao Porto do Buceo, organizado pouco ao leste da península. Ali são construídas uma nova Aduana, barracas de armazenamento, um edifício para o Tribunal do Comércio e um cais de embarque e desembarque.<sup>123</sup>

Para os diretamente envolvidos com o sítio, o principal embate foi o de recursos. Neste caso, os *blancos* não foram capazes de isolar a capital. Sua maior fraqueza residia na dificuldade em bloquear o porto de Montevideu, ainda que com o apoio vindo de Buenos Aires. Mas foram as intervenções anglo-francesas as responsáveis por seu total fracasso, pois, além de fecharem o acesso aos portos portenho e do Buceo, ainda garantiram o livre comércio para Montevideu, tornado-se esta uma praça bastante lucrativa para especuladores que ganhavam com o privilégio de se encontrarem com o monopólio temporário e afiançado do único porto aberto do Rio da Prata.

### 3.2.3 – Pátria, nação e apropriação da história / Civilização e barbárie

As datas comemorativas relacionadas por Antuña são, em geral, as que contam os anos de eventos relacionados às independências e organização republicana do Uruguai. Vitórias em batalhas importantes, incluindo tanto as da independência quanto as civis entre orientais, são igualmente lembradas e, por vezes, acompanhadas por bailes, salvas de tiro e enfeites pela cidade<sup>124</sup>. Dois dos aniversários mais valorizados

---

<sup>123</sup> ALTEZOR, C.; BARACCHINI, H. **Historia urbanística y edilícia de la ciudadde Montevideo**. Montevideu : Junta departamental, 1971. pp. 79-83.

<sup>124</sup> [16/02/1846] – Aniversario del sitio actual de Montevideo. Los salvajes unitarios que tiene dentro celebraron como un triunfo la duración extraordinaria de este sitio, é hicieron bien en poner sobre sus trincheras las banderas francesa é inglesa (esta era la mas elevada) al lado de la oriental, puesto que és

por Antuñia correspondem à ‘Pátria Grande’, o 25 de maio de 1810, Revolução de Maio em Buenos Aires (Dia en que lució la Aurora dela Libertad en 1810 – Dia de gloriosos recuerdos – dia delos Libres, cuyo Sol inflama todo corazon verdaderamente Americano!),<sup>125</sup> e 9 de julho de 1816, declaração da Independência em Tucumán (Gloria honor sempiterno a la memoria delos ilustres varones, que quando en mas peligro estaba la Patria hicieron invocando á Dios aquella proclamación, que admiró al mundo, y enardeció el entusiasmo y ardor patriótico desus hijos hasta triunfar en todas partes y finalmente en Ayacucho).<sup>126</sup> Mas também são lembrados os movimentos posteriores aos dos *Treinta y Tres Orientales* de 1825, como, por exemplo, o tratado de paz de 1828 e a promulgação da Constituição de 1830. Em geral, tanto *blancos* quanto *colorados* mantinham o costume de exaltar todas essas datas:

[09/07/1843] – Salva general por el aniversario de la declaración de nuestra Independencia en Tucuman el año de 1816 – Salvas lo sitiados, el Cerro y la Isla de Ratas, asi como las cañoneras de Garibaldi y salvas en el campo sitiador, adonde ademas se veían cubiertos de banderas los cuarteles.

[09/07/1846] – Aniversario de nuestra Declaración de Independencia – los salvajes unitarios ni banderas pusieron hoy, y han hecho bien – debe ser consecuentes con sus actos.<sup>127</sup>

Para Antuñia, a declaração de Tucumán era “nuestra”, ou seja, também incluía os uruguaios. Mas nem todos poderiam orgulhar-se dela em 1846, e seriam “consecuentes con sus actos” os “salvajes unitarios” (no qual se incluem os *colorados*, para Antuñia) ao não enfeitarem Montevidéu para esta data. O que este *blanco* quer dizer é que o seu partido, em união aos *federais*, é o que estaria honrando o Congresso de 1816, defendendo os princípios republicanos frente à intervenção anglo-francesa.

---

y fue por el poderoso auxilio, ó mejor dicho, alianza de aquellas dos potencias. ANTUÑIA. op. cit. p. 228.

<sup>125</sup> [25/05/1847] Ibid., p. 330.

<sup>126</sup> [09/07/1847] – Aniversario de nuestra Independencia. Ibid., p. 348.

<sup>127</sup> Ibid., p. 285. Outra data: [09/07/1845] – Aniversario dela Independencia de las Provincias Unidas del Río dela Plata declarada en 1816 en Tucuman – Los ingleses y franceses saludaron este dia, enmendando así el desayre que hicieron en 25 de mayo. Ibid., p. 454.

Em referência ao 25 de maio, Antuñia também indica uma tentativa de apropriação de uma data comemorativa, desta vez, porém, por parte dos *colorados*, apesar do esforço *blanco* em festejá-lo:

[25/05/1845] – El bayle estuvo magnifico á pesar del tiempo – habia 142 damas de bayle extra matronas, buena musica, iluminación y lindos adornos en el salon de 35 varas de largo y de 20 de ancho. No hubo la menor perdida, ni el menor desorden.<sup>128</sup>

[25/05/1846] – Aniversario trigésimo sexto de nuestra gloriosa revolución. (...) No hizo salva nuestra fortaleza, no sabemos porque – la hicieron á nuestro pabellón todos los buques de guerra que en Montevideo estuvieron empavesados todo el dia, menos la fragata española, y... con razon. Lo mismo que esta hizo la corveta brasilera (...) ó por que no considera digna de festejo la libertad que en parte nos han quitado la intervención anglo-francesa, ó por que está indispueto el Brasil con el Gobierno salvaje unitario; pues que efectivamente és á él á quien las Naciones extranjeras cumplimentaron y no á nosotros.<sup>129</sup>

Mais uma vez, Antuñia escreve sobre uma “nuestra” revolução, tomando posse de um evento que, atualmente, seria visto como propriamente “argentino”. Esquivando-se os brasileiros e espanhóis,<sup>130</sup> as salvas vindas dos demais barcos estrangeiros ancorados em Montevideu foram dirigidas ao ‘Governo da Defesa’, legitimando-os, assim, como verdadeiros representantes da República e da Revolução de 1810.

Enquanto Artigas era desprezado pela facção *colorada* de Herrera y Obes e Lamas, entre os *blancos*, as vitórias deste “inventor das montoneras” eram erguidas ao rol de conquistas da “Pátria”. Além de possuírem uma bateria de artilharia batizada de “Artigas”, os *blancos* lembravam o primeiro cerco à Montevideu *realista*, com o

<sup>128</sup> Ibid., p. 443.

<sup>129</sup> Ibid., p. 267.

<sup>130</sup> Os espanhóis não apreciavam muito estes festejos republicanos. E algumas vezes eram provocados pelos locais: [07/10/1845] – Hemos sabido con certidumbre, que el fuego de anoche lo causo un motín de los españoles; por que en la *gran fiesta cívica*, que és de lo que se ocupan estos dias los salvages, pusieron una bandera española, que contenia un leon, rendido y pisado por un indio – que los españoles manifestaron desde días atrás su disgusto; y que menospreciados, se reunieron muchos y armados de puñales y pistolas cercaron la pirámide, y en medio dela fista, arrancaron todas las banderas de la Pirámide y quantas habia en la Plaza – que esto produjo un gran desorden entre mas de cinco mil espectadores, y muchas resistencias, que dieron lugar á que fuera el General Flores con trescientos hombres y acabára todo á balazos, causando algunas mueros. En otro tiempo, esto produciría grandes resultados; pero ahora alli todo lo arregla y concentra el poder europeo. Ibid., p. 476.

qual poderiam facilmente comparar-se, uma vez que também fora organizado por forças conjuntas de *porteños* e orientais:

[18/05/1847] – Aniversario de la primera gloria americana en est[...] Oriental del Uruguay – y aniversario del ataque y vencimi[ento] de una Division española de las tres armas por los Orientales in[depen]dientes al mando de D José Artigas en las Piedras el a[ño] 1811 – Viva, viva, viva la Patria! Viva la Libertad [In]dependencia Americana – Vivan los Defensores delas Leyes Viva el ilustre y grande americano D. Juan Manuel de Rosas, el valiente General D Manuel Oribe.<sup>131</sup>

[01/06/1847] – En 23 de este mes de 1814 ocuparon la Plaza de Montevideo las armas dela Patria vencedoras de los españoles.<sup>132</sup>

Esta associação entre passado e presente, na qual argentinos e orientais se unem frente ao inimigo, persiste em outras passagens, como as que celebram as vitórias dos *Treinta y Tres Orientales*, tanto as que ainda ambicionavam o retorno da Banda Oriental à união com as demais províncias, quanto às relacionadas ao acordo de paz de 1828 entre o Império de Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata:

[20/02/1846] – Aniversario dela gloriosa batalla de orientales y argentinos contra el ejercito imperial en Ituzaingó, el año de 1827.<sup>133</sup>

[04/10/1847] – Aniversario del cange dela ratificacion dela paz con el Brasil en 1828 – Es día de gran fiesta cívica – embanderamiento gral – y no sabemos, por que tanta importancia á este día, en el qual tuve mi parte como Secretario (especie de Asesor, directo del decrepito General Azcuenaga, á quien el Sr Gobernador Dorrego quiso honrar con esta misión). Por parte del Emperador fue comisionado o *Barao do Rio da Prata*, europeo General de la Marina brasilera, y.... maldita la cosa que tiene q.e ver esto con la toma de razon de los rumores del día.<sup>134</sup>

Não é difícil perceber a classificação hierárquica elaborada por Antuña para estes acontecimentos, colocando a ratificação do tratado de 1828 como um evento menor se comparado ao 25 de maio ou ao Congresso de Tucumán. Contudo, as relações “cívicas” com Buenos Aires seguem adiante, e datas relativas ao conflito

---

<sup>131</sup> Ibid., p. 327.

<sup>132</sup> Ibid., p. 332.

<sup>133</sup> Ibid., p. 230.

<sup>134</sup> [04/10/1846] – Aniversario del canje de las ratificaciones dela Paz entre el Brasil y la Republica Argentina en 1828 – fuimos actores con el finado General Azcuenaga; y por extremada modestia dejamos de firmar aquel acto los dos secretarios imperial y argentino. Ibid., p. 318.

entre *federais* e *unitarios*, ou simplesmente atribuídas a Rosas, ganham destaque em seu diário:

[30/03/1847] – Aniversario del nacimiento del grande é ilustre Americano D. Juan Manuel de Rosas.<sup>135</sup>

[19/09/1847] – Aniversario dela batalla del Montegrande en Tucuman ganada por el Presidente Oribe al mando de argentinos y orientales contra Lavalle.

[05/10/1847] – Enbanderamiento como ayer – y és por que el año 20 destruyó el Sr Rosas la anarquia en Buenos aires.<sup>136</sup>

[01/12/1847] – Aniversario de la sublevación de los unitarios contra el Gobierno legal de Buenos aires que ejercía el Coronel D. Manuel Dorrego – principio de la larga y sangrienta guerra civil, que aún nos aniquila y consume.<sup>137</sup>

[13/12/1844] – Aniversario del fusilamiento de Dorrego – todo el ejercito trae hoy lazo de luto en el brazo.<sup>138</sup>

[17/01/1846] – (...) al grito de *Viva Rosas*, que armonizaba con el nuestro de *Viva Oribe*.<sup>139</sup>

[12/10/1845] – (...) principio americano (...) [principio presente no discurso rosista].<sup>140</sup>

[24/06/1847] – (...) confiando en que el Gobernador Rosas se expidiría representándonos, mejor que ningun otro.<sup>141</sup>

“Mejor que ningun otro”, Rosas representaria os interesses da aliança apoiada por Antuña entre argentinos *federais* e orientais *blancos* (o que, na interpretação *colorada*, aparecia como invasão portenha ao Uruguai).<sup>142</sup> É compreensível seu apego ao Governador Dorrego, uma vez que Antuña estava a serviço da Província de Buenos Aires durante seu mandato, mas deve-se destacar o comprometimento de todos os *blancos* ao usar uma marca de luto em suas vestimentas. É igualmente notável a extensão da popularidade de Rosas, alcançando a margem leste do Prata; seu nascimento e suas conquistas *federais* não poderiam passar em branco entre seus

<sup>135</sup> Ibid., p. 318.

<sup>136</sup> Ibid., p. 380.

<sup>137</sup> Ibid., p. 398.

<sup>138</sup> [13/12/1845] – Aniversario de la indigna muerte Del Gobernador de Buenos aires Coronel Dorrego. Ibid., p. 493.

<sup>139</sup> Ibid., p. 216.

<sup>140</sup> Ibid., p. 477. Linguagem rosista.

<sup>141</sup> Ibid., p. 339.

<sup>142</sup> Para franceses e *colorados*, Oribe aparecia como um marionete nas mãos de Rosas[04/08/1847] – el Conde [Francês] se había certificado de que Oribe fueran un Teniente de Rosas: y que si á su llegada á Francia estuviese quebrada la *inteligencia cordial* con la Inglaterra, era de esperar que vinieran veinte mil franceses á enderezarnos. Ibid., p. 362.

aliados uruguayos.<sup>143</sup> Além da divisa *blanca*, Antuña chega a mencionar uma obrigatoriedade para o uso da divisa *punzó*, símbolo do Partido Federal em um trecho em que “El comandante D Francisco Oribe lo insulto publicamente, por que no llevaba la divisa punzó al pecho (...)”.<sup>144</sup> A melhor constatação acerca do *entrevero* das rivalidades de ambos Estados está no fato de Antuña muito raramente dirigir-se aos seus inimigos pela cor do seu partido. Ao invés de *colorados*, ele os prefere chamar pelo nome completo de “selvajes unitarios”, ocasionalmente acompanhados de outros elogios, como “imundos” ou “locos”.<sup>145</sup> As qualidades que Antuña atribui aos seus desafetos são muito variadas, algumas apelando a questões étnicas, patriotas, políticas ou até mesmo morais:

[26/12/1844] – El *mulatillo engreido* salvage Venancio Flores.<sup>146</sup>

[29/12/1844] – [O] mulato Flores, pater del mulato Luna, y filius del mulato ladron Rivera.<sup>147</sup>

[06/01/1845] – Pícaro mulato traydor – Rivera.<sup>148</sup>

[03/09/1846] – (...) oriental godó [realista, resistente à independência]; imperial, traydor, salvaje unitário, y por añadidura *ciudadano brasileiro*; calidad esta ultima que sola, en un hijo del País, basta para darlo á conocer, así como el grado de certidumbre en que pueden apreciarse sus noticias [de que uma suposta expedição brasileira partiria do Rio de Janeiro em direção ao Prata em apoio aos unitários e colorados].<sup>149</sup>

[09/10/1847] – (...) el celebre salvaje unitário loco y ladron Melchor Pacheco y Obes (...).<sup>150</sup>

[19/10/1847] – (...) Gobierno salvaje unitario, traydor, abyecto, ruin, y malo, infernalmente malo (...).<sup>151</sup>

[07/09/1845] – [Garibaldi], Gefé digníssimo de aquella anglo-galo-salvage expedicion.

Em especial, Fructuoso Rivera é praticamente um anti-cristo que assombra o Prata. Muito do que é atribuído ao caudilho tipificado construído pela Geração de '37

<sup>143</sup> Um exemplo de apoio, para além do envio de tropas: [16/02/1846] – Siete balleneras llegaron de Bs as con vestuarios para el Ejercito. Ibid., p. 228.

<sup>144</sup> [21/11/1847] Ibid., pp. 394-395.

<sup>145</sup> Fala de colorados, mas apenas enquanto está em Montevideú: [02/08/1843] – “los colorados” Ibid., p. 518. [07/08/1843] – “colorado”. Ibid., p. 523.

<sup>146</sup> Ibid., p. 423.

<sup>147</sup> Ibid., p. 424.

<sup>148</sup> Ibid., p. 426.

<sup>149</sup> Ibid., p. 306.

<sup>150</sup> Ibid., p. 383.

<sup>151</sup> Ibid., p. 385.

está presente nas considerações de Antuña sobre o líder *colorado*. As opiniões publicadas por Herrera y Obes acerca de Rivera não diferem muito do que escreve Antuña. Em *Facundo*, Sarmiento tem em Rivera um exemplo tanto de caudilho como de gaúcho; além do tipo idealizado de ‘gaucho malo’, também o ‘baqueano’ de Sarmiento está presente em Rivera no diário de Antuña, este que raramente cita o nome do caudilho, dirigindo-se a ele diretamente como “Pardejon”. A animosidade entre os dois era antiga, em 1838, cinco anos antes do início do sítio, “Dn. Frutos Rivera me maltrato de palabra llamandome de insultos, por que me conoce inflexible y por que le respondí con la energía á que no está acostumbrado”.<sup>152</sup> Mas a presença de Rivera seria uma ameaça à população oriental como um todo, uma vez que

[01/09/1846] – No hay uno entre nosotros que no haya sufrido directa, ó indirectamente de aquel hombre malvado [Rivera], ladron y eterno traydor – no hay uno que ignore, que van cumplidos diez años que aquel hombre funesto está arruinando el País, y haciendo derramar la sangre de sus hijos por manos extranjeras; y sin embargo no hubo uno que le disparase un fusil, ó una pistola para libarnos de tal monstruo!<sup>153</sup>

Fructuoso Rivera, “como prototipo dela picardia y la vileza”,<sup>154</sup> teria como principal espaço para o exercício do poder a *campana*, para onde freqüentemente se dirigia a “saquear los Pueblos indefensos é incendiar de nuebo todo el País”<sup>155</sup>. Mesmo entre os *blancos* (como o era também entre os *colorados* e *unitários*), o ‘Pardejon’ construiu a fama de homem forte da *campana*, hábil gaúcho, que em Antuña aparece como “empreendedor y baqueano como el que mas, sagas astuto, perno no valiente; pues que nuncapelea él, y siempre el primero que huye (...)”.<sup>156</sup> A idéia de um caudilho clientelista está nas críticas que recebe sobre suas relações com os indígenas e suas tentativas de organizar colônias para estes ao norte do Uruguai, pois

---

<sup>152</sup> [19/11/1838] Ibid., p. 437.

<sup>153</sup> [03/10/1846] – A Assembléia de Notáveis de Montevideu nomeou Rivera “Gran *Mariscal*”, “(...) y acabaron haciendolo Mariscal con el mismo poder con que pudieron hacerlo Sumo Pontífice”. Ibid., pp. 304/317.

<sup>154</sup> [28/07/1846] Ibid., p. 291.

<sup>155</sup> [02/01/1847] Ibid., p. 276.

<sup>156</sup> [24/01/1847] Ibid., p. 288.

“(…) verdad es que necesitábamos brazos, pobladores industriosos, ó agricultores; pero no indios semi-salvages como aquellos, por que no eran ni fueron nunca utiles para nadie mas que para Rivera, por que á pretexto de poblarlos y mantenerlos, nos robó inmensas sumas del tesoro nacional; y después por que haciendo soldados suyos á todos los varones aptos para las armas, conduce constantemente con ellos á sus mugeres é hijos conservando aí un semillero exclusivamente suyo, que forma la base principal desu poder, que le ha servido en todos tiempos para imponer á la Autoridad y que será mientras no se extinga [os índios] una verdadera plaga de los estancieros Orientales.”<sup>157</sup>

Assim como em Sarmiento, o indígena é um bárbaro (ou quase, um ‘semi-selvagem’). Rivera constrói uma base de apoio, neste caso não com seus peões e dependentes de estâncias, mas através da construção de pequenos povoados indígenas, obtendo, assim, uma fonte importante de homens e de poder.

Antuña ressalta ainda mais as aptidões campeiras de Rivera ao questionar o porquê das tentativas da facção *unitário-colorada* de expulsá-lo do país:

[26/03/1846] – Ningun caudillo delos dela rebelion és mas importante – ninguno pudiera servirles mejor en la campaña por el prestigio que todavia conserva entre sus antiguos partidarios, por su vaquia enla campaña y por sus aptitudes innegables para conservar por años la anarquía, y regularizar las montoneras. No és el temor de que se volviese contra ellos el que puede detener á los Ministros extrangeros; por que deben saber el precio en que el Portugal y el Brasil compraron sucesivamente á aquel traydor – mas plata, mas encomiendas lo harían sin Duda para toda su vida el esclavo mas fiel dela Inglaterra y la Francia ¿por que no lo acojen, por que lo rechazan y lo expulsan, quando no hay caudillo alguno del Pais, que pudiera servirles, ni la mitad que aquel? Es que no estarán resueltos á dominar en nuestra campaña? Así és de presumirse.<sup>158</sup>

O ‘caudilho’ e a ‘montonera’ são totalmente atribuídos a Rivera, deixando Oribe e Rosas em imunidade de tais qualidades. E não apenas seu líder, mas seguidores e aliados (até mesmo ingleses) recebem também esta classificação. São os *blancos*, ‘*Defensores de las Leyes*’ e da Ordem os que invertem a construção *colorada* de Herrera y Obes.

[20/05/1843] – (...) Faustino Lopez caudillo delos de Rivera (...).<sup>159</sup>

[25/11/1844] – (...) salvage caudillo J.º Ant.º Mendes (...).

---

<sup>157</sup> Ibid., p. 448.

<sup>158</sup> Ibid., p. 242.

<sup>159</sup> Ibid., p. 470.

[03/03/1845] – Que en Corrientes hay montoneras, desorden, anarquía y muy poca fuerza efectiva.<sup>160</sup>

[03/03/1846] – Un picaro inglés llamado *Mundell*, que de estanciero se ha convertido en caudillo bajo el estandarte anglo-francés, ha sido batido en la costa del Uruguay, matándosele 24 hombres, por el Comandante Bergara.<sup>161</sup>

[06/06/1846] – (...) en todos los Departamentos (...) á cada instante aparecen y desaparecen montoneros que cometen las más inauditas crueldades. El Defensor del 4 refiere algunas verdaderamente horribles, y por desgracia ciertas.<sup>162</sup>

[01/08/1846] – “montoneras salvajes”.<sup>163</sup>

E não seria apenas no estilo caudilhesco do manejo do político que Rivera emerge em Antuñía, mas em sua própria personalidade, associada à imoralidade, à bebida e ao jogo. Este tipo de comentário, boato ou não, deve ser entendido como uma circulação política de informações ou contra-informações.

[03/04/1847] – De Maldonado aseguran, que el Pardejon se está comiendo los caballos – que no podrá salir, ni para embarcarse – que se han pasado nueve de los sitiados, y que uno que era sirviente del Pardejon afirma, que se ha dado su Señoría á la bebida – que está lo más del tiempo embriagado.<sup>164</sup>

Rivera metido como siempre en el Durazno, por que es hombre que no vive á gusto sino en el campo jugando, mintiendo y prostituyendo, seguía en sus robos y sucios manejos, vendiendo á dos, ó tres á la vez terrenos del Estado, ó de particulares que se había encargado de desalojar los intrusos, por precio (...).<sup>165</sup>

Infelizmente, Antuñía não comenta nada sobre as publicações analisadas no segundo capítulo desta dissertação. Entretanto, escreve sobre um texto anterior, também de Manuel Herrera y Obes, que, intitulado *Breve explicación*, apareceu em cópia no periódico *blanco* ‘*El Defensor de la Independencia Americana*’, do qual Antuñía era assíduo leitor. Este anterior ataque de Herrera y Obes a Fructuoso Rivera

---

<sup>160</sup> Ibid., p. 445.

<sup>161</sup> Ibid., p. 232.

<sup>162</sup> Ibid., p. 270.

<sup>163</sup> Ibid., p. 291.

<sup>164</sup> Ibid., p. 320. Outro caso parecido: [21/09/1846] – Sobre Ignacio Oribe, General e irmão de Manuel Oribe: “(...) nos dicen al oído, que este Gefe tan valiente y tan Caballero como es, está actualmente entregado á los vicios – la embriaguez, el juego &!! Ibid., p. 312. / Um inglês: [28/06/1846] – Ahora de dice tambien que los oficiales de los Regimientos ingleses en Montevideo, están pronunciados contra la Intervencion – que murmuran altamente que Ousley, cuya casa dicen que es un burdel, un garito adonde diariamente se pierden muchas fortunas. Ibid., p. 280.

<sup>165</sup> Ibid., p. 451.

mostra uma empreitada da ala *unitária* dos *colorados* em expulsar o incômodo caudilho. O texto trabalhado no segundo capítulo, juntamente ao de Bernardo Berro, não fora um caso isolado, mas integrante desta tentativa de legitimar a substituição do comando *colorado* por seu grupo.

[21/10/1847] – Se enojaron los compadres – se dijeron las verdades. El Defensor de hoy contiene un compendio histórico de la inmunda vida del incendiario Fructuoso Rivera, que bajo el nombre de *Breve explicacion* redactó (y firmo) Manuel Herrera y Obes Ministro de Gobierno y Relaciones exteriores del que se llama Gobierno en Montevideo, al dar cuenta á la Asamblea de Notables dela destitucion y destierro de aquel bribon. Este mozo, para quien era Rivera un ídolo antes y especialmente quando despues de su quiebra, e dió – tel tesoro publico, por supuesto, cincuenta mil pesos por via de socorro – pinta al natural al Pardejon, calificandolo de *rebelde, tirano y ladron*; y no como cosas de ahora, sino como vícios dominantes en Rivera de treinta años atrás. Este salvaje unitario, que poco le habrá costado vencer la repugnancia que pudo haber mostrado el tilingo Joaquin Suarez, compadre del Pardejon, nos há hecho un gran servicio nos há ahorrado el trabajo de manifestar á Rivera qual és ante todo el mundo: y lo que és mas, nos há relevado de toda prueba, por que ademas de ser la suya autentica, como oficial, robustece la testimonial que voluntariamente dieron Francisco J. Muñoz, y el ingles Mundell. Muy poco talento acaba de demostrar Herrera vendiendo así su causa, exponiendola en toda su horrible fealdad – El pretesto és justificar la medida tomada con Rivera – el obgeto puede ser calmar los espíritus; y si tan agitados é inquietos están, como algunos lo pretenden, y prometiendose resultados, que absolutamente esperamos – grande debe ser el miedo de Herrera Obes – Herrera – D Nicolas, y Obes, D Lucas, padre y tio de nuestro historiografo, fueron muchas veces traydores á la Pátria; ¿como no habrá de serlo Manuelito á la Pátria, y á la amistad?<sup>166</sup>

[22/10/1847] – De nada se habla hoy mas que dela *breve esposicion* relativa al Pardejon.<sup>167</sup>

Por pelo menos dois dias, o principal assunto entre os que estavam no campo sitiador foi o relativo ao ‘Pardejon’. O texto do “historiografo” Herrera y Obes deve ter causado um grande impacto entre ambos os partidos. Antuña não questiona seu conteúdo, o qual diz ter poupado aos *blancos* a necessidade de provar tais acusações, mas duvida das intenções de “Manuelito”, que, até poucos anos antes, teria no líder *colorado* um ídolo, cujos defeitos teriam sido sempre os mesmos, desde o princípio. Não somente Herrera y Obes, mas a todos os uruguaios competira o dever de destruir a influência de Rivera na sociedade uruguaia: “Execracion eterna al Pardejon

---

<sup>166</sup> Ibid., pp. 386-387.

<sup>167</sup> Ibid., p. 387.

incendiário, y a la canalla europea que lo acompaña! (...) Maldicion al americano que olvide tantos agravios!”<sup>168</sup>

Após o exílio forçado de Rivera, e com o ‘Governo da Defesa’ controlado pelos “Pachequistas, ó partidários dela emigracion argentina”,<sup>169</sup> a legitimidade na qual se baseavam os defensores de Montevideú foi conduzida a uma aproximação dos ideais da Geração de ’37. Antuña demonstra em seu texto uma preocupação em relação ao modelo de ‘Civilização e Barbárie’ composto por seus rivais. Não que ele se detenha a desmistificá-lo em profundidade, mas se utiliza desses termos com o objetivo de comprovar que a civilização prevaleceria entre os orientais na mesma medida em que denuncia barbarismos provocados pela intervenção anglo-francesa e pela aliança *unitário-colorada*. A política “civilizadora” francesa e inglesa, “sino es original, és filantropa y humanitária como si la dictaran y ejecutaran los demonios”.<sup>170</sup> “Y viva la civilizacion de los salvages unitários”,<sup>171</sup> que, em boatos ou não (...*se dice...*), aparecem cometendo crimes comumente associados aos bárbaros gaúchos e caudilhos:

[08/01/1847] – Se dice que los estragos hechos en los edificios y la poblacion de [Pay]Sandú son horrosos, e innumerables las mutilaciones en niños, mujeres y ancianos. ¡Gloria al

<sup>168</sup> [03/01/1847] Ibid., p. 277.

<sup>169</sup> [06/07/1847] Ibid., p. 346. – Pachequistas: grupo de Melchor Pacheco y Obes (o mesmo do episódio das costureiras). Emigracion Argentina: unitários exilados.

Outras citações: [12/08/1847] – Dicen que renuncio G. Per.<sup>a</sup> y Barreyro – y que el Ministério se compone ahora de Manuel Herrera de Gobierno – Bejar de Hacienda y (risum teneatis) Lorenzo Batlle de Guerra - ¡Que cosas se vén! Por supuesto el partido vencido en abril de 1846 se há sobrepuesto, ¿Y que hará Flores? Ibid., p. 365.

[13/08/1847] – Se dá por renovado el Ministério salvaje unitário con Manuel Herrera Obes de Gobierno – Bejar de Hacienda y Lorenzo Batlle de Guerra – No hay Duda de que se sobrepuso el partido salvaje unitario argentino derrotado en abril del año pasado. Id.

[10/10/1847] – Verdad es que ahora está en boga su partido, llamado porteño, por que lo compenen los mas encarnizados enemigos del enjaulado Pardejon Rivera. Ibid., p. 383.

<sup>170</sup> [13/09/1845] – Os soldados também não gostavam muito dos estrangeiros: [10/08/1845] – Los soldados nuestros se divierten con los salvages llamandolos Mistres, Monsieurs, y hablandoles en ambos idiomas. Se nota que esto les causa grande indignacion. Ibid., pp. 463/471.

<sup>171</sup> [13/12/1844] Ibid., p. 419.

pabellon frances! La hazaña há de ocupar un lugar en la historia para vergüenza é infamia eterna (...).<sup>172</sup>

[11/01/1847] – (...) se dice, que los franceses legionarios jugaban en la Plaza con seis cabezas de Gefes muertos (...).<sup>173</sup>

[19/03/1846] – La Europa parece que ha traducido mal nuestra moderacion – ha confundido, ha equivocado nuestra prudencia con el miedo – y quando se desengañe, ha de extremecerse – ha de pesarle habernos provocado, y nos há de proclamar por todo el Universo – *Barbaros*.<sup>174</sup>

[21/08/1846] – Pícaros y bajos son estos caballeros de la cultísima Europa.<sup>175</sup>

[29/03/1847] – ¡Pobres Americanos! Con que desprecio con que calma, con que iniquidad, se ocupa de nosotros la cultisima Europa! Oh! Se rien de nosotros – no podemos aspirar a su magnitud – pero podemos aguardar y aguardamos, que nos há de llegar el turno de reírnos de ella, y mofarnos de sus lamentaciones, quando por efecto de su propia ambicion y desus errores adolecera de los mismos males, que hoy nos infiere.<sup>176</sup>

Por vezes, não é a ambição dos Estados europeus, ou sua missão civilizadora, o que impulsionaria a intervenção estrangeira, mas sim os interesses individuais de seus cidadãos que ali fazem seus negócios. Antuña constrói em seu diário uma teia de interesses que enlaça o Estado *colorado* a comerciantes ingleses e franceses. Principalmente em relação à Aduana e ao porto de Montevideú, os negócios dos estrangeiros estão intimamente ligados ao governo que os apóia, tornando-os, assim, dependentes à dinâmica da guerra e seu possível fim. Sustentada a capital por “extrangeros y agiotistas”,<sup>177</sup> Antuña não enxerga nesta interdependência política e comercial um elemento normal da guerra, encarando-a como um ataque contra a própria independência da Banda Oriental. Ainda em Montevideú, Antuña acompanha atentamente o arremate dos direitos da Aduana:

[04/08/1843] – Se omitió hacer constar en el dia de ayer dos cosas – 1ª que en la reunion de accionistas forzados para el remate delos derechos de Aduana, propuso [Samuel] Lafone y

<sup>172</sup> Ibid., pp. 280-281. Como era de se esperar, a acusação contrária também existia: [24/05/1843] – A la noche (...) se dice, que en efecto fue ahora ha tres dias corrido hasta Santa Lucia y acuchillado Rivera, *degollandole* (jamás omiten los enemigos de Oribe esta expresión) discientos hombres y tomándole algunos prisioneros. (...) “Muera el Corta cabezas Oribe – muera el tirano Rosas...” Ibid., p. 472.

<sup>173</sup> Ibid., p. 281.

<sup>174</sup> Ibid., p. 239.

<sup>175</sup> Ibid., p. 297.

<sup>176</sup> Ibid., p. 325.

<sup>177</sup> [17/07/1847] Ibid., p. 353.

D. Juan Zufriategui que se *firmaran ya los vales* por el valor de las acciones. Los resistió como prematuro el famoso canonigo D.r Vidal y lo siguieron los mas, ó sean los no ingleses – 2ª Que el diario de ayer tarde pondera y aplaude la voluntad y patriotismo con que todo el vecindario corrió á subscribirse á aquel remate para salvar la Patria!... Es hasta donde puede llevarse la desvergonzada audacia! Robar y decirle en sus barbas al robado que era meritorio por su *desapropiación voluntaria*, és lo no sé que se haya visto en Gobierno alguno republicano.<sup>178</sup>

Sala de Tournon e Alonso Eloy dão maiores detalhes a este arrendamento. Samuel Lafone, “poderoso mercader británico”, fora também dono de *Saladeros* e participou em contratos com o Estado para a promoção da imigração. Este também fora sócio do Comodoro Purvis, representante da coroa inglesa a quem muito interessava impedir um bloqueio *rosista* a Montevideú. “Al iniciarse el Sitio de Montevideo, comerciantes-prestamistas dominaban ya en gran medida el tráfico y las finanzas”. As dificuldades financeiras do governo da capital obrigaram seus administradores a “entregar la administración de la Aduana a los prestamistas”. Em 1843, tomou forma a “Sociedad compradora de los derechos de Aduana”, composta por 86 acionistas franceses; 76 ingleses; 64 espanhóis; 35 alemães e 89 orientais.<sup>179</sup>

Aos poucos meses de iniciado o sítio, a Aduana já se encontrava entre as ofertas do ‘Governo da Defesa’, ao que o ‘Governo do Cerrito’ respondeu com a habilitação do Porto do Buceo. Com a intervenção anglo-francesa, este porto fora bloqueado, mas, curiosamente, aos produtos e comerciantes de fora do sítio estavam sendo permitidos negócios e embarques via porto de Montevideú, ou seja, pagando impostos aos detentores dos direitos alfandegários, engordando os cofres da capital *colorada*. A idéia inicial da aliança seria a de fazer justamente o contrário, bloqueando Montevideú com o auxílio da esquadra de Rosas, mas o apoio das potências européias inverteu a relação de forças nesta questão comercial e de acesso a suprimentos.

[19/07/1847] – los rematadores de la Aduana – bloqueo dicho redundaba en beneficio de algunos comerciantes.<sup>180</sup>

---

<sup>178</sup> Ibid., p. 521.

<sup>179</sup> SALA; ALONSO. op. cit. pp. 12/15/35.

<sup>180</sup> ANTUÑA. op. cit. p. 355.

[30/07/1847] – En el Buceo corrió que era de esperar estos dias el bloqueo mas riguroso – voces que pueden ser de los introductores interesados en hacer buenos negocios.<sup>181</sup>

[03/09/1847] – Solamente en América podrán las Naciones tolerar tal abuso, tal desvergüenza; pues que siendo formalmente notificado y establecido el bloqueo dela Francia á este Puerto y los argentinos, no és para outro fin que el de impedir que los buques de ultramar dejen de entrar en Montevideo – todos sus cargamentos viniendo de allí, pagando allí derechos, podemos llibremente recibirlos así como retornar nuestros frutos por aquella via para que paguen igualmente los derechos – és absolutamente forzarnos, no á sufrir los efectos las privaciones de un bloqueo, sino á proporcionar á los extrangeros compradores (*de los Derechos*) de Aduana fondos que embolsar, y con que seguir costeando los gastos dela guerra. No puede verse, ni imaginarse mas desvergonzada audacia.<sup>182</sup>

[18/09/1847] – (...) al mismo tiempo que los Periódicos salvajes unitários ponderan las ventajas que tienen de comerciar con nosotros – ventajas que figuran en grande escala para las Provincias argentinas, para excitarlas á resistir la medida de cerrarse aquellos puertos y los nuestros á la compa.<sup>a</sup> estrangera dueña delas rentas publicas de Montevideo.

Antuña entende que o bloqueio estrangeiro não tinha como objetivo atingir o comércio *blanco*, mas obrigá-lo a passar por Montevideú, uma vez que o comércio entre as duas partes estaria sendo relativamente permitido. Muito já se escreveu sobre os graves prejuízos que as guerras trouxeram à Banda Oriental, mas deve-se prestar atenção a alguns indivíduos que, ocupando posições privilegiadas, conseguem lucrar com a especulação e o monopólio relativo que situações de conflito podem oferecer.

Além disso, é possível comparar esta venda dos direitos da Aduana de Montevideú com o conflito entre a Aduana de Colônia do Sacramento e Encarnación narrada por José Encarnación de Zás. Ambos estão em contextos de conflito armado, empenhados pela necessidade de reunir fundos para a manutenção da guerra – Zás ao lado de Artigas contra os invasores luso-brasileiros; Antuña apontando a aliança entre *colorados* e estrangeiros. Este tipo de intermediação, que no caso do caudilho *mulato* Encarnación estava sendo contestada, é geralmente vista como uma limitação de um Estado ainda fraco ou embrionário, impossibilitado de alcançar a todo seu território sem a assistência destas forças auxiliares. Desta forma, um Estado fraco que delega, vende ou arrenda suas funções pode ser atribuído a uma situação “bárbara” de dependência das forças irregulares dos caudilhos. Contudo, para o exemplo de Antuña

---

<sup>181</sup> Ibid., p. 359.

<sup>182</sup> Ibid., p. 370.

e Montevideu, são os europeus civilizados e seus “discípulos” *unitários* e *colorados* os que se utilizam destes recursos para o esforço de guerra não apenas como uma forma a mais de conseguir dinheiro, mas igualmente com o resultado de aproximar os interesses comerciais destes estrangeiros aos políticos do ‘Governo da Defesa’. Durante as várias negociações de paz, tanto o Estado *colorado* quanto as missões diplomáticas européias tiveram como exigência o respeito aos acordos realizados entre seus súditos e o governo de Montevideu.<sup>183</sup>

[07/07/1846] – Recordamos, que hubo un tiempo en que reflexionando sobre la compra que los extrangeros hicieron á los salvajes delos Derechos de Aduana de Montevideo, se decía, que en tal caso, y hecha la paz, habilitaríamos el Buceo, prohibiendo la entrada delos frutos del Pais á la Plaza.<sup>184</sup>

[29/08/1846] – (...) el circulo traydor de Varela, anglo-frances unitário, se empeña en prolongar la situacion para realizar negociospendientes – apropiarse mas derechos de Aduana &. <sup>185</sup>

[16/08/1845] – Y el comercio que hacía toda la Europa con nosotros está paralizado!.. Y lo está por que Lafone y otros ingleses y franceses de Montevideo se han apropiado todos los bienes y rentas publicas, y se quiere que las conserven!! Esto és lo que se llama *Civilización* – *humanidad!!!*

Encontrado na Colônia do Sacramento artiguista e na Montevideu da Defesa, este tipo de remate não fora uma solução exclusiva para a guerra. Apesar do temor causado pela ameaça de Lavalleja, o período da presidência anterior de Rivera não sofrera nada parecido ao ‘Sitio Grande’. Contudo, em uma permanente dificuldade orçamentária, se não foram diretamente vendidos determinados direitos de arrecadação, foi comum sua colocação como garantia ao pagamento de empréstimos.<sup>186</sup> Além das Aduanas, eram também arrematados os direitos ao “reconhecimento de couros”, ao que Samuel Lafone fora acusado pela imprensa local

<sup>183</sup> Muito do que os *colorados* arrecadavam acabava voltando aos estrangeiros, principalmente aos legionários franceses. [21/09/1847] – Vimos el *Comercio de Varela* y en él el presupuesto de solo el Ministerio dela guerra salvaje unitario (el celebre Batlle) que asciende mensualmente á 159494 – ps 1 r.1 – Las raciones de la Legión francesa, vascos franceses é italianos (allí todo tiene su verdadero nombre) importa cada mes *sesenta mil* pesos sin incluir vestuario ní calzado. *Ibid.*, p. 374.

<sup>184</sup> *Ibid.*, p. 284.

<sup>185</sup> *Ibid.*, p. 301.

<sup>186</sup> SALA; ALONSO. *op. cit.* pp. 184-189.

de monopólio deste comércio.<sup>187</sup> Este costume de Antigo Regime, tão (mas não exclusivamente) ibérico, era praticado por aqueles se colocavam como inimigos dos costumes coloniais de economia e sociedade.

Porém, após quatro anos de sítio, Antuña começa a duvidar das intenções *blancas*. Com a confiscação de propriedades inimigas, alguns estariam enriquecendo às custas da situação, e a paz poderia significar uma restituição aos *colorados* perdoados. Em 1845, “(...) la campaña fue ‘*blanqueada*’ con la entrega de tierras embargadas a los ‘*colorados*’, a la vez que el gobierno de Montevideo vendía supuestos derechos, lo que daría lugar posteriormente a los pleitos por reivindicación de tierras que no habían finalizado cuando la invasión de Flores en 1863”.<sup>188</sup>

[11/09/1847] – De temer és, aunque no nos atrevamos á creerlo, que el interes personal, pese mucho en la balanza del juicio de los Senhores Ministros & Agregase á esto, que todos los Gefes de línea, ganan con la guerra – lucran – se enriquecen, si és cierto, lo que todos afirman - ¿Como han de aconsejar medios eficaces de terminar la guerra?<sup>189</sup>

[14/09/1847] – Vimos hoy al Presidente [Oribe], cuyo semblante revela estar gravemente enfermo. Dice él que estuvo malo, pero que ya está mejor. Nunca lo hemos visto mas debil i con mas señales de estar sufriendo mucho. El desenlace de la ultima misión europea lo afectó en extremo; y se cree, que esta enfermedad moral se la agravan diariamente unos intandole á que ataque la Plaza – otros á que lo difiera. Estos obedeciendo á los preceptos de su conveniencia, desu bien estar – de la seguridad de aumentar su fortuna – aquellos por que están mal, y por que oyen los lamentos, las quejas de tantos centenares de vecinos que están fuera de sus casas, sin sus familias, ó con ellas, y en la major necesidad, sin poder trabajar, por que el fusil y la linea absorven toda su atención.<sup>190</sup>

[25/09/1847] – No hay un ciudadano de buen juicio que haya aprobado la repartición delas propiedades delos salvajes unitarios, sin la previa sancion de una Ley, su publicación y conminacion; y presentemente sigue el Presidente haciendo estas donaciones, y esto después de haber hecho entender á todo el mundo, que devolverá sus bienes á todos los salvajes unitarios que se sometan. (...) y aprovechándose dela major parte muchos que la guerra enriquece (...) Gefes con sus soldados se ocupan en correr y faenar aquellas haciendas con notorio escandalo.<sup>191</sup>

[19/10/1847] – Nuestro Presidente, se vá haciendo cada dia mas absoluto – no guarda ningun respecto á los antiguos y buenos patriotas (...). Ni audiencia dá; y esto és... tiranico. Asi se llama.<sup>192</sup>

<sup>187</sup> Ibid., pp. 36/158.

<sup>188</sup> Ibid., p. 39.

<sup>189</sup> ANTUÑA. op. cit. p. 371.

<sup>190</sup> Ibid., p. 372.

<sup>191</sup> Ibid., p. 376.

<sup>192</sup> Ibid., p. 385.

[31/12/1847] – No hay remedio, sino se quiere algo malo, és menester confesar, que el Presidente y los que lo rodean son muy rudos – Quien sabe? Muchos de ellos tienen estancias de salvajes que han de devolver, y cuyos ganados se apuran en llevarlo al Brasil. Vamos á quedar arruinados y tiranizados, sin plata sin juventud y sin libertad, si Dios no lo remedia.<sup>193</sup>

O título da tese de doutorado de Antuña, de 1834, era *Confiscación de los bienes en los crímenes de lesa-patria*, o que reafirma seu interesse pelas doações de propriedades “salvajes” realizadas por Manuel Oribe. É também mencionado um subterfúgio que procurava evitar a total devolução do que fora confiscado com a denúncia de transporte do gado ao Brasil. Para o Presidente *blanco*, estas doações não juridicamente regulamentadas - mais uma vez, uma ‘graça’ de um governante aos seus seguidores - eram um caminho de fortalecimento das suas alianças ao também entrelaçar a questão econômica à política. Contudo, isto não significa que os “partidos de princípios”, como argumentava Pivel Devoto, tenham perdido seus ideais, tornando-se apenas instrumentos de poder em apoio a interesses individuais. Estas questões de comércio e propriedades de ambos os partidos devem ser entendidas como uma estratégia de acumulação e construção de alianças que, em comunhão aos discursos legitimadores, como o da continuidade da Revolução ou o da restauração e defesa da lei e da ordem, ampliam o capital de poder de cada uma das facções rivais. Estas estratégias se tornavam mais confiáveis na medida em que multiplicavam suas bases de poder, estas assentadas tanto em questões de ideais como nas materiais.

### 3.3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos “encontros” discutidos de Zás e Antuña, estes se defrontam com sujeitos provenientes de distintas posições do espaço social, unidos em confronto ao inimigo externo luso-brasileiro ou separados pela guerra civil entre os partidos uruguaios. As categorias ‘civilização’ e ‘barbárie’ estiveram rodeadas nestes dois indivíduos por questões relacionadas à política, aos atores políticos (*caudillos* ou *doctores*), ao Estado

---

<sup>193</sup> Ibid., p. 408.

e suas instituições, e também presentes em suas relações interpessoais e na visão que possuíam a respeito do Prata e do Uruguai.

A comparação desenvolvida entre as questões relacionadas às duas Aduanas, se associada à distância entre as datas de efetivação e legitimação das alianças entre *colorados* e estrangeiros, demonstra como a dinâmica da guerra orientou os principais passos de cada partido ou facção em guerra. A questão da legitimação, que em Herrera y Obes está afastada em quase cinco anos da formação da Legião Francesa de Montevideú, seria um esforço posterior. Além disso, a este esforço foi necessária uma reformulação em vista das alterações provocadas pela expulsão de Rivera do Partido Colorado (partido que ele mesmo havia liderado e ajudado a formar).

Antes do início da ‘Guerra Grande’, Zás e Antuña não foram inimigos. O segundo foi padrinho de casamento do primeiro em 1826, e também estiveram próximos em seus serviços ao Estado nesse mesmo ano, quando foram demitidos juntos por um decreto “Araucho, Antuña, los dos Marariños, Berro-Gonzales y yo”.<sup>194</sup> Durante as revoltas promovidas por Lavalleja a partir de 1832, Zás e Antuña foram nomeados a uma comissão que tinha por objetivo mediar o fim dos conflitos entre algumas forças inimigas em Montevideú.<sup>195</sup> Anteriormente à existência dos partidos *blanco* e *colorado*, construíram laços entre suas famílias e ainda laços de amizade no interior do Estado. Infelizmente, não é possível afirmar o alcance da separação que ocorreu a partir de 1836, quando tomaram caminhos opostos em relação a Rivera e Oribe, a mesma dúvida aparece para alguma reaproximação após o acordo de paz de 1851.

Para um outro caso, Antuña menciona em seu diário um parente próximo que havia escolhido lutar por seus inimigos. Ele não indica com precisão qual relação

---

<sup>194</sup> “Se corrieron las proclamas y siendo nuestros Padrinos el Doctor Antuña y la Esposa de [Francisco] Araucho por tener aquel la suya en Santa Lucía nos desposo á las cinco de la mañana el día 27 de Setiembre de 1826 – D-Lorenzo Fernandez, hoy Vicaria Apostolico gral.” ZÁS. op. cit. pp. 146-147. Para a fonte de Antuña, infelizmente, não existe qualquer menção a Zás.

<sup>195</sup> “Fuimos nombrados para componerla, el Oficial mor de hacienda entoces d. Francisco Antuña, el Ynspector del Resguardo d. Carlos S. Vicente y yo (...)” Ibid., p. 152.

familiar existe entre os dois, mas, não apenas pelo tratamento que lhe dá, mas igualmente pelo sobrenome ‘Labandera’, o mesmo da família de sua esposa, percebemos até mesmo um certo temor de Antuña pela vida deste seu ‘parente inimigo’:

[06/01/1847] – Asegurase que uno de los muertos delos salvajes unitarios en Paysandú fue el Coronel Sant.º Labandera. Este és el fin infame que debía tener este mozo valiente y honrado por haber dado oídos en mucho tiempo atrás al Traydor Fructuoso Rivera, antes que á sus Parientes que lo formaron y pusieron en carrera honorable.<sup>196</sup>

Além de possuírem amigos e parentes em ambos os lados da guerra, observa-se que as categorias utilizadas por Zás e Antuña não contêm um conteúdo profundamente diferente entre si, como o encontrado na comparação que se faz entre os textos de Herrera y Obes e Berro. Principalmente em Zás, a utilização da palavra ‘caudilho’ obedece muito mais a um senso comum não tão partidário quando colocada ao lado do sentido instrumentalizado por seu colega *colorado* Herrera y Obes. Por outro lado, enquanto em Antuña a categoria ‘civilização’ aparece como um ingrediente para suas ironias, a idéia de caudilho também não difere muito da apresentada pelos textos dos demais. É somente em Berro que se encontra uma proposta rival de ‘civilização e barbárie’.

Não apenas a venda dos direitos da Aduana de Montevideú serve como exemplo de continuidade para um estilo de administração estatal de Antigo Regime, mas o mesmo pode ser encontrado nas ‘graças’ concedidas a Zás em sua *jubilación* e em alguns criminosos ou prisioneiros libertados por Oribe citados por Antuña. Estas ‘graças’ concedidas por um poder pessoal não são exclusivas do caudilhismo, mas próprias de costumes que remontam ao período colonial. A legitimação institucional de Manuel Oribe ao colocar-se como defensor das leis e da Constituição é combinada ao exercício de um poder personalizado, na concessão de graças ou privilégios aos seus subordinados que receberam a permissão de uso de propriedades confiscadas de

---

<sup>196</sup> Ibid., p. 279.

*colorados*, garantindo-lhe uma abrangência maior na construção de alianças e na acumulação de capitais simbólicos e materiais.

Para o caso da distribuição de terras confiscadas, Antuña reclama da falta de uma legislação e de um processo jurídico formal para sua efetivação. Para a requisição de *jubilaciones*, existia um decreto de regulamentação formulado pelo próprio Rivera, a quem caberia o descumprimento dessa mesma norma na concessão da graça ao requerente Zás. Assim como Oribe, Rivera percorreria o mesmo caminho estratégico de diversificação das fontes de legitimação e construção de laços de aliança.

## 4 CONCLUSÃO

Ao longo desta dissertação, foi possível revisar a construção da categoria caudilho e observar como sua imagem se transforma e perde sua homogeneidade “clássica”. Atendo-se às formas ideais de dominação weberianas, a legal, a tradicional e a carismática estavam disponíveis ao repertório de possíveis estratégias dos atores sociais platinos, contudo, não uniformemente distribuídas, estando mais ou menos disponíveis de acordo com a posição e formação social de cada um. Para alguns, como para o analfabeto e *mulato* Encarnación, o caudilhismo seria uma opção viável de acumulação de poder. Para Rivera ou Artigas, o caudilhismo seria apenas uma opção a mais; talvez a mais importante, mas seguramente não a única. Para Antuña, seu pouco contato com a “massa de manobra” gauchesca seria substituído por sua bagagem intelectual, por seu título de doutor em direito e por sua carreira política não caudilhesca.<sup>1</sup> Desta forma, apresentam-se aos contemporâneos de Zás e Antuña um vasto repertório de opções estratégicas que se mantêm em instituições ou costumes de Antigo Regime, passando por alternativas criadas pela própria dinâmica da guerra, ou ainda relacionadas a uma legitimação intelectual “moderna” do pós-revolução francesa. Em seu conjunto, estas legitimações pretendiam alcançar praticamente todos os indivíduos que de alguma forma poderiam ser mobilizados, de gaúchos a *empleados* e *doctores*, ao longo de toda a cadeia hierárquica platina.

A oposição tradicional entre caudilhismo e construção estatal não tem apenas como fundamento uma determinada concepção de caudilho, mas também constrói um modelo de Estado intimamente ligado à idéia de Estado-Nação. Partindo do princípio de que somente o altamente centralizado e interventor corresponderia a uma “unificação do nacional”, ou ainda de que somente neste modelo se encontraria um Estado “moderno”, os Estados provinciais e suas instituições, comumente ligadas à

---

<sup>1</sup> Estando limitada a cidadania a alguns poucos, o suporte das “massas” tinha pouco impacto em resultados eleitorais.

noção de federalismo e autonomia local, aparecem ou como desvirtuamentos de uma ordem “natural” de um progresso social (ou civilizador), ou como meros momentos de transição entre dois sistemas propriamente ditos de sociedade, o da ordem colonial e o que se constituiria ao final do século XIX com o definitivo fortalecimento estatal.<sup>2</sup> Uma concepção mais flexível acerca da experiência estatal e política daquela primeira metade do século XIX colocaria as estratégias e escolhas dos seus contemporâneos como alternativas possíveis de aplicação para aquele período. Em um misto de necessidades práticas e concepções de construção e legitimação de Estados e hierarquias sociais, os atores sociais daquele contexto interagem apoiando-se em idéias e experiências compartilhadas entre a ordem colonial e a dinâmica dos movimentos de independência e formação de novas instituições.

Desta forma, o caudilho não surge como uma patologia social, mas como uma posição possível de legitimação e acumulação de poder a ser amparada por certos setores sociais e que pode ser combinada ou contraposta a outras estratégias de dominação. O caudilho não seria um tipo social, rígido e invariável, mas uma posição social passível de ocupação para alguns indivíduos. Como em outras sociedades, a platina oferecia aos seus indivíduos vários caminhos possíveis de legitimação e acumulação, alguns mais eficientes que outros, porém não necessariamente excludentes entre si, podendo um mesmo indivíduo ocupar duas ou mais posições com o objetivo de ampliar sua base de poder, o que pôde ser observado nos capítulos anteriores em Artigas, Rivera e Oribe.

Não é incomum encontrar textos que apresentam uma sociedade de baixa diferenciação social para o Uruguai<sup>3</sup>. Por outro lado, é coerente ressaltar que a

---

<sup>2</sup> Em Sala de Touron, entre pré-capitalistas e capitalistas. SALA DE TOURON, L; ALONSO ELOY, R. **El Uruguay comercial, pastoril y caudillesco. Tomo II: Sociedad, política e ideología.** Montevidéo : Banda Oriental, 1991.

<sup>3</sup> BARRÁN, J. P. **Historia de la sensibilidad en el Uruguay.** 2 v. Montevidéo : Banda Oriental, s/d.. Em geral, essa igualdade é projetada apenas para as relações entre os homens da *campaña*, e não para a sociedade como um todo. Ainda sim, alguns autores costumam atribuir aos orientais daquela época

exteriorização de alguns signos de poder daquela sociedade recém independente não era tão evidente entre algumas parcelas da população, pois o sotaque, maneiras e hábitos eram elementos que tendiam a uniformizar. Por este motivo, Rivera e seus oficiais, segundo Damaso Antonio Larrañaga, “en todo guardan una perfecta igualdad (...), y solo se distinguen por la grandeza de sus acciones, y por las que solamente se hacen respetar de sus subalternos. Detestan todo lujo, y todo cuanto pueda afeminarlos”<sup>4</sup>. E no olhar de um visitante inglês, “el dueño de muchas leguas de tierras y de innumerables ganados se sienta a hablar con el pastor a sueldo, un pobre tipo descalzo, en su rancho lleno de humo, y ninguna diferencia de casta o de clase los separa”.<sup>5</sup> Essa aparência externa pode aproximar alguns indivíduos reunidos em uma pequena população se seus costumes não se diferenciarem muito, mas ela esconde outras formas de hierarquização, como a ocupação de importantes cargos militares e burocráticos, assim como o acúmulo de riquezas, pois ser “dueño de muchas tierras” já é um distanciamento considerável de quem tem pouca ou nenhuma. O protagonista e viajante inglês da ficção de William Hudson estava acostumado a uma diferenciação externa mais óbvia segundo os moldes europeus. Porém, signos exteriores de diferenciação poderiam ser encontrados em eventos públicos, seguindo regras de cerimonial religioso ou cívico.<sup>6</sup> Entretanto, na medida em que alguns autores distanciam o urbano e o rural como ambientes antagônicos de populações

---

um sentimento de igualdade que deve ser matizado. Isto, antes de tudo, por ser uma igualdade pensada apenas em oposição a divisões de classe e, como podemos observar, existem outras formas de hierarquização social. Os contemporâneos de Zás tinham como referência de estratificação social o antigo regime europeu. A consciência de que o “terceiro estado” pode ser dividido entre burgueses e proletários apenas ganha força para o Uruguai das últimas décadas do século XIX, principalmente com a chegada dos imigrantes e dos ideais socialistas.

<sup>4</sup> LARRAÑAGA, D. A. **Diario del viaje de Montevideo a Paysandú**. Montevideo : Ministerio de transporte y obras publicas, Instituto Nacional del Libro, 1994. p. 64. O texto original data de 1815.

<sup>5</sup> HUDSON, W.A. **La tierra purpurea**. Montevideo : Banda Oriental, 1992. p. 191. Esta obra foi publicada na Inglaterra pela primeira vez em 1885, mas sua história teve como cenário os conflitos partidários que ainda existiam na década de 1860.

<sup>6</sup> IRIGOYEN, E. “La ciudad como escenario. Poder y representación hasta 1830”. In: ACHUGAR, H.; MORAÑA, M. (org). **Uruguay: imaginarios culturales**. Montevideo : Editora Trilce, 1998.

“psicologicamente” diferentes, reforçam o afastamento simbólico entre o *chiripá* e o fraque, entre os costumes “civis” da cidade e os “bárbaros” do campo.

Todavia, a etiqueta não era uma qualidade que todos deveriam possuir e demonstrar. E mesmo aquele que se constrangia a dominá-la, nem sempre a necessitava, assim como não era obrigatória ou tão significativa de demonstração para alguns setores. No caso dos caudilhos, sua superioridade simbólica frente aos gaúchos poderia ser comprovada por outros caminhos. Muitos tinham uma formação intelectual, mas seu método de dominação e mobilização da *campana* seguia por outra direção: o caudilho seria o “melhor gaúcho”. Com os gaúchos, eles se portavam exteriormente como gaúchos; com as elites, muitos conseguiam agir como elite, ou seja, as “boas maneiras” são reservadas a determinados interlocutores<sup>7</sup>.

O mundo das letras, suporte legitimador dos *doctores* da ‘Política da Fusão’ que se organizaria ao fim da ‘Guerra Grande’ não encontraria grande respaldo durante o predomínio da comunicação oral que, apenas progressivamente, cederá espaço à escrita (tendência de fortalecimento do arquivo em detrimento da memória). Mas a posição dos *doctores* é de confronto a essas formas de legitimação e acumulação de poder dos caudilhos. Nas críticas que se apresentam, desenvolve-se uma estigmatização da figura caudilhesca, homogeneizada em torno de uma série de pré-conceitos a eles atribuídos pelos *doctores*. Incapazes estes de mobilizar forças semelhantes àsquelas dos caudilhos, organizaram a ‘política da fusão’ na tentativa de os excluir do controle do Estado. Desta forma, sustentavam suas ambições na legitimidade intelectual e em um Estado reformado e adaptado a um estilo de dominação que os favorecesse.

Estando a barbárie projetada nos caudilhos, rivais não apenas políticos, mas de um “estilo de vida”, contra estes existirá um incremento gradual de repúdio durante o século XIX. Após 1860, data simbólica fixada por Barrán, mas com maior ênfase para

---

<sup>7</sup> Ainda que por fontes dúbias, Sarmiento conta como Facundo Quiroga propositadamente rejeitava o uso de roupas e modos urbanos com o objetivo de afrontar homens civilizados (uma ação social). SARMIENTO, D. F. **Facundo, civilización y barbarie**. Buenos Aires : COLIHUE, 1990. p. 110.

a década de 1870, os caudilhos serão atingidos pelo crescimento do Estado. O que não quer dizer que eles tenham desaparecido, pois, como Rosas<sup>8</sup>, foram capazes de contribuir na constituição do Estado. Muitos foram capazes de se ajustar ao novo modelo burocrático, trocando o *chiripá* pelo fraque, e os *doctores* da ‘fusão’ logo descobririam que os caudilhos também saberiam desfrutar das vantagens de um Estado forte e centralizado.

---

<sup>8</sup> GARAVAGLIA, J. C. “La apoteosis del Leviathán: el estado en Buenos Aires durante la primera mitad del siglo XIX”. **Latin American Research Review**, 2003, v. 38. n.1, pp. 135-168.

## REFERÊNCIAS

### FONTES CONSULTADAS:

ALBERDI, J. B. **Fundamentos da organização política da Argentina**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

\_\_\_\_\_. **Proceso a Sarmiento**. Buenos Aires: Ediciones Caldén, 1967.

ANTUÑA, F. S. Escritos históricos, políticos y jurídicos del Dr. Francisco Solano Antuña: n. 3-4 **Revista Histórica**. Montevideo: v. XLV–XLIX, n.133-147. Publicación del Museo Nacional, 1974-1977.

BERRO, B. P. **Escritos selectos**. Montevideo: Ministério de Instrucción Pública y Previsión Social, 1966.

HERRERA Y OBES, M. e BERRO, B. P. **El caudillismo y la revolución americana**. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social, 1966.

HUDSON, W.A. **La tierra purpurea**. Montevideo: Banda Oriental, 1992.

LARRAÑAGA, D. A. **Diario del viaje de Montevideo a Paysandú (1815)**. Montevideo: Instituto Nacional del Libro, 1994.

MONTESQUIEU. **Do espírito das leis**. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

PACHECO Y OBES, M. Memoria del General Melchor Pacheco y Obes sobre su actuación en la Defensa de Montevideo durante los años 1843-1846. **Revista Histórica**. Montevideo: v. XLIX, n. 148-150, 1977.

PEREZ CASTELLANO, J. M. **Selección de escritos: crónicas históricas (1787-1814)**. Montevideo: Ministério da Cultura, Biblioteca Artigas, 1968.

SARMIENTO, D. F. **Facundo, civilización y barbarie**. Buenos Aires: COLIHUE, 1990.

ZÁS, J. E. Memória autobiográfica de José Encarnación de Zás. **Revista Histórica**. Montevideo: v. XVII, n. 49-50, 1951.

### OBRAS CONSULTADAS:

ACHUGAR, H.; MORAÑA, M. (org). **Uruguay: imaginarios culturales**. Montevideo: Editora Trilce, 1998.

BARRÁN, J. P. e NAHUM, B. **Bases económicas de la revolución artiguista**. Montevidéo: Banda Oriental, 1972.

BARRÁN, J. P. **Apogeo y crisis del Uruguay pastoril y caudillesco (1839-1875)**. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 1979.

\_\_\_\_\_. **Historia de la sensibilidad en el Uruguay**. 2 v. Montevidéo: Banda Oriental, s/d.

BARTH, F. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: BARTH, F. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BENDIX, R. **Max Weber, um perfil intelectual**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

BERAZA, A. **La economía en la Banda Oriental (1811-1820)**. Montevidéo: Banda Oriental, 1969.

BETHELL, L. (org). **História da América Latina Vol. III – Da independência até 1870**. São Paulo: EUSP, 2001.

BOURDIEU, P. **Razões práticas para a teoria da ação**. Campinas: Papirus Editora, 1996.

CASTELLANOS, A. Contribución al estudio de las ideas Del Pbro. Damaso A. Larrañaga. **Revista histórica**. Montevidéo: v. 17, nº 49/50, p. 1-119, dez. 1951.

\_\_\_\_\_. **História uruguaia, la cisplatina, la independencia y la república caudillesca – 1820-1838**. Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 1980.

CERVO, A. L. e RAPOPORT, M. (orgs). **História do cone sul**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CHIARAMONTE, J. C. **Nación y estado en iberoamérica: el lenguaje político en tiempos de las independencias**. Buenos Aires: Sudamericana, 2004.

DEVOTO, J. P. **Raices coloniales de la revolución oriental de 1811**. Montevidéo: Editorial Medina, 1957.

DUMONT, L. **La civilización índia y nosotros**. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1980.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador**. 2 v. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

\_\_\_\_\_. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ELIAS, N; SCOTSON, J. L. **Estabelecidos e outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FAUSTO, B. (org.). **Fazer a América**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

FREGA, A. e ISLAS, A. **Nuevas miradas en torno al artguismo**. Montevidéu: Universidad de la República, 2001.

GALDARACENA, R. **El libro de los linajes**. Montevidéu: Editora Arca, 1978.

GARAVAGLIA, Juan Carlos. La apote sis del Leviathán: el estado en Buenos Aires durante la primera mitad del siglo XIX. **Latin American Research Review**, v. 38. n. 1, fev. 2003.

GELMAN, Jorge. **Campesinos y estancieros: una region del rio de la plata a fines de la epoca colonial**. Buenos Aires: Editorial Los Libros del Riel, s/d.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GOLDMAN, N.; SALVATORE, R. **Caudillismos rioplatenses, nuevas miradas a un Viejo problema**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1998.

HALPERIN DONGHI, T. **El espejo de la historia: problemas argentinos y perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1987.

\_\_\_\_\_. **História da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

\_\_\_\_\_. **Revolución y guerra**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1994.

\_\_\_\_\_. **Tradicón política española e ideología revolucionaria de Mayo**. Buenos Aires: Editora da UBA, 1961.

\_\_\_\_\_. **Una nación para el desierto argentino**. Buenos Aires: Centro Editor de America Latina, 1982.

HERRERA, L. A. **Los orígenes de la guerra grande**. 2 v. Montevidéu : C mara de Representantes da R.O.U., 1989.

HOBBSAWM, E. J. **Na es e Nacionalismos deste 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HUBER, E.; SAFFORD, F. **Agrarian structure & political power, landlord & peasant in the making of Latin America**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1995.

KATRA, W. H. **La generación de 1837: los hombres que hicieron el país**. Buenos Aires: Emecé, 2000.

LYNCH, J. **Juan Manuel de Rosas**. Buenos Aires: Emecé, 1984.

MITRE, A. **O dilema do centauro, ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MONSMA, K. Repensando a escolha racional e a teoria da ag ncia: fazendeiros de gado e capatazes no século XIX. **Revista Brasileira de Ci ncias Sociais**, 2000, v.15, n. 43, pp. 83-113.

MORSE, Richard. **O espelho de próspero: Cultura e idéias nas Américas**. São Paulo: Schwarcz, 1995.

PALERMO, V. Pensamento político progressista no liberalismo argentino e mexicano do século XIX: Juan Bautista Alberdi e Justo Sierra. **Estudios Históricos**, Rio de Janeiro, n. 20, 1997.

PIVEL DEVOTO, J. E. **Historia de los partidos políticos, la formación de los bandos (1829-1838)**. Montevidéo: Editorial Medina, 1956.

\_\_\_\_\_. **Raíces coloniales de la revolución oriental de 1811**. Montevidéo: Editorial Medina, 1957.

PRADO, M. L. C. **América latina no século XIX: tramas, telas e textos**. São Paulo: Editora da USP, 1999.

QUIJADA, M. Nación y territorio: La dimensión simbólica del espacio en la construcción nacional argentina. Siglo XIX. **Revista de Indias**, 2000, v. LX, n. 219.

REVEL, J. (org). **Jogos de escalas, a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

REYES ABADIE, W. **Artigas y el federalismo en el río de la plata (1811-1820)**. 2 ed. Montevidéo : Banda Oriental, 1975.

RIBEIRO, A. **Historia e historiadores nacionales (1940-1990), del ensayo sociológico a la historia de las mentalidades**. Montevidéo : de la Plaza, 1991.

ROCK, D.; LÓEZ-ALVEZ, F. "State-building and political systems in nineteenth-century Argentina and Uruguay". **Past & Present**, 2000, n°. 167, pp. 176-202.

SALA DE TOURON, L.; TORRE, N. de la; RODRIGUEZ, J. C. **Artigas y su revolución agraria**. Cidade do México: siglo XXI, 1978.

SALA DE TOURON, L; ALONSO ELOY, R. **El Uruguay comercial, pastoril y caudillesco. Tomo II: Sociedad, política e ideología**. Montevidéo: Banda Oriental, 1991.

SALVATORE, R. D. Repertoires of coercion and market culture in nineteenth-century Buenos Aires province. **International Review of Social History**, Cambridge University Press, 2000, v. 45, part 3, pp. 409-448.

SOLER, L. **La historiografía uruguaya contemporánea, aproximación a su estudio**. Montevidéo: Banda Oriental, 1993.

STAROBINSKI, J. **As máscaras da Civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TORRES WILSON, J. de. **Quiénes escribieron nuestra historia? (1940/1990)**. Montevidéo: de la Planta, 1992.

TRIGO, A. **Caudillo, Estado, Nación. Literatura, historia e ideología en el Uruguay.** Gaithersburg: Ediciones Hispanoamérica, 1990.

VIDART, D. **El Uruguay visto por los viajeros.** v. 3. Montevideú: Banda Oriental, 2000.

Anexo 1: Trechos das Memórias do General Melchor Pacheco y Obes que tratam de Francisco Solano Antuña e comentam o caso da “revolta das costureiras” abordado no item 3.2.1

Propuso el ministerio de gobierno arrojar de Montevideo algunas mugeres conocidas por inquietas; me opuse á ello con exaltacion por que no creía conveniente la medida, y sin embargo fue adoptada. Propuso el mismo arrojar todo lo que se llamaba Blanquillo.<sup>1</sup>

Creo poder recordar las personas á quienes de lo alto de mi posición dirijí palabras acervas – Son D. José Costa, la familia de Antuña, (...).<sup>2</sup>

A las Señoras de Antuña mandé un recado fuerte y despotico: era cuando se empezaban á repartir costuras para el egército; esas Señoras no recibieron las que le envié, y yo procedí asi para que sabido eso en la ciudad no se me devolviesen otras costuras, pues si cedía un ocaion era claro que ese recurso me fallaba, no teniendo yo otro medio de confeccionar la ropa de los que defendían a la Patria – Ahora bien, cuando se exijia del hombre el morir al frente de la trinchera, ¿habia injusticia en pedir á la muger algunas horas de trabajo en pró de la defensa? Yo me resolví esta cuestion por la negativa; y procedí en consecuencia, tanto mas cuanto que creía y creo que una ves desobedecido el prestigio de mi autoridad se quebraba, y los prodigios realizados en los primeros tiempos del sitio de Montevideo eran imposibles.<sup>3</sup>

Los coroneles Antuña, Velasco (D. Gabriel), y Quinteros se ostentaban (en) pugna con el general Paz y sus amigos: mandando la principal fuerza de la capital, contrariaban toda medida de defensa, y se mostraban por todos sus actos de acuerdo con el enemigo. El pueblo lo creia asi, y los sucesos que vinieron después no lo desmienten. Antuña, dos tenientes coroneles, y la mayor parte de la legión de policia á sus ordenes se fueron al enemigo (...).<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> PACHECO Y OBES, M. Memoria del General Melchor Pacheco y Obes sobre su actuación en la Defensa de Montevideo durante los años 1843-1846. **Revista Histórica**. Montevidéo: v. XLIX, n. 148-150, 1977. p. 771.

<sup>2</sup> Ibid., p. 773.

<sup>3</sup> Ibid., pp. 773-774.

<sup>4</sup> Ibid., pp. 790-791.

## Anexo 2: Breve biografia de algumas personalidades platinas.

**Alberdi, Juan B.** (1810/1884) Nascido em Tucumán, noroeste argentino, ainda jovem, chegou a Buenos Aires para estudar. Fez parte do movimento que deu origem à Geração de 1837. Exilado em Montevidéu, nesta cidade terminou seus estudos de direito em 1840. Após uma viagem pela Europa, estabeleceu-se no Chile. Posteriormente à queda de Rosas, foi nomeado conselheiro do governo de Justo José de Urquiza em 1855 e, depois, representante argentino na França. Após a derrota de Urquiza frente a Mitre em 1861, viu-se obrigado a permanecer em Paris. Esteve na Argentina mais uma vez, mas logo retornou à França, onde viria a falecer.

**Artigas, José G.** (1764/1850) Discute-se se nasceu em Montevidéu ou na Villa del Sauce (Canelones). Em 1797, ingressou no Corpo de Blandengues para policiar a *campaña*. Aderiu à Revolução de 25 Maio em 1811, quando partiu para Buenos Aires. Retornando à Banda Oriental, derrotou uma força espanhola em Las Piedras e iniciou um sítio a Montevidéu em 21 de maio de 1811, levantado logo em seguida. Um segundo sítio foi iniciado em fins de 1812 sob comando de José Rondeau com as forças expedicionárias do Segundo Triunvirato de Buenos Aires. Artigas abandonou este segundo sítio em 1814, rumando para o Litoral argentino. Com o abandono de Montevidéu por parte do Diretório revolucionário, Artigas recebeu o comando de toda a Banda Oriental. Formou a Liga Federal, uma união entre a atual República Oriental del Uruguay, Entre Rios, Corrientes, Santa Fé e, por algum tempo, Córdoba. Em 1816, tropas portuguesas invadiram a Banda Oriental, derrotando a Artigas em 1820.

**Dorrego, Manuel.** (1787/1828) *Federal* nascido em Buenos Aires, assumiu o cargo de Governador da Província de Buenos Aires após a deposição de Rivadavia e o desaparecimento do cargo de Presidente da República em 1827. Foi deposto em 1828 por um golpe *unitário*. Foi preso por Juan Lavalle e condenado à morte por fuzilamento naquele mesmo ano. Este evento pode ser considerado como o principal estopim das guerras que se seguiram entre os partidos *unitário* e *federalista*.

**Lavalle, Juan.** (1797/1841) Combateu durante o movimento de independência argentino no exército dos Andes de San Martín entre 1817 e 1822, e na guerra contra o Brasil entre 1825 e 1828. Em 1828, dirigiu o levante unitário que derrubou e executou o Governador Dorrego, sendo vencido pelo *federal* Estanislao López em 1829. Em 1841, partindo de Montevidéu, onde apoiava o Partido Colorado, sublevou-se contra Rosas, morrendo em combate.

**Lavalleja, Juan A.** (1784/1853) Nascido em Minas, Banda Oriental. Uniu-se ao movimento artiguista desde seu início até 1818, quando foi feito prisioneiro pelas tropas luso-brasileiras e enviado como prisioneiro para o Rio de Janeiro, de onde saiu em 1821. A partir de Buenos Aires, retornou à Banda Oriental em 1825 em um movimento que ficou conhecido como o dos *Treinta y Tres Orientales*. Após a independência do Uruguai, não conseguiu se eleger presidente, iniciando uma revolta contra Fructuoso Rivera em 1832. Derrotado, exilou-se em Buenos Aires, onde combateu junto aos *federais*. Apoiou o Partido Blanco de Manuel Oribe, mas faleceu logo depois de acabada a ‘Guerra Grande’.

**Paz, José Maria.** (1791/1854) Nascido em Córdoba, lutou durante as campanhas da independência e contra o Brasil. De tendência *unitária*, lutou ao lado de Lavalle contra Rosas e os *federais*. Defendeu Montevidéu durante a ‘Guerra Grande’.

**Oribe, Manuel.** (1892/1857) Nascido em Montevideú, foi o segundo Presidente do Uruguai independente, em 1835. Em 1836, fundou o Partido Blanco, na guerra contra a revolta de Rivera. Foi deposto em 1838, exilando-se em Buenos Aires, onde comandou os exércitos de *federais* de Rosas e derrotou os *unitários* da Liga do Norte e na Entre Rios ocupada por Lavalle. Retornou à Banda Oriental em 1843, quando iniciou o “Sítio Grande” a Montevideú. Exilou-se em Barcelona, Espanha, em 1853, retornando ao Uruguai em 1855.

**Rivadavia, Bernardino.** (1780/1845) Nascido em Buenos Aires, assumiu a Presidência da Argentina em 1826, deposto no ano seguinte. Reconhecido como um dos principais indivíduos da primeira geração de *unitários*. Sentenciado ao exílio em 1834, faleceu em Cádiz, Espanha.

**Rivera, José Fructuoso.** (1786/1854) Lutou ao lado de Artigas, mas, após a derrota do caudilho oriental, colaborou com a ocupação luso-brasileira. Com a entrada dos *Treinta y Tres Orientales*, uniu-se a Lavalleja até a independência em 1828. Foi eleito primeiro Presidente da República, mas, em 1836, levantou-se contra Manuel Oribe, fundando o Partido Colorado. Foi expulso deste em 1847 pelos dirigentes da defesa de Montevideú. Tratou de retornar à política, mas faleceu pouco após o fim da ‘Guerra Grande’.

**Rosas, Juan M.** (1793/1877) *Federal* nascido em Buenos Aires. Iniciou seu primeiro mandato de Governador de Buenos Aires em 6 de dezembro de 1829, mas abandonou o cargo em 1832, para retornar em 1835, sob a condição de obter da Câmara de Representantes da capital as “Faculdades Extraordinárias”. Foi derrotado em 1852 por Urquiza em Monte Caseros, partindo para a Inglaterra em exílio, onde veio a falecer.

**Sarmiento, Domingo F.** (1811/1888) Nascido em San Juan, no Cuyo argentino. Inimigos dos *federais* Rosas e Facundo Quiroga, exilou-se no Chile. Combateu o governo Rosas e o sistema federal através de diversas publicações. Retornou à Argentina em 1851 como “correspondente de guerra”, seguindo ao exército de Urquiza, que viria a vencer Rosas logo em seguida. Foi eleito Presidente da República em 1868, deixando o cargo em 1874. Durante seu mandato, foi concluída a Guerra do Paraguai.

**Urquiza, Justo J. de.** (1801/1870) Nascido em Concepción. *Federal*, lutou ao lado de Rosas até 1851, quando se declarou hostil ao seu antigo líder, derrotando-o em 1852. Aos quarenta anos de idade, foi Governador de Entre Rios. Em 1853, foi eleito Presidente da Confederação Argentina. Derrotado por Bartolomé Mitre na batalha de Pavón em 1862, foi gradualmente retirando-se da cena política.